

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“Júlio de Mesquita Filho”
INSTITUTO DE ARTES – CÂMPUS DE SÃO PAULO

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

SÃO PAULO

2023

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Arte e Educação.

Linha de Pesquisa: Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rita Luciana Berti Bredariolli.

SÃO PAULO

2023

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F866 m	Freitas, Felínio de Sousa, Mediação de leitura para o encanto / Felínio de Sousa Freitas. - São Paulo, 2023. 256 f. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rita Luciana Berti Bredariolli Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes 1. Incentivo à leitura. 2. Mediação cultural. 3. Difusão cultural. 4. Candomblé. 5. Orixás. I. Bredariolli, Rita Luciana Berti. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título. CDD 028.9
-----------	---

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

FELÍNIO DE SOUSA FREITAS

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA O ENCANTO

Dissertação aprovada no Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Dissertação aprovada em 03/07/2023.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^a. Rita Luciana Berti Bredariolli
Instituto de Artes/UNESP – orientadora.

Prof. Dr. Tássio Ferreira Santana
Programa de Pós-graduação em Ensino e Relações Étnico-Raciais (PPGER/UFSB).

Prof^ª. Dr^a. Rejane Galvão Coutinho
Instituto de Artes/UNESP.

Prof. Dr. Vagner da Rosa Amaro
Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade/PUC Rio.

Para o *Mpambu Njila* Malungo da *Nzó* Kyloatala e a Exu: pelo afeto, pelo silêncio e calma, pelas trapaças, movimentos e provocações, pela palavra e poesia, pela abertura e fechamento de caminhos, pelo encanto para a vida: a eles e por eles porque sim!

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Essa pesquisa possui muitos atravessamentos: de lugares, pessoas, experiências e situações de tempos de outrora e de agora. Logo, entrego palavras de agradecimento banhadas em água perfumada de alecrim:

À Prof^a. Dr^a. Rita Luciana Berti Bredariolli por se aventurar comigo nos diversos caminhos dessa encruzilhada-pesquisa-escrita, pela orientação, pela generosidade, liberdade e incentivo.

À Higina Marques, Elaine Narcizo e Milena Lima e Silva pela leitura e interlocuções no período em que esse estudo era apenas uma semente, e por dizerem palavras tão potentes e bonitas que abriram caminhos para que eu trilhasse essa jornada do ato de pesquisar.

Aos operários e operárias pelas trocas, provocações, acolhimento e atravessamentos.

Às agentes e aos agentes de leitura que me receberam nas empresas e indústrias.

Às minhas duas famílias: da *Nzó* Kyloatala, em especial ao *Tata Ria Inkisi* Kylonderu e a Makota Kuanzademim, pelo cuidado e afeto em todas as minhas chegadas, experiências e partidas – muitos saberes presentes nessa pesquisa não seriam possíveis sem os ensinamentos tecidos e guiados pelo tempo sem tempo (*Kiamboté Tat'etu Kitembu. Kiuá!*)¹. À minha mãe Deudeste do Carmo de Souza, pelo apoio, amor e por estar sempre presente comigo pelas diversas estradas que andei. Às minhas irmãs (Eliete e Eliana) e sobrinhas (Yasmim e Vitória) pela energia emanada a cada passo meu; e ao meu pai Félix Guimarães Freitas pelo apoio.

À Thayse Guedes, Maria Carolina Almeida Pires de Mello Doin (Mãe Manzele), Iandra Cartaxo, Danielle Fernandes Lima (Makota Ojufarany), Jorge Ceruto (Tata Gangazonybê) e Luciana Meira Alves que estiveram comigo de alguma forma durante esse período e em tempos de outrora.

À Rosangela da Silva pela amizade, aulas de espanhol, histórias e apoio.

À Aline Michele Nascimento Augustinho pela leitura sensível, indicações de textos e interlocução.

¹ Eu te saúdo nosso pai Tempo. Salve!

À Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho pela mediação instigante da disciplina “Histórias do ensino de arte no Brasil: do modernismo à contemporaneidade”, do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, e também pelas valiosas e sensíveis contribuições durante a banca de qualificação.

À Profa. Dr. Carminda Mendes Andres, que transformou a disciplina: “Seminários de Pesquisa I – Arte e Educação”, do Programa de Pós Graduação em Artes do Instituto de Artes da UNESP, em um território de acolhimento e poesia; e a todos os colegas que fizeram das noites de segundas-feiras um recanto de acolhimento em tempos pandêmicos.

Às Prof^{as}. Dras. Ana Cristina Juvenal da Cruz, Iraí Maria de Campos e Tatiane Cosentino Rodrigues pela condução acolhedora e humana durante a realização da disciplina “Africanidades, Diáspora Negra e Educação”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Ao Prof. Dr. Nelson Schapochnik pela generosidade para falar sobre livro e leitura na disciplina “Leitura, História e História da Leitura”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP).

À M.^a Bel Santos Mayer pelas valiosas e sensíveis contribuições durante a banca de qualificação.

Às Prof^{as}. Dras. Graziela dos Santos Lima (Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação/UNESP Marília) e Amanda Leal Oliveira (Instituto Vera Cruz) por aceitarem compor a banca de defesa como suplentes.

Ao Prof. Dr. Prof. Dr. Tiganá Santana por fazer parte da suplência da banca de qualificação.

Às e aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Imagem, História e Memória, Mediação, Arte e Educação (GPIHMAE) e ao Grupo de Estudos Egungun pelas tardes de estudo, acolhimento e diálogos. Desses dois grupos, agradeço especialmente à Auana Lameiras Diniz, Miriane Borges, Raquel Santos, Levi Fernando Lopes Vieira Pinto, Rodrigo Lopes Costa, Lucas Oliveira, Moa Simplício, Janaína Ferreira, Gilvânia Santos e Camila Feltre. Ainda no núcleo do IA Unesp, à Felipe Micheli.

À equipe da Seção Técnica de Pós-Graduação do Instituto de Artes.

Às equipes das Bibliotecas do Instituto de Artes - Câmpus de São Paulo e da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) - Câmpus de Araraquara, ambas da UNESP.

A quem ficou encantado (*in memoriam*): ao meu tio Nivaldo – pela doçura, cuidado e amor; às minhas duas avós, Petronília Guimarães e Albertina Barbosa do Carmo, que estão presentes nessa pesquisa em forma de afeto e ancestralidade.

Agradeço à *Nkasuté Lembá*, jovem guerreiro com alma de menino e que só se veste de branco!

Resumo

Por meio da autoetnografia, esta pesquisa investiga o trabalho com mediação de leitura realizado dentro de indústrias, especialmente de produção de sapatos, para operários e operárias em algumas cidades do interior do Estado de São Paulo em um projeto de difusão literária e outros gêneros, entre os anos de 2017 a 2019. No estudo, a análise das mediações e do trabalho do mediador de leitura é realizada a partir dos saberes e poéticas do orixá Exu e de terreiros de candomblé. Logo, fazem parte dessa investigação assuntos como a formação de um mediador de leitura, a encruzilhada como aspecto essencial para pensar o espaço das mediações dentro das indústrias e empresas, a construção de um acervo a partir da cerimônia do padê, a palavra pensada a partir do axé dos terreiros de candomblé, a corporalidade-gestualidade envolvidas no ato leitor e as práticas leitoras de operários e operárias. Além disso, considera-se o corpo-*corpus* do mediador e do fazer mediação a partir da pedagogia dos terreiros e de Exu. Uma das conclusões da pesquisa indica que as mediações no espaço fabril se configuravam como mediações de leitura para o encanto, ou seja, aproximavam os interagentes da mediação para o contato com os livros e com a leitura por meio do afeto, do diálogo e das trocas de histórias entre os e as interagentes e o mediador.

Palavras-chave: Mediador de leitura; mediação de leitura; leitura no espaço fabril; orixá Exu; saberes de terreiros de candomblé.

Resumen

Por medio de la autoetnografía, esta investigación indaga sobre el trabajo con mediación de lectura hecho dentro de las industrias, especialmente de confección de zapatos, para operarias y operarios en algunas ciudades del interior del Estado de San Pablo en un proyecto de difusión literaria y otros géneros, entre los años de 2017 a 2019. En la investigación, el análisis de las mediaciones y el trabajo del mediador de lectura es realizado a partir de los saberes y poéticas del orisha Exu y de *terreiros* de candomblé. Por tanto, hacen parte de esta investigación temas como la formación de un mediador de lectura, la encrucijada como aspecto efectivo para pensar el sitio de las mediciones dentro de las industrias y las empresas, la construcción de un acervo a partir de la ceremonia del *padê*, la palabra pensada a partir del *axé* de los *terreiros* de candomblé, la corporalidad-gestualidad involucradas en el acto lector y las prácticas lectoras de operarias y operarios. Además, se considera el cuerpo-*corpus* del mediador y del hacer mediación a partir de la pedagogía de los *terreiros* y de Exu. Unas de las conclusiones de la investigación indican que las mediaciones en la zona fabril se configuraban como mediaciones de lectura para el encanto, es decir, aproximaban a los integrantes de la mediación para el contacto con los libros y con la lectura por medio del afecto, del diálogo y de las interacciones de las historias entre los y las integrantes y el mediador.

Palabras clave: Mediador de lectura; mediación de lectura; lectura en la zona fabril; orisha Exu, saberes de *terreiros* de candomblé.

Abstract

Through autoethnography, this research investigates the work with reading mediation carried out in factories (especially in the footwear production field) for male and female workers in some cities in the State of São Paulo. The project of literary diffusion took place between the years 2017 to 2019. In the study, the analysis of mediations and of the reading mediator's work considers the knowledge and poetics of Exu, the orisha of candomblé ceremonies. Therefore, the investigation subjects involve the formation of a reading mediator, the concept of "crossroad" as essential aspect for the space of mediations within industries and companies, the construction of a collection from the padê ceremony, an analysis of the "word" considering the axé of candomblé yards and ceremonies, the corporeality and gestures present in the act of reading and the reading practices of male and female workers. Furthermore, the mediator's own body-corpus and the act of reading mediation is studied with the pedagogy of the candomblé yards and Exu. One of the conclusions of the research indicates that the reading mediations in the factory space were configured as mediations for enchantment, that is, they created connections between the mediator and the readers through affection, dialogue and the exchange of stories.

Keywords: Reading mediator; reading mediation; reading in factory spaces; orisha Exu; the knowledge of Candomblé ceremonies.

Caminhos

1. Toda introdução é uma encruzilhada.....	13
2. Memórias que teceram um mediador de leitura.....	30
2.1 Um livro escrito com sons, imagens, silêncios, cheiros, palavras e pessoas.....	40
2.2 Quando encontrei uma casa feita de palavras.....	57
3. O meu encontro com Exu.....	70
3.1 O mediador: o coração da palavra.....	80
4. Uma encruzilhada chamada mediação e mediador de leitura.....	95
5. O meu terreiro para brincar com as palavras e para mediar livros.....	118
5.1 A encruzilhada: sobre as mediações realizadas.....	141
5.2 O axé das palavras: o que pode mobilizar a palavra?.....	163
5.3 Coreografias e performances leitoras: pensar o corpo na leitura ou a leitura dos corpos.....	177
5.4 Pensar o acervo ou fazer um <i>ipádê</i> de palavras.....	191
6. Mediação de leitura para o encanto.....	215
Referências.....	237

*Kiuá, Mpambu Njila! Pembelê!*²

*Ìbà r' abò mo júba!*³

1. Toda introdução é uma encruzilhada

Assim como Exu, o orixá mediador dos candomblés⁴ e que vive na encruzilhada, aqui, colocarei você em encruzilhadas textuais, caminhos que revelam dizeres sobre o ser mediador, mediação, livro e leitura, corpos leitores e leitoras/interagentes, memórias e experiências.

Essa pesquisa surge do meu trabalho como mediador de leitura dentro de indústrias e empresas em um projeto de difusão literária e de outros gêneros de leitura para operárias e operários em cidades do interior do Estado de São Paulo, entre os anos de 2017 a 2019. Nesse período, cruzei o “chão de fábrica” de 40 indústrias e empresas de pequeno, médio e grande porte, principalmente da área de produção de sapatos, locais nos quais as mediações de leitura constituíram o foco do estudo. Embora a maioria das empresas e indústrias fossem da área de confecção de calçados, o quadro era diversificado e ia de escritórios à usinas de cana de açúcar⁵.

Por mês, deveriam ser realizadas seis mediações de leitura junto ao proletariado, com público médio de 30 participantes em cada sessão. O projeto também envolvia a realização de exposições em painéis fotográficos (a partir de 2002) dentro desses ambientes, mas os relatos e análises das mediações das exposições não farão parte dessa pesquisa.

O projeto existe no Brasil desde 1948, e o seu funcionamento onde eu trabalhava permitia a descentralização do acesso aos livros para parte de uma população muitas vezes econômica, geográfica e culturalmente distante do mundo da leitura. A inspiração para a implementação do serviço surgiu a partir do contato de uma bibliotecária brasileira ao viajar para a Europa e conhecer as histórias de funcionamento de bibliotecas circulantes em diferentes

² Saudação ao *Nkisi Mpambu Njila*, entidade mediadora do candomblé congo-angola e que habita os caminhos e as encruzilhadas: “Viva o Senhor dos Caminhos! Nós te saudamos!”

³ Saudação a Exu nos candomblés iourubás que significa: “Eu reverencio, consigo a proteção e tomo a benção!”

⁴ Sobre a palavra, o compositor, intelectual e estudioso das culturas africanas, Nei Lopes (2012, p. 72) diz: “A raiz do termo está certamente no elemento banto *ndombe*, negro (quimbundo: *kiandombe*; quicongo e umbundo: *ndombe*). Mas a etimologia ainda não foi exatamente estabelecida.”

⁵ Entre 2018 a 2019, o quadro de empresas e indústrias atendidas por mim tinha a seguinte configuração: 19 indústrias de confecção de sapatos, 02 usinas de cana de açúcar, 01 instituição cultural relacionada à uma usina de cana-de-açúcar que atendia crianças, adolescentes e comunidade; 02 indústrias de maquinário industrial e agrícola, 02 empresas de metalurgia, 01 fábrica de piscina, 01 empresa operadora de TV por assinatura, 02 escritórios relacionados à construção civil, 01 canteiro de obras, 01 indústria de tinta, 01 cooperativa de produtores/agricultores de café, 02 fábricas de produtos de beleza, 02 abatedouros de aves, 01 instituição educacional e 02 empresas de fabricação de doces. O perfil das empresas e indústrias poderia sofrer alteração de um ano para outro, devido à alguma desistência do projeto por parte dessas instituições participantes. As empresas e indústrias participavam de forma gratuita do projeto.

países – como Escócia, Austrália, México, Rússia, dentre outros –, entre o século 19 e 20. Outro aspecto desta inspiração foi a possibilidade de, a partir dessas ações, viabilizar o encontro entre possíveis leitoras, leitores e livros.

Até chegar à estrutura com a qual trabalhei, o referido projeto passou por transformações ao longo das décadas. Inicialmente, carros levavam livros para os bairros mais afastados do centro da cidade de São Paulo, até que na década de 70 e a partir da abertura de algumas unidades da instituição fora da capital, iniciou-se o envio de obras literárias para as indústrias por meio dos trens da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e da Companhia Paulista de Estradas de Ferro para o interior de São Paulo.

No ano de 2018, o projeto funcionava em 40 cidades, principalmente no interior de São Paulo, em São Paulo (capital) e em sua região metropolitana, atendendo 1.072 indústrias e empresas⁶. No ano de 2011, os profissionais que cuidavam do projeto passaram a ser chamados de Agentes de Atividades Culturais e somente no ano de 2017 passaram ao título de Mediadores Culturais. Vale destacar que, em sua grande maioria, os/as mediadores/as do projeto eram profissionais de áreas da instituição que seriam extintas e, diante da vaga ociosa no projeto no qual eu trabalhava, migravam em algumas situações para a função de mediador.

Ao mediar livros e a leitura nesse contexto⁷, observei mãos que viravam páginas, buscavam livros, mas que também se recusavam a tocar em livros (todo leitor ou leitora tem esse direito). Quando o tempo dessas mãos não estavam buscando o sensível por meio da leitura, elas martelavam, costuravam ou colavam o couro para fazer sapatos, dentre outras funções.

Portanto, o ponto de partida para investigar a prática de mediação dentro desses espaços é a minha experiência no trabalho com mediação dentro de indústrias, especialmente as de sapatos. Com isso, também investigo questões relacionadas ao livro e à leitura, como a curadoria de um acervo, a palavra dentro de um processo de mediação de leitura e a relação entre mediador e interagentes/leitores. Todas essas questões serão refletidas a partir da poética

⁶ Na unidade onde trabalhei como mediador de leitura, a partir da análise de contratos antigos, foi possível concluir que as atividades foram iniciadas no começo da década de 1990. O relatório de atividades da instituição do ano de 2018 aponta que foram realizados 93.726 empréstimos de livros pelo projeto.

⁷ Por questões éticas, o nome do projeto, das empresas e indústrias, da instituição na qual eu trabalhava, e até mesmo os nomes das leitoras e dos leitores que faziam/participavam da mediação não serão mencionados ao longo dessa escrita.

e das rasuras de Exu⁸ e dos saberes e pedagogias de terreiros de candomblés, como a escuta, a fala e os saberes ancestrais⁹.

Além das minhas experiências como mediador de leitura trago para dentro desse estudo os meus saberes como *Ndũmbe*, isto é, o filho de santo ainda não-iniciado ou aquele que está chegando e sendo ensinado pelos mais velhos de terreiro, na *Nzó*¹⁰ Kyloatala¹¹, casa de candomblé da nação congo-angola localizada na cidade de Embu-Guaçu (SP). Nesse sentido, incluo minhas passagens dentro de outras casas de santo que conheci, fui filho por algum tempo ou frequentei como visitante.

Um dos atravessamentos que estará presente nesse estudo e que norteia a pesquisa é a encruzilhada. Vale destacar que por ser filho de santo de uma casa da nação congo-angola, ou seja, que possui outra concepção sobre as entidades do candomblé, opto e adoto o orixá Exu, deus iorubano, como aporte teórico desse estudo, na intenção de refletir sobre o fazer mediação e sobre o mediador de leitura. No processo de investigação da pesquisa sobre mediação e mediador, a escolha de Exu como norteador desse trabalho – e não de *Mpambu Njila*, entidade igualmente mensageira que vive e atua nas encruzilhadas – deriva justamente pelo orixá ter sido

⁸ As referências associadas a Exu e ao seu culto não são homogêneas, segundo Vagner Gonçalves da Silva. Ainda sobre o orixá, o autor reflete que ele “resulta de um longo processo de trocas, diálogos, negociações, imposições e resistência entre os sistemas religiosos africanos e os de origem cristã, como o catolicismo e, mais recentemente, o neopentecostalismo.” (2019, p. 18). Também deve-se levar em consideração outras questões, como as variações que acontecem conforme o sistema religioso em que Exu está inserido: o candomblé e suas variantes, Umbanda, Quimbanda, Jurema, dentre outros.

⁹ O historiador Jaime Sodré (2009, p. 2-3) ressalta que, em relação à religião afro-brasileira, há “uma divisão convencionada em base linguística, estabelecida como nações de candomblé, inclusive com variedades classificatórias no âmbito das diversidades dos estados que formam a federação brasileira e a presença de determinada etnia africana nos mesmos em tempos coloniais. O modelo geral seria: Ketu-nagô (yorubá), Jexá ou Ijexá (yorubá), Jeje (fon), Angola (banto), Congo (banto), Angola-congo (banto). Acrescenta-se a essa divisão o candomblé de Caboclo. Vale registrar a presença do orixá EXU, nas suas diversas variáveis, como elemento dinamizador das práticas dessas nações.” Cabe destacar que na nação do candomblé congo-angola, a entidade que possui características ou pode ser aproximada a Exu (mas não é Exu) é *Mpambu Njila*, questão registrada por Vagner Gonçalves da Silva (2019, p. 64-65): “No candomblé de tradição banta (angola e congo), o correspondente ao orixá Exu é o inquice (Nkisi) conhecido como Aluvaia, Gongobira, Bombojira, Pambojila, Unjira, Unjila, Nzila, Mavambo, Mavile, Jiramavambo, Pavenã, Mancuce, Quitungueiro, Caracoci, Cariapemba, entre outros nomes (CARNEIRO, 1937; SANTANA, 1984). Nesta nação, ele também desempenha o papel de mensageiro divino, representado pela encruzilhada, de protetor das casas e intermediário entre os homens e o mundo dos ancestrais e outras divindades.”

¹⁰ Palavra Kimbundu que significa habitação, domicílio, moradia, casa. No Brasil, a palavra é usada para identificar o terreiro, casa ou roça de candomblé. Na língua Kimbundu, a letra N ante uma consoante em uma palavra é dita de forma nasalada/tem som nasal de “IN”. Sendo assim, *Nzó* é pronunciada como “Inzó”. Segundo Antônio de Assis Junior (1958), a palavra *Nzo* é uma abreviatura da palavra *Înzo*, dentro da língua Kimbundo.

¹¹ O Kyloatala está sob os cuidados do líder Tata Kylonderu, que é filho de santo de Tata Mona Guiamazy, sacerdote da Casa de Candomblé Angola Redandá, fruto das raízes do terreiro de Tata Londirá (Joãozinho da Goméia). Tata Londirá tornou-se um dos mais famosos pais de santo do Brasil e também foi o responsável pela visibilidade do candomblé angola, sendo chamado pelos meios de comunicação como o “Rei do Candomblé”, além de ter exercido um importante papel de mediador/difusor de visibilidade do candomblé de nação angola.

o sentido/motivo do trabalho, a partir do meu encontro com ele no MASP por meio do texto do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva.

A adoção de Exu como aporte teórico também justifica-se pelo pouco material publicado sobre o candomblé de raiz congo-angola e sobre a entidade *Mpambu Njila*, questão ressaltada pela educadora e antropóloga Janaína de Figueiredo (2021, p. 32) durante a escrita do livro *Nação angola – caboclos, nkisis e as novas mediações*¹²:

Durante a construção deste livro, esbarrei com algumas dificuldades. Uma delas consiste nos poucos registros históricos e etnográficos disponíveis sobre essa Nação de Candomblé. Isso mostra o quanto o modelo de pureza Nagô permeou os estudos afro-brasileiros, trazendo desdobramentos intransponíveis para a compreensão da Nação Angola.

Todavia, nesse estudo, os saberes dos povos bantus dialogam com os saberes dos povos iourubás por meio de uma metodologia baseada na encruzilhada. Com esta proposta de cruzo e a partir dos saberes de povos culturalmente distintos, é possível o diálogo, as intersecções, formações, transformações de ideias e os cruzamentos de poéticas. Além disso, viabiliza-se aportar e interpretar complexidades ou criar multiplicidades de sentidos, questões que refletem e fazem parte do tecido-formação afro-diaspórica que forjou o Brasil. Nesse sentido, como a poeta, ensaísta e dramaturga carioca, Leda Maria Martins:

Na complexidade de sua textualidade oral e na oralitura da memória, os rizomas africanos inseminaram o *corpus* simbólico europeu e engravidaram as terras das Américas. Como o imbondeiro africano, as culturas negras nas Américas constituíram-se como lugares de encruzilhadas, intersecções, inscrições e disjunções, fusões e transformações, confluências e desvios, rupturas e relações, divergências, multiplicidade, origens e disseminações. (2021a, p. 31).

Assim, ao partir das minhas experiências como mediador de leitura no “chão de fábrica” por meio de ações pensadas a partir do orixá Exu e dos saberes de terreiros de candomblés – principalmente a *Nzó Kyloatala* com os seus saberes de raiz bantu –, o objetivo é analisar as experiências, os caminhos afetivos e poéticos do trabalho com mediação de leitura dentro do espaço fabril e o acesso ao livro-leitura como fortalecimento de processos de existência-cidadania, a leitura de mundo da qual falava o educador e filósofo Paulo Freire (2011a).

¹² Essa questão da ausência de materiais também é ressaltada por Dayra Iris Elias dos Reis (**Makota Kyanleci**) da *Nzó Kyloatala*, ao refletir que a publicação de materiais sobre o candomblé de nação congo-angola tem como proposta “[...] contribuir concomitantemente para a **construção de memória**, haja vista a negligência que permeia a **documentação** de saberes acerca desta nação em específico, quando examinamos a **parca** produção cinematográfica, editorial e acadêmica sobre os povos **bantu**, **primeiros escravizados** a chegarem na terra, **formadores civilizatórios** dessa nação.” (2022, s/n).

Interpretar a minha atuação como mediador de leitura a partir de Exu relaciona-se ao fato de o orixá ser conhecido como mediador e mensageiro nas religiões afro-brasileiras e suas variantes. Por meio da sua sabedoria com a palavra, Exu traz em sua essência o cerne da contradição, da provocação, da brincadeira, da incerteza ou certeza e do acolhimento nesse processo de mediar:

[...] Èṣù é igualmente mestre da multiplicidade, assumindo várias formas, cada uma delas nomeada em função de suas características. Não se conhece o número exato dessas formas, mas a quantidade e a diferença entre elas indicam claramente o caráter inapreensível dessa divindade. (CAPONE, 2018, p. 67).

A partir do pensamento da antropóloga Stefania Capone, busco responder no que consiste o cruzamento poético, mediativo, afetivo, educacional, polifônico e dialógico entre os saberes de Exu e os praticados por um mediador durante o exercício da sua atividade, ou seja, ao mediar livros e literatura.

Dessa forma, alguns questionamentos abordados pela pesquisa são: onde os saberes de Exu e de um mediador de leitura se encontram nessa encruzilhada do saber, ou seja, no ato da mediação? Como ambos poderiam dialogar a partir de uma perspectiva ou caminho? Como os saberes/*corpus* poético, político e ético de Exu e de um terreiro de candomblé podem subsidiar a atuação de um mediador ou de uma mediadora de leitura?

O primeiro cruzamento entre Exu e mediadoras e mediadores de leitura está alicerçado na comunicação, na palavra. Enquanto mediador de todos os trânsitos comunicativos entre as esferas astrais, a missão de Exu é intermediar os saberes diversos entre os seres destes mundos e entre os humanos. Todavia, para mediar, o orixá provoca o ouvinte/receptor com o objetivo de transformar ou de ressignificar a mensagem, de misturar, de criar confusão com a palavra e com o conhecimento, de fazer poesia por meio da língua, dentre muitas outras peripécias comunicacionais e sensíveis.

Mas quem é Exu? Talvez os mais apressados para saber quem ele “é” estejam esperando aparecer uma definição nesse texto. A partir da minha experiência, Exu não se explica e não se define¹³; porém, por meio desta escrita, farei uma mediação textual sobre o orixá e apontarei

¹³ Neste trabalho que utiliza a observação participante do autor, os encontros com o orixá e com *Mpambu Njila* Malungo da *Nzó* Kyloatala – casa de santo da qual o pesquisador é filho – têm papel importante na ressignificação das abordagens teóricas e bibliográficas. O diálogo e conselho a seguir revela um encontro ocorrido em 2020, em uma madrugada de domingo para segunda, com o *Njila* Malungo. Durante essa conversa, pedi autorização para estudar a mediação de leitura a partir dos saberes de Exu e das pedagogias dos terreiros de candomblé. Seu Malungo aconselhou: “Não tente compreender quem é Exu ou ‘prendê-lo’ dentro de um conceito, pois você não conseguirá. Sua cabeça e todo o conhecimento existente no mundo não darão conta de dizer quem ele é. Exu é liberdade!”. Portanto, diante dessas questões apontadas e da multiplicidade de significados sobre o orixá, quando

algumas possibilidades “interpretativas” que estão presentes na sua poética e dinâmica de atuação. Diante das observações anteriores:

O “autor” não escondeu o fato de que inventaria “seu” texto-Exu, que manipularia o *corpus* de pesquisa, que produziria corpos para Exu, encenando-o, colocando-o em cena, através da linguagem que é “arbitrária” e ideológica. Não excluiu (é possível?) sua memória, sua vivência, seu conhecimento empírico, porque estava convencido de que a precaução, supostamente científica, deveria dar lugar à audácia das ideias [...]. (FERNANDES, 2018, p. 11).

A partir da leitura de mundo (FREIRE, 2011a), dos saberes de Exu e dos terreiros de candomblé, questiono: Como fazer ou pensar mediação em um país como o Brasil? Como rasurar a colonialidade ainda presente como modelo de pensamento e como esse pensar violenta vidas, sensibilidades e corpos? Como inscrever outras grafias poéticas por meio da mediação da palavra e da leitura? Seria possível mediar livros sem levar em consideração a história do leitor ou da leitora, sem escutar (com real desejo de escutar) a sua fala e o que ela traz/deixa nas entrelinhas?

O objetivo de refletir sobre a minha atuação como mediador de leitura a partir de Exu e dos saberes de terreiros de candomblé é “entender” os cruzamentos poéticos e educacionais, assim como os deslocamentos, as conexões, tensões e as polifonias emergentes do trabalho com mediação no âmbito do projeto em que trabalhei entre os anos de 2017 e 2020. A partir das peripécias com a palavra, com o corpo, com o dito e o não dito de Exu em um terreiro de candomblé, busco pensar a mediação de leitura – ou o corpo de um mediador de leitura – com o orixá como aporte pedagógico para uma insubordinação no ato de ler e fazer mediação.

O processo de pesquisa, a escrita e a investigação desse estudo são pensados a partir da metodologia da autoetnografia, sob as conceituações do pesquisador Silvio Matheus Alves Santos (2017) e dos pesquisadores Tony E. Adams, Arthur P. Bochner, Carolyn Ellis (2019). Ademais, o sujeito que investiga é o mesmo que vive/viveu as experiências, ou seja, nessa encruzilhada textual estão entrelaçadas as minhas experiências como mediador dentro das indústrias e empresas e as vivências como filho de santo.

Sobre autoetnografia, Santos (2017) explica que esse método usa a experiência particular do investigador para a descrição e para criticar os fatos e experiências descritas. Nesse processo, há uma valoração da relação do investigador com os sujeitos do contexto da pesquisa,

o pesquisador escreve que fará uma mediação sobre Exu essa ideia provém justamente desse conselho dado pelo *Njila Malungo*.

além de um procedimento de reflexividade por meio de quem conduz o estudo e suas conexões entre o pessoal e o político, o sujeito e o social, o micro e o macro:

Assim posto, o que caracteriza a especificidade do método autoetnográfico é o reconhecimento e a inclusão da experiência do sujeito pesquisador tanto na definição do que será pesquisado quanto no desenvolvimento da pesquisa (recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, por exemplo) e os fatores relacionais que surgem no decorrer da investigação (a experiência de outros sujeitos, barreiras por existir uma maior ou menor proximidade com o tema escolhido, etc.). Dito de outra maneira, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e das experiências dos sujeitos e autores das pesquisas, o fato de pensar o papel político do autor em relação ao tema, a influência desse autor nas escolhas e direcionamentos investigativos e seus possíveis avanços. (SANTOS, 2017, p. 219).

Se o método autoetnográfico tem como fonte a experiência pessoal do pesquisador para análise e relato da situação estudada, logo são cumpridos protocolos e usadas ferramentas teóricas e metodológicas científicas provenientes das ciências sociais para investigar essas experiências (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2019). No método autoetnográfico adotado por esse estudo, as fábricas e as mediações de leitura são pensadas a partir dos saberes dos terreiros de candomblé, de Exu, e das minhas relações com esses saberes sensíveis.

Ainda dentro dessa autoetnografia, outra metodologia adotada para saber quais foram os fios que teceram e constituem a minha sensibilidade para ser um leitor e para ser/estar um mediador de leitura é a “narração de si”. A “narração de si” aborda as experiências de vida e formação, ou seja, é um processo de “caminhar para si”, metodologia pensada pela socióloga e antropóloga Marie-Christine Josso¹⁴. Esse “caminhar para si” leva em consideração uma série de atravessamentos oriundos de diversos contextos sociais e culturais:

A ampla delimitação de contextos e situações de vida, das mais diversas atividades, de encontros que marcam uma vida – as pessoas significativas da família, os acontecimentos pessoais e sócio-históricos –, começam a desenhar os contornos da singularidade de um percurso de formação, e começa a evidenciar aprendizagens; momentos-charneira e desafios que os atravessam; valores ou valorizações que orientaram escolhas, bem como preocupações e temas recorrentes. (2004, p. 64).

No território onde eu vivia, antes de chegar a aprender a ler as palavras escritas, havia uma outra maneira de ler, que ocorria bem antes dos processos escolares de alfabetização. Isto é, eu fui ensinado a ler o território onde estava, a ler a terra, e esses ensinamentos foram gestados

¹⁴ Uma das principais obras da autora publicadas no Brasil é *Experiência de Vida e Formação* (2004), na qual traz um novo olhar para proposta de trabalho com formação de adultos, ao levar em consideração a vida pessoal e não apenas as questões profissionais de uma pessoa. Por meio das experiências e memórias é possível trilhar os caminhos percorridos dentro de determinada área de atuação/assunto que podem auxiliar a interpretar a trajetória profissional ou pessoal de um grupo ou de determinada pessoa.

por meio da oralidade presente nas relações familiares. Nessa leitura, havia uma “inteligência de mundo”, ou seja, “[...] a leitura de mundo” antes da “[...] leitura da palavra”; com isso, “linguagem e realidade” estavam unidas de forma dinâmica, conforme a reflexão de Paulo Freire (2011a, p. 19-20).

Por meio da metodologia da “narração de si”, observa-se que a partir do momento em que outras vozes leem e interpretam o contexto histórico e as suas próprias histórias, há uma chance de ampliar a percepção da nossa maneira de estar, sentir, pensar e traçar rotas para outras compreensões históricas, fazeres e até mesmo para narrar memórias não contadas, assim como possibilitar, interpretar e aprofundar o conhecimento sobre determinados assuntos. Com este processo, é possível fazer um giro contra-narrativo dos fatos e conhecimentos para não narrarmos uma história única, como pensa a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (2019).

A escrita autoetnográfica – ou narração de si – é a metodologia adotada nesse trabalho e também pode ser considerada a partir do conceito da “Escrevivência”, pensado pela poeta, romancista e contista mineira Conceição Evaristo (2020). Para a autora, a reflexão sobre o termo “Escrevivência” tem como figura central a Mãe Preta, responsável na casa-grande pelos cuidados forçados, tais como alimentação, ensinar as primeiras palavras e até mesmo contar histórias de ninar para que os filhos e filhas dos senhores e senhoras da casa-grande no período colonial adormecessem. Logo, a partir dessa imagem de servidão forçada, Evaristo propõe que anteriormente a voz não pertencia a essas escravizadas; todavia, na contemporaneidade, a escrita e a voz foram apropriadas por alguns grupos subalternizados e marginalizados. Assim, junto à força da oralidade proveniente de uma ancestralidade, a escrita e a voz podem ser caminhos não mais para “[...] adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos.” (2020, p. 30).

Embora a Escrevivência tendo sido pensada a partir do contexto citado no parágrafo anterior, Evaristo afirma que “isso não impede que outras pessoas também, de outras realidades, de outros grupos sociais e de outros campos para além da literatura experimentem a escrevivência.” (SANTANA; ZAPPAROLI, 2020, s/n). Sendo assim, a Escrevivência é uma narração de si, uma escrita que une e tem como aporte as vivências pessoais da pessoa ou de um coletivo para o processo de escrita e reflexão:

É uma escrita que tem, sim, a observação e a absorção da vida, da existência. [...] Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida. Um mundo que busco apreender, para que eu possa, nele, me

autoinscrever, mas, com a justa compreensão de que a letra não é só minha. [...] Mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. Não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si. (EVARISTO, 2020, p. 34-35).

Dito isso, escrever e contar as minhas histórias e falar sobre os meus processos de mediação dentro das indústrias e empresas configura um ato polissêmico, de acordo com a reflexão do semiólogo, antropólogo e filósofo Jesús Martín-Barbero, e da especialista em literatura infantil e juvenil e promoção da leitura, Gemma Lluch (2011, p. 41, tradução nossa):

A polissemia do verbo *contar* em castelhano é então maravilhosamente pedagógica. Pois contar pode significar *contar contos* e ser levado em conta por outros, e além disso, fazer contas. Nesse verbo temos a presença de duas relações performativas. Em primeiro lugar, a relação do contar histórias com o contar para os outros, com o ser levado em conta, de maneira que para ser reconhecido por outros é indispensável contar nosso relato, pois a narração não é somente expressiva senão constitutiva do que somos tanto individualmente como coletivamente. E especialmente no coletivo, as possibilidades de ser reconhecidos, levados em conta e de contar nas decisões que nos afetam, dependem da capacidade que tenham nossos relatos para dar conta da tensão entre o que somos e o que queremos, e aquilo que nós sentimos que é nosso direito de ser ¹⁵.

Uma das justificativas de aportar e pensar a mediação de leitura dentro das indústrias e empresas a partir da pedagogia dos terreiros é que, ao longo da história brasileira, esses espaços se constituíram como locais de mediação do saber e de cuidado com a palavra: ambientes de acolhimento e de construção de outras narrativas sensíveis e modos de estar, questões que também são possibilidades e estão presentes dentro de um processo de mediação de leitura.

Ao “beber” dos saberes dos terreiros e de Exu para investigar os locais onde eu realizava mediação, ou seja, as indústrias e empresas, trago uma reflexão sobre o cuidado com a palavra, com a escuta, com os silêncios, com as grafias e saberes presentes no corpo (MARTINS, 2021a), dentre outras questões. Essa interpretação realiza-se por meio do *corpus* teórico sobre o assunto, a partir de autores como a historiadora e educadora Vanda Machado (2019) e dos atravessamentos presentes no meu corpo enquanto transita e pertence a esse espaço.

O local de morada de Exu, isto é, a encruzilhada, é uma das metodologias adotadas nessa pesquisa. Assim, emprega-se o reconhecimento da encruzilhada como “organização

¹⁵ No original: “La polissemia del verbo contar en castellano resulta entonces maravillosamente pedagógica. Pues contar significa a la vez contar cuentos y ser tenidos en cuenta por los otros, y además hacer cuentas. En ese verbo tenemos la presencia de dos relaciones performativas. En primer lugar, la relación del contar historias con el contar para los otros, con el ser tenidos en cuenta, de manera que para ser reconocidos por los otros es indispensable contar nuestro relato, pues la narración no es sólo expresiva sino constitutiva de lo que somos tanto individual como colectivamente. Y especialmente en lo colectivo, las posibilidades de ser re-conocidos, tenidos en cuenta y de contar en las decisiones que nos afectan, dependen de la capacidad que tengan nuestros relatos para dar cuenta de la tensión entre lo que somos y lo que queremos, aquello a lo que nos sentimos con derecho a ser.”

metodológica”. Com isso, estrutura-se uma encruzilhada textual, na qual o saber e o processo de pesquisa, assim como o pesquisador-mediador de leitura (ou espaço de mediação), assumem um local de dúvidas e incertezas, chegadas e partidas para começos e recomeços de ideias para outros pensamentos, provocações ou silêncios para o gestar da ambiguidade-mediação da pesquisa.

As encruzilhadas são lugares de passagem de alguma coisa para outra. Esse aporte metodológico auxilia pensar os trânsitos do ato de pesquisar, do gesto de estar mediador, os locais onde eu realizava mediação – isto é, as portas dos refeitórios das indústrias e empresas – e o cruzo de conceitos. Nessa encruzilhada, como um Exu num ato de bordar o pensamento, colocarei para dialogar sobre o assunto pensadores e pensadoras como Leda Maria Martins (2021a), João Carlos Gomes dos Anjos (2006), pesquisador e doutor em antropologia social; o escritor e pedagogo Luiz Rufino (2019), o educador e babalorixá Síkírù Sàlámi (2011) – ou King –, e a ialorixá, educadora e pesquisadora Ronilda Iyakemi Ribeiro (2011).

Dentre os motivos que me levam a adotar a encruzilhada como “organização metodológica” dessa pesquisa, é possível citar a reflexão do pesquisador baiano e Tata Dya Nkisi¹⁶, Tássio Ferreira Santana (2019, p. 32) que, em sua afirmação sobre a encruzilhada, explica que esta “[...] congrega forças e dissemina, faz circular as informações, organiza, difunde e reordena a energia que retoma.”

A “encruza”, como é chamada carinhosamente pelos integrantes das religiões de matriz afro-brasileira, permite o cruzo, o bordar, o entrelaçamento de viabilidades de acontecimentos e até mesmo o não acontecimento (que também é um acontecer), aspectos igualmente presentes durante uma mediação de leitura. Falar da encruzilhada – e a partir dela – é falar sobre possibilidades, cruzamentos, abandonos e atravessamentos.

A importância e justificativa para a realização dessa pesquisa envolve o fato de que, em geral, as investigações sobre mediação cultural centram as suas análises dentro dos espaços tradicionais, como museus e outros ambientes culturais, ou na mediação de leitura no espaço escolar, ou seja, em locais onde estas atividades acontecem com mais frequência. As ações de mediação de leitura/cultural dentro de fábricas raramente são objeto de estudo, pelo motivo de sua pouca realização dentro desses espaços¹⁷.

¹⁶ Cuidador ou Pai de Santo dentro da nação do candomblé de raiz congo-angola.

¹⁷ Uma experiência mundialmente conhecida relacionada à leitura dentro de fábricas ocorre em Cuba, desde o final do século 19, mais especificamente a partir de 1865, em Havana. A ação foi uma iniciativa dos sindicatos das indústrias de tabaco. A leitura em voz alta, realizada a partir de um púlpito, era no começo uma função exercida por um operário da mesma fábrica e, posteriormente, continuada por outro trabalhador após 30 minutos. A leitura dentro das fábricas cubanas permitia que os operários tivessem contato com obras literárias, notícias de jornais, poemas, dentre outras leituras, enquanto enrolavam charutos no ambiente de trabalho. Ao fim do século 19, havia

Logo, esse estudo é uma forma de preencher a lacuna de investigação dentro de um campo de mediação distinto, além de fomentar e, possivelmente, contribuir para o pensamento de ações de leitura para esse público, ampliando a investigação dentro da área para outros espaços.

Este trabalho também é uma maneira de analisar e refletir sobre como o processo de mediação de leitura/cultural acontece dentro de indústrias e empresas, e como essa prática democratiza o acesso a obras literárias e não literárias em regiões com populações com pouco acesso a bens culturais. Dessa forma, busca investigar as práticas de mediação com operárias/os e como eles se relacionam com a leitura e com o livro.

A justificativa da realização dessa pesquisa também inclui a abordagem e a reflexão sobre a mediação de leitura a partir do fazer e dos saberes do mediador. Um dos benefícios dessa abordagem é que viabiliza reflexões e questionamentos do próprio mediador sobre sua prática, em posse de uma teoria já existente sobre o tema como aporte para esse pensar. Como resultado, possivelmente, as questões presentes nessa pesquisa poderão fomentar a teoria sobre mediação de leitura ao trazer as experiências, apontamentos e outros sentires e olhares sobre esse processo a partir da perspectiva autoetnográfica.

Se estou falando sobre mediação de leitura, é importante pensar sobre a história do livro no Brasil. Sobre esse assunto, a pesquisadora e educadora Flávia Rosa (2014) ressalta que oficialmente, as primeiras obras aportaram em solo brasileiro pelas mãos dos jesuítas no ano de 1549, a partir da criação e instalação do Governo Geral, em Salvador (BA). Com essa instalação, o país passa a contar com atividades administrativas, sociais e econômicas.

Um salto temporal dentro dessa perspectiva histórica indica que o surgimento da publicação de livros e da imprensa no Brasil foi marcado por censura. Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1996), pesquisadoras fundamentais para entender os caminhos sobre a leitura e o livro no Brasil, salientam que até o ano de 1808 a publicação de impressos produzidos no país

em Cuba cerca de 500 tabacarias que empregavam mais de 15 mil pessoas. A pesquisadora mexicana Araceli Tinajero (2007) ressalta que o setor do tabaco apresentava alto índice de analfabetismo se comparado a outros setores artesanais, mesmo com acesso razoavelmente facilitado a folhetins, revistas ou jornais populares: “Na ilha havia um total de 1.400.000 habitantes, dos quais aproximadamente 75% da população branca era analfabeta enquanto na população negra a porcentagem chegava a 95%.” (2007, p. 28, tradução nossa). O resultado dessas leituras, junto à ação dos sindicatos, foi que em um curto espaço de tempo – um semestre – ocorreu a abertura de escolas e bibliotecas que, para atender esses tabaqueiros, permaneciam em funcionamento no período noturno; também surgiram grêmios de trabalhadores do tabaco que agregaram profissionais de outros setores. A obra *El lector de tabaquería: Historia de una tradición cubana*, de Tinajero, traz uma excelente análise e interpretação sobre a leitura dentro das tabacarias cubanas, as transformações, as repressões e censuras dessas leituras, além do surgimento de núcleos leitores dentro de indústrias em outros países, por exemplo, Estados Unidos e Porto Rico, a partir da migração de alguns cubanos em função da Guerra que assolava o país.

praticamente inexistente. Somente com a chegada da coroa portuguesa e a transferência da administração real para o Rio de Janeiro – e com a necessidade de publicações de atos e proclamações – é que esse processo se inicia. No país, estava proibida a impressão de qualquer manuscrito que não tivesse origem na Imprensa Régia. Além disso, a produção de obras literárias só seria possível após terem o seu conteúdo analisado previamente.

As pesquisadoras ainda ressaltam que um alvará de 20 de março de 1720 impedia a instalação de manufaturas, por exemplo, dedicadas às “letras impressas”. A abolição da censura prévia e o surgimento de outras tipografias surge somente a partir de 1821. No Brasil, apenas por volta de 1840 há o surgimento de alguns traços para a possível formação de um público leitor, pois nesse período surgem livrarias, tipografias, bibliotecas e o sistema escolar com elementos mínimos para a produção e circulação de livros.

Todavia, Flávia Rosa destaca que a primeira política pública pensada para a área do livro e a biblioteca no Brasil só foi gestada no ano de 1937, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL). Dentre as atribuições do INL estava o estabelecimento de ações voltadas para as bibliotecas públicas e de difusão e informações para a sociedade. Nos anos 1990, as questões atribuídas ao INL foram repassadas para a Fundação Biblioteca Nacional. Ainda assim, existem alguns questionamentos sobre as atividades feitas pelo INL, como o financiamento da “[...] produção de livros pelas editoras privadas e realizar a aquisição desses livros para as bibliotecas. Outra questão que ficou patente é que a simples oferta de livros não garantiu a formação de práticas de leitura.” (ROSA, 2014, p. 45).

Após esse breve histórico sobre o livro e a leitura, ressalto que na presente pesquisa o termo “participantes da mediação” – ou seja, os que estavam no espaço de realização da mediação – será substituído por “interagentes”. A escolha da terminologia “interagentes” dentro da temática abordada envolve o conceito que melhor define e abarca as complexidades e as relações estabelecidas por mim como mediador junto aos leitores e leitoras/interagentes no espaço onde eu mediava, isto é, dentro das indústrias e empresas.

Para essa conceituação e troca de terminologia, ancoro o meu pensamento nas reflexões das bibliotecárias Elisa Corrêa (2014) e Mariana de Souza Alves (2017), pois ao me entender e ao compreender o operário ou a operária no espaço da mediação “[...] como um interagente, ou seja, alguém que transforma e é transformado a partir do diálogo e da negociação” isso pode “[...] abrir espaços para uma participação mais efetiva em diferentes áreas de sua unidade de informação.” (CORRÊA, 2014, p. 36).

Sendo assim, o termo “interagente” define um sentido mais participativo, de troca, e até mesmo abrange as relações entre as diversas questões sobre mediação que surgem nessa pesquisa de forma mútua. A utilização da palavra “interagente” também desloca meramente a questão do “uso” (ou da simples participação) para um processo de troca efetiva-interação, questões pensadas dentro da poética de Exu, de cruzos e trocas, de afetação, de sensibilização e deslocamentos, que reforçam a pertinência do uso dessa terminologia ao longo do texto:

Estabelecer uma relação com o público-alvo dos produtos e serviços de informação considerando-o como um interagente, significa olhar o ‘usuário’ com outros olhos. Representa percebê-lo como um parceiro, como alguém que não apenas usará o que lhe for oferecido, mas que contribuirá na construção do que se pretende chamar de biblioteca enquanto comunidade. É preciso reconhecer que ele é parte constituinte do que uma biblioteca realmente significa nos dias atuais, e que, na condição de interagente, pode e deve ser um ator verdadeiramente participativo. Isso fará toda a diferença. (CORREIA, 2014, p. 35).

Todo esse processo pode ser percebido nessa pesquisa não somente durante os relatos sobre as mediações, mas também por meio das falas desses interagentes/leitores que afetavam e orientavam a minha ação para a curadoria do acervo, guiada pela escuta dos desejos dessas leitoras e desses leitores:

Nesse sentido, para além do uso da informação, a concepção de negociação e compartilhamento da informação torna o processo de mediação uma ação conjunta de diálogo, interação e discussão que promove e estimula as práticas informacionais dos sujeitos. A interação pressupõe participação efetiva dos sujeitos e ação transformadora, oportunizada pelo diálogo. (ALVES, 2017, p. 38).

Portanto, todas as vezes que a palavra “leitor”/“leitora” – tanto no singular quanto no plural – for mencionada dentro do estudo, ela deve ser pensada e refletida dentro do contexto que a palavra interagente traz, significa e propõe. Pois, nesse sentido, o uso do “[...] termo genérico ‘leitores’” não abarca a complexidade dos atos de mediação dentro dessa pesquisa “[...] já que a inserção” no território onde acontece a mediação de leitura “[...] pode envolver outras formas de interação, embora a centralidade esteja nos eventos de leitura e de acesso ao livro.” (FERNANDEZ; MACHADO; ROSA, 2018, p. 54).

A questão apontada no parágrafo anterior pode ser percebida em algumas situações da pesquisa em que a vida do leitor-interagente e os diálogos gerados por eles e elas marcavam pontos de inflexão e diálogos com o mediador sobre diversos assuntos que extrapolavam meramente a mediação do livro e a leitura.

Assim como na encruzilhada, essa dissertação será composta por 4 capítulos-caminhos. O primeiro será “Memórias que teceram um mediador de leitura”, onde narro experiências

relacionadas à minha formação leitora, o contato com os livros, de que forma esses gestos teceram minha sensibilidade e como esses atravessamentos estão presentes nos meus atos de mediar o livro e a leitura. Surgem nesse horizonte textual as minhas experiências de infância na Bahia até a fase adulta no interior de São Paulo. A partir dessas histórias, procuro traçar como fui tecido por meio de sensibilidades diversas ao longo da vida e como essas experiências estavam presentes nos meus atos ao realizar mediação de leitura dentro de indústrias e empresas.

O segundo “caminho” será “O meu encontro com Exu”, no qual abordo a minha visita em 2018 na Exposição Memórias Afro Atlânticas no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) e o meu encontro com o orixá na exposição por meio do texto do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva, eventos que deram início à minha reflexão sobre a relação entre os saberes de terreiros, o orixá e mediação de leitura, dentre outras questões que originaram essa pesquisa. Partindo para outro “caminho textual” dentro desse capítulo, chego ao subitem “O mediador: o coração da palavra”, em que a escrita fará algumas considerações para uma possível mediação inacabada sobre quem pode “ser” Exu e como ele pode ser um aporte, ancoragem conceitual e poética para pensar a mediação de leitura, a palavra e o estar-ser mediador.

Saindo dessa “estrada”, chego ao terceiro caminho: “Uma encruzilhada chamada mediação e mediador de leitura”. A escrita investigará e cruzará algumas questões presentes nas possíveis definições sobre “mediação” ou “mediação de leitura” a partir de autores como o pesquisador chileno Felipe Munita (2014); do bibliotecário colombiano Luis Bernardo Yepes Osorio (2013); Ana Garralón (1991), dentre outras e outros. Nesse percurso, ao trilhar essas possíveis definições, revelo que ao fazer mediação também estava inserindo novas raízes de significação dentro do tema e, com isso, chego à palavra encruzilhada, morada de Exu, como uma metáfora para refletir sobre o fazer mediação ou como metáfora para o mediar.

No quarto caminho, “O meu terreiro para brincar com as palavras e para mediar livros”, reflito sobre o espaço em si onde aconteciam as mediações: as portas dos refeitórios pensadas a partir do conceito de encruzilhada. Essa análise trará as reverberações, as tensões e a poética da minha atuação nesses locais junto aos leitores e leitoras. Investiga-se, ainda, a palavra (escrita ou falada) na mediação e os seus cruzos com o axé dos terreiros. Para essa reflexão trarei questões como a escuta, o cuidado e as mobilizações feitas pela palavra, ou seja, o axé e os corpos como locais de inscrições de poéticas.

Em outro “caminho” dentro desse texto serão abordados a importância da inserção dos corpos dos leitores e das leitoras (LITTAU, 2008) e os movimentos corporais realizados por esses operários e operárias durante as mediações-leitura pensados como uma coreografia/performance leitora. Ainda dentro desse caminho, a construção do acervo mediado dentro das indústrias será considerado por meio do *ipàdê*, cerimônia realizada no candomblé.

Se o mediador de leitura é um narrador ancestral, como poetiza a educadora Alaís Ribeiro Ávila (2007), os caminhos/capítulos sempre começarão a partir do encontro simbólico-inventivo entre Exu e inspirado na menina Obax, do livro *Obax*, do escritor e ilustrador André Neves (2011). Na história original, a sonhadora e esperta menina é uma excelente contadora de histórias e decidida a encontrar uma chuva de flores inicia uma grande aventura.

Portanto, no começo de cada “caminho”, Exu e Obax dialogarão sempre na encruzilhada, como um convite para que os seus sentidos entrem e caminhem pelas estradas e veredas do texto. Esse encontro simbólico tem um motivo: esta foi uma das obras mediadas para os operários e operárias nas portas dos refeitórios dentro das indústrias e empresas, assim como algumas outras que costuram determinadas passagens do texto.

Para quem entra em um terreiro de candomblé, os saberes e segredos não são ditos logo na chegada, não são revelados e demonstrados de forma automática. Para conhecer e saber é preciso experienciar, fazer parte, assim como na mediação de leitura ou quando se lê um livro:

Na lógica assente na epistemologia das macumbas a condição de não saber é necessária para o que virá a ser praticado. Essa dinâmica se inscreve na perspectiva de uma forma de educação que é compreendida como experiência, na bricolagem entre conhecimento, vida e arte.

O conhecimento é compreendido não como acúmulo de informação, mas como experiência. Assim, o que se detém enquanto saber está sempre inacabado e em aberto diante das circunstâncias e das formas de relação que serão traçadas. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 38).

Por isso, dentro desse texto, você precisará percorrer os caminhos ou os rastros das palavras para saber do que se trata a escrita, ou seja, não indicarei logo no começo dos capítulos – ou até mesmo no final deles – o que as próximas linhas abordarão.

Para finalizar, ressalta-se que o texto dessa pesquisa é um chamado para uma aproximação dos nossos corpos nessa encruzilhada que envolve palavra/leitura/mundo/mediar. Ao nos banharmos nessa correnteza verbal, o convite será para que desconfiemos das histórias contadas, e que esse desconfiar nos ajude a pensar sobre outras histórias ainda não narradas ou escritas, principalmente sobre o ato de ler. Além disso, busca-se pensar o contato com os livros de pessoas que estão em algumas situações à margem da sociedade ou sobre as nossas

identidades e histórias sobre nós, sobre os terreiros, sobre o orixá Exu e sobre o Brasil, questões que muitos insistem em esconder ou silenciar, como refletiu Beatriz Nascimento, poeta e historiadora, no documentário *O Negro, da Senzala ao Soul*:

A história do Brasil é, foi uma história escrita por mãos brancas. Tanto o negro quanto o índio, quer dizer, aqueles povos que viveram aqui juntamente com o branco, não tem a sua história escrita, ainda. E isso é um problema muito sério, porque a gente frequenta universidade, frequenta escolas e não se tem uma visão correta do passado da gente, do passado do negro. Então ela não foi somente omissa, foi mais terrível ainda, porque da parte que ela não foi omissa, ela negligencia fatos muito importantes e deforma muito a história do negro. (NETTO; NETO, 1977, s/n).

Sobre os caminhos que surgem: fecundar o ato de “caminhar para si”. A infância. O contato com a palavra escrita. A leitura de mundo e de livros.

2. Memórias que teceram um mediador de leitura

Dentro das páginas de um livro chamado *Imaginação*, um vento forte sacode as folhas e levanta poeira próximo à encruzilhada. Exu brinca de soltar letras e palavras no meio dessa ventania. O orixá está à espera de uma menina curiosa, esperta e sonhadora. Não demora muito e ela surge, demonstrando pelos seus gestos que não tinha pressa para seguir viagem.

Na encruzilhada, Obax (NEVES, 2010)¹⁸ corria de um lado para outro, rodopiava livre dançando com o vento. As palavras bailavam no ar, subiam, desciam, desapareciam no horizonte ou reapareciam novamente. Por vezes, as letras descansavam por poucos segundos no chão.

Encantada com a revoada de palavras, a menina sorri e tenta pegar algumas, porém, as letras “fogem”. Noutras vezes, de letra em letra recolhida, palavras e mais palavras eram formadas e, com isso, frases eram construídas. As frases evocavam sentidos e Obax alterava a construção verbal a cada lufada do vento que embaralhava os sentidos.

Exu observa e ri!

A menina, com brilhos nos olhos e um sorriso de orelha a orelha, reconhece, abraça e reverencia o orixá: “Laroyê, Exu! Eu pensei que não te encontraria durante essa jornada.”

Exu diz: “- Eu estive com você: em cada passo dado, em cada estrada cruzada, nas noites de lua cheia e durante todas as vezes que você pediu a minha presença por meio do poema de Abdias do Nascimento, artista visual, poeta, ator e criador do Teatro Experimental do Negro (TEN), antes de contar cada uma de suas histórias”:

[...] sobre Exu teu hálito
no fundo da minha garganta
lá onde brota o
botão da voz para
que o botão desabroche
se abrindo na flor do
meu falar antigo
por tua força devolvido
monta-me no axé das palavras
prenhas do teu fundamento dinâmico [...]. (NASCIMENTO, 1995, p. 15).

¹⁸ O livro *Obax*, escrito e ilustrado por André Neves (2010), foi uma das obras mediadas por mim nas portas das indústrias e empresas. Inserido com frequência nos acervos, este livro era emprestado com assiduidade. Portanto, a partir do apontamento anterior e da minha relação afetiva oriunda das mediações realizadas com essa obra, o começo de cada capítulo será iniciado por meio do encontro entre o orixá Exu e a menina. Logo, Obax “sai” do enredo original criado por André Neves e, dentro do universo da licença poética de mediador-leitor-pesquisador criado por mim, ela entra noutro contexto e passeia por outros territórios em minha escrita-pesquisa-mediação do saber.

O orixá aproveita que a menina fala sobre jornada e questiona se ela não desejaria continuar andando e, ao mesmo tempo, escutar uma história que também era uma jornada de “caminhar para si”. O sorriso curioso da garota foi uma resposta de que o corpo e os sentidos dela gostariam de “entrar” na história.

A ventania cessa indicando o momento de o orixá dizer que outra voz entrará na narrativa para preparar o terreno para que uma história/pesquisa seja narrada/escrita e que, a princípio, ela versará sobre memórias e lembranças, ou seja, sobre “recordar: do latim re-cordis, tornar a passar pelo coração.” (GALEANO, 1991, p. 11).

Dessa forma, o “caminhar para si”/a história é iniciada.

Ao longo de dois anos trabalhando como mediador dentro de indústrias e empresas me questionei sobre como o livro e a leitura estiveram presentes na minha vida, desde a infância até a fase adulta, e sobre como o período em que vivi no interior da Bahia e suas histórias fazem parte dos meus atos educativos como mediador de leitura. Esse processo de investigação tinha como objetivo saber como me tornei educador e mediador de leitura.

Tais questionamentos foram uma tentativa de compreender o mediador que eu era-estava dentro das indústrias e empresas e, para isso, foi necessário localizar experiências e acontecimentos ao longo da minha vida em posse do livro, da escrita, da oralidade, da leitura e da “leitura de mundo” (FREIRE, 2011a) como recortes/pontos para pensar sobre a minha história leitora.

Entretanto, a primeira constatação indica que não fui um leitor voraz de livros impressos, não frequentava bibliotecas (nem sabia que elas existiam!) ou livrarias na infância, e nem mesmo minha família lia obras impressas com assiduidade. Existiam empecilhos frequentes para essa não-leitura, por exemplo, a inexistência de equipamentos culturais nas escolas onde estudei e até mesmo de livrarias nas cidades próximas da região em que eu morava, dentre muitas outras questões.

Logo, essas ausências me fizeram pensar ainda mais sobre a minha prática de mediação, como ela estava atrelada à minha história e como a história de muitos leitores e muitas leitoras que eu encontrava no chão de fábrica relacionavam-se ao livro e à leitura e eram semelhantes à minha, pois não raramente essas histórias também apontavam para um certo distanciamento/ausência do contato com obras impressas.

Ao longo da minha atuação como mediador no projeto em que trabalhei também escutei alguns relatos e experiências sobre a formação leitora das outras mediadoras. O relembrar dessas profissionais – ou esse esforço consciente na busca de detalhes do passado – abriu

camadas para que eu refletisse sobre a minha própria história. Esses sistemas de interações entre a minha memória e das outras mediadoras podem ser lidos como atos reflexivos espelhados, pois havia a articulação entre as minhas memórias relacionadas ao contato com os livros e com as lembranças provenientes das outras mediadoras. Percebia, assim, que haviam pontos em comum ou ausências de contatos com os livros impressos e, por meio desse exercício, foi possível ampliar ou pensar a minha própria história leitora.

Nos momentos da mediação, um dos questionamentos aos interagentes-leitores e leitoras era sobre a forma através da qual eles/as se relacionaram com o livro e com a leitura ao longo da vida e como foi o processo de sensibilização (ou não) para o ato de ler.

Esses diálogos auxiliavam a minha forma de pensar os processos de mediação, ou seja, eram uma espécie de cartografia mediadora para o conhecimento desses leitores e leitoras. A partir das respostas sobre o contato com os livros – que indicavam as distâncias ou, em outras palavras, a não aproximação dessas pessoas com a leitura –, eu buscava traçar propostas de aproximação e diálogos para que elas lessem ou tivessem o desejo de ler ou, ainda, pudessem reconhecer na sua história algum contato sensível com o saber-poesia via oralidade. Com isso, a intenção foi ressaltar que há outras maneiras de se relacionar e construir conhecimento estando no mundo, isto é, não somente por meio da leitura.

Pensar em gestos e atos leitores é refletir sobre as múltiplas formas de aproximação de uma pessoa em relação ao livro, ora em caminhos de aproximação que nem sempre são retos-lineares, ora em meio às ausências. A escritora Conceição Evaristo (2009, s/n) aborda a questão da seguinte forma:

Gosto, entretanto, de enfatizar, não nasci rodeada de livros, do tempo/espço aprendi desde criança a colher palavras. A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita. Tínhamos sempre em casa livros velhos, revistas, jornais. Lembro-me de nossos serões de leitura. Minha mãe ou minha tia a folhear conosco o material impresso e a traduzir as mensagens. E eu, na medida em que crescia e ganhava a competência da leitura, invertia os papeis, passei a ler para todos. Ali pelos meus onze anos, ganhei uma biblioteca inteira, a pública, quando uma das minhas tias se tornou servente daquela casa-tesouro, na Praça da Liberdade. Fiz dali a minha morada, o lugar onde eu buscava respostas para tudo. Escrevíamos também, bilhetes, anotações familiares, orações...

No “chão de fábrica”, as lembranças desses leitores e dessas leitoras sobre os primeiros contatos com os livros surgiam de formas não-lineares e até mesmo vagas. As respostas sobre

livros e leitura eram as mais variadas, mas dentro de diversos contextos relacionadas à infância: “Li quando criança e na adolescência, mas depois parei”; “Eu tinha uma avó que me contava histórias”; “Eu tive uma professora que levava os alunos até a biblioteca”; “Nunca tive livros na minha infância, mas minha família gostava de inventar histórias”; “Lá em casa tinha livros, mas a minha família gostava mais de escutar rádio que ‘trazia’ o mundo”; “O meu avô dava livros para os netos de presente no Natal” etc.¹⁹

Todavia, uma figura central em todas essas aproximações dessas/es leitoras/es com os livros estava especialmente centrada na figura da avó ou de alguma educadora. A figura do pai, avô, ou de outro cuidador raramente aparecia nesses relatos.

Nessa compreensão, percebi que muitos dos saberes das minhas vivências de infância e em outras situações relacionadas ao contato (ou à ausência dele) com os livros se faziam presentes na minha prática de mediação nas indústrias. Por meio desse retorno ao meu passado leitor e às minhas histórias, encontrei respostas que “justificavam” o meu estar mediador e o fazer mediação de leitura como acredito e pratico atualmente.

Esse processo foi uma forma de refletir sobre a minha caminhada, pois como ressaltam os educadores António Nóvoa e Mathias Finger (2010, p. 26); “[...] dificilmente poderemos pretender interferir na formação dos outros, sem antes termos procurado compreender o nosso próprio processo de formação.”

No ano de 2019, após dois anos na mediação de leitura dentro de indústrias e empresas, e diante da busca das raízes do meu passado leitor, eu cheguei a duas mulheres que foram as partejadoras/mediadoras de sensibilidades para o meu contato com os livros e com os acontecimentos do mundo:

Olhando para o meu percurso de profissional da área de mediação cultural e de leitura, concluo que quem mediou os primeiros livros, histórias, de forma intuitiva/amorosa/prazerosa, foi a minha avó paterna, Petronília Gonçalves, que sem “pedagogizar”/sem ter a intenção de catequizar/de dizer que “aquilo era útil”, de moralizar a leitura, deixou a “sementinha dos livros” e a sede pelo conhecimento em minha vida. Depois vejo que essa tarefa foi continuada pela minha mãe e por alguns educadores que cruzaram meu caminho. (FREITAS, 2019, p. 97).

¹⁹ Frases ditas por alguns leitores e por algumas leitoras durante e após as mediações realizadas dentro das indústrias, principalmente a partir do meu segundo ano de trabalho nesses locais. Foi a partir do ano de 2019 que passei a me interessar e a me questionar sobre como fui sensibilizado para o contato com os livros e com a palavra e, automaticamente, esse interesse também reverberou nos contatos com os leitores e com as leitoras dentro do espaço fabril, pois sempre perguntava para eles e elas quem supostamente havia sido a sua ou o seu primeiro mediador de mundo ou de livros. Esta pergunta era feita para alguns operários e operárias com os quais eu mais tinha proximidade ou que já haviam falado sobre algum aspecto da história de vida.

Mas quem eram essas duas mulheres? Posso dizer que a minha mãe Deusdeste Carmo de Souza, agricultora, com 1,60 de altura, no território onde vivíamos possuía uma força delicada e uma determinação nos gestos para executar as duras tarefas cotidianas, sempre embaladas pelo som do rádio. Com os seus olhos de águia e sua sensibilidade proveniente da alma de uma borboleta, minha mãe enxergava além do que o horizonte revelava e até mesmo o que as bocas não diziam.

A outra mulher que também semeou raízes de sensibilidade em mim foi a minha avó paterna, Petronília Guimarães Freitas. Ela sempre olhava a vastidão do mundo que a rodeava a partir da janela do sítio onde morava. As mãos da minha avó artesã manipulavam a palha para trançar esteiras, chapéus e bocapiu – bolsa feita de palha de licuri –, objetos depois vendidos durante a feira na cidade por um vizinho sitiante. Na minha infância, ambas eram sinônimas de doçura, complacência e acolhimento. A minha tia de criação, Nilza, por meio de sua doce voz, era outra mulher que criava um ninho de afeto por meio das palavras e revelava a mim o território onde eu estava inserido.

O pequeno esboço narrativo criado ao elencar a minha mãe e a minha avó paterna como as principais mediadoras de leitura e de mundo puxou outros fios e lembranças provenientes do território onde eu morei quando criança no interior da Bahia. A partir das histórias com ambas, comecei a pensar em conexões que jamais havia feito sobre a minha própria história, tanto no âmbito pessoal como profissional.

Assim, percebi que essa “narração de si”/Escrivência (EVARISTO, 2020) em busca das sensibilidades que inscrevem, reescrevem e escrevem a história nos corpos humanos poderia abrir portas para encontrar as memórias que me constituíram como mediador de leitura e/ou que dariam pistas para refletir sobre os meus processos educativos. Dito isso, para escrever a minha autobiografia leitora e para refletir sobre como essas experiências me constituem atualmente como mediador, a metodologia adotada nesta pesquisa é a “narração de si” sob a abordagem biográfica temática intitulada “narrativas de formação”, a partir do método/pensamento de Marie-Christine Josso (2004, p. 115):

“O que aconteceu para que eu viesse a ter as ideias que hoje tenho?”, parece-me indispensável reconstituir a rede de acontecimentos interiores e exteriores que marcaram a minha existência de ser pensante e reflexivo. Se esta questão me remete para experiências que remontam mais ou menos longe do meu tempo de vida, tenho razões para pensar que, para compreender este caminho, é necessário situar a minha história particular em contextos coletivos.

Dessa maneira, neste capítulo serão investigadas a minha formação leitora, as relações com as minhas primeiras mediadoras/es de mundo e de livros, com os livros, com a palavra/oralidade e como algumas dessas sensibilidades e ausências ocorridas durante essas experiências estão atualmente presentes na minha constituição como mediador de leitura:

Como objeto de observação e objeto pensado, a formação, encarada do ponto de vista do aprendente, torna-se um conceito gerador em torno do qual vêm agrupar-se, progressivamente, conceitos descritivos: processos, temporalidade, experiência, aprendizagem, conhecimento e saber-fazer, temática, tensão dialética, consciência, subjetividade, identidade. Pensar a formação do ponto de vista do aprendente é, evidentemente, não ignorar o que dizem as disciplinas da ciência do humano. Contudo, é, também, virar do avesso a sua perspectiva ao interrogarmos sobre os processos de formação psicológica, psicossociológica, sociológica, econômica, política e cultural, que tais histórias de vida, tão singulares, nos contam. Em outras palavras, procurar ouvir o lugar desses processos e suas articulações na dinâmica dessas vidas. (JOSSO, 2004, p. 38).

Conceito pensado por Josso (2004), o ato de “caminhar para si” indica uma pessoa que inicia uma viagem em busca do conhecimento de si. O viajante nessa caminhada observa e detém a atenção em detalhes da estrada, dos encontros ou acontecimentos dessa jornada, mas antes dessa incursão no ato de caminhar, há uma reconstituição desse itinerário, sempre em cruzamento com os caminhos de outras pessoas e outros territórios. As ações realizadas durante essa viagem:

[...] permitem ao viajante não apenas localizar-se no espaço-tempo do aqui e agora, mas, ainda, compreender o que o orientou, fazer o inventário da sua bagagem, recordar os seus sonhos, contar as cicatrizes dos incidentes de percurso, descrever as suas atitudes interiores e os seus comportamentos. Em outras palavras, ir ao encontro de si visa a descoberta e a compreensão de que viagem e viajante são apenas um. (JOSSO, 2004, p. 58)

Resumidamente, narrar a si próprio indica um processo de autorreflexão sobre o passado inscrito em uma determinada cultura e em um tempo histórico. Esse refletir pode apontar como essas experiências fazem parte (ou não) de gestos do presente e como, a partir disso, pode-se reorientar a maneira de estar no mundo. É possível, inclusive, pensar de que forma tais questões atrelam-se às práticas educativas de quem realiza essa investigação:

O processo do caminhar para si apresenta-se, assim, como um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, cuja atualização consciente passa, em primeiro lugar, pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos na nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 59).

Todavia, durante esse processo narrativo – ou escrita de si – não há uma busca pela “verdade”, como refletem as pesquisadoras Maria da Conceição Passegi e Paula Perin Vicentini e o pesquisador Elizeu Clementino de Souza (2011, p. 371), mas um:

[...] estudar como os indivíduos dão forma à suas experiências e sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização.

Antes de chegar às lembranças provenientes das minhas memórias ou até mesmo de realizar uma reflexão sobre elas, cabe um questionamento: como a memória poderia ser definida? Dentre muitas definições, trago uma do educador, músico e filósofo Tiganá Santana (2018, p. 119) a partir do *kikongo*, uma das muitas línguas faladas pelos povos *bantus*²⁰, que chegou ao Brasil por meio da diáspora africana:

[...] memória, em *kikongo*, é *ntima* – mesma palavra empregada para coração; do mesmo modo como, nos desenhos etimológicos latinos, ‘saber de cor’ é ‘saber de coração’. Deste modo, toda memória pulsa no tempo, sangra, dilata-se, comprime-se e é emblema de afeto e interioridade. As palavras, as frequências, a sonoridade, as quais vibram na nossa escuta, conduzem-nos a um lugar, esteticamente, insondável; tão tangível e imagético, quanto imaterial, longínquo, antepassado e da ordem do porvir (*kolo kikwiza*) [...].

Se a memória pulsa e sangra no tempo, como ressalta Santana, a psicóloga e educadora Ecléa Bosi (2004a, p. 46-47) afirma que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com percepções imediatas, como também empurra, “desloca-se” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Já para o sociólogo Maurice Halbwachs (1990), a memória é proveniente das relações estabelecidas entre os diversos grupos sociais, como a família, a classe social da qual a pessoa

²⁰ “A língua *kikongo*, dentro do vasto mapa linguístico do continente africano, inclui-se no grupo *bantu*, da divisão bantóide, esta, segundo a classificação linguística de Greenberg (1982), pertencente ao subgrupo benue-congo, que faz parte da ramificação níger-congo da grande família Níger-Kordofaniana.” (SANTANA, 2018, p. 106). Sobre a diversidade e riqueza da língua bantu, Nei Lopes (2004, p. 98-99) ressalta que: “As línguas dos povos bantos: o termo português “banto” designa o amplo grupo de línguas e dialetos negro-africanos falados na África central, centro-ocidental, austral e em parte da África oriental, e corresponde àquele utilizado pela primeira vez, em 1862, pelo filólogo alemão Wilhelm Bleek. [...] Depois de Bleek, Meinhof e outros demonstraram o parentesco e a homogeneidade existentes entre as cercas de quinhentas línguas pertencentes a esse grupo faladas na África negra, as quais teriam se formado a partir de uma língua ancestral.” O termo banto também está relacionado às pessoas que foram escravizadas no continente africano e foram traficadas para o Brasil, como angolas, congos, cabindas, benguelas, dentre outros.

faz parte e suas outras relações com a sociedade. Em síntese, a memória de uma pessoa seria tecida pelo cruzamento e experiências dentro desses diversos grupos sociais dos quais o ser humano faz parte.

Para o autor, algumas lembranças afloram porque somos “provocados” por acontecimentos provenientes de alguns grupos sociais dos quais somos partes, ou seja, esses grupos seriam suportes para a criação de uma identidade a partir dessa memória e desse pertencimento. Assim, o lembrar seria uma reconstrução a partir de diversos elementos, configurando uma espécie de trabalho.

Portanto, narrar a si próprio por meio de memórias é refletir sobre histórias que podem prover (e ser) elementos oriundos de experiências e acontecimentos sensíveis ou violentos que auxiliam o narrador a dizer quem ele foi ou como esteve no mundo, e como esse estar/ser o permitiu chegar ao estar-sendo na contemporaneidade.

O ato de “caminhar para si” e as sensibilidades afloradas desse passado que constituem uma pessoa podem ser pensados a partir da reflexão da historiadora brasileira Sandra Jatahy Pesavento (2007, p. 9), pois trata-se de fazer uma “reflexão sobre a sensibilidade como uma escrita e leitura da alma.”

Sendo assim, refletir sobre essas experiências é pensar em atos singulares e ocorrências sensíveis (ou até mesmo violentas) que o participante viveu ou provocou a partir de interações sociais em determinados contextos. Porém, como reflete o pedagogo e filósofo John Dewey, para virar experiência *singular*:

O material vivenciado faz o percurso até a sua consecução. Então, e só então, ela é integrada e demarcada no fluxo geral da experiência proveniente de outras experiências. Conclui-se uma obra de modo satisfatório; um problema recebe sua solução; um jogo é praticado até o fim; uma situação, seja a de fazer uma refeição, jogar uma partida de xadrez, conduzir uma conversa, escrever um livro ou participar de uma campanha política, conclui-se de tal modo que seu encerramento é uma consumação, e não uma cessação. Essa experiência é um todo e carrega em si seu caráter individualizador e sua autossuficiência. Trata-se de *uma* experiência. (2010, p. 109-110).

No entanto, para que algo se torne experiência²¹, conforme pensa o educador espanhol Jorge Larrosa, é necessário que o caminhar da pessoa dentro dessa experiência não seja

²¹ Ao buscar as raízes da palavra experiência e os seus significados, Jorge Larrosa (2019, p. 26-27) diz: "3. Vamos agora ao que nos ensina a própria palavra experiência. A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimentar). A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a ideia de travessia, e secundariamente a ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego

dogmático, imposto, homogeneizado, construído, autoritário ou um conceito, dentre outras questões. Uma vez que tal experiência é feita de paixão, a pessoa deve estar aberta a vivenciá-la. O autor conclui que para a concretização de uma experiência, algo raro na contemporaneidade, é preciso:

[...] parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA, 2019, p. 25).

Para Larrosa, essa experiência também é algo “[...] que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca” (2019, p. 18). E, ao apontar algumas questões que podem ser usadas para validar a experiência e sua dignificação/reinvidicação, o educador também aponta alguns aspectos imbricados à vida, tais como “[...] a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida...” (2019, p. 40), e eu, como pesquisador/mediador de leitura, incluiria, ainda, a poesia.

Assim, cabe questionar: qual é a importância das minhas experiências/histórias ou de histórias de pessoas que não conhecemos para interpretar e falar sobre o mundo ou sobre determinados assuntos? Em síntese, tal importância reside no fato de que cada ser humano é um ser de histórias e memórias singulares que reorientam e são o motor de/para ações individuais e que movem/movimentam acontecimentos coletivos relacionados a questões sociais, históricas, culturais e políticas, pois é:

A partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução do sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro. (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Portanto, ao escrever a minha autobiografia leitora via “narração de si”, esse ato constitui-se como um meio de encontrar as raízes que teceram o meu ser/estar mediador e

de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o *ex* de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o *ex* de existência. A experiência é a passagem da existência, a passagem de um ser que não tem essência ou razão ou fundamento, mas que simplesmente “*ex-iste*” de uma forma sempre singular, finita, imanente, contingente. Em alemão, experiência é *Erfahrung*, que contém o *fahren* de viajar. E do antigo alto-alemão *fara* também deriva *Gefahr*, perigo, e *gefährden*, pôr em perigo. Tanto nas línguas germânicas como nas latinas, a palavra experiência contém inseparavelmente a dimensão de travessia e perigo.”

perceber também como esses gestos estavam presentes na maneira de pensar e gestar a mediação de leitura dentro das indústrias e empresas:

Falar das experiências formadoras é, pois, de certa maneira, contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é “vivido” na continuidade temporal do nosso ser psicossomático. Contudo, é também um modo de dizermos que, neste *continuum* temporal, algumas vivências têm uma intensidade particular que se impõe à nossa consciência e delas extrairemos as informações úteis às nossas transações conosco próprios e/ou com o nosso ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p. 48).

Portanto, a reflexão envolve algumas questões: quais histórias pessoais, poéticas, afetividades ou violências sofridas ao longo de uma vida integram e estão presentes na prática educativa e nos atos que constituem um/a mediador/a de leitura? Como essas sensibilizações reverberam no meu fazer, sentir e estar no mundo? Quais experiências, memórias, histórias e acontecimentos vivenciados na minha infância, e depois na adolescência e na fase adulta, em ambientes como a escola ou outros espaços, que deixaram marcas significativas relacionadas às questões que envolvem arte, leitura, palavra, livro e mediação? Como as experiências pessoais sensibilizam o olhar do mediador para que, durante a mediação, perceba o que não foi sentido por outros e como esse gesto pode mobilizar diálogos? E, por último, quem foram as minhas primeiras ou primeiros mediadores de leitura ou de mundo?

2.1 *Um livro escrito com sons, imagens, cheiros, silêncios, palavras e pessoas*

Eu fui feito na Bahia, não em um terreiro de candomblé,²² mas na Fazenda Calderãozinho, no município de Pintadas. Esse ser-feito foi literalmente uma sensibilização para o saber sensível²³ e para a poesia presente nas palavras e no território. No cotidiano desse lugar, pequenos gestos e afetos de encantamento coreografavam existências, o estar e ser no mundo.

O território da Fazenda Calderãozinho, onde morei até os 10 anos de idade, poderia ser lido como um livro-álbum pelas cores presentes nas flores e folhagens, na terra e nas pedras, pelas pessoas e suas ações, pelas formas, cheiros, texturas e camadas outras para leituras a partir dos acontecimentos e histórias que ocorriam naquele espaço.

Nesse universo rural, as mulheres davam de “comer às roseiras”, isto é, regavam as suas plantas com água ou lágrimas, estas últimas frutos de algumas situações operadas pelo machismo ou pelo silenciamento dos desejos como, por exemplo, querer sair para passear com os/as filhos/as e não ser autorizada/ter o corpo controlado pelo esposo.

Os corpos de algumas mulheres também recebiam e tentavam amortecer as violências verbais de alguns “companheiros” que bebiam ou que sumiam por dias depois de uma discussão. Quando esses homens retornavam após dias “desaparecidos”, como se nada tivesse acontecido, imperava o silenciamento das angústias das mulheres por não terem com quem dialogar. Essa ação costurava um não entendimento da situação e elas conversavam “sozinhas”.

As palavras pronunciadas por esses homens ao inscreverem violências verbais nos corpos das mulheres rasgavam ou deixavam hematomas em uma página de um livro chamado alma. Com isso, uma ferida se criava e, dentro dela, o medo crescia: ser violentada fisicamente caso ousasse dizer o que a afligia dentro do relacionamento ou até mesmo por apenas discordar do que era dito.

²² “Deitar para o santo” ou “fazer o santo”, como ressalta Nei Lopes (2004, p. 273) é uma “expressão usada entre os praticantes do candomblé. Significa realizar completamente os ritos de iniciação como ião. A ião que completa esses ritos é dita “feita no santo” ou simplesmente “feita”. O pedagogo e cientista social Eduardo Quintana (2016, p. 254) define o termo “Ião” como “noviço (a) após a fase ritual da iniciação Iyáwó (Iyá + awó), literalmente mãe do segredo.”

²³ A partir do pensamento do educador João Francisco Duarte Júnior (2000, p. 16) opto por grafar e referenciar nesse estudo a expressão “saber sensível” no lugar de “conhecimento sensível”, seja para falar do meu contato com os livros ou até mesmo outras situações. O motivo dessa escolha é que o verbo saber possui “[...] uma denotação mais ampla que o seu congêner *conhecer*. Enquanto o conhecimento parece dizer respeito à posse de certas habilidades específicas, bem como limitar-se à esfera mental da abstração, a sabedoria implica numa gama maior de habilidades, as quais se evidenciam articuladas entre si e ao viver cotidiano de seu detentor — estão, em suma, *incorporadas* a ele.”

Outras mulheres chamavam “a luz com um assobio” e me chamavam “para os seus braços” que cantavam abraços afetuosos.²⁴ Eu, menino de corpo franzino, semelhante a um passarinho ainda no ninho, não recusava esses aconchegos de minha mãe, de avós ou de tias. Os corpos da minha avó Petronília e da minha mãe Deusdete eram o meu território para muitos afetos. Se o poeta Murilo Mendes tivesse conhecido algumas mulheres do lugar onde eu morava, teria dedicado a elas o poema “Metade pássaro”:

A mulher do fim do mundo
Dá de comer às roseiras,
Dá de beber às estátuas,
Dá de sonhar aos poetas.

A mulher do fim do mundo
Chama a luz com um assobio,
Faz a virgem virar pedra,
Cura a tempestade,
Desvia o curso dos sonhos,
Escreve cartas ao rio,
Me puxa do sono eterno
Para os seus braços que cantam. (MENDES, 2014, p. 48).

A minha família paterna e outros camponeses próximos eram os alfabetizadores e educadores entre si daquele mundo sem manual sobre como operar. Os saberes estavam presentes nos corpos de homens e mulheres por meio de práticas culturais e tecnologias diárias, como cuidar dos bichos e do roçado com suas plantações de feijão, milho, mandioca, melancia ou fumo, ou ainda, no saber o momento certo da plantação diante das estações do ano. Estes saberes eram “artes” ou “maneiras de fazer” do cotidiano, conforme pensa o historiador francês Michel de Certeau (2014).

A partir dessa leitura, vivência e aprendizado para o sensível realizado cotidianamente, pode-se dizer que existia uma relação entre o fazer, estar e o partilhar desses saberes dos mais velhos para os mais novos. Esses ensinamentos ainda poderiam se encontrar em uma reza, uma receita de doce, no cuidado com os animais ou até mesmo na educação do olhar para saber os nomes das plantas e os seus usos para chás e banhos, nomes de frutas comestíveis encontradas pelo caminho entre um sítio e outro ou dentro das matas e até mesmo no conhecimento das ervas venenosas a serem evitadas.

Vejo aqui um ponto de convergência entre os saberes praticados e repassados via oralidade nos terreiros de candomblé que atualmente vivencio e alguns ensinamentos presentes na minha infância, como ouvir, observar e fazer parte junto aos mais velhos nas suas tarefas e

²⁴ Os versos que estão entre aspas fazem parte do poema “Metade pássaro” de Murilo Mendes.

nas suas observações sobre o mundo, sobre o passado e o presente, ações que tecem, fazem e criam memórias e identidades, aspectos que podem ser interpretados como Pedagogia da Ancestralidade:

Lá encontraremos nossa ancestralidade. Quando percebemos quem somos, de onde viemos, passamos a fazer parte do mundo enquanto sujeitos históricos, (re)construindo territórios existenciais. Essas memórias estão escritas em nossos corpos, através de vivências organizadas e mantidas individual e coletivamente. O que pretendemos com a pedagogia da ancestralidade é perceber, de forma encantadora, identidades reveladas ao abriremos o baú de nossas memórias. A música, a imagem, o cheiro, o gosto, possibilitam re-sentir sem ressentimentos. É no coletivo que nos construímos e fortalecemos a nossa essência vital no mundo, pois somos porquê o Outro é e essa relação de reciprocidade é que nos faz pertencer e aprender o sentido do SER. (MACHADO, 2019, p. 193)²⁵.

Esses saberes repassados por meio da oralidade, dos gestos e experiências – tecidos e vividos individualmente ou em grupo – criavam uma espécie de pertencimento e de continuidade, o que Ecléa Bosi (2000, p. 89) analisa como algo frequente “nas sociedades rurais ou pouco industrializadas” como “signos de um estilo comunitário de vida.”²⁶

Nesse território, a palavra terreiro extrapolava as conceituações ligadas somente a um local religioso. Os terreiros também eram uma pequena ou vasta extensão de terra batida, espaços em que a casa estava instalada geograficamente. Eram ambientes inventivos onde aconteciam brincadeiras como pega-pega, disputas envolvendo bolinha de gude, amarelinha ou jogos de futebol. Também eram os locais para as celebrações religiosas católicas, dos brincantes por meio das folias de reis, do samba rural – que traz elementos da linguagem sertaneja do dia a dia relacionados ao cuidado com o gado, com a plantação ou que aborda casos amorosos – ou do samba chula, dos festejos juninos e as fogueiras que clareavam a escuridão, dentre outras festividades que alimentavam a alma e alegravam o corpo.

Nesses terreiros, não só o de candomblé, a oralidade bordava esses acontecimentos realizados de forma coletiva entre a própria família e sempre em comunhão com os vizinhos. Durante esses diálogos e encontros nos terreiros, não havia um único detentor do saber, pois

²⁵ O pensamento da educadora Patrícia Adjokè está presente na tese *Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados*, da pesquisadora Adilbênia Freire Machado (2019).

²⁶ Esse estar e aprender coletivamente também pode ser refletido a partir da educação não formal, conforme reflete a educadora Maria da Glória Gohn (2009) ao ressaltar que esses processos educativos acontecem fora dos muros da escola e compreendem outros saberes educativos provenientes do campo das artes, dos corpos das pessoas, dos conhecimentos provenientes das diversas religiões ou da cultura popular, dentre outros territórios de aprendizagem. Essa educação não formal envolve aspectos relacionados ao social, ao pedagógico e ao cultural numa interação entre indivíduos, e propicia uma formação cidadã que pensa a solução de problemas do cotidiano e tem como alguns possíveis resultados a conquista da liberdade, da igualdade para o exercício da cultura e para a vivência e manifestação das diferenças culturais.

ocorria uma circularidade da palavra ou sementeiras verbais dentro desse dialogar coletivo, de forma que “a conversa é um efeito provisório e coletivo de competências na arte de manipular ‘lugares-comuns’ e jogar com o inevitável dos acontecimentos para torná-los ‘habitáveis’.” (CERTEAU, 2014, p. 49).

Por meio da palavra, os sitiantes também firmavam “contratos” verbais sobre vendas de bois, galinhas ou de milho; sobre tarefas coletivas para a colheita na roça; e sobre o apoio em situações difíceis relacionadas à doença ou à morte. A assinatura de concordância dessas transações verbais era uma expressão: “Eu estou dando a minha palavra”. Se alguém, por alguma questão, não cumprisse a “palavra dada” ou não “refizesse” esse contrato escrito por meio da oralidade, a confiança e a ligação ética com a palavra professada estavam “quebradas”.

Pode-se pensar que ao “dar a palavra”, homens e mulheres incorporavam a própria palavra dita, encarnando o fazer e o cumprir do que havia sido verbalizado. Esse ato pode ser refletido a partir do pensamento do etnólogo e filósofo malinês Amadou Hampaté Bá (2010, p. 168) ao dizer que:

É, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais envolvida, mas também a ligação entre o homem e a palavra é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra em um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da Sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra.

Creio que ao experienciar o gesto desses agricultores no processo de cuidar, observar e fazer da palavra uma “assinatura”, ou desse ato de homens e mulheres “serem” de palavras, atualmente reflito com intensidade sobre o ato de encarnar a palavra ou ser de palavras nos territórios onde realizo mediação.

Em se tratando da palavra escrita, nesse território, as mulheres “escreviam” cartas para São Paulo, Minas Gerais ou Paraná para saber notícias dos esposos, pretendentes ou namorados que estavam trabalhando na safra da colheita da laranja, do café ou no corte da cana de açúcar. Esses “homens pássaros” em eterna migração cruzavam estradas, riachos, pontes e fronteiras estaduais para trabalhar durante alguns meses e retornar com um pouco de dinheiro no bolso que garantiria comida, roupa e algumas melhoras na estrutura do sítio, na vida ou na mesa, como, por exemplo, comer arroz, que era considerado um ingrediente de luxo.

Minha mãe Deusdete mediava aquele território para quem estava distante por meio da arte da escrita de textos mais longos ou “complexos”, pois era comum na região algumas pessoas não terem frequentado a escola.²⁷

Assim, diante da página em branco, a minha mãe “circunscreve um lugar de produção para o sujeito” que, portanto, “[...] trata-se de um lugar desenfeitiçado das ambiguidades do mundo”, como escreve Michel de Certeau (2014, p. 204). Dessa forma, ela performava o ato de existir de quem estava na Bahia para a/o outra/o em processo de migração, ou seja, ela “produzia” uma realidade de sentimentos e revelava aquele território por meio do texto.

Durante esse processo de escrita das cartas, o narrar era muitas vezes entrecortado por frases soltas, mas por meio da escuta ela percebia o desejo do outro, as vontades narradas nas entrelinhas e, então, interpretava aquele dizer. Posteriormente, ela costurava/rearranjava um dito aqui e outro ali e, com isso, surgia um documento com começo, meio e fim. Na última linha, um beijo ou um abraço simbolizava o desejo de reencontro. Em algumas ocasiões, além da saudade gravada pelas palavras escritas, também inseria um retrato.

Em certos momentos era possível escutá-la lendo em voz alta o que havia acabado de escrever. Em outras situações, essa leitura seria escutada somente por quem havia solicitado a escrita da carta. O meu desejo de menino era escrever como ela, escutar as histórias de alguém e depois contá-las por meio da escrita. Enxergava naquele gesto algo encantador e mágico, pois via as possibilidades de romper fronteiras e alcançar outras pessoas por meio da palavra.

Havia uma feira que ocorria em uma cidade próxima chamada Pintadas (BA) e que tinha mais de 21 mil habitantes, considerada referência da região em aspectos relacionados a atendimentos médico, festas ou compras diversas. Nessa cidade morava a minha avó materna Albertina do Carmo de Souza, ex-agricultora, uma importante militante política e uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT) local. Na casa da minha avó materna na cidade, além das brincadeiras na praça, uma das coisas que me atraía era escutá-la falar sobre os

²⁷ O cientista social Marcos Augusto de Castro Peres (2011), ao analisar o surgimento da escola, as políticas voltadas para a área da educação e esse histórico de políticas educativas para a cidade e para o campo, avalia os motivos pelos quais a educação foi pensada durante muito tempo somente para as camadas urbanas. Para o autor, como a educação escolar foi orientada dentro do surgimento de uma sociedade urbano-industrial capitalista, a zona rural foi “esquecida” nesse processo e considerada um “apêndice” da vida urbana. Para o pesquisador, o resultado são ações educativas centradas na vida citadina e sem nenhuma ligação com a vida do campo, tanto relacionado ao conteúdo ou até mesmo ligado à precariedade das escolas rurais: “O trabalho rural, executado pelo ‘camponês’ ou ‘homem do campo’, está associado historicamente à exclusão da educação formal. O trabalho industrial, ao contrário, conecta-se aos chamados ‘conhecimentos superiores’, à ciência e à técnica, inerentes à vida urbana. [...] Nota-se, portanto, que a relação entre educação e meio rural é tão paradoxal quanto a relação existente entre educação e velhice. Só se educa a quem supostamente terá alguma utilidade para a sociedade capitalista industrializada. Nessa lógica, o idoso analfabeto, o trabalhador rural e os demais povos do campo não precisam ser educados.” (p. 639).

assuntos do mundo que chegavam via televisão em preto e branco, outro meio mediador que me apresentou o mundo.

A TV passou a ser o meu contato com o mundo para além do território e da cidade que eu conhecia. Com isso, quando estava na casa da minha avó o ritual era acordar, tomar café, ligar a televisão e sintonizar no único canal disponível, ou seja, a Globo, assistir todos os desenhos do programa da Xuxa, almoçar, acompanhar a minha mãe durante a feira, voltar para assistir o “Jornal Hoje”, depois a novela no “Vale a pena ver de novo” e, em seguida, a “Sessão da Tarde”, torcendo para que fôssemos embora somente depois de terminar a novela das seis.

Assistir novela com a minha avó era um passatempo mais que divertido tanto na infância quanto na fase adulta pelos comentários que ela tecia sobre o desenrolar da trama, pelas conexões que ela realizava sobre os possíveis rumos que a história tomaria e até mesmo pelos diversos comentários irônicos sobre determinados personagens. Também destaco as comparações entre a novela que ela estava assistindo naquele período com outras tramas que ela já havia visto. Dessa forma, ela analisava como determinados acontecimentos da novela eram realizados, por vezes de forma diferente, noutras igual aos eventos de determinada obra. Por meio desse gesto, ele me “ensinava”, sem ter essa intenção, a argumentar, a contra-argumentar, a criar relações e praticar o exercício de confabular. Em outras palavras, ela estava mediando e tecendo relações entre diversas obras à sua maneira.

Se a palavra guiava acordos entre homens e mulheres no ambiente rural, ela também ecoava pelas ondas do rádio no nosso sítio e nas casas vizinhas. Acordava sob o barulho de passarinhos, galos e galinhas cantando, assim como era despertado pelas vozes de homens e mulheres que ressoavam do aparelho de rádio da sala de casa. Por meio desse veículo de mediação via ondas sonoras, ouvíamos rádio novela, entrevistas, horóscopo e muita música. Era o auge do sertanejo, mas também escutávamos forró, axé e Música Popular Brasileira (MPB). Já na casa da minha avó Petronília, o rádio ocupava um lugar central na sala, pois havia uma mesinha dedicada especialmente para o aparelho. As notícias trazidas pelo rádio eram relidas/interpretadas em voz alta por ela.

Na casa da minha mãe, o clima leve propiciado pelas canções era quebrado pela tensão da audição do programa “Ronda Policial”, pois este narrava crimes, ocorrências e investigações policiais. Os locutores descreviam os acontecimentos de forma detalhada, criando uma atmosfera de suspense por meio do jogo de vozes, da trilha sonora, de barulhos que simulavam os locais e eventos dos crimes, com gritos e sirenes do carro da polícia.

Nesse território, nas noites enluaradas e cheias de mistérios criados principalmente pela atmosfera das histórias contadas pelos adultos sobre assombrações “vistas” durante o tanger dos bois entre as fazendas, os tambores anunciavam que os seres encantados e incorporados pela dona Guilhermina, Mãe de Santo de um terreiro de candomblé de caboclo²⁸ de um sítio próximo à minha casa, estavam chegando. Os cantos e pontos do terreiro me contavam histórias sobre vaqueiros, sobre um Brasil de tempos imemoriais, sobre o continente africano, sobre plantas e entidades que eu ainda desconhecia.

O som dos atabaques do terreiro ecoava como se fosse o coração da escuridão pulsando forte. Nessas ocasiões, o silêncio ao qual tanto estávamos acostumados era “perturbado” de forma rítmica e ele só voltava a gestar quietude quando o dia estava amanhecendo, ou seja, quando a festa e as celebrações no terreiro terminavam. A minha percepção sobre esse local sempre foi de encanto pelos seus mistérios, pelos seus cantos e expressões provenientes do contexto religioso que eu ainda não compreendia, pelas imagens, danças e cheiros.

No terreiro, o caboclo²⁹ com seu chapéu de couro bailava na sala ao som dos atabaques e das palmas, e a palavra guiava o seu corpo. Essa entidade dava consulta, conversava, gesticulava e falava pacientemente. Os meus olhos observavam todos aqueles gestos, assim como quando as benzedeiras estavam fazendo as suas rezas.

Com essas experiências com a palavra, analiso que a oralidade durante a minha infância foi o fio de ouro que teceu a minha mediação de mundo, muito antes das palavras escritas. Esse fio coseu pontes para a liberdade, para o exercício pleno da cultura e da cidadania e para a vivência coletiva no local onde eu morava. Esses fios de ouro estavam presentes em todos os lugares: nos cantos de trabalho, no aboio – canto vagaroso entoado pelo meu avô Agnelo ao lidar com os bois ou com as reses –, nas rezas, nos sambas de roda realizados pelo meu tio João Guimarães, nas ondas do rádio, nas falas da minha mãe e avó e tios, primos e tias.

²⁸ Os pesquisadores Reginaldo Prandi, Armando Vallado e André Ricardo de Souza (2022, p. 186 e 191) ressaltam que: “A origem dos candomblés de caboclo estaria no ritual de antigos negros de origem banto, que na África distante cultuavam os inquices — divindades africanas presas à terra, cuja mobilidade geográfica não faz sentido — e que no Brasil viram-se forçados a encontrar um outro antepassado para substituir o inquice que não os acompanhou à nova terra. [...]”

No candomblé de caboclo há predominância de muitos elementos do candomblé angola, os atabaques são tocados com as mãos, as músicas são cantadas em português, com uso frequente de termos rituais de origem banto. O apelo a uma cultura indígena, quase sempre idealizada, proporciona ao candomblé de caboclo uma valorização de elementos nacionais, fazendo dele, na concepção popular, uma religião “brasileira por excelência”. Elementos simbólicos nacionais são ressaltados, como a menção às matas, as cores verde e amarelo, o sincretismo católico e a miscigenação racial.”

²⁹ Posteriormente, entre os anos de 2016 a 2019, voltei a frequentar um terreiro de candomblé de caboclo em Itaquera (zona leste da cidade de São Paulo/SP), onde me reaproximei do candomblé.

Além de tais experiências, a escola localizada na zona rural de Várzea da Roça foi onde aprendi a ler e a escrever e para onde desejava retornar todos os dias. Era um mundo novo para mim e a mediadora desse universo da leitura e da palavra escrita foi a professora Sineide Silva. Cabe ressaltar que na região haviam apenas duas escolas rurais para atender os filhos e filhas das/os agricultoras/es.

O caminho de casa até a escola era o momento de praticar as lições ensinadas pelos adultos, ou seja, escutar o que se aproximava, diferenciar entre o barulho feito por bicho e o feito por gente no meio do mato, reconhecer os cheiros e exercitar o olhar para saber por meio do sol e do “andar” das sombras das árvores que horas supostamente poderia ser. Os sentidos aguçados pelos cheiros das flores e das plantas, pelos bichos que cruzavam o caminho correndo ou pelo canto dos passarinhos educavam o meu corpo para sentir e ler o território-livro em que eu morava.

Na escola, alguma coisa “picou” o meu coração: talvez tenha sido a maneira como as palavras eram pronunciadas ou a afetividade com que a professora Sineide partilhava o acesso ao saber e ao conhecimento. As correções das lições eram realizadas de forma gentil e a professora orientava com paciência e delicadeza as pequenas mãos que lutavam para segurar o lápis.

Aprender a ler e conhecer outras realidades por meio da leitura também despertou essa ligação afetiva com o espaço escolar. Recordo a sensação da primeira vez em que recebi o meu primeiro livro didático escolar. Antes de abrir a obra, diversas orientações foram dadas para se relacionar com o “objeto sagrado”, ou seja, o livro: não sujar de terra, não rasgar, não folhear com as mãos sujas, não amassar as folhas, guardar com muito cuidado e jamais rabiscar as páginas ou cortar as ilustrações. Depois de todas essas orientações, finalmente podíamos abrir o livro e, assim, ver o saber que se “escondia” em cada página.

Sobre livros escolares, tinha o hábito de folhear os que pertenciam às minhas irmãs que já estudavam na cidade, e percebia a relação das crianças da cidade com o objeto livro quando transitavam entre as suas casas e a escola que ficava perto da residência da minha avó materna.

Bibliotecas não existiam na área urbana, tampouco na área rural. Sobre a existência desses espaços, nunca havia passado pela minha cabeça que eles pudessem existir. Alguns poucos itens impressos circulavam nalgumas casas, tais como panfletos de missa, livros de oração, a bíblia ilustrada, almanaques, revistas como “Avon” e “Hermes” e livros sobre usos de plantas ou de ervas medicinais.

Analiso que o livro presente em todas as casas, talvez o único em algumas, e que as crianças da região mais tinham acesso era o didático, que trazia alguns trechos de obras, como, por exemplo, *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha (1999), ou *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos (2013), dentre outros.

Em geral, os livros são associados à “alta cultura” dentro das civilizações ocidentais. Quando o universo escrito é comparado às práticas das sociedades orais há sempre uma desvalorização da oralidade. Porém, como refletem os historiadores Roger Chartier e Daniel Roche (1976, p. 108), “não se pode concluir que a presença do livro é um bom critério para definir um certo limiar de cultura, muito mais que a alfabetização que pode ser, com frequência, apenas uma necessidade de ofício?”

Livros na minha casa eram raros, mas eu observava como os poucos que chegavam em nossas mãos eram tratados e cuidados. Essa presença escassa de impressos na minha infância hoje se reflete na minha atuação como mediador para questionar sobre as presenças e as ausências na constituição de um acervo de obras e até mesmo para saber quais caminhos essas leitoras e esses leitores, por meio de algumas falas, trilharam até a sua chegada às obras literárias e não literárias.

As poucas obras impressas que circulavam dentro da minha casa e que passavam de mão em mão eram histórias em quadrinhos, revistas ou almanaques. Esses materiais estavam associados aos retornos do meu pai Félix Guimarães Freitas do estado de São Paulo³⁰, após

³⁰ Sobre os fluxos migratórios (rural-urbano) dentro do Brasil, a partir da década de 1940, o pesquisador Paulo de Martino Jannuzzi (1999) ressalta que essa mobilidade foi fruto de fatores como a industrialização, a urbanização e ampliação da oferta educacional. A ampliação da indústria surtiu efeitos na economia e permitiu ao longo das próximas décadas a criação de empregos em áreas como a indústria, o comércio, transportes, serviços, dentre outros locais, assim como empregos não-manuais e que exigiam uma maior qualificação profissional. As cidades passaram a receber uma grande quantidade de pessoas em busca de melhores condições de vida. O autor (1999, p. 59-60) diz: “De outro lado, a migração rural-urbana e a ampliação das oportunidades educacionais viriam atender a demanda por mão-de-obra, induzida pelos efeitos sinérgicos dos investimentos industriais e do crescimento dos centros urbanos, como em um processo funcional de integração das massas camponesas mal qualificadas em ocupações urbanas do baixo terciário e dos estratos médios mais escolarizados nos postos de trabalho de maior especialização técnica. [...] Da década de 1950 a de 1980, o êxodo rural teria sido crescente, passando de 11 milhões para 14 milhões de pessoas.” Esse fluxo transformou o Brasil de uma sociedade rural em um país urbano. Entre os anos de 1940 a 1970, a população das cidades passou de 31% para 56%.

Ainda sobre o fluxo migratório do Nordeste para outras regiões, os pesquisadores Kleber Fernandes de Oliveira e Paulo de Martino Jannuzzi (2005, p. 140) relatam que alguns fatores que causaram esse deslocamento para outros estados envolviam “[...] a estagnação econômica, as mais diversas manifestações de desigualdades sociais, sobretudo os elevados níveis de desemprego nas áreas urbanas da região”. Se a região Sudeste oferecia mais oportunidades na área de trabalho e educação, para os autores, a partir da década de 80, a região Nordeste sofreu uma alteração na dinâmica da migração, ou seja, há um fluxo de retorno de pessoas que haviam migrado para outros estados. Dentre algumas questões apontadas para esse movimento de retorno estão a desconcentração econômica, o investimento industrial e as políticas públicas de planejamento urbano e regional, realizadas na região na década de 70 e que tinham como meta estruturar as cidades médias, por exemplo, por meio da construção de conjuntos habitacionais. Com isso, a proposta era desviar o fluxo migratório das metrópoles para essas zonas urbanas. Além disso, os pesquisadores (2005, p. 140) ressaltam que “na década de 90, a migração originada do Nordeste reaquece o comportamento do período que se estende até os anos 70, no qual se destacam os fluxos para

trabalhar nas usinas de cana de açúcar em Américo Brasiliense (SP) entre a década de 1970 a 1990.

Quando aprendi a ler, o meu desejo mais latente era ter livros, porém, não era possível. Diante da minha vontade de ler e da escassez de impressos, tinha o hábito de recolher embalagens que achava próximas de casa, dos vizinhos ou no meio do mato. Dentre esses objetos recolhidos estavam latas de óleo de cozinha ou de querosene, bulas de remédios, sacos de açúcar, embalagens de plástico do chinelo da marca Havaianas, latas de sardinha, vidros de remédio, placas de embalagem de arame farpado e calendários novos ou antigos, dentre outros materiais. Além da leitura das palavras, observava as cores, as ilustrações e as combinações de outros elementos gráficos e, a partir dessas leituras, criava com alguns pedaços desses objetos as minhas próprias histórias e narrativas imaginárias.

Nessas situações, recordo quando a minha mãe ou avó torravam café no terreiro e, ao encontrar algum pedaço de bula de remédio ou outro material impresso e não saber a pronúncia correta da palavra ou o que determinada frase mais complexa dizia, eu perguntava o sentido para elas.

Os pedaços de jornais que chegavam da feira trazidos pela minha mãe eram um atrativo a mais para esse ato de ler e de conhecer assuntos e palavras novas, mas tanto essas partes rasgadas de jornais quanto suas páginas inteiras eram lidas rapidamente. E por meio desses impressos, outro mundo chegava até mim: artistas de cinema, novelas, política e curiosidades diversas.

A imagem mais frequente que tenho desse período de infância no sítio da minha família na Bahia relacionada a alguém em um momento de leitura é a da minha mãe³¹. Como uma pintura feita a óleo sobre tela, tal imagem da minha mãe surge sentada em uma cadeira, lendo e com a cabeça e o corpo curvados. O semblante da minha mãe está envolto nas páginas, como se ela estivesse dentro de uma redoma imaginária de silêncio e entrega para o ato da leitura.

o Sudeste e Centro-Oeste, sendo que essa retomada ocorre ao mesmo tempo em que a migração de retorno à região também intensifica os seus fluxos, constituindo, assim, uma novidade revelada pelo Censo Demográfico 2000.”

³¹ Ao longo da escrita dessa autobiografia leitora, algumas histórias familiares e seus atos leitores foram relatados pela minha mãe Deusdete Carmo de Souza. Convivi quando criança com alguns desses parentes, porém não conhecia essas histórias. Uma dessas narrativas contadas por minha mãe foi sobre a tia Maria, chamada de Maroca. Além de gostar de ler, dentre as suas leituras estavam “Jeca Tatu”, ela também contava histórias para os meus tios e tias. Nas noites escuras debaixo do avarandado da fazenda dos meus avós, essas contações falavam sobre reis e rainhas e traziam detalhes sobre os casamentos luxuosos realizados por essas realezas, ou ainda, sobre narrativas em que o mal duelava contra o bem. A minha mãe me contou que a Tia Maroca lia após o trabalho na lavoura ou durante a noite. Outra pessoa do meu núcleo familiar materno que também gostava de ler era o meu tio José Barbosa, que assim como o meu pai, trabalhava na safra da cana de açúcar na cidade de Américo Brasiliense (SP). Ao retornar desse período de trabalho no estado de São Paulo para a Bahia, os livros, revistas e audições de música viravam o seu “refúgio”.

Essa situação de leitura ocorria enquanto brincávamos e gritávamos alegremente no terreiro. O ato leitor da minha mãe virou uma fotografia feita pela minha memória afetiva.

Vemos reproduções de situações leitoras em algumas pinturas, principalmente com mulheres, onde o corpo está totalmente entregue a esse ato. Todavia, diante dessas imagens nem sempre fazemos uma análise crítica do que essa visualidade nos diz sobre a leitura ou até mesmo sobre a classe social à qual aquela pessoa faz parte. É apenas um recorte de uma situação, talvez, imaginária ou projetada sobre determinado hábito.

A partir da imagem que guardo na memória sobre o ato de leitura da minha mãe e até mesmo de outras reproduções imagéticas, podemos refletir sobre as representações da leitura e o que esses registros podem nos ajudar a questionar sobre a História da Leitura. Em relação às representações do ato de ler realizadas por artistas do campo das artes visuais, o historiador cultural Robert Darton (1990, p. 157) ressalta que:

É claro que não se podem levar as pinturas ao pé da letra, como uma descrição de como as pessoas liam realmente. Mas elas podem revelar alguns pressupostos ocultos sobre o que as pessoas julgavam que deveria ser a leitura ou qual a atmosfera em que se devia ler.

As leituras realizadas pela minha mãe, sempre depois do trabalho na roça ou após as tarefas domésticas, podem ter criado na minha mente a imagem que o ato de ler era “algo comum”, mesmo diante da escassez do acesso aos livros. A percepção da criança sobre alguém do seu entorno que lê com frequência, para a escritora Ana Maria Machado (2016), é o que muitas vezes desperta o desejo pela leitura em quem tem contato com essa cena. Se esse ato não ocorre dentro do ambiente familiar, a segunda possibilidade para a autora (2016, p. 65) desse possível encontro entre livros e leitoras ou leitores é na escola:

Em termos bem simples, estou convencida de que o que leva uma criança a ler, antes de mais nada, é o exemplo. Da mesma forma que ela aprende a escovar os dentes, comer com garfo e faca, vestir-se, calçar sapatos e tantas outras atividades cotidianas. Desde pequena, vê os adultos fazendo assim. Então, também quer fazer. Não é natural, é cultural.

As minhas duas irmãs, Eliete e Eliana, também fazem parte da minha memória sobre leitura, pois elas liam histórias em quadrinhos sobre os heróis da Marvel, como Thor, Capitão América, Homem Aranha, Homem de Ferro, Homem Tocha e X-Men.

Embora não existissem livros de literatura circulando dentro de casa ou pela região com frequência, existiam os almanaques (como “Sadol”) distribuídos pelas farmácias, entregues gratuitamente sempre no mês de dezembro junto ao calendário do próximo ano. Esses

almanaques traziam pequenos textos com curiosidades sobre festas brasileiras, receitas de culinária, cruzadinhas, piadas e abordavam sobre o período de pesca, do plantio ou da colheita de alimentos.

Os almanaques possuíam informações sobre cuidados com o corpo e com a saúde em geral, isto é, indicavam o que era ideal para manter uma boa saúde física e mental. Para isso, as indicações presentes nos textos incluíam dicas sobre como usar talcos, perfumes, sabonetes e outros produtos para higiene bucal.

Sobre esses materiais, a educadora e pesquisadora Yasmin Jamil Nadaf (2011) ressalta que além de terem um caráter pedagógico, os almanaques foram meios de propaganda política, não só pelo estado, mas também pela indústria farmacêutica, ao venderem uma imagem de civilização e progresso e ao trazerem ideais de beleza, saúde e higiene. Surgidos no Brasil no final do século 19, os almanaques de farmácia³² e outros de gêneros diversos contribuíram para a alfabetização ou foram usados como cartilhas improvisadas para ensinar o ABC em regiões com pouco acesso a impressos.

Recordo que os almanaques faziam parte das leituras coletivas de familiares e estavam presentes nas casas dos vizinhos. A minha avó Petronília era uma colecionadora e leitora assídua desses materiais, inclusive em voz alta. Concluo que além de serem a minha leitura preferida, os almanaques foram importantes para “matar” a minha sede leitora e, com isso, abriram portas para conhecer outros assuntos, mesmo com suas informações resumidas ou fragmentadas.

Além disso, hoje avalio que esse material circulava com facilidade entre os agricultores da região onde eu morava por serem distribuídos gratuitamente e por permitirem uma leitura rápida, pois continham pouco texto ou não apresentaram muita complexidade na abordagem dos assuntos. Recordo que nalgumas situações eram feitas leituras em voz alta de textos desses almanaques e ocorriam diálogos fomentados a partir dos assuntos presentes nas páginas desses impressos.

Esses momentos de leitura em voz alta dos almanaques ocorriam nos avarandados das casas e até mesmo nas salas, sempre depois do trabalho na roça. Os mais novos participavam

³² Nadaf (2011, p. 133) explica que por meio de uma “cruzada civilizatória”, os almanaques foram importantes veículos ideológicos para levar informações para regiões distantes dos grandes centros brasileiros que possibilitariam acessar o mundo culto, além de fazer do Brasil um país protegido das doenças como coceiras na pele, tosse e anemia que assolavam diversas regiões brasileiras: “[...] os almanaques de farmácia, somando-se aos almanaques gerais, assumiram a tarefa de educar sanitária e moralmente um grande número de brasileiros, vítimas desse triste cenário, contando com a vantagem de chegar a rincões que outros veículos impressos não chegavam, e, melhor, sem nenhum custo financeiro para o leitor, que os recebia gratuitamente por cortesia das indústrias farmacêuticas.”

dessas audições, enquanto as pessoas mais velhas escutavam e dialogavam sobre o que havia acabado de ser lido. Esse ato de leitura coletiva, em que uma pessoa lê para outras que não possuem esse saber de forma fluente, esteve presente no Brasil entre a década de 1930 a 1950 por meio da leitura da literatura de cordel, de acordo com a pedagoga e educadora Ana Maria de Oliveira Galvão (2001)³³.

Sobre ter a minha avó como a primeira mediadora de mundo e de leitura, creio que para essa definição, além de questões concretas, um dos fatores envolvidos é a afetividade. Lembro-me de que às segundas-feiras, quando eu não ia para a cidade com a minha mãe, ficava sob os cuidados da minha avó. Com a cabeça no seu colo, escutava histórias sobre tios que não conhecia e sobre a minha bisavó Isaura Ferreira Guimarães, que faleceu aos 40 anos de idade. Ouvir essas histórias contribuíram para a construção do meu imaginário social sobre o universo familiar.

A professora Ecléa Bosi avalia que as lembranças dos avós têm um importante papel na construção do imaginário da criança, pois “a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização.” (2004a, p. 73).

Dessa forma, durante esse processo de contar e narrar algumas histórias, a minha avó realizava-se num ato de ser de palavras e quem estava próximo, escutando, também incorporava essas palavras e histórias, como ressalta o educador e escritor argentino Carlos Skliar (2012). Ao dizer as suas histórias, a minha avó falava:

Sem esperar recompensa (isto é: dizer sem esperar ser dito e sem esperar que seja dito, repetido, aquilo que acabamos de dizer). Dizer esperando que a marca não se transforme em vacuidade tão velozmente. (SKLIAR, 2012, p. 53).

Ao pensar na relação da minha avó com as palavras, reflito sobre o meu ofício como mediador de leitura. Durante a mediação dentro das indústrias ou em outros espaços, a minha meta ao dizer a palavra por meio de alguns textos era tornar o meu corpo um veículo ou um corpo-palavra, palavra-corpo. O objetivo do meu corpo ser encarnado pela/na palavra era um converter-se em potência educativa para imantar a palavra de sentidos, a partir do encontro com

³³ Para a pesquisadora, o ato de ler em voz alta ocorria tanto entre grupos das camadas populares ou até mesmo entre pessoas pertencentes às elites, cada qual dentro dos seus espaços sociais. Os encontros eram realizados para escutar a leitura em voz alta, ou a declamação de poemas ou histórias do gênero folheto, manifestos, boletins operários, dentre outros. Um membro do grupo que possuía um grau maior de alfabetização era o responsável por essa leitura e as crianças também tinham um papel essencial nesses momentos, pois em algumas situações eram mais alfabetizadas do que as pessoas mais velhas ou outros integrantes dessas famílias pobres.

o corpo do outro, com a palavra do outro, ou seja, a ideia era que os corpos fossem de palavras ou gestados pelo dizer das palavras para outras percepções sobre a vida.

Ao ficar com a minha avó às segundas-feiras era possível ter acesso ao seu baú, que ficava acomodado no seu pequeno quarto. Além de roupas e cobertas, o baú guardava calendários, almanaques, bugigangas de viagens, bibelôs, botões, alguns livros, conchas do mar, pedaços de tecidos e remendos de diferentes cores e texturas usados nas costuras. O item mais precioso desse universo de objetos era uma pequena boneca de louça.

Abrir aquele baú era como acessar o portal para o mundo de “Alice no País das Maravilhas” (CARROL, 2015), pois era mágico. Quando eu encontrava algum livro ou almanaque que me interessava, a minha avó emprestava o material, porém, estipulava um dia específico para devolução. Nesse gesto, ela agia como uma bibliotecária ou como mediadora da duração e da relação da obra (ou objeto) para comigo.

Hoje leio aquele baú como uma pequena biblioteca viva ou como um pequeno museu. Os objetos eram iniciadores de conversas para minha avó falar sobre histórias de assombrações, para cantar cantigas de roda, para dizer sobre os lugares que visitou. Como mediador de leitura, avalio que a maneira que ela fazia a apresentação dos objetos pode ser interpretada como uma mediação de uma exposição de arte, vida e dizer de experiências, um mediar no qual ocorria a perpetuação de suas histórias.

Ao avaliar sobre os processos de formação pelos quais passam uma pessoa ao longo da vida, Marie-Christine Josso ressalta que múltiplos procedimentos podem ocorrer e, para falar sobre eles, entram em cena acontecimentos, atividades, situações ou encontros que ocorreram em contextos diversos para experiências e aprendizagens:

Estes momentos formadores, que podem durar alguns instantes ou alguns anos, são quadros que colocam em cena um ou vários protagonistas em transações numa dramaturgia singular; numa brusca interrupção de duração ou de intensidade, numa observação, num exercício sistemático, numa simpatia, num afeto ou numa aversão por um *alter ego*. (2004, p. 45).

A partir do baú da minha avó, é possível pensar que alguns artefatos que envelhecem conosco possuem um sentido ou noção de continuidade, ou seja, podem ser lidos como objetos biográficos, como reflete Ecléa Bosi (2004b). Ao guardarmos esses objetos, eles tornam-se a nossa ligação com alguma experiência vivida³⁴ ou com uma pessoa e:

³⁴ Desses objetos biográficos da minha avó, ainda guardo o rádio de mesa a pilha, da Marca Nord-som, provavelmente lançado no ano de 1967; duas imagens de Santo (uma de Nossa Senhora das Candeias, que ainda conserva a assinatura da minha avó escrita a caneta azul no papelão de proteção entre a imagem e o fundo da moldura; e uma outra de São José, de gesso) e um ferro a brasa para passar roupa.

Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. [...] São estes os objetos que Violette Morin chama de objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se encorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-mundi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador [...]. (BOSI, 2004b, p. 25-26).

Do baú da minha avó ganhei de presente um pequeno livro de catecismo que foi usado por todos os meus tios e tias, e que atualmente faz parte da minha biblioteca. O baú e todos os objetos que estavam dentro viraram cinzas logo após a morte da minha avó, pois foram queimados pelos meus tios e tias. A boneca de louça, o bibelô de estimação que ela mais adorava, desapareceu e não há registros sobre o paradeiro.

Havia na relação com a minha avó uma despreocupação com as coisas da vida. Estar com ela era um momento de entrega à imaginação e de deixar o corpo ser conduzido pelo afeto para receber palavras da sua boca, assim como um passarinho espera no ninho de bico aberto a comida de seus pais. Retomando a premissa de Bosi (2004a, p. 73) sobre a importância dos laços afetivos entre crianças e avós durante o processo de socialização, é possível dizer que:

Sem estas haveria apenas uma competência abstrata para lidar com os dados do passado, mas não a memória. Enquanto os pais se entregam às atividades da idade madura, a criança recebe inúmeras noções dos avós, dos empregados. Este não tem, em geral, a preocupação do que é próprio para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular.

Todo o território onde eu morava na Bahia poderia ser lido como a minha “casa”, pois eu estava integrado e pertencia a ele e aos seus acontecimentos, mas em breve aquele espaço não seria mais o meu aconchego. Como uma andorinha em busca do verão, o meu pai transitava entre a Bahia e São Paulo para trabalhar na safra da cana de açúcar ou de laranja. Entretanto, no ano de 1995 e cansado dessas idas e vindas, o meu pai decidiu que era o momento de reunir toda a família. Ele havia construído uma casa em um conjunto habitacional em um terreno doado pela prefeitura municipal de Américo Brasiliense (SP).

Eu e minha mãe, “os dois pássaros” desgarrados do meu pai e das minhas irmãs que estavam em cidades diferentes no interior de São Paulo, deixamos a Bahia com destino ao Estado de São Paulo. Estimava-se que a população da nossa nova “morada” em 1994 era de 21.743 mil habitantes. Pintadas (BA), a cidade que visitava com frequência e na qual passava alguns dias na casa da minha avó Albertina, tinha 10.159 moradores.

Essa mudança ocorreu em busca da tão sonhada melhoria de qualidade de vida, oferecida pela região central do Estado de São Paulo. Sobre a localização geográfica de Américo Brasiliense, no período de 1995 o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) fez a seguinte análise:

Além das atividades agropecuárias, concentra-se também nesta região a parcela mais expressiva do parque industrial nacional, distribuído ao longo dos principais eixos de circulação, configurando regiões urbano-industriais entre os quais ressaltam o eixo Rio-São Paulo, ao longo do vale do Paraíba, o eixo São Paulo-Araraquara-Ribeirão Preto, e as áreas metropolitanas de Belo Horizonte, Porto Alegre e Curitiba, bem como a área nucleada por Blumenau e Joinville em Santa Catarina. A concentração dos equipamentos (inclusive infra-estrutura), novas tecnologias e maciços investimentos de capital conferem à população que se concentra nesta região - a mais densamente ocupada do País - melhores condições de vida, expressas em melhores níveis educacionais, com mais elevadas taxas de alfabetização, maior concentração de equipamentos de saúde e melhor infra-estrutura de transportes, comunicação e energia. (IBGE, 1996, p. 161).

O imaginário construído sobre a cidade onde iríamos morar alimentava sonhos, principalmente o acesso a uma educação pública de qualidade. Eu tinha 10 anos e iria para a terceira série do Ensino Fundamental. Recordo que a discussão dentro de casa nesse período era sobre a minha matrícula ser feita na segunda ou na terceira série. Por ter estudado em duas escolas rurais, a preocupação dos meus pais, do meu tio Nivaldo e de uma tia que moravam em Américo Brasiliense era de que supostamente eu não acompanharia os conteúdos curriculares da nova escola, mas mesmo assim fui matriculado na terceira série.

Como a menina do livro *Minha vida não é cor de Rosa*, de Penelope Martins (2020), que gosta de pensar em pequenos objetos sem muita importância, eu tentei levar nessa mudança diversos itens como uma forma de manter viva a minha relação com o território onde vivia, mas, infelizmente, objetos não aplacam a saudade!

Como Exu³⁵, que ao nascer comeu tudo o que estava ao seu redor, os meus olhos também devoraram aquela paisagem naquele momento, pela última vez, enquanto o caminhão com a

³⁵ Sobre essa história em que Exu devora tudo e sobre o seu nascimento, Luiz Rufino (2017, p. 157-158) conta que: “Na narrativa mítica, Exu – nomeado por seu pai Orunmilá de Elegbara –, ao nascer, comeu todos os preás, peixes, aves e bichos de quatro patas existentes no universo. No quinto dia após o seu nascimento, Exu comeu a mãe. Quando Orunmilá viu, resolveu consultar o seu babalaô para saber o que deveria ser feito para que Exu não o matasse e o devorasse. O babalaô indicou o ebó que deveria ser feito, Orunmilá cumpriu a oferta. No sexto dia, Exu disse: Pai, pai, eu quero comer você. Orunmilá, então, cantou a cantiga que a mãe costumava cantar para o filho e iniciaram uma perseguição contra Exu. Orunmilá perseguiu Exu e o cortou com uma espada em duzentos pedaços. Cada pedaço cortado do corpo de Exu foi deixado em um lugar e transformado em Yangí. O que restou de Exu estava de novo grande e inteiro. Em cada um dos nove espaços do Orun, Orunmilá cortou duzentos pedaços e todos se transformaram em Yangí. Depois da perseguição pelos nove espaços, Exu disse que o pai não deveria mais persegui-lo e que, quando necessário, de tempos em tempos, o pai poderia consultar e enviar cada um deles para realizar qualquer coisa, como quem envia o próprio filho. Ao terminarem o diálogo, no último espaço do Orun, o pai perguntou sobre a mãe, que Exu havia devorado. Exu então restituiu sua mãe para Orunmilá e disse

mudança deixava o sítio onde morávamos. Foi intragável “devorar” a minha avó Petronília e a minha tia Nilza acenando e dando tchau.

No sítio onde morava, havia um coro de vozes que me ensinava a ler as palavras impressas e o mundo. Afirmo que não há um começo exato sobre quando me tornei leitor, pois sempre estive lendo, e a leitura de obras impressas foi mais uma aprendizagem para estar no mundo. Em minha vida, a leitura ocorria desde a infância em que eu era apenas uma criança de colo, pois como ressaltam Evélio Cabrejo-Parra e Marie Bonnafé, “no início da vida, o bebê e o adulto se comunicam olhando um para o outro. A voz e o rosto de quem está com ele são os primeiros livros do bebê.” (AMICHE *et al*, 2013, p. 7)³⁶.

As pessoas e situações do território da Fazenda Caldeirãozinho, em Pintadas (BA), plantaram as raízes para os meus gestos e para os movimentos de uma coreografia leitora de palavras e de mundo. Uma parte do meu ser, do entendimento do tempo, do estar, do fazer, do sentir e do pensar foram esculpidos por aquele local e pela convivência com algumas daquelas pessoas e experiências.

Diante desses apontamentos, avalio que, atualmente, em minha atuação como mediador de leitura amplio o sentido de ler para outros materiais e situações, ou seja, para além da palavra gravada nas páginas.

que o pai deveria chamá-lo se quisesse recuperar todo e cada um dos animais que ele comera na terra, que ele ajudaria a receber de volta das mãos de todas as pessoas do mundo.”

³⁶ O livro *A pequena história dos bebês e dos livros* foi redigido por Sylvie Amiche, Zaïma Hamnache, Aline Hébert-Matray e Tamara Savitsky-Midéna a partir das falas de Evélio Cabrejo-Parra e Marie Bonaffé.

2.2 Quando encontrei uma casa feita de palavras

De onde você veio? Essa foi a pergunta que mais escutei no ano de 1995 ao chegar na Escola Dinorá Marcondes Gomes, em Américo Brasiliense (SP). O meu sotaque era um dos motivos para essa curiosidade e o meu acanhamento/corpo tenso também denunciava que eu era um “estrangeiro” naquele território.

Nas escolas onde estudei na Bahia, eu convivía com a vastidão do horizonte azul visto pela janela. Todavia, na nova instituição escolar o meu olhar enxergava muros altos pintados de cal, grandes janelas de vidro pelas quais era possível avistar apenas a parede do muro, portas e mais portas e portões com cadeados. O único contato visível com o mundo externo dentro da escola ocorria por meio de um recorte do céu e das nuvens que passavam acima da minha cabeça. A configuração do espaço físico escolar foi o meu primeiro estranhamento: era uma escola ou uma gaiola, uma prisão?

Nas primeiras semanas, o meu coração acelerava quando cruzava o portão e quando não enxergava mais a rua. Chorar no começo da aula era algo frequente e o meu desejo mais urgente era saber quantas horas ainda restavam para ir embora daquele local. O estranhamento também se estendia para o bairro onde a minha família passou a morar, pois já não expressava mais aconchego.

A solução encontrada pela escola para o problema “do menino chorão” – isto é, o problema do ambiente escolar e sua configuração de presídio de sonhos, corpos livres e imaginação – foi permitir que o meu pai Felix Guimarães Freitas permanecesse próximo à sala de aula para evitar momentaneamente o meu choro e para evitar os meus pedidos insistentes para ir embora logo no início da aula. Com o passar dos dias e com a recepção afetuosa e acolhedora da professora Cacilda, uma mediadora sensível, eu me “acostumei” à nova realidade e passei a criar relações com os colegas de sala.

Essa sensação de não pertencimento, ausência, estranhamento ou desencontro entre o meu corpo e o território onde estava ao migrar da Bahia para Américo Brasiliense (SP) pode ser pensado como desenraizamento. Para a filósofa francesa Simone Weil (1996), o pertencer a um determinado lugar é uma das necessidades indispensáveis ao homem e uma das “desconhecidas da alma humana”, pois esse pertencimento – não a um único local, mas a alguns territórios – mantém viva as memórias do passado enquanto projeta a construção de um futuro.

Embora desenraizado, algo naquelas primeiras semanas me acolheu de forma inesperada e me fez começar a “gostar” da escola, ou pelo menos a me enraizar em algo. Logo nos

primeiros dias de aula, a professora Cacilda anunciou que durante a semana a sala conheceria as dependências da instituição, assim como a Biblioteca e o acervo destinado à nossa idade.

Talvez eu já tivesse escutado a palavra “Biblioteca”, mas ela não havia ficado na minha lembrança como a representação de um espaço que acolhe e guarda livros. Creio que o motivo dessa não lembrança tenha sido a não-experiência concreta, ou seja, não ter esse espaço como parte do meu cotidiano/território, ou por ser algo extremamente distante ou impensável para a realidade em que eu vivia.

Ao entrar no local junto às demais crianças, o meu olhar percorreu de forma lenta cada detalhe: eu via livros e mais livros e mais livros “morando” nas estantes. Livros em cima das mesas, do balcão feito de tijolo à vista, livros sendo manuseados ou debaixo do braço de alguém e, finalmente, um livro em minhas mãos, após a bibliotecária Zilda informar que podíamos retirar uma obra na estante.

Além de conhecer o espaço, o rito de ir à biblioteca tinha um outro motivo, que era fazer a carteirinha para retirar obras. Antes eu não tinha acesso a uma grande quantidade de livros onde morava, mas a partir daquele dia eu comecei a ter a oportunidade de levá-los para casa. Os livros passaram a disputar a minha atenção com outro meio mediador que também pude acessar com frequência, isto é, a televisão. Porém, a partir da minha ida à biblioteca, até o final do ano, durante todos os recreios aquele espaço seria a minha morada, o meu aconchego, o local de contato com o saber sensível.

As instituições de ensino têm um importante papel como locais que podem proporcionar o acesso de estudantes aos livros e a outras manifestações culturais, conforme sentenciar a poeta e escritora argentina Maria Teresa Andruetto (2017, p. 88), pois a “a escola é, para muitos leitores potenciais, a única ocasião de ingressar nesse universo.”

A cada dia visitava uma estante diferente e a cada retirada de livro das prateleiras lia as orelhas das obras, folheava outras, escondia alguns livros para ver com calma no outro dia e, aos poucos, passei a conhecer o acervo enquanto estabelecia uma relação afetiva com a Biblioteca. Entre idas e vindas no espaço, retirava um livro e dava início à leitura, abandonava no “meio do caminho”, iniciava outra que levava a uma obra diferente das que conhecia, e assim sucessivamente. Antes eu lia embalagens de produtos para formar histórias, mas depois de conhecer a biblioteca escolar me tornei um leitor, “caçador mirim” de obras-sentidos, como reflete o historiador Martyn Lyons (1999, p. 11):

[...] um caçador ilegal [...]. O leitor é um invasor, rastejando pela propriedade de outrem atrás de propósitos nefastos. A propriedade não é dele; a paisagem foi feita por outras mãos. Porém, enquanto não é apanhado, ele toma o que deseja – uma lebre

aqui, um tordo ali, até mesmo um cervo, com sorte -, fugindo sem deixar rastros na página. Desse modo, o leitor individual insinua seus significados e objetivos dentro de um texto de outrem.

Recordo que Zilda, a bibliotecária, dizia: “Essa estante não é para você. Você ainda não pode ler o que tem aí!”. Escutar essa frase era como um chamado para saber o que havia de tão proibido dentro daqueles livros. Se estava proibido, folhear essas obras passava a ser o meu objetivo ao entrar na biblioteca. A fala da bibliotecária Zilda pode ser interpretada como uma tutoria do ato leitor e, assim, recorro à atuação dos bibliotecários na Europa, entre os séculos 17 e 18, para justificar o meu pensamento.

O paleógrafo italiano Armando Petrucci relata que, nesse período, uma das principais funções desses profissionais estava justamente no ato de “ ‘tutoria’ (se assim posso dizer) do público, com seus inevitáveis corolários de controle e censura da leitura e do estudo [...]” (1999, p. 286, tradução nossa)³⁷, ou seja, o público só poderia acessar algumas obras a partir do direcionamento do profissional que cuidava do espaço.

A partir da “proibição” de Zilda, um dos livros que mais despertou a minha atenção e de outros adolescentes que deixavam o nome na lista de espera para leitura foi *Confissões de adolescente*, de Maria Mariana (2011). O livro abordava temas como drogas, sexo na adolescência e outros conflitos desse período, motivos pelos quais a obra não era emprestada para determinada faixa etária. Diante da questão da classificação indicativa, os alunos mais velhos emprestavam o livro e depois cediam para os mais novos.

Anos depois, no Ensino Médio, voltei a estudar na Escola Dinorá Marcondes Gomes. Recordo como Zilda indicava com paixão algumas obras e como os olhos dela brilhavam ao falar sobre o que estava lendo, sobre o que as classes da escola liam e os trabalhos que fizeram sobre determinado livro. Desse período, o que me marcou foi a atmosfera festiva criada por ela em torno da palavra e da leitura ao atender os alunos durante os empréstimos na hora do recreio. Ela era uma “formadora de leitores e leitoras”, ou seja, era uma leitora-interagente que disseminava o desejo de ler, fato importante para a sensibilização de leitoras e leitores para o possível contato com os livros e com a leitura, segundo o jornalista e escritor argentino Mempo Giardinelli (2010).

Depois de estudar na Escola Dinorá Marcondes Gomes e a partir do conhecimento da existência do espaço chamado biblioteca, em todas as outras instituições que estudei a primeira

³⁷ No original: “ ‘tutoría’ (si se me permite decirlo así) del público, con sus inevitables corolarios de control y de censura de la lectura y del estudio [...]”

pergunta que eu fazia logo no primeiro dia de aula era: “Onde fica a biblioteca? Ela funciona?”. Diante do não funcionamento de algumas em decorrência da falta de profissionais, eu pedia posteriormente para as educadoras com as quais mais tinha proximidade para abrirem o local para que eu pudesse emprestar livros.

Após minha habituação ao novo território, descobri a biblioteca pública da cidade. O tamanho do prédio era o triplo do espaço da biblioteca escolar. Na Biblioteca Pública, as obras de Monteiro Lobato passaram a ser a minha leitura preferida, talvez por algumas narrativas serem ambientadas em um sítio, o que para mim era metaforizado com o território onde vivi na Bahia. Os clássicos da Disney e gibis da Turma da Mônica eram outras leituras realizadas, além de enciclopédias e livros de conhecimento geral sobre determinados assuntos.

Entretanto, na fase da adolescência, as minhas leituras livres em casa contrastavam com as leituras escolares e suas imposições: “Vocês têm que ler, pois haverá prova sobre esse livro.” Junto à imposição de leitura, éramos obrigados a saber o gênero literário da obra, decorar partes da história, conhecer a vida do autor ou autora, data de nascimento ou morte, movimento literário, dentre outras questões.

Por isso, acabei virando “inimigo” de Machado de Assis diante dessas imposições. Outro comentário que reforçou ainda mais a minha “inimizade” com o escritor foi a fala de uma professora de português: “Machado é chato, é pedante e é uma leitura difícil. Creio que você não tenha capacidade intelectual para entender.” Tais comentários feitos por essa professora de português, segundo Daniel Pennac (1993), são um “zumbido que cega” o contato de um possível leitor com uma obra literária. Para o autor, esses tipos de discursos, ao invés de criarem uma aproximação, com frequência escondem ou afastam o objeto comentado dos possíveis leitores e leitoras:

Ao longo de toda a aprendizagem, fazemos da glosa e do comentário um dever para os escolares e os estudantes de segundo grau e as modalidades desse dever os assustam de tal modo que chegam a privar um grande número deles da companhia dos livros. (PENNAC, 1993, p. 131).

Vale ressaltar que em meio aos fichamentos literários – ou “chateamentos literários”, como chamávamos na escola – nunca perguntavam a minha interpretação sobre a obra, quais reverberações internas foram causadas ou como as leituras outras que estava fazendo ou já tinha realizado sem o selo de obrigatoriedade dialogavam com aquela leitura. Mais do que isso, nunca perguntavam o que eu gostava de ler, por exemplo, se biografias, quadrinhos ou outros gêneros, dentre outras questões.

Mesmo perante a inexistência dessas questões e da falta de autonomia leitora no espaço escolar, como reflete a pedagoga Wanda Medrado Abrantes (2010, p. 76):

[...] a escola, mesmo não sendo a única, constitui importante espaço de formação de leitores, especialmente naquilo que é de sua competência: aprendizagem de interpretação de textos. Tarefa que cabe aos mediadores da leitura (professores e bibliotecários), oferecendo informações contextuais; dando pistas para ler nas linhas, nas entrelinhas e por trás das linhas; propondo um *corpus* de textos selecionados pela sua qualidade estética, ética, social (gêneros discursivos); criando espaços de leitura compartilhada (orientada, reflexiva) e autônoma nos processos de educação literária.

Em outras palavras, embora essa problemática da autonomia leitora existisse, o ambiente escolar era o único local em que eu poderia acessar com facilidade e com frequência uma variedade de publicações. Comprar livros em minha casa estava fora de cogitação pelo valor das obras e pelo salário apertado dos meus pais, além de não existirem livrarias em Américo Brasiliense (SP).

Com isso, nesse meu percurso leitor, analiso que as bibliotecas escolares e a pública foram importantes espaços para a minha formação leitora, já que as profissionais que atuavam nesses locais, principalmente na Escola Estadual Dinorá Marcondes Gomes, foram essenciais para a minha iniciação de forma profunda no mundo do livro e da leitura.

A partir da minha história leitora e da minha relação com as bibliotecas escolares, pode-se refletir sobre a importância de políticas governamentais para a distribuição gratuita de livros literários para professores e estudantes das escolas públicas, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)³⁸. Cabe pensar como essas políticas públicas e outros projetos de difusão literária oportunizam o contato com o sensível e com o livro por meio das suas diversas ações, além de permitirem a criação de espaços de acolhimento e vivência coletiva.

A escola foi um local que eu gostava de frequentar apenas por um tempo, pois a partir da entrada na adolescência, esse espaço passou a ser hostil e violento diante da minha orientação sexual gay. Logo, as violências contra o meu corpo, por ser gay, começaram a ser praticadas dentro do ambiente escolar de forma sistemática a partir do ano de 1997, quando estudava na

³⁸ “O Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) compreende um conjunto de ações voltadas para a distribuição de obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, destinados aos alunos e professores das escolas públicas de educação básica do País. O PNLD também contempla as instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público. As escolas participantes do PNLD recebem materiais de forma sistemática, regular e gratuita. Trata-se, portanto, de um Programa abrangente, constituindo-se em um dos principais instrumentos de apoio ao processo de ensino-aprendizagem nas Escolas beneficiadas.” (FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO, 2022, s/n).

Escola Estadual Alberto Alves Rollo. As férias me davam um período de descanso dessas violências.

Retornei à Escola Estadual Professora Dinorá Marcondes Gomes no ano de 1998, primeiro local em que fui aluno em Américo Brasiliense. Nesse período, a minha homossexualidade era um assunto que estava tentando “entender”, então eu não sabia como lidar com os violentos questionamentos verbais sobre eu ser gay ou não, com as brincadeiras envolvendo a minha sexualidade ou qualquer gesto que de minha parte que fosse considerado mais feminino.

Diante das questões trazidas pela minha orientação sexual, na Escola Dinorá a biblioteca me acolheu novamente, foi “a minha casa [...] guardiã do meu corpo/E protetora de todas minhas ardências...”, como poetizou Hilda Hilst (2001, p. 61). O local passou a ser uma espécie de retorno ao útero materno, configurando, assim, um abrigo. Durante os intervalos entre 1998 a 1999, escondido entre as estantes ou no fundo da biblioteca, eu sabia que ali não seria agredido verbalmente ou fisicamente por ser gay, e sofrer preconceito ou violência diariamente no ambiente escolar ou em qualquer espaço é ser enterrado vivo.

Nesse contexto, de que maneira eu teria interesse em aprender algo se a minha mente, ninho para ideias, era violentada constantemente? Como sentir-se confortável em um espaço de mediação perante a certeza de que você será violentado a qualquer momento? Como frequentar a escola em meio às agressões dos alunos, uma violência permitida e fomentada por alguns educadores e pela equipe escolar que, ao presenciá-la, não realizam nenhum ato que interrompa esse ciclo?

Recordo que em algumas situações as palavras ecoavam e “voavam” livremente pelos corredores ou passeavam pela sala ao terem autorização para circularem por aquele espaço: VIADO, BICHA, MARICA, MARIQUINHA, FRUTINHA, VIADO, VIADO, VIADO. E ainda: “Aperta essa mão como homem”, ou “Seja forte como um homem”. Essas palavras e expressões preenchiam todos os espaços da sala de aula e os meus “[...] sentidos se misturam, batidas cardíacas invadem a audição. Aspirada a respiração não é... é introchada” (BUENO, 2001, p. 5). O meu desejo, ao ser constantemente agredido fisicamente e verbalmente, era de querer “entrar na parede. Esconder-me, fazer parte do cimento [...]”, como poetizou Austregésilo Carrano Bueno (2001, p. 5), escritor curitibano e Ativista do Movimento Nacional da Luta Antimanicomial.

Ao ser agredido verbalmente, os ecos das palavras cortavam a minha pele como uma navalha afiada. Os atos teatrais violentos seguiam: tapa na cabeça, o barulho de régua de acrílico

ou de madeira fazendo uma escrita insensível nas costas, empurrões, chutes e socos em várias partes do corpo, violências físicas que cessavam com a frase: “Ihhhh... agora vai chorar!”.

Como gostava de ler e sempre carregava um livro, ato considerado muito sensível e delicado para aqueles meninos e meninas que me agrediam, este era mais um motivo para ser chamado de “VIADO”. Diante dessas violências, para entrar na escola sem apanhar, chegar atrasado e pular o muro foram algumas das táticas adotadas.

O que podem as palavras?

As palavras não estão isentas ou destituídas de sentidos e elas estão carregadas nalgumas situações de violência. A doutora em educação Guacira Lopes Louro (1999, p. 65), ressalta que o espaço da linguagem é um local onde a fala pode apontar diferenças e, ao mesmo tempo, instituir práticas que enraízam essas diferenças, pois:

[...] tanto porque ela atravessa e constitui a maioria das nossas práticas, como porque ela nos parece, quase sempre, muito “natural”. [...]. No entanto, a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças.

Assim, percebia que esses atos de violências físicas e verbais eram repetidos na escola com outros meninos gays. Minha família ainda não sabia sobre a minha orientação sexual e, por medo de contar, eu não relatava essas agressões sofridas na escola. Pensei em abandonar os estudos diversas vezes, mas pensava que se desistisse eles saberiam sobre a minha orientação sexual. A sala de aula, os corredores, o banheiro, as comemorações coletivas, simplesmente entrar ou ficar na escola, tudo isso passou a ser o meu pior pesadelo. E, nesse contexto, quais afetos ou violências podem movimentar um espaço de mediação? O resultado de tais violências sistemáticas foi o desenvolvimento de uma crise de ansiedade, que só eu sabia e sofria calado.

A escola não fazia mais sentido: estudar era mais uma tarefa que executava de forma mecânica, somente para tirar notas para “passar de ano”. O ambiente escolar permitia – e muitos ainda permitem – agressões físicas e verbais para corpos e existências dissidentes do considerado “normal”, fato que pode ser refletido a partir do contexto social fora dos muros escolares, pois “[...] em qualquer momento da história as relações que ocorrem dentro do ambiente escolar, geralmente, são reflexos do que acontece em um âmbito maior, que seria a sociedade em si.” (HENN; NUNES, 2013, p. 1045).

Falar, falar, falei: mas não fui escutado nesse espaço de mediação que é a escola, especialmente na Dinorá Marcondes Gomes. O que escutava era: “Vai sentar! Isso não é nada”, “Eu preciso seguir a minha aula...”, “Isso não pode acontecer: parem com isso”, porém, seguia

acontecendo, até mesmo nas risadas que ouvi quando eu pedi ajuda para alguns educadores, principalmente do sexo masculino.

Essa linguagem da violência instaurada ou praticada por um grupo e compactuada em silêncio por muitos que presenciam esses atos, como afirma a antropóloga feminista argentina Rita Segato, é:

[...] como uma língua capaz de funcionar de forma eficaz para os entendidos, os avisados, os que a falam, ainda quando não participem diretamente na ação enunciativa. É por isso que, quando um sistema de comunicação com um alfabeto violento se instala, é muito difícil desinstalá-lo, eliminá-lo. A violência constituída e cristalizada em forma de sistema de comunicação se transforma em uma linguagem estável e passa a comporta-se com a naturalidade de como falamos qualquer idioma. (2013, p. 31-32, tradução nossa)³⁹.

Essa experiência de violência sofrida no ambiente escolar sempre me faz refletir e pensar sobre a minha atuação como educador e mediador de leitura. Tenho uma preocupação em acolher os corpos, suas subjetividades e urgências da melhor maneira possível. Dessa forma, busco criar um espaço de mediação de leitura sensível, possível e poético, para que as pessoas “descansem” os seus corpos e sentidos diante das violências praticadas pelo mundo, com a possibilidade de serem elas mesmas em sua integridade existencial. Portanto, dentro de uma escola ou até mesmo em um espaço de mediação de leitura, é preciso desconfiar e estar atento para as situações que ocorrem nesses lugares:

O processo de fabricação dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, para as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de *desconfiança*. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como “natural”. (LOURO, 1999, p. 63).

Nesse período de violências na escola, eu perdi a vontade de dizer a minha palavra e silencieei por muito tempo, pois queria ser invisível, já que qualquer ato poderia denunciar a minha presença naquele ambiente, ou seja, ser notado era sinônimo de ser violentado. Com isso, as palavras moravam na minha garganta e algumas até “morriam”, pois esperavam demais para serem ditas e nunca eram faladas, diante do medo:

³⁹ Texto original: “[...] como una lengua capaz de funcionar eficazmente para los entendidos, los avisados, los que la hablan, aun cuando no participen directamente en la acción enunciativa. Es por eso que, cuando un sistema de comunicación con un alfabeto violento se instala, es muy difícil desinstalarlo, eliminarlo. La violencia constituída y cristalizada en forma de sistema de comunicación se transforma en un lenguaje estable y pasa a comportarse con el casi automatismo de cualquier idioma.”

Os guaranis chamam a garganta de *ahy'o*, mas também de *ñe'e raity*, que significa literalmente “ninho das palavras-alma”. É porque eles sabem que embriões de palavras emergem da fecundação do ar do tempo em nossos corpos em sua condição de viventes e que, nesse caso, e só nele, as palavras têm alma, a alma dos mundos atuais ou em gérmen que nos habitam nesta nossa condição. Que as palavras tenham alma e a alma encontre suas palavras é tão fundamental para eles que consideram que a doença, seja ela orgânica ou mental, vem quando estas se separam – tanto que o termo *ñe'e*, que eles usam para designar “palavra”, “linguagem”, e o termo *anga*, que usam para designar “alma”, significam ambos “palavra-alma”. Eles sabem igualmente que há um tempo próprio para sua germinação e que, para que esta vingue, o ninho tem que ser cuidado. Estar à altura desse tempo e desse cuidado para dizer o mais precisamente possível o que sufoca e produz um nó na garganta e, sobretudo, o que está aflorando diante disso para que a vida recobre um equilíbrio – não será esse o trabalho do pensamento propriamente dito? Não estará exatamente nisso sua potência micropolítica? Não será isso o que define e garante sua ética? E, mais amplamente, não será nisso afinal que consiste o trabalho de uma vida? (ROLNIK, 2018, p. 26-27).

As violências sofridas no espaço escolar me fizeram dizer palavras sem alma, me calar, proferir palavras sem brilho ou ocas de sentido, isto é, pronunciava palavras para realizar operações mecânicas ou para cumprir tarefas. O corpo-encanto da palavra, o corpo/*corpus* palavra não me encantava e eu não encantava a fala ao dizer a palavra. Quem fala, planta e semeia saberes que comunicam a existência de algo ao outro. O não dizer possibilita a não germinação de quem somos, do que sentimos e pensamos: somos literalmente um livro não lido e parado na estante. Muitas vezes esse não dizer provoca nós na garganta que sufocam.

Durante esse violento silenciamento da minha voz no ambiente escolar, lia poesia e trechos de livros em voz alta dentro de casa ou sussurrava essas leituras em algum canto da escola ou da biblioteca. Avalio que esse ato de ler em voz alta foi uma forma de ressuscitar a palavra, era uma maneira de reanimar a palavra adormecida na garganta. Os livros me fizeram não perder a fala, me ensinaram a dizer a palavra adormecida no peito. Ao ler em voz alta, buscava “[...] palavras cada vez mais afinadas para completar sua germinação, dando nascimento a um modo de corpo-expressão” (ROLNIK, 2018, p. 28) para introduzir novamente o meu corpo ressignificado para uma possibilidade de existir de outra maneira, fora da norma ou do que a sociedade esperava de mim, e em aceitação de quem eu era.

Quando descobri o poder da fala e os sulcos de possibilidades de criação que a palavra abria ao ser dita, foi uma espécie de libertação. Foi o momento de refinar o dizer e a minha escuta diante das urgências que o meu corpo precisava afirmar para se defender e dizer a sua fala. E isso foi possível quando encontrei ecos da minha existência em outros corpos, em outras histórias que traziam as mesmas dores e que apontavam caminhos a serem seguidos.

Como mediador, tento abrir espaços para que as pessoas com “palavras presas na garganta” possam falar, pois a palavra diz mundos e refaz a maneira como pensamos e queremos viver e estar na sociedade. Pensar e dizer a nossa palavra é refletir sobre outras maneiras de habitar o território onde estamos inseridos. Todas as pessoas tem o direito de dizer a sua palavra como uma narração de mundo (interno e externo), ou seja, a palavra pode ser um meio para proferir os descontentamentos sobre determinadas situações, como afirma a escritora Conceição Evaristo:

A palavra poética é um modo de narração do mundo. Não só de narração, mas, antes de tudo, a revelação do utópico desejo de construir outro mundo. Pela palavra poética, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser. E, ao almejar um mundo outro, a poesia revela o seu descontentamento com uma ordem previamente estabelecida. Há momentos em que a característica subversiva da fala poética se torna tão perceptível que seus criadores são considerados *personae non gratae*, e suas vozes são forçadas ao silêncio, ou ignoradas, como se não existissem. Entretanto, todo indivíduo e toda coletividade têm direito ao seu auto-pronunciamento, têm direito de contar/cantar a sua própria história. (BRITO, 2011, p. 8).

O meu percurso como leitor na adolescência, além da escola, se construía por meio da minha passagem por outros locais. Minha mãe e a minha irmã eram domésticas em casas de família de classe média em Américo Brasiliense (SP) e, com isso, descobri a possibilidade de ler gratuitamente os jornais na casa da patroa/patrão da minha irmã. Dessa forma, passava ali todos os dias antes da escola para ler notícias e iniciava a leitura sempre pelo caderno de arte e cultura do jornal “O Estado de S. Paulo”. Como a minha mãe sabia que eu gostava de ler, para me incentivar ela trazia revistas semanais “velhas” da casa onde trabalhava.

Ler jornais e revistas era uma forma de “abrir portas” para a compreensão da contemporaneidade, além da ampliação do entendimento das notícias que eram veiculadas pela televisão ou pelo rádio. Com essas leituras, também descobria diretores de cinema, discos lançados na época ou até mesmo as exposições e peças teatrais que estavam em cartaz na cidade de São Paulo ou na região. Algumas referências trazidas por essas leituras surgiam nas minhas redações na escola e abriam diálogos com alguns educadores e educadoras mais atentos para as questões que estavam ocorrendo no mundo. Por outro lado, educadores como o Ivan Roberto Franco dos Santos indicavam livros, músicas e filmes que dialogavam com os assuntos que eu lia, e ele mesmo foi um mediador que escutou a minha existência e dores no ambiente escolar.

A ampliação do meu repertório de acesso aos impressos também ocorreu por meio da compra de revistas em bancas. Eu saía de casa para comprar uma revista, mas o objetivo era ler outras enquanto escolhia a que desejava. Durante essa escolha do que compraria, o meu olhar passeava por todas as capas de revistas infantis, de notícias, de arte, de histórias em quadrinhos

e até mesmo por aquelas que eram proibidas para uma criança ou adolescente. Na ausência de dinheiro para a compra da revista, eu “negociava” com o dono da banca a leitura de alguma reportagem completa das publicações semanais ou do jornal do dia.

Além disso, ao começar a graduação na área de Comunicação Social, comprar livros e visitar outras livrarias e bibliotecas – como a da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), quando era estagiário da Rádio UFSCar – passaram a fazer parte da minha rotina como leitor. Embora já fosse um leitor “construído”, entrar em uma livraria demorou para acontecer, pois foi algo que ocorreu somente aos 20 anos. O primeiro livro comprado foi a biografia *Apenas uma garotinha: a história de Cássia Eller*, de Ana Claudia Landi e Eduardo Belo. As feiras de trocas de livros no espaço universitário também foram locais importantes na minha constituição como leitor.

Com isso, “já contei minhas histórias. Não posso contar ‘A minha história’, pois ela está em composição permanente. Conteí, no entanto, algumas que, espero, os leitores possam enxergar muito além de suas palavras” (MUNDURUKU, 2015, p. 28) ou mesmo enxergar a origem das minhas raízes, sentidos sensíveis e percepção para fazer mediação de leitura, assim como a minha poética e atuação dentro do contexto fabril, questão que será abordada em um “caminho”/capítulo que está por vir.

Em 2019 surgiu a figura da minha avó e da minha mãe como as minhas primeiras mediadoras de mundo e de leitura por meio desse processo de “narração de si” (JOSSO, 2004) e, assim, surgiram outras pessoas, experiências, contextos, territórios e outros meios de comunicação, como o rádio, a televisão, jornais e revistas que também foram mediadores de palavras, sensibilidades e mundos. Pode-se pensar que nestas memórias estão presentes afetividades, relações, trocas e presenças de corpos que marcaram o meu próprio corpo, pois “aquilo em que cada um se torna é atravessado pela presença de todos aqueles de que se recorda. Na narrativa biográfica, todos os que são citados fazem parte do processo de formação.” (DOMINICÉ, 2014, p. 81).

Refletir sobre as marcas deixadas por outras/os em nossa caminhada e nosso percurso ao longo da vida é refletir sobre o mundo, sobre estar na sociedade e participar da construção do espaço em que habitamos. Por conseguinte, por meio dessas interações sociais, somos feitos e refeitos pelos acontecimentos do mundo, de forma que “ninguém chega à parte alguma só” (FREIRE, 2014a, s/n). Se não chegamos sozinhos, trazemos conosco a história do outro, sempre emaranhada à nossa:

Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência; a lembrança de algo distante que, de repente, se destaca límpido diante de nós, em nós, um gesto tímido, a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase, uma pura frase possivelmente já olvidada por quem a disse. Uma palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afagada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicando a falta de confiança em nós mesmos, significa também a negação do risco. (FREIRE, 2014a, s/n).

Portanto, a minha história e construção leitora segue sendo feita e refeita cotidianamente. Ao buscar elementos da minha história leitora e ao refletir sobre alguns fatos desse processo por meio da “narração de si” (JOSSO, 2004), analiso que a minha história foi “sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa”, como ressalta a linguista brasileira Eni Puccinelli Orlandi (2002, p. 53).

As minhas raízes de mediador de leitura foram bordadas com fios da minha história de menino na Bahia, dos entrelaçamentos de estar adolescente no interior de São Paulo e do corpo adulto experimentando a vida, encontrando livros e fazendo mediação! Nessa caminhada narrativa, percebi que essas memórias possuem uma importância na minha formação como mediador e como ser humano.

Essas memórias foram marcas deixadas pelo ontem/passado, mas hoje constituem o meu estar educador e mediador de leitura. Tais sensibilidades, muitas vezes não ditas por mim para o outro, estão presentes nos meus gestos e na maneira como penso e enxergo o mundo ou a leitura e os livros.

Embora esparsas, as diversas leituras presentes na minha infância – como a oralidade, a leitura de mundo e os textos impressos – constituíram os meus atos para pensar os processos de mediação que realizo atualmente. Pensar a mediação de leitura por meio desses atravessamentos ocorridos na minha infância busca não falar somente sobre livros, mas trazer outras situações para esse diálogo, presentes na sociedade, na minha vida e na do leitor ou da leitora. A meta primeira é dialogar, e depois expandir sentidos e interpretações sobre o dialogado, quer seja sobre livros, quer seja sobre a vida.

Sobre os caminhos que surgem: o nascimento de uma pesquisa a partir do meu encontro com o camarada Exu no MASP e uma mediação inacabada sobre o orixá.

3. O meu encontro com Exu

Após a longa jornada pelo reino do “caminhar para si” (JOSSO, 2004), Exu e Obax seguiam conversando. A menina abria “estradas” no pensamento do orixá por meio de perguntas diversas. Um dos questionamentos feitos por ela para Exu foi sobre onde começa um livro ou como uma investigação é iniciada.

A entidade dizia à Obax que “o ponto de partida de qualquer livro é um bosque”, pois é desse lugar que “[...] vem a madeira com que se faz o papel”⁴⁰. (SCHUFF, 2022, p. 3, tradução nossa). Ambos andavam lentamente pelo caminho e quando o orixá “acabou de dizer essas palavras [...]”, a menina “[...] notou que uma das árvores tinha uma porta que dava para o seu interior.” (CARROL, 2015, p. 89). Obax se aproximou curiosa e, ao ver que essa porta abria outra passagem-narrativa dentro da jornada-pesquisa, convidou Exu para entrar com ela.

“Agora, [...] Exu sou [...]” (COSTER, 2010, s/n)⁴¹. Com isso, o que vou narrar é um caso sobre o meu encontro com o orixá e como iniciei essa pesquisa a partir desse encontro. Ao narrar, adianto que você, a senhora ou “[...] o senhor talvez até ache mais do que eu, a minha verdade”, como escreveu João Guimarães Rosa (1994, p. 863) no livro *Grande Sertão Veredas*. Entretanto, peço que duvide sempre dessa verdade ou “[...] verdade deformada, uma vez que o tempo não é exatamente restaurado”, como filosofou Simone de Beauvoir. (KIRKPATRICK, 2020, p. 305)⁴².

Encontrei Exu em uma noite de 2018 e confesso que não havia agendado esse momento. Naquela ocasião, os carros seguiam em ritmo acelerado, como sempre, assim como os pedestres. O encontro foi na Avenida Paulista, dentro do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). O silêncio no Museu era preenchido pelo som de uma gravação em vídeo de atabaques que convidavam os corpos a dançarem, mas ninguém dançava.

Na ocasião, a exposição “Histórias Afro Atlânticas”⁴³ estava em cartaz. Iniciei o meu percurso de viajante pelo espaço expositivo em busca de algumas obras como “Okê Oxossi” de

⁴⁰ No original: “El punto de partida de cualquier libro es un bosque. [...] viene la madera con la que se hace el papel.”

⁴¹ O trecho faz parte do depoimento de mãe Beata de Iemanjá, com 78 anos à época, narrando sobre o seu nascimento em uma encruzilhada e também sobre o que representa Exu na sua vida. A mãe de Beata estava grávida e foi pescar peixe em um rio quando a bolsa estourou. Ao sair da água e pedir ajuda, a menina nasceu em uma encruzilhada.

⁴² O pensamento de Beauvoir está presente na biografia *Simone de Beauvoir: uma vida*, escrita por Kate Kirkpatrick.

⁴³ A Exposição “Histórias afro-atlânticas” foi realizada entre junho e novembro de 2018 pelo MASP e pelo Instituto Tomie Ohtake. A Exposição reuniu “[...] uma extensa seleção de obras de arte e documentos relacionados aos ‘fluxos e refluxos’ entre a África, as Américas, o Caribe e também a Europa, ao longo de cinco séculos.” Nela estavam “[...] mais de quatrocentas obras vindas da África, das Américas e do Caribe, bem como da Europa, do

Abdias do Nascimento; “Opa Exin Kekere – Pequeno cetro de lança” de Mestre Didi, escultor, intelectual e escritor; e “A Permanência das estruturas” de Rosana Paulino, artista visual, pesquisadora e educadora. Nesse trajeto, vi a exposição completa e, pela carga de sensações recebidas e pela quantidade de obras expostas, avaliei que deveria voltar mais vezes para acessar e fruir outras camadas interpretativas.

Com a mente e o corpo cansados, segui até a livraria do MASP para ver o catálogo de textos da exposição. Li o sumário e me interessei logo pelo artigo “Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos” do antropólogo Vagner Gonçalves da Silva. O começo do texto dizia:

Argumento que **Exu**, devido ao seu caráter de mensageiro, é uma espécie de **mediador cultural**, fornecendo metáforas potentes para se pensarem as relações entre os grupos étnico-raciais que compõem a sociedade brasileira. (2018, p. 292, grifo nosso).

Os meus olhos percorreram os parágrafos do texto de forma rápida, num gesto leitor apressado que procura algo, mas sem saber exatamente o quê. Segui para os outros capítulos e algo pedia que eu voltasse e lesse o texto com calma, do começo ao fim, e tal sensação originou-se da frase: “Argumento que Exu, devido ao seu caráter de mensageiro, é uma espécie de mediador cultural, [...]”. Reiniciei a leitura.

Foi nesse momento que encontrei Exu: ele plantou uma dúvida na minha cabeça, fez uma estripulia no meu pensamento ao me deixar pensando e tentando decifrar outros motivos para encontrar as suas relações como mediador cultural, além das questões apresentadas por Vagner Gonçalves da Silva no seu texto. Uma das primeiras conexões, ali mesmo na livraria do MASP, foi de pensar nas relações entre Exu e mediadores de leitura. Lembro de dizer em voz baixa para mim mesmo: “Que coisa engraçada! Por que estou pensando nessa questão e por que estou intrigado com isso?”.

Como um Exu bordando o pensamento na encruzilhada, abandonei o catálogo na bancada, segui até um banco para pensar no que havia lido e fiquei observando quem passava pela Avenida Paulista. Assim, uma encruzilhada de três caminhos havia sido aberta no meu pensamento por Exu, mediador e pesquisador, pois a potência do orixá está presente tanto na atuação de um mediador quanto na de um pesquisador. Isto significa dizer que tal potência recai

século 16 ao 21”, segundo Heitor Martins e Adriano Pedrosa, respectivamente diretor-presidente e diretor artístico do MASP. (2018, p. 28).

justamente sobre a busca, sobre o conhecimento como caminho, dentre outras questões. Assim, posso chamar o mediador de leitura de Exu ou de Exu-mediador de leitura.

No MASP, eu olhava o corre-corre dos transeuntes enquanto refletia sobre as possibilidades poéticas entre Exu e o meu ofício, entre o orixá e as relações com o trabalho de outras mediadoras de leitura do projeto em que trabalhava na época.

Assim, surgiram outras perguntas a partir do trecho citado acima. Por que Exu tem caráter de mensageiro? Quais tensões, cuidados, afetos e conflitos podem existir na atuação de quem media uma mensagem? Por que Exu é uma espécie de mediador cultural? Quais situações estão abertas ao mensageiro, ou seja, em quais situações é possível ser mediador cultural? Eu seguia tecendo uma trama de relações a partir de tais reflexões. Nesse período, algo me inquietava, pois estava buscando uma possível “definição” para o que eu fazia como mediador para quando alguém questionasse: “O que é ser um mediador?”

Nesse sentido, a partir de meu ofício, entendo que o mediador de leitura (ou cultural) é a pessoa que cria condições para possíveis aproximações ou diálogos entre uma obra e espectadores, mas não de forma simplória. Nesse ato/encontro entre participante e mediador há diálogos, silêncios (gosto dessa sensação de suspensão ou vazio no espaço de mediação), provocações, acolhimentos das dúvidas, tensões e afetividades costuradas pelas falas ou pela obra, em um processo de retroalimentação entre ambos que tem origem em livros, filmes, peça de teatro, músicas e outros suportes artísticos como gerador dessa experiência.⁴⁴

Depois de encontrar Exu no MASP, fui para casa, mas algo havia ficado desse encontro com o orixá: um desejo de aprofundar a leitura sobre a entidade e mediadores culturais, com o intuito de tentar responder algumas perguntas que haviam sido criadas. Dessa forma, ao longo dos dias, as relações continuaram sendo fomentadas por meio do orixá, que é movimento e que propicia transformações, e dos “acontecimentos internos” e subjetivos de cada pessoa, que ocorrem quando se entra em contato com uma nova ideia.

Ainda sobre as reflexões feitas na noite em que encontrei Exu no MASP, havia a seguinte questão: Estaria no *corpus*-corpo de Exu uma potência para os mediadores de leitura

⁴⁴ Essa possível definição, além de ser realizada a partir da minha atuação como mediador de leitura dentro do espaço fabril, também é fruto das minhas experiências e reflexões ao trabalhar em espaços de arte-educação como a extinta Casa de Cultura e Cidadania de São José do Rio Pardo (SP), projeto via Lei Rouanet no qual Ana Mae Barbosa era uma das curadoras. Na Casa de Cultura trabalhei durante 4 anos em funções como produtor, educador social e assistente de direção. Essa definição também possui ecos da minha experiência durante quase dois anos de trabalho no Programa Fábricas de Cultura, projeto do governo estadual de São Paulo, que funciona em bairros afastados do “centro” paulista. No Fábricas trabalhei como Assistente da Subgerente do espaço, na área de Formação Cultural, isto é, setor responsável pela área de arte-educação.

incorporarem alguns dos seus saberes para “dançarem” e/ou dizerem a palavra e pensarem a palavra onde ocorre a mediação de leitura? O que é a palavra ou o que pode mobilizar a palavra?

Esse bordar via pensamento era realizado a partir da frase do texto e das outras leituras feitas: Exu como possibilidade para refletir sobre a mediação de leitura, a ginga do corpo dançante de um rodante⁴⁵ quando recebe o orixá em um terreiro e a coreografia que os corpos realizam durante a leitura, algo que também já tinha começado a pensar. Além disso, considerei a encruzilhada enquanto uma possibilidade de interpretar os espaços onde ocorriam as mediações de leitura.

Voltei ao mesmo texto no ano de 2019, durante o processo de escolha do tema de pesquisa de uma especialização na área de gestão e mediação cultural que eu cursava no Itaú Cultural⁴⁶.

Quando li o texto em 2018, eu era filho de santo de uma casa de candomblé de caboclo havia quase dois anos, na região do bairro de Itaquera, na cidade de São Paulo. Frequentei esse terreiro até o final do primeiro semestre de 2019 e lá eu era abian, ou seja, o não iniciado. Como abian, eu era cambono das entidades durante os atendimentos à comunidade, ou seja, eu era um mediador.

Nas práticas dos terreiros, as funções do cambono são múltiplas e diferem de uma casa para outra. Sobre o exercício de cambonear, o historiador Luiz Antônio Simas e o escritor Luiz Rufino (2018, p. 37) ressaltam que:

[...] o cambono é uma espécie de auxiliar de pai de santo e das próprias entidades que, ao mesmo tempo, atua como um “faz tudo” no terreiro: ele varre o chão, acende o cachimbo da vovó, sustenta o verso nos corridos, organiza a assistência, auxilia os consulentes, despacha a entrada, opera como tradutor nas consultas, registra o receituário, toma bronca e é orientado. Sem delongas, o cambono firma o ponto e segura a pomba em um terreiro.

Nesse exercício de cambonagem, eu era um mediador em algumas situações entre a entidade incorporada pelo médium e a pessoa atendida por ele. Além disso, dentre as questões sobre o cuidado com a palavra, havia também um processo de acolher a pessoa da comunidade

⁴⁵ Os pesquisadores Fabio Scorsolini-Comin, Ronan da Silva Parreira Gaia e a pesquisadora Helena Vilela de Godoy (2020, p. 39) explicam que: “Os grupos dos filhos de santos são diferenciados a partir do critério de experiência ou não com possessão. Eles são divididos entre os rodantes, aqueles que são tomados por suas entidades e são suscetíveis ao transe de possessão [...]” e outros filhos ou filhas que “[...] assumem funções específicas na casa e não têm a manifestação mediúnica de sua divindade.”

⁴⁶ No dia 05 de agosto de 2019, sobre a relação entre Exu e o meu ofício como mediador, em um caderno de anotação pessoal fiz uma colagem em duas páginas com um recorte de uma ilustração da década de 1930, que tinha rostos e bocas de homens e mulheres, mais uma linha vermelha simulando uma encruzilhada, local de mediação de Exu. Na página, escrevi a seguinte frase: “Mediador sempre na encruzilhada...Exu como patrono dos mediadores: leva/filtra/media/provoca/questiona.”

que passava pelo atendimento, escutar o dito, refletir sobre o falado, habitar o silêncio, escutar muitos segredos e guardá-los, dentre muitas outras conexões realizadas em um processo de mediação.

Sobre Exu, eu já tinha lido textos em que aparecia a palavra *mensageiro* ou *mediador*, todavia nunca havia feito a associação ou relação com o trabalho de mediação na área de leitura/cultural. Creio que essa ligação não tenha sido realizada antes porque eu não conhecia de forma tão aprofundada o ofício de um mediador, ou seja, eu ainda não exercia esse trabalho.

Entretanto, à época da leitura do texto na exposição “Histórias Afro-Atlânticas”, eu já trabalhava há quase um ano dentro de indústrias e empresas de pequeno, médio e grande porte, em diferentes cidades do interior de São Paulo. Avalio que essa junção entre Exu e mediadores de leitura só foi possível devido às minhas experiências no terreiro e como mediador, pois foi apenas a partir delas que passei a notar essa relação entre o orixá e os profissionais de mediação.

Nesse sentido, pode-se dizer que ocorreu um cruzamento entre o texto lido e a minha observação e participação enquanto frequentador de terreiros de candomblé, assim como a junção entre os meus saberes como mediador com os diálogos realizados com outras mediadoras. Tais experiências entraram em fusão para criar algumas metáforas sobre as relações possíveis entre o orixá, o ofício e o observador que é, ao mesmo tempo, participante e pesquisador. Nesse processo, escrevia sobre essas experiências e os atravessamentos do espaço de mediação em pequenas notas ou frases que surgiam durante o meu trabalho ou quando retornava do terreiro, principalmente à Nzó Kyloatala⁴⁷.

Nessa trajetória de pensamento, havia um questionamento: se Exu, entidade cultuada pelos povos de candomblés, transitava entre outros mundos e fazia mediação com outras entidades e com os humanos em diferentes espaços e por meio de falas e saberes diversos, então o orixá conjuga diferentes saberes e conhecimentos para esse diálogo, ou seja, fala outras línguas para mediar essa conversa e realizar essa comunicação.

Ao comparar a atuação de Exu com um mediador, cruzar suas práticas a partir da minha experiência e avaliar o trabalho de outras mediadoras do projeto, eu e essas profissionais encontrávamos e dialogávamos com pessoas de realidades sociais distintas dentro das indústrias e empresas. Para esse diálogo, também operávamos múltiplos saberes. Com isso, acessávamos e usávamos diferentes conhecimentos para mediar o livro e a leitura e, assim, “bebíamos” dos

⁴⁷ A partir de novembro de 2019, passei a ser filho da Nzó Kyloatala, terreiro de nação congo-angola, localizado na cidade de Embu-Guaçu (SP). Nessa roça, sou *Ndûmbe*, isto é, o não-iniciado ou aquele que está chegando e sendo ensinado pelos mais velhos de casa. Também trago para esse estudo as experiências de outras casas de santo que conheci, fui filho por algum tempo e frequentei como visitante curioso.

saberes e vivências pessoais do participante para construir narrativas no ato da mediação de leitura. Nessas ações, concluí que operávamos uma costura dialógica por meio da escuta e do falar de forma acolhedora para acessar os interagentes da mediação.

Assim como os interagentes na mediação, usei minhas vivências e experiências na reelaboração das dinâmicas de Exu. Por exemplo, sabia que Exu é cultuado dentro de um terreiro de candomblé. Portanto, considerei a atuação do orixá – que está sempre ligado a alguma casa de santo, espaço educativo e de mediação de saber ancestral – e cruzei as possibilidades imaginativas e educativas desses lugares com os locais onde eu realizava mediação, isto é, os espaços dentro das indústrias e empresas. A partir disso, concluí que os espaços-fábricas onde ocorriam as mediações poderiam ser interpretados a partir dos saberes de terreiros de candomblés, ou seja, o local das mediações poderia ser visto como um território equipado de outra lógica para *sentir* e *estar* na sociedade. Além disso, considerei as outras possibilidades de gestar o pensamento e, talvez, pensar a vida por meio dos livros e das sensibilidades leitoras.

Do terreiro, trouxe outras questões para refletir sobre os locais onde aconteciam as mediações de leitura. Todo filho ou filha de santo tem um assentamento⁴⁸, elemento de ligação entre essas pessoas e o seu orixá. Sendo assim, passei a relacionar a construção do acervo e os livros dispostos nas mesas – destinados ao empréstimo e às mediações dentro das indústrias e empresas – como “assentamentos”.

Nesse presumir e relacionar entre assentamento de santo e um acervo, fazia a conexão entre as possibilidades imaginativas que podem ocorrer do encontro entre leitoras, leitores e livros. Dessa forma, tal encontro configura-se como uma via para acessar outros meios de conhecimento e aberturas de outras leituras de mundo e de reflexão da própria vida.

Quando comecei a trabalhar no projeto, sempre que me encontrava com as outras mediadoras, eu perguntava: em qual local você realiza mediação? A maioria das respostas era que a mediação dentro de indústrias e empresas ocorria em lugares de passagem ou nas portas

48 Nessa pesquisa não abordarei a construção do acervo a partir do assentamento de orixá, mas a partir da cerimônia do padê para Exu. Segundo o Dicionário Aurélio (2010, s/n), um dos significados para a palavra assentamento é o “ato ou efeito de fixar-se” ou “de estabelecer residência em determinado lugar”. Na esfera religiosa, mais especialmente dentro das religiões de matriz afro-brasileira, Nei Lopes (2004, p. 77), ressalta que o assentamento pode ser definido como “um conjunto de objetos simbólicos que, reunidos e convenientemente tratados, concentram o axé do orixá de determinada pessoa ou coletividade. Seu principal elemento é o otá”, isto é, uma pedra sagrada. Em uma casa de santo é no assentamento de cada filho ou filha onde são feitas as trocas de energias, as ligações e os diálogos com o sagrado. Luiz Rufino (2019, p. 100), ao pensar a terminologia de assentamento e o processo de diáspora africana no Brasil, ressalta que “o *assentamento* é chão sacralizado, é morada de segredos, é lugar de encantamento, é corpo ancestral, é onde se ressignifica a vida.”

dos refeitórios. E, da mesma forma, eu também sempre realizava as mediações nas portas dos refeitórios ou em outros espaços de passagem e cruzamento.

O local de morada e atuação de Exu é a encruzilhada. Ele também vive em esquinas, mercados e porteiras, ou seja, lugares de trocas. Sendo assim, passei a relacionar os espaços de mediação dentro das indústrias e empresas com as encruzilhadas em que Exu mora, poetiza, silencia e trabalha.

Pensar em encruzilhada é refletir sobre caminhos. O espaço de mediação de leitura e de livros configura-se como local de possibilidades, onde as histórias dos livros podem ser interpretadas de diferentes maneiras pelas leitoras e pelos leitores, a partir do repertório cultural e de vida. Essa diversidade presente no olhar e no sentir durante a experiência com a obra pode ser lida tanto enquanto aberturas de caminhos quanto fechamento de caminhos, questões intrínsecas à atuação e ao trabalho de Exu.

Na encruzilhada-espaço em que ocorriam as mediações, essas leitoras e esses leitores muitas vezes me surpreendiam ao gestarem sentidos ou apontamentos sobre os livros. Para o mediador, por meio dessa provocação de sentidos feitas pelos interagentes da mediação, a obra era percebida com outro olhar. Eram saberes e vivências sobre a leitura que foram despertadas por um estímulo externo oriundo dos sentimentos do leitor/leitora ao ler a obra. Os leitores e as leitoras “pescavam” palavras ou frases do livro em mediação que abriam interpretações outras, feitas por mim.

Para mediar, a oralidade é o ato “visível” dessa enunciação, pois ela dá “vida” à palavra escrita nos livros. Nesses momentos, a fala pode ser bendita, ou seja, um dizer que pode desvelar possibilidades interpretativas, criar laços e aproximar pessoas e obras. O “bem dizer” da palavra poderia ser lido como a potência criativa de vida do axé dos terreiros. O contrário desse não axé seria a palavra “mal dita” (maldita), isto é, o dizer que afasta as pessoas da leitura, que distancia os corpos do espaço de mediação e que, ao invés de criar entendimentos, favorece uma linguagem violenta.

Assim, considerando que em uma casa de santo existe o axé, força que mobiliza e dinamiza os acontecimentos da vida, comecei a pensar a palavra dentro da mediação de leitura a partir do axé dos terreiros de candomblé e suas mobilizações e dinamizações de saberes múltiplos por meio da fala e do que pode movimentar a palavra.

Nesse contexto, ao longo do tempo surgiram mais algumas perguntas: de que forma ocorreria o cruzamento poético, mediativo, afetivo, educacional, polifônico e dialógico entre os saberes do orixá Exu e os praticados por mediadoras/es de leitura durante o exercício da sua

atividade, ou seja, mediando livros e literatura? Como mediadores e o orixá poderiam dialogar a partir de uma perspectiva ou de um caminho?

Gestado entre a teoria proveniente das leituras e da minha experiência – tanto mediando livros e leitura como a dos terreiros de candomblé – esse itinerário, ou “vai e vem” do pensar, ganhou “vida” em notas no meu celular, nas conversas com outros mediadores/as, e ao escutar, sentir e conversar com Exu.

Entre 2018 e 2020, pacientemente como quem colhe letras caídas de uma chuva e as une para formar uma frase, anotei em *post-its* colados na parede da sala da minha casa palavra por palavra sobre o que pensava dessa relação entre Exu e mediadoras/es de leitura, das suas possíveis definições e, ainda, das ligações entre o espaço de mediação e terreiros de candomblé.

Quando uma mudança de casa foi necessária, as palavras dos *post-its* foram retiradas e coladas posteriormente na parede da sala do meu outro lar, na mesma sequência em que foram pensadas e escritas. Essas palavras eram uma espécie de mapa de “países” por onde o meu pensamento já havia estado/caminhado, a partir do que cruzava entre a teoria dos livros e a minha prática como mediador de leitura e como filho de santo.

A única frase escrita, colada como uma pergunta (à qual não obtive resposta!) e que interrompeu o fluxo de palavras foi: “Mediar tem isso?”. Além disso, ao longo de dois anos, as palavras anotadas foram:

Axé. Movimento. Confusão. Dúvida. Encanto. Sabedoria. Potência. Resistência. Atravessamento. Inquietude. Alargamento. Aproximação. Certeza. Leveza. Incerteza. Cruzamento. Poesia. Insegurança. Caos. Vazio. Construção. Afeto. Gentileza. Fúria. Indignação. Valentia. Malandragem. Racionalidade. Justiça. Rebeldia. Transgressão. Pedagogo. Possibilidade. Plural. Dialógico. Polifônico. Caminho. Comunicação. Ação. Reflexão. Respeito. Acolhimento.

Mediar tem isso?

Liberdade. Partida. Chegada. Ginga. Encruzilhada. Criativo. Tensionador. Educador. Ambivalência. Peripécia. Corpo. Complexo. Ambíguo. Polivalente. Compreensivo. Independente. Poético. Político. Ético. Inacabado. Possibilidade. Força. Resgate. Luz. Segurança. Averso. Troca. Rasgo. Vastidão. Invenção. Território. Plantio. Desvio. Desordem. Estripulia. Imaginação. Pensamento. Infinitude. Mediação. Inacabado. Escuta. Abandono. Desencanto. Imprevisível. Aberto. Possibilidade. Sedução. Curiosidade. Negociação. Ausência. Presença. Troca. Palavra. Brecha. Silêncio.

A palavra “Silêncio” foi a última escrita e colada na parede. Talvez a palavra refletisse o momento de incerteza e o encerramento das atividades em vários setores, em decorrência da pandemia causada pelo Covid-19.

O mundo acordava, dormia e levantava novamente com uma cortina de incerteza perante a doença. Com o tempo, essa incerteza ganhou forma de certeza, uma certeza banhada na dor, no luto e na tristeza pelas pessoas que morriam, afetadas pelo vírus recém-descoberto. Essas mortes deixavam os corpos tristes, e o meu corpo de pesquisador-mediador também ficou triste.

Entretanto, as mediações já não estavam sendo mais realizadas muito antes disso⁴⁹. Nesse período pandêmico, o meu contrato de trabalho foi rescindido no dia 18 de maio de 2020, junto ao de outras colegas mediadoras na mesma empresa.

A palavra silêncio fazia cada vez mais sentido.

A partir das palavras coladas na parede de casa, percebia que o que havia de saber na atuação do orixá existia na atuação dos mediadores de leitura, isto é, questões relacionadas a trânsitos, mediações, afetos, ditos e interditos, possibilidades, tensões, dentre outras questões provenientes do espaço de mediação.

A interpretação desse processo – que envolve a leitura do texto de Vagner Gonçalves da Silva no MASP, a minha prática de mediação, os meus trânsitos pelos terreiros de candomblé e a escrita de todas as linhas anteriores – pode ser feita a partir da autoetnografia, metodologia que também adoto nesse estudo:

Neste caso, a trajetória de dentro para fora da autoetnografia também descreve como começamos um projeto de pesquisa. Muitas vezes, os projetos de investigação começam com acontecimentos que nos transformam (o nosso pensamento, sentimentos, senso de si e do mundo) e também aos outros (nossos amigos e famílias, membros das nossas comunidades sociais, políticas e culturais, e outros que são diferentes de nós) do avesso. (SANTOS, 2017, p. 232).

A autoetnografia teve um papel importante na criação de outras leituras de mundo sobre determinados assuntos e permitiu outras possibilidades de produzir conhecimento dentro da academia, ou seja, algumas narrativas puderam ser contadas, estudadas e interpretadas por quem as viveu/vive. A pesquisadora Carolyn Ellis e os pesquisadores Tony Adams e Arthur P. Bochner citam que, além de ser um contraponto às “verdades científicas”, a autoetnografia é

⁴⁹ Ainda antes da pandemia, no começo de 2020, por uma decisão da instituição as mediações de leitura dentro das empresas e indústrias só seriam realizadas caso o mediador ou a mediadora desejasse ou a indústria ou empresa participante do projeto solicitasse. Os mediadores/as de leitura ainda seriam responsáveis pelo acervo, seleção e retirada dos livros que seriam feitas pelas indústrias na sede da instituição gestora do projeto. A nova função profissional dos/as mediadores/as estaria voltada para algumas outras questões, como cuidar da programação e produção das atividades do Teatro para as unidades que possuíam esse equipamento cultural, ou seja, o mediador/a dentro dessa nova concepção de trabalho passaria a ser um produtor.

uma metodologia que ganhou força no meio acadêmico na década de 1980. Ellis, Adams e Bochner, a partir do pensamento de Agnes Riedmann, Carolyn Ellis e Dwight Conquergood, concluem que o fazer por meio da autoetnografia questionava algumas questões e:

[...] havia uma necessidade crescente de resistir ao colonialismo, aos impulsos hegemônicos de pesquisa que se inscrevem de forma autoritária em uma cultura para explorar os seus membros, e depois, sem nenhuma preocupação, partem e escrevem para obter benefícios econômicos ou profissionais, ignorando laços com os membros do grupo pesquisado. (ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2019, p. 19, tradução nossa).⁵⁰

Portanto, como ressalta a antropóloga francesa Michèle Petit (2008a), no prólogo da obra *Una infancia en el país de los libros*, toda pesquisa tem um conteúdo autobiográfico. Logo, o escrever, o pensar e o investigar nessa pesquisa possuem tanto aspectos teóricos sobre os assuntos que serão abordados quanto questões da minha prática como mediador de leitura, os atravessamentos dos terreiros de candomblé por onde passei, visitei ou fui filho, incluindo aquele do qual atualmente sou filho de santo, no caso, a Nzó Kyloatala.

Encontrar Exu – aquele que rege a comunicação e a palavra – dentro do MASP e encontrar uma mediação do orixá no texto de Vagner Gonçalves da Silva foi uma mediação-convite para unir todos esses fios-experiências, há muito separados. Logo, a pesquisa surgiu a partir desse diálogo, cruzamento de experiências, metáforas criadas entre a minha atuação de mediador de leitura e as sabedorias praticadas pelo orixá nos terreiros de candomblés.

Encontrei com Exu dentro do MASP, mas ao sair do Museu, sei que ele continuou andando comigo e gerando outras dúvidas, como: onde o orixá e um mediador de leitura poderiam dialogar? O que há na poética de Exu que pode auxiliar na interpretação do trabalho de um mediador ou de uma mediadora de leitura? Como pensar a palavra dentro da mediação de leitura a partir de Exu?

⁵⁰ No original: “[...] había una necesidad creciente de resistir al colonialismo, a los estériles impulsos de investigación que se inscriben autoritariamente en una cultura para explotar a sus miembros, y después, despreocupadamente, partir y escribir para obtener beneficios económicos o profesionales, ignorando lazos con los miembros del grupo investigado.”

3.1 O mediador: o coração da palavra

Do continente africano, Exu atravessou o mar no *muxima*⁵¹ de homens e mulheres que foram arrancados violentamente de suas terras. No novo território, mesmo diante de incontáveis violências físicas, verbais e psicológicas, esses povos plantaram e enxertaram com saberes a terra onde chegaram e, com isso, como ressalta o poeta baiano, educador e músico Tiganá Santana (2021, p. 84), inventaram “candomblés, palos, chulas, candombes, ferramentas, agriculturas, edificações, rosários, moçambiques, cânticos de trabalho, pontos riscados, imagens, enunciações, performances e inteligências.”

A oralidade foi um dos suportes para semear e transmitir esses diversos saberes, pois como avalia o filósofo Wanderson Flor do Nascimento (2018, p. 09), “a memória não é só feita de imagens, ela é erigida em palavras, que se modificam e modificam que as ouve, quem as lê, quem as escreve”. Se a memória é construída por meio de palavras, e na de muitas pessoas Exu é o diabo⁵², porém, na minha memória: “Exu é minha vontade de dizer poesia.” (MOREIRA, 2020, s/n)⁵³.

É justamente pela oralidade-palavra que as relações entre o orixá e a linguagem (escrita ou falada) podem ser percebidas como uma das suas principais atuações, ou seja, como mediador. Importante frisar que diante das várias nações de candomblés e perante outros processos referentes à formação das religiões de matriz afro-brasileira, nas quais a figura de Exu está presente, o recorte/mediação feito nesse estudo sobre o orixá é alusivo ao seu caráter de mediador das palavras-línguas, além de ser morador e regente dos acontecimentos presentes e possíveis nas encruzilhadas, nos caminhos e em outros lugares de passagens.

⁵¹ Na língua Kimbundu significa: “Coração; íntimo; consciência. Voz secreta. Fig. Regaço; colo; seio.” (ASSIS JÚNIOR, 1958, p. 325). Muxima também é o nome de uma Vila, localizada estrategicamente às margens do Rio Kwanza e que ficava também a 150 km de Luanda. A Vila foi ocupada em 1589 pelos invasores portugueses, que no local posteriormente construíram uma fortaleza e a igreja de Nossa Senhora da Conceição, chamada pelos angolanos de “Mama Muxima”. O objetivo principal da construção da igreja era de reforçar a presença da religião católica na região (FERNANDES, 2014), além do local ser usado para o batismo das pessoas vendidas como escravizadas e que seriam traficadas para outros territórios, como as Américas, via foz do Kwanza. (CORREIA, 2019, s/n).

⁵² Sobre a demonização de Exu pela igreja católica e, atualmente, pelas neopentecostais, Vagner Gonçalves da Silva (2022, p. 32) diz: “Se Exu virou ‘demônio’ nos terreiros sob a óptica cristã, nas últimas décadas, o demônio virou ‘Exu’ e vive ‘baixando’ nas igrejas neopentecostais, de onde é expulso, mas sempre volta, em um processo que entrelaça proselitismo evangélico, intolerância religiosa, desqualificação das religiões afro-brasileiras e racismo.”

⁵³ Frase de uma das intervenções poéticas do projeto “Ladrilha”, criado pela escritora Fernanda Moreira. A artista realiza intervenções no espaço público por meio da escrita de poesias autorais em azulejos e que posteriormente são colados em muros.

Em um *ítán*⁵⁴ narrado por Vagner Gonçalves da Silva (2019), Oxalá pediu a Exu que servisse a melhor e mais saborosa refeição do mundo. Exu, arteiro e esperto que é, ao escutar o pedido de Oxalá, foi ao mercado, comprou língua bovina, preparou-a e serviu ao orixá.

Oxalá saboreou a iguaria e concluiu que havia sido a melhor refeição que já havia comido. Diante desse acerto de Exu, o orixá pediu que ele preparasse mais uma refeição no outro dia, mas que esta fosse considerada a pior do mundo. Exu ouviu o pedido e preparou língua bovina mais uma vez. Oxalá não entendeu muito bem o motivo e questionou sobre as razões de servir o mesmo prato que ele havia considerado saboroso. Exu, como um mestre arteiro que sabe brincar ou confundir por meio das palavras, respondeu que a língua pode ser boa ou ruim, dependendo somente do uso que se faz dela.

A partir do *ítán* narrado pelo autor, pode-se perceber um dos muitos motivos pelo qual Exu é considerado o mediador, o regente mór da palavra, da comunicação e poesia. Como mediador, ao conhecer e habitar o mundo das palavras, ele gosta e “[...] provoca confusões por meio, sobretudo, da *fala* ou da *língua* (usada na comunicação como veículo de transmissão de verdades ou mentiras).” (SILVA, 2019, p. 124).

Por meio do *ítán*, ainda é possível compreender a necessidade de se pensar na importância da linguagem, tanto a escrita ou falada, como potência educativa dentro de um processo de mediação de leitura, que pode ser pensada como uma língua/linguagem que metaforicamente “[...] “corta”, ou “língua afiada”, que provoca rupturas, dissensões ou movimento.” (SILVA, 2019, p. 127).

Ao brincar com Oxalá a partir da metáfora da comida/língua, Exu criou uma provocação, uma desordem momentânea, pois rasura o significado da língua bovina para fazer com que Oxalá refletisse sobre o que pode a língua-linguagem. Em outras palavras, Exu testa e extrapola o sentido denotativo do prato para outras significações, ou seja, a linguagem falada ou escrita como possibilidade de criar algum sentido ou situação.

Ao trazer Exu para pensar a mediação de leitura, o corpo do mediador e os seus processos de mediação, o orixá auxiliará a refletir sobre como o conhecimento, o saber gerado pelas palavras e o espaço onde ocorria a mediação de leitura dentro de indústrias e empresas configuram um campo de possibilidade educativa e de produção de saber sensível e poético.

⁵⁴ A antropóloga argentina Juana Elbein dos Santos (2012, p. 57) diz: “A palavra nagô ‘*ítán*’ designa não só qualquer tipo de conto, mas também essencialmente os *ítán àtówódówó*, histórias de tempos imemoriais, mitos, recitações, transmitidos oralmente de uma geração a outra, particularmente pelos *babaláwo*, sacerdotes do oráculo Ifá. Os *ítán-Ifá* estão compreendidos nos duzentos e cinquenta e seis ‘volumes’, ou signos, chamados *Odù*, divididos em ‘capítulos’ denominados ‘ese’.

Uma dessas possibilidades pode ser percebida a partir de Luiz Rufino, em suas considerações sobre as relações entre o orixá e a linguagem:⁵⁵

Exu emerge como potência para examinarmos os fenômenos constituídos no campo da linguagem, uma vez que é o comunicador por excelência. Exu é o linguista e intérprete do sistema mundo. Dessa forma, é um princípio necessário para o diálogo, elemento fundamental para qualquer processo de produção de conhecimento e da própria condição humana. (RUFINO, 2019, p. 43)

A partir de Rufino e das minhas experiências dentro dos terreiros, Exu será um dos aportes para pensar a atuação de um mediador de leitura, a palavra, os meus trânsitos como mediador nos locais onde eram realizadas as mediações dentro das indústrias e empresas e as minhas relações de mediador com a linguagem escrita, falada, visual, com o corpo-linguagem e com os silêncios. Esse processo de conexão e interconexão de pensar a linguagem a partir de diferentes situações pode ser refletido sob o cerne da filosofia africana, como reflete a educadora baiana Vanda Machado (2010, p. 8):

O pensamento africano não separa, não hierarquiza. Corpo, mente, memória, tradição, sentidos, imaginário, símbolos, signos, espiritualidade e as vivências cotidianas, tudo faz parte de uma tradição na sua multidimensionalidade, que não se presta a explicações reduzidas, a categorias que fragmentam sentidos.

Pensar um processo de mediação de leitura a partir de Exu é cogitar a palavra como uma possibilidade de rompimento linear do pensamento, de estar no mundo ou do viver perante a anestesia que a sociedade, com os seus diversos mecanismos de controle social, aplica nos corpos. Trata-se de refletir sobre a palavra que estanca violências, sobre a dissolução das interpretações fechadas sobre a realidade e de um estar sempre aberto à incerteza que gera processos de transformação do pensar e sentir. Por que Exu nos faz pensar assim?

Ele é o grande comunicador, o intermediário entre os deuses e os homens, o restaurador da ordem do mundo, mas, ao mesmo tempo, como senhor do acaso no destino dos homens, desfaz as abordagens conformistas do universo, ao introduzir a desordem e a possibilidade de mudança. (CAPONE, 2018, p. 64).

A partir do pensamento de Stefania Capone, ao trazer a questão da desordem, da desconstrução de olhares conformistas ou, ainda, das rasuras feitas pelo orixá, pode-se adotar essas características sobre Exu para pensar a mediação de leitura como uma possibilidade de

⁵⁵ Além de Vagner Gonçalves da Silva (2018, 2022) que aborda Exu como mediador cultural e relacionado à palavra/linguagem, outras autoras e autores destacam o orixá dentro do campo da palavra/comunicação e surgem “definições” da entidade como mensageiro (VERGER, 2019; PRANDI, 2001), comunicador (RUFINO, 2018; CAPONE, 2018; POLI, 2019), tradutor-intérprete (SILVA, 2019), princípio da comunicação (SANTOS, 2012; SANTOS, 2014), linguista (MARTINS, 2021a), fiel à palavra (SÁLAMI; RIBEIRO, 2011), comunicador (NASCIMENTO, 2018).

questionamento e reflexão do ofício de um mediador de leitura e de sua postura dentro do espaço onde ele realiza mediação.

A sensibilidade dos sentidos de Exu, na encruzilhada ou dentro de um terreiro, observa quem chega, quem sai e quem está presente. Sempre me questiono, o que os sentidos de Exu veem ou sentem? O que o orixá olha? O que sabe? Só ele sabe e, em algumas situações, fala sobre o que percebe! Essa sensibilidade de Exu provém de seus trânsitos, por habitar um mundo de “sentidos sensíveis” chamado linguagem.

Exu é um ser “andarilho, mensageiro, comunicador afeito à política” e tem as palavras como guia. Por ser o “pai” delas, ele é o “senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda *com* as palavras, anda *nas* palavras, anda *pelas* palavras, *anda as palavras*”, como ressalta Wanderson Flor do Nascimento (2018, p. 9).

Se Exu, como mediador, “vive” nas palavras e é um ser político, para andar com as palavras há uma exigência ética dos sentidos e um “jogo de cintura”, ou seja, saber o momento “certo” para dizer as palavras, intercalar as falas e costurar os sentidos do diálogo em determinadas situações. A partir dessa constatação sobre a relação do orixá com as palavras – ou até mesmo de um mediador – concluo que estar e ser mediador de leitura também é fazer política com as palavras, ou seja, como afirma Carlos Skliar (2014a, p. 35):

Estar juntos, olhando-nos nos olhos, para que, afinal de contas, exista a linguagem, exista o mundo.
Conversar no mundo e sobre o mundo, tecer a linguagem, olhar-nos nos olhos, fazer aquilo que é comum [...].

Diante da ligação ética, política e poética de Exu com as palavras, o convite do orixá ao ser aportado para pensar a mediação de leitura no presente estudo é um chamado poético para que mediadores e mediadoras de leitura possam morar na atmosfera política e poética do mundo por meio da língua-linguagem, escrita ou falada. Esse “morar” na linguagem polinizaria e povoaria os espaços onde habitamos, atuamos e fazemos mediação. O possível resultado desse “morar” seria o nascimento de outros estados para/de estar no mundo via conhecimento, educação e poesia.

Ao fazer mediação, Exu é a própria palavra encarnada e viva. E o mediador de leitura também é. Pode-se pensar que quem fala a palavra tem um compromisso social, ético e histórico com a fala. A partir de Exu, avalia-se que quem fala está sendo o coração da palavra. O mediador é a linguagem proferida, assim como Exu é a palavra:

As possibilidades vão assim emergindo, rompendo com os limites impostos pelo regime colonial, para, na linguagem, revirarem mundos e apresentarem outras rotas. A linguagem não é meramente um ato a ser executado, é a própria existência do ser em sua radicalidade, diversidade e imanência. Na linguagem, o ser se encarna em muitos e encarna tantos outros, dribla, finta, ginga e desdiz. A linguagem nos permite o escape a toda forma de controle e limitação. Se Exu é o signo que fundamenta uma teoria da vida, como também é princípio propulsor da linguagem, ele nos revela a dimensão imbricada à arte, ao conhecimento e à finitude. (RUFINO, 2019, p. 115).

Se Exu habita uma casa feita de palavras ou anda com as palavras por meio da comunicação, como seria possível articular uma mediação de leitura por meio desse viver do orixá, para sentir-perceber o mundo e a vida? Por meio do pensamento da escritora colombiana Yolanda Reyes (2012, p. 26), Exu responderia que:

[...] “essas casas de palavras”, a literatura deve ser lida – vale dizer: sentida – a partir da própria vida. Quem escreve deve estrear as palavras e reinventá-las a cada vez, para lhes imprimir sua marca pessoal. E quem lê recria esse processo de invenção para decifrar e decifrar-se na linguagem do outro. É esse o processo complexo que implica, para dizer o mínimo, dois sujeitos, com toda a sua experiência, com toda a sua história, com suas leituras prévias, com suas sensibilidades, com sua imaginação, com seu poder de situar-se para além de si mesmos. Trata-se de uma experiência de leitura complexa e, deve-se dizer, difícil. Mas passível de ser ensinada. E, para ensiná-la, convém partir de sua essência.

Por meio de sua fala, Exu ou *Mpambu Njila* no terreiro imanta corpos parados/anestesiados para o movimento, ou seja, para a vida⁵⁶. Esses corpos muitas vezes estão desanimados ou amortecidos para os acontecimentos da vida que ocorrem por meio de violências diversas e de abandonos praticados e reforçados pelas questões sócio-históricas e estruturais praticadas pelo Estado brasileiro e pelas elites, que se beneficiam dos privilégios dessas ações – via capitalismo, marginalização ou encarceramento da população pobre, preta ou periférica, e das violências constantes contra os corpos de mulheres e suas subjetividades.

Essas violências adentram os corpos e acabam se instalando como cupins para roer a madeira, enfraquecendo o *sangue/encantamento/palavra* que corre nas veias da vida. Os abandonos e o controle das sensibilidades e dos corpos também estão presentes em outras esferas, por exemplo, fora das dinâmicas não-raciais, mas que afetam as emoções e provocam esse sentimento (as perdas da vida, a morte, os términos, as doenças, dentre outras situações várias).

⁵⁶ Essa reflexão é proveniente das observações e experiências do pesquisador a partir dos trânsitos pelas casas de santo pelas quais passou ou por conversar com Exu e pelas provocações que a entidade realiza dentro dos terreiros. Também é fruto de suas observações de quando era cambono no terreiro de candomblé de caboclo na periferia paulistana entre os anos de 2016 a 2019.

Esses abandonos ou amortecimentos dos corpos em decorrência do controle social praticado pelo estado e pelas elites podem ser interpretados a partir do pensamento do filósofo Michel Foucault (1999). O autor ressalta que esses mecanismos de controle desarticulam o sensível presente nos corpos e o resultado é uma recomposição/criação de corpos servis/“dóceis” para não somente fazer o desejado, mas para um fazer orientado para um *desejo/imposição* da vontade do outro/classe. Com isso:

A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta a força do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão e uma dominação acentuada. (FOUCAULT, 1999, p. 119).

“Quem disse que só se morre uma vez?”⁵⁷

A partir da performance de Exu com as palavras, penso a minha atuação como mediador. Ao realizar a leitura de algum trecho ou poesia, ao falar sobre livros e leitura com os operários e operárias no espaço de mediação dentro das indústrias e empresas, o desejo era que o meu dialogar imantasse os corpos dessas pessoas de vida e sentidos, de atenção, de anseio de pronunciar as palavras guardadas, de ler ou escrever a sua própria palavra.

Se Exu *mora/é* a palavra, ele poderia aconselhar mediadores de leitura a banharem suavemente a palavra no molho de pimenta⁵⁸, que o orixá tanto adora, e depois no pote de mel, com o intuito de criar uma linguagem do encanto para um falar “afinado” para dizer algo, para provocar, construir e questionar de forma amistosa o mundo.

Muitas vezes, porém, Exu diria que essa palavra precisa ser falada mais alto para ser escutada, ou até mesmo “gritada” para construir uma atmosfera de silêncio. Durante esse silêncio provocado pelo “grito”, poderíamos enxergar, escutar, sentir e perceber algumas situações que estão ao nosso redor, mas passam despercebidas diante de tantos ruídos que deixam os nossos corpos insensíveis.

⁵⁷ Frase do poema “Sequelas...e...sequelas” de Austregésilo Carrano Bueno (2001, p. 5) presente no livro *Cantos dos Malditos*, que inspirou o filme “Bicho de sete cabeças”.

⁵⁸ “As pimentas também compõem os pratos típicos de Exu. Por serem espécies vegetais que, devido a seus alcaloides, provocam ardência, aumento do fluxo sanguíneo e uma sensação de ‘queimadura’ na boca, estão associadas ao sabor picante ou ‘quente’ que, em termos simbólicos, representa o dinamismo e a força da entidade.” (SILVA, 2022, p. 207). Ou seja, “molhar” a palavra no molho de pimenta tem como objetivo dinamizar acontecimentos por meio da linguagem, “acordar” os sentidos do escutante ou mesmo de quem pronuncia as palavras.

A partir da minha experiência dentro das indústrias e empresas e por presenciar Exu dizer a palavra, nesse processo de mediação, tanto nas instituições pelas quais passei e até mesmo dentro do terreiro, o dizer a palavra ao realizar mediação é constituído de afeto, mas também de tensões. Assim, pode despertar afetos e outros sentimentos no leitor, como raiva ou angústia. A palavra é dita de forma suave, mas pode ser carregada de violências e, com isso, quem escuta é atravessado com acolhimento ou ressentimento.

Pensar uma mediação de leitura a partir dos cruzos e rasuras possíveis entre mediador e leitor, entre as histórias de ambos, entre o popular e o impopular, entre a rasura e a invenção, entre os ditos e desditos e entre os diversos cruzamentos pode ser uma tarefa imaginada que leva a poética dos cruzos de Exu como pedagogia.

Como mediador, Exu muitas vezes “zomba” das questões seculares pré-estabelecidas ou enraizadas nos corpos e nas mentes por meio de palavras, risadas e movimentos corporais. O “zombar” de Exu é uma forma de falar e questionar os poderes de controle constituídos e instituídos e que estão presentes em diferentes esferas na sociedade. Por meio de movimentos múltiplos, o orixá aponta que nada deve estar encerrado, que há câmbios possíveis. Exu tem o saber e a linguagem como elementos para desconstruir o que está posto, pois o orixá é um:

Deus de múltiplos rostos e múltiplas origens, Èṣù-Legba também exerce uma verdadeira crítica do poder e dos poderosos. Ele é a única divindade que pode fazê-lo, ao introduzir a liberdade em um sistema fechado e prefixado. Por sua falta de respeito, sua irreverência e sua contestação das regras sociais, Èṣù-Legbá encarna na tradição africana o que Georges Balandier chama “a lógica do político”. Na verdade, a maioria dos mitos relativos a Èṣù-Legbá são mitos de inversão da ordem social. Assim, Èṣù tem duplo papel: por um lado, é o transgressor das regras, o contestatário da ordem estabelecida; por outro, representa o símbolo da mudança nessa mesma ordem, ao explorar as possibilidades inerentes ao *status quo*. (CAPONE, 2018, p. 72).

Essa transgressão educativa e poética pode ser notada por meio de alguns orikis de Exu que transgridem a ordem estabelecida. O pesquisador e educador Ivan Poli ressalta que alguns orikis⁵⁹ de Exu devem ser interpretados de forma mais abrangente, ou seja, a leitura deve perceber além do que as palavras literalmente dizem. Para esse exercício, Poli (2019, p. 72-73) avalia que devemos pensar o contexto e o papel social de quem desobedece a regra ou participa da situação:

Ao fazermos a imagem do verso: “Exu derruba sal no molho”, compreendemos perfeitamente o papel deste transgressor em uma relação simbólica de rivalidade (com que fez o molho).
[...]

⁵⁹ Para conhecer outros orikis de Exu, confira: VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África**. São Paulo: Edusp, 2019.

Quando o oriki faz a imagem: “Ele olha calmamente derramarem pimenta na vagina de sua sogra”, quer nos chamar a atenção para o fato de que a relação de respeito que a senioridade impõe está sendo desafiada, através de uma imagem que igualmente deve causar grande impacto no imaginário de quem ouve e recita o verso.

Diante do exposto sobre Exu, é possível lê-lo como um anti-educador ou um deseducador dos sentidos e de sentidos. Por meio dessas transgressões feitas com a palavra, o orixá restituiria alguns sentidos perdidos ou atos educativos como uma espécie de “recuperação”, criação ou instituição de uma linguagem esquecida. Tais procedimentos podem ser um aporte poético para se pensar o *corpus*/corpo da atuação ou daqueles que estão presentes no fazer mediação de leitura, pois Exu realiza transgressões por meio da linguagem e, como escreve o poeta e mediador de leitura argentino, Roberto Juarroz (1991, p. 121, tradução nossa):

[...] Uma palavra é toda a linguagem,
Porém é também a fundação
de todas as transgressões da linguagem,
a base onde se sustenta sempre uma antilinguagem [...]⁶⁰.

Por meio do falar, da leitura dos corpos ou da interpretação das palavras e dos gestos, a linguagem praticada por Exu dentro de um terreiro inverte e questiona a ordem social que controla ideias, corpos e saberes. Exu – também mediador de leitura – atua como o mediador da comunicação e da poesia, conhece os caminhos da palavra, sabe onde achar as palavras e, com isso, tem o conhecimento e a sabedoria necessários para bordar o que deseja dizer. Logo, tem segurança para dialogar sem receio de ser contestado e pode abrir brechas para acolher com segurança as experiências que surgem no espaço onde a mediação está sendo realizada.

Para contestar e transgredir a ordem, Exu realiza uma leitura do não dito, do que está nas entrelinhas e nos silêncios. Exu escuta o que há dentro do silêncio! O orixá escuta o silêncio! Às vezes, ele é o próprio silêncio!

Para mediar o diálogo entre humanos e entidades ou entre os orixás e pessoas, Exu cruza diversos universos nesse processo. Para esse transitar, o orixá fala diversos idiomas e une muitas linhas e fios de sentidos outrora paralelos, em direções retas ou distantes, ou seja, que nunca se encontrariam. Exu cruza ou borda essas linhas para que as falas e comunicações se encontrem ou sejam realizadas por meio de sua mediação. Trata-se do mesmo tipo de bordar evocado na mediação de leitura, isto é, o mediador propicia o encontro entre livros e possíveis leitores-interagentes que supostamente nunca se cruzariam nas retas da vida.

⁶⁰ No original: “[...] Una palabra es todo el lenguaje,/pero es también la fundación/de todas las transgresiones del lenguaje,/la base donde se afirma siempre un antilinguaje.”

Diante da multiplicidade, sede de conhecimento e cruzos, Exu canta, dança e recita a sua cartilha sobre mediação, que traz como elemento central o espalhamento de granadas poéticas de insurgências. O primeiro capítulo cantado – ou ponto riscado pelo orixá – traz a sua proposta de mediação e o que ele acredita ser a raiz do seu processo educativo: a leitura, a leitura das histórias de vida dos interagentes da mediação, os livros e os acontecimentos sociais, culturais, históricos e políticos do mundo entrelaçados ao ato de ler, à leitura dos corpos e na consideração dos corpos dos leitores e leitoras como locais de saber.

Montado em um “cavalo de santo”⁶¹ chamado Igor Fagundes, educador, poeta, ensaísta e crítico literário, Exu ressaltaria que na sua cartilha sobre mediação de leitura:

Carlos Drummond de Andrade aparece no terreiro. Dá consulta. A Manoel de Barros faz bem *desexplicar* a poesia na mata tupinambá. Clarice Lispector recebe pombagira: coração selvagem vira água viva. Ouvindo o oráculo de Ifá, babalaô Guimarães Rosa convoca Riobaldo a encruzilhar. Exu se apresenta no redemunho. Morceção não dá as caras. Muitas vozes de Gullar em alguma parte alguma. Tambores de Minas em Milton. Shakespeare, na gira, grilado: com Logun Edê, Romeu fica entusiasmado. (2020, p. 18).

Para praticar as suas peraltices na mediação de leitura, esse Exu/mediador (ou esse deseducador de sentidos) faz um quebra-cabeça polifônico por meio do conhecimento para dialogar e mediar a leitura com pessoas de diversas classes, raças, histórias de vida díspares, de crenças religiosas diversas, que gostam ou não de livros, que querem ou não querem ler, mas que durante a mediação de leitura “doa” alguns minutos de sua vida para escutar o que está sendo mediado.

Como aporte para a palavra dentro da mediação de leitura, Exu acenaria para outros suportes tecnológicos que também carregam a palavra, seja por meio das telas de celulares, computadores ou tablets, seja por meio das vozes que ecoam canções, do cinema ou das televisões. Para o orixá, não há a separação entre a escrita e a oralidade: tudo é texto para mediar o mundo e a leitura. Refletir sobre Exu e mediação é pensar na sua pedagogia com a palavra e na diversidade de trânsitos textuais/verbais que ele usa para se comunicar. Para isso, ele fala:

[...] tantas línguas em “um” só português porque, não existe “a” língua que se supõe mono, absoluta, nem numa perspectiva de língua materna (única); desde “já” atravessada pelas diversas línguas que a enxertam, como tradução de tradução: em que língua então? “Minha” língua, estrangeira na “minha” própria língua, fica emparedada se levo em conta distinções e aproximações entre língua e escrita, oralidade e hiperlinks, borraduras que sabotam limites, introduzido parênteses, intertextos, aspas, notas, barras, hifens explicativos, rastros, imagens como fantasmas

⁶¹ A expressão “cavalo de santo” em algumas casas de candomblé diz respeito ao filho ou filha de santo que recebe-incorpora a energia do orixá durante o transe.

dentro de fantasmas, a postergar o sentido que vacila e difere. (FERNANDES, 2018, p. 8).

Tudo começa e se inicia em Exu: não há separação, mas junção, caminhos dados pelo orixá. Ele está em todo lugar. Para o educador e pesquisador Alexandre de Oliveira Fernandes (2018, p. 12):

Exu não se aparta dos processos da globalização, da mundialização, da pós-colonização, da economia e do neoliberalismo, da mídia e do poder das grandes corporações, não ignora que práticas de poder-saber constroem “coisas”, formam subjetividades, desejos, fomentam demandas, incluem e excluem, avaliam e classificam, marginalizam e acolhem, limitam e concluem sobre o que é puro e impuro, bem e mal.

A partir do pensamento do autor sobre a não possibilidade de separação das interpretações sobre Exu e os problemas presentes na sociedade, ao falar sobre o livro, leitura e mediação é importante pensar que nem todas as pessoas – não só no Brasil, mas também em outros países – que passaram pelo sistema escolar atualmente não sejam leitores e leitoras ou escritores e escritoras proficientes, como afirma o editor, escritor e ensaísta mexicano Daniel Goldin (2012).

Goldin (2012) ressalta que nesse processo de transformações sociais, a leitura foi atrelada à razão. A palavra escrita foi pensada como sinônimo de civilização e foi comparada à oralidade. Essa comparação indicava a presença de uma suposta intelectualidade de uma sociedade em relação à outra, ou seja, uma seria mais avançada e a outra supostamente atrasada culturalmente. O advento e as transformações sociais provocadas por novas tecnologias borraram a fronteira de subalternidade da cultura oral pensada a partir da cultura escrita. Goldin ainda menciona que:

O forte desenvolvimento dos meios para fixar e difundir a palavra oral e a imagem, por um lado, e a proliferação de usos e usuários da palavra escrita e da incorporação à tela, por outro, tornaram cada vez mais difícil manter a identificação da palavra escrita com esses atributos.

Em nosso tempo, a palavra escrita é cada vez mais similar à oral, e a oralidade é a linguagem visual adquiriram valores próprios da palavra escrita. Insistir na atribuição de valores ao simples fato de ler e escrever é, pois, uma mistificação. (2012, p. 142).

Pode-se pensar que ao escutar Goldin, Exu ressaltaria que perante essas outras possibilidades de leitura, seria importante amplificar as maneiras de pensar o ler, ou seja, ter e praticar uma perspectiva ampliada sobre a leitura a partir desses novos elementos e signos digitais que também transportam a palavra e a imagem. Portanto, a mediação pensada a partir

de Exu seria um cruzamento entre livros, leitura e outros meios de comunicação, ou seja, um cruzo entre linguagens diversas para aproximar-se e falar sobre leitura e dialogar com leitores e com alguns não leitores, que podem se tornar leitores.

Assim como Exu, mediadores de leitura não seriam meramente transportadores de mensagens. Junto aos interagentes-“receptores” desses diálogos, seriam criadores de outras instâncias de dizer.

Em um terreiro, Exu não diz palavras de qualquer maneira a quem está no local, questão que também pode ser aportada para pensar a atuação de um mediador de leitura com a palavra. Para dialogar, o orixá realiza uma leitura do contexto, do corpo, da história de quem está presente, dentre outras questões. Os movimentos corporais, as expressões, as falas, os sentimentos, as questões não ditas ou faladas nas entrelinhas e os silêncios de quem está presente configuram-se como um “texto” que Exu lê. A partir da observação dessas situações, o orixá gesta a palavra e avalia o que pode ser dito, não dito ou como dizer.

A ética e a poética de Exu, ou mesmo a fala dentro de uma casa de santo, é de cuidar da palavra como se cuida de um bebê. Em outros termos, cuida-se da palavra na sua raiz-origem, gestada para um processo de deslocamentos de sentidos-sentir, de ressignificação de atos e de uma nova ligação do ser humano com o mundo ou com o sagrado e com os acontecimentos sociais, culturais e políticos em que a comunidade ou a pessoa está inserida.

Em um terreiro de candomblé, antes de ser falada, a palavra dita faz parte e tem um contexto, um texto, um *corpus* semântico de sentidos, de potência, de desejos de realizações e não está solta no espaço-tempo, há uma implicação com o dizer, com o gestar o dizer, pois a palavra carrega e transporta o axé. Nesse contexto, a palavra não é dita em vão, e o mesmo se aplica aos processos de mediação de leitura: ali, eu estava atento eticamente, poeticamente e existencialmente com a palavra, a leitura e os leitores e leitoras, pois eu estava incorporado pela/na palavra:

[...] *incorporar* significa precisamente trazer ao corpo, fundir-se nele: o saber constitui parte integrante do corpo de quem o possui, torna-se uma qualidade sua. Sendo ainda importante relembrar as acepções mais antigas do saber enquanto verbo, que indicam “ter o sabor de” ou “agradar ao paladar” (como em “o doce sabe a chocolate” ou “sabe-me bem esta comida”); isto é: o saber carrega um sabor, fala aos sentidos, agrada ao corpo, integrando-se, feito um alimento, à nossa existência.” (JÚNIOR, 2000, p. 18).

Na encruzilhada, um dos territórios onde Exu habita, ele sopra, sopra palavras pelos ares no local onde realiza mediação. Exu traz e leva, e leva e traz a palavra de lá, de cá e de todos os cantos. A partir dessa atuação de Exu, reflito sobre o meu trabalho e relação com a palavra

dentro de indústrias e empresas para dizer o não dito, para dizer o já dito, para gestar o que ainda será dito ou para reescrever o que já foi dito. Ao falar, Exu/mediador de leitura é tocado, afetado, e nesse dizer a palavra, como ressalta a intelectual, escritora, feminista e ativista social bell hooks (2017, p. 233), reconhece:

[...] que através da língua nós tocamos uns nos outros parece particularmente difícil numa sociedade que gostaria de nos fazer crer que não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é marca de inferioridade; pois, dentro do dualismo do pensamento metafísico ocidental, as ideias são sempre mais importantes que a língua. Para curar a cisão entre mente e corpo, nós, povos marginalizados e oprimidos, tentamos resgatar a nós mesmos e às nossas experiências através da língua.

A encruzilhada onde Exu mora e tece versos é uma possibilidade de trilhar diversos caminhos, assim como as palavras quando são ditas. Exu também mora no intervalo das palavras. E o que há entre uma palavra e outra? O que elas gestam no nosso pensamento quando escutadas no momento em que se realiza a mediação de um livro? Nesse “entre” das palavras há silêncios, “porque não há um único silêncio. E todo silêncio é música em estado de gravidez”, como escreveu o moçambicano Mia Couto (2009, p. 13-14).

Assim, o silêncio dentro de uma mediação de leitura pode ser pensado a partir de Exu, pois Exu habita o silêncio. Pelo exercício do silêncio e do “não saber”, a palavra nasce e é fermentada na garganta e depois brota na boca do orixá. Com esse dizer, ele “tece vida/na resposta/abrindo a porta enferrujada de silêncio”, como versou o poeta, ficcionista, dramaturgo e ensaísta Cuti (2002, p. 37).

Em alguns momentos, durante um diálogo sobre determinado assunto com alguma pessoa presente no terreiro, Exu para a conversa, gargalha, silencia e gostosamente diz: “- Sabe que não sei a resposta para o que você está perguntando?”

Esse “não saber” convoca o ouvinte a pensar. Esse não saber é a dialogicidade e o movimento *exuriano*, em construção com o outro por meio do perguntar e do silêncio, do não dizer, do esperar e de deixar que o outro crie perguntas internas como forma de procurar respostas que levam a outros questionamentos. Muitas vezes, ele lança perguntas ou frases no meio do silêncio que o ouvinte segue pensando, pois é uma frase pergunta-provocação, sopro de vida. Esse jogo (ou dança de palavras) cruzado com o silêncio criado por Exu também ocorria no momento em que eu realizava mediação de leitura: o não saber algo e a resposta do leitor com outra pergunta acionavam outros despertares dialógicos em mim e no interagente da mediação.

Em um terreiro, Exu escuta, escuta sem pressa enquanto o outro fala! O tempo é a cama onde mora Exu! O tempo produz conhecimento, amadurece as dúvidas, as perguntas, as respostas e os silêncios, questões essenciais em um processo de mediação.

A partir da pesquisadora argentina e formadora de mediadores e mediadoras de leitura e educadores e educadoras, Cecilia Bajour (2020), penso na importância do silêncio em um processo de escuta. Para a autora, o silêncio está relacionado à espera do dizer, ou aos intervalos entre as palavras. O silêncio não é fruto de uma relação mecânica entre quem diz a palavra e quem escuta, há uma espera para acolher a palavra do outro por meio desse silenciar:

A postura de escuta parte dos mediadores e mediadoras de leitura que a levam em conta e a valorizam está intimamente ligada a essa espera. A escuta a que faço referência não tem a ver nem com a que se estabelece em uma relação terapêutica nem com a que se dá em trocas marcadas pela amizade, mas está além destes casos, já que também se leva em conta a palavra dos outros. Tampouco tem a ver com aquelas formas de escuta que somente se constituem com uma fachada marcada por uma suposta correção das formas ou pela relação cordial de quem respeita os tempos de uma conversa, mas sim onde se busca exercer algum tipo de controle sobre os outros. (BAJOUR, 2020, p. 34, tradução nossa)⁶².

Esse viver e tecer pedagógico de Exu/mediador está e mora na incerteza, na troca, no encontro com o outro, na fala, na escuta e no silêncio. Porém, dentro desse silêncio educativo praticado por Exu há diversos saberes em gestação:

O silêncio não é nunca o vazio, senão a respiração entre as palavras, a dobra momentânea que permite o fluir dos sentidos, a troca de olhares e emoções, o equilibrar já que as frases que se acumulam nos lábios ou o eco da sua recepção, é o tato que transfere o uso da palavra mediante uma rápida inflexão de voz, aproveitada de imediato pelo que espera o momento favorável. (BRETON, 2006, p. 14, tradução nossa)⁶³.

A mediação de leitura (ou a atuação de um mediador de leitura) pode ser refletida a partir de Exu, como um entre e/ou meio criado pela possibilidade do pensar, imaginar e originar determinadas situações por meio da língua, que sempre provoca algo durante as mediações

⁶² No original: “La postura de escucha por parte de los mediadores y mediadoras de lectura que la tienen en cuenta y la valorizan está íntimamente ligada a esa espera. La escucha a la que me refiero no tiene que ver ni con la que se establece en una relación terapéutica ni con la que se da en intercambios marcados por la amistad, más allá de que en estos casos también se tenga en cuenta la palabra de los otros. Tampoco tiene que ver con aquellas formas de la escucha que solo constituyen una fachada marcada por una supuesta corrección de las formas o por la relación cordial de quien respeta los turnos de conversación, pero donde se busca ejercer algún tipo de control sobre los otros.”

⁶³ Originalmente: “El silencio no es nunca el vacío, sino la respiración entre las palabras, el repliegue momentáneo que permite el fluir de los significados, el intercambio de miradas y emociones, el sopesar ya sea las frases que se amontonan en los labios o el eco de su recepción, es el tacto que cede el uso de la palabra mediante una ligera inflexión de voz, aprovechada de inmediato por el que espera el momento favorable.”

realizadas. Se Exu é a linguagem, dentro de um processo de mediação, assim como pensa bell hooks (2017, p. 223):

[..] como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras. Fala a si mesma contra a nossa vontade, em palavras e pensamentos que invadem e até violam os espaços mais privados da mente e do corpo. [...] As palavras se impõem, lançam raízes na nossa memória contra a nossa vontade.

Portanto, Exu faz mediação em uma encruzilhada feita de palavras, silêncios, respostas e perguntas – um mediador de leitura também! Dentro de uma casa de santo, após dizer não saber, Exu lança de forma certa outra questão para quem perguntou: “- Poderia me contar, explicar ou dizer sobre isso que você está falando ou perguntando?!”.

Diante do silêncio ou gestação de uma possível resposta, Exu escuta ou espera por meio do silêncio do outro. E, por vezes, diz: “- É preciso habitar o silêncio da palavra para encontrar caminhos!”.

Sobre os caminhos que surgem: sobre mediador e mediação de leitura ou quando o ato de mediar insere novas significações no conceito de mediação.

4. Uma encruzilhada chamada mediação e mediador de leitura

Obax (NEVES, 2010) parada na encruzilhada olha para os 04 caminhos. Ela tem dúvidas sobre qual estrada deve escolher. Exu, atento aos movimentos do que acontece em seu território, observa que a garota procura um caminho para seguir.

Desorientada por tamanha indecisão, Obax pergunta a Exu: “- Você poderia me dizer, por gentileza, como é que eu faço para sair daqui?” (CARROL, 2015, p. 74).

Exu, como um mestre travesso, que gosta de brincar e que não fornece respostas prontas, faz outra indagação: “- Isso depende muito de para onde você pretende ir [...]” (CARROL, 2015, p. 74). Obax recebe a resposta com expressão de espanto, pois esperava que Exu dissesse o caminho a ser trilhado.

Exu, concentrado, solta uma gargalhada e rabisca palavras-pontos na terra vermelha, que levanta uma fina poeira com a passagem do vento. Para provocar mais ainda os pensamentos da menina, Exu lembra que ambos estão na encruzilhada. Ele então recorda que além dos 4 caminhos visíveis (frente, atrás, esquerda e direita), a encruzilhada é constituída de mais três caminhos invisíveis, totalizando, assim, 07 possibilidades.

Sem entender muito bem onde estariam as outras 03 possibilidades, pois a razão e os olhos dela só enxergavam 4, Obax pergunta quais seriam os outros caminhos.

Com o seu ogó, porrete mágico que o transporta a qualquer lugar, Exu aponta os outros caminhos. O orixá direciona o ogó para o céu azul e diz que há um caminho acima; depois, aponta para os pés da menina e indica um caminho debaixo dos pés dela, do outro lado da terra. Por último, coloca o ogó no coração de Obax e diz: “- Aqui está o último caminho, ou seja, a encruzilhada coração. Ele é constituído pela união entre a razão *versus* a emoção, e também das nossas experiências que permitem acessar as estradas para a vida ou para a negação dela”.

Após essa frase, Exu silenciou. A menina observava os caminhos ao redor, refletia sobre os outros três e pensava para onde seguir. O orixá continuava provocando Obax. Com sua voz suave, carícia no tecido da pele do vento que soprava uma leve brisa, Exu conta à menina que um camarada chamado Antônio Bispo, mestre quilombola, poeta e educador, certa vez soprou as seguintes palavras sobre as possibilidades geradas pela encruzilhada:

Quem nunca entrou numa encruzilhada,
Não sabe escolher caminho.
E quem não passou pela encruzilhada
Não se encontrou. (JUNIOR, 2018, p. 82).

Obax continuou na encruzilhada pensando para onde deveria caminhar. Exu, que é um menino andante, seguiu a sua jornada cantando os versos do sambista carioca Candeia (1976, s/n): “Deixe-me ir/Preciso andar/Vou por aí a procurar [...]”.

Dessa forma, pode-se pensar que as indagações de Exu causaram espanto e surpresa na desavisada Obax, pois ela esperava uma resposta pronta, fechada. Exu poderia dizer à menina, por exemplo, que estar mergulhada e parada na encruzilhada significa escolher caminhos a partir de determinada concepção de mundo, tomar decisões, seguir em direção ao incerto, ter certeza de onde se quer ir, deixar para trás algo que já não serve. Além disso, a encruzilhada pode ser o ponto de partida para outros saberes, na dúvida gerada pela escolha. Ele poderia ressaltar, ainda, que o ato de escolher e caminhar criaria uma experiência e que ela poderia ser diversa a cada caminho trilhado pela menina.

Se a encruzilhada, morada de Exu, permite que ele capte os vários sentidos e conversações existentes – tanto no plano visível aos olhos humanos quanto no plano do invisível –, então caminharei por encruzilhadas semânticas e polissêmicas para interpretar, ler e duvidar sobre a definição da palavra “ponte” como metáfora para um processo de mediação de leitura.

Longe de querer esgotar o conceito sobre mediação de leitura ou mediação ou, ainda, de encerrá-los em termos únicos, o objetivo desse diálogo é alargar e construir saberes sobre o assunto, para deixar dúvidas ou apontar caminhos que levam a estradas, veredas ou picadas que dão acessos a aberturas que culminam em encruzilhadas que possibilitam percorrer muitas outras encruzilhadas que, por sua vez, levam a outros lugares de passagens/pensamentos.

Assim como a menina Obax, eu estive em uma encruzilhada para pensar a minha prática de fazer mediação de leitura. A escolha de andar por esses caminhos ou estradas “moldou” as minhas experiências e imprimiu sentidos e formas ao meu ofício.

Nesse contexto, por que é importante pensar o conceito mediação? Por que traçar um caminho para entender os possíveis sentidos desse conceito, que pode em uma primeira leitura suscitar uma definição simplória ou até mesmo despojada de concepção ideológica?⁶⁴

⁶⁴ O conceito de Ideologia dentro de uma perspectiva marxista é pensado a partir da análise proveniente das relações entre grupos sociais que defendem ideias e situações, instituem e propagam os ideais de dominação de grupos/classes contra outros explorados na sociedade. Ainda dentro dessa concepção marxista, é importante pensar que “a história de todas as sociedades até hoje existentes é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira, ou pela destruição das duas classes em conflito”, conforme ressaltam os pensadores Karl Marx e Friedrich Engels (2005, p. 40). Dentro desse contexto de lutas de classes, Louis Althusser (1980) avalia que a ideologia, isto é, ilusão/alusão, se constitui como um aspecto imaginário/deformação de uma realidade, onde o visto não é o real, mas uma falsa relação produzida pela situação que tenta esconder a realidade. Para o filósofo, a ideologia parte de concepções de mundos e correspondem a uma realidade determinada que pode ser jurídica, religiosa, cultural, moral, dentre outras e “[...] toda a ideologia

Pode-se pensar que quando alguém escolhe e abraça a definição de um conceito, seja poético ou político, essa pessoa percorre um caminho que talvez a ajude a pensar os objetivos, os sentidos, a função social, ou seja, algo que fomente a liberdade e a autonomia do pensar e estar “como presença consciente no mundo [...]” (FREIRE, 2011b, p. 20) e do estar como ser político inserido em um contexto sociocultural específico, a sua prática de atuação profissional e os seus processos educativos e sensíveis.

A partir dessa escolha conceitual, pode-se verificar como a experiência e leitura de mundo da pessoa está implícita ou explícita dentro dessa prática, e como ela supostamente pensa, vive filosoficamente e poeticamente as suas relações familiares, culturais e sociais. A escolha de um termo específico dentro de um projeto de difusão literária pode apontar indícios de como a curadoria é pensada, como as ações são supostamente executadas ou até mesmo como as configurações políticas, fazeres e poéticas dos envolvidos nessa prática hipoteticamente ocorrem.

Sobre a palavra mediador, o estudioso francês Jean-Fraçois Six (2005, p. 7, tradução nossa) reflete que ela:

[...] apareceu no começo do século XIV para designar a pessoa que está “no meio” (do latim *medius*): “aquele que se coloca no meio para criar um acordo”. Hoje conserva o mesmo sentido, mas, por uma parte, com uma conotação mais forte: “aquele que se coloca entre pessoas ou grupos em conflito”; e por outra parte, com um significado mais amplo e difuso: “aquele que facilita qualquer tipo de mediação.”⁶⁵

representa, na sua deformação necessariamente imaginária, não as relações de produção existentes (e as outras relações que delas derivam), mas antes de mais nada a relação (imaginária) dos indivíduos com as relações de produção e com as relações que delas derivam. Na ideologia, o que é representado não é o sistema das relações reais que governam a existência dos indivíduos, mas a relação imaginária destes indivíduos com as relações reais em que vivem.” (1980, p. 82). Dentro dessa questão da ideologia de grupos ou até mesmo dessa disputa entre classes sociais, a filósofa Marilena Chauí (2008) ressalta que para que exista uma identificação homogênea ou de ideias na sociedade é preciso uma coesão orquestrada pela classe dominante por meio da produção de ideias. Essas ideias estão presentes em aspectos educacionais, religiosos, nos hábitos e costumes e nos meios de comunicação e também em outras áreas que envolvem a cultura, dentre outros espaços. Para a autora (p. 108-109), “a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado.” Em função disso, avalio que a abordagem ideológica e a ideologia presente na constituição dos diversos grupos sociais dos quais uma pessoa faz parte podem influenciar as escolhas, os modos de fazer e pensar um processo de mediação.

⁶⁵ No original: “[...] apareció a comienzos del siglo XIV para designar a la persona que se pone “en medio” (del latín *medius*): “aquele que se pone en medio para crear un acuerdo”.

Já no século XVI, a palavra estava mais fortemente atrelada ao universo religioso, ou seja, estava relacionada a um anjo ou um sacerdote que fazia a intermediação entre os seres humanos e Deus. Todavia, nesse período, “o mediador por excelência é Jesus”⁶⁶, conforme reflete o historiador de arte Bruno Nassim Abouddar, e o educador de museologia, François Mairesse (2018, p. 16, tradução nossa). Entretanto, se a mentalidade da época atestava a figura de Jesus como o único mediador, os autores afirmam que a palavra mediação e a figura do mediador possuíam raízes mais antigas, ou seja, estavam relacionadas à figura do xamã ou de um sacerdote que mediava as informações entre o mundo dos humanos e o sobrenatural, o divino ou o inferno.

A partir do dicionário, a professora brasileira Mirian Celeste Martins (2012) indica que o termo mediação está relacionado ao ato ou efeito de mediar e traz o conceito para o campo da arte. Essa ação ocorreria por meio de uma intervenção ou intermédio e:

Envolve assim dois polos que dialogam através de um terceiro, o mediador, um medianeiro, o que ou aquele que executa os desígnios de intermediário. Estes desígnios estão em nosso foco, na mediação entre a produção artística e o fruidor, buscando a fruição - ação ou efeito de fruir: gozo, posse usufruto. (2012, p. 25).

Sob outra perspectiva, para Felipe Munita (2014), que trabalha com formação de mediadores de leitura e estuda a prática, o conceito de mediação implica, por um lado, a concepção de mudança da realidade; por outro, existe a ideia de construção de sentido por meio do estabelecimento de relações entre os envolvidos no processo. Ao pensar sobre as palavras “mediador” e “mediação”, o autor menciona que ambas carregam uma série de possibilidades interpretativas e indicam uma série de ações, muitas vezes não definidas ou tão delimitadas:

A escolha das palavras *mediação* e *mediador* para designar um amplo conjunto de experiências e práticas humanas, entre as quais se incluem aquelas ligadas aos processos de familiarização com o mundo do que está escrito, convida, portanto, a perguntar-se pelo universo semântico que o próprio termo menciona. Universo que, no nosso caso, ajudaria a caracterizar e delimitar (inclusive a “criar” mediante a linguagem) o campo da promoção da leitura, e particularmente as ações das diversas pessoas nele implicadas. (2014, p. 36, tradução nossa)⁶⁷.

Hoy conserva el mismo sentido, pero, por una parte, con una connotación más fuerte: “aquel que se interpone entre personas o grupos en conflicto”; y por otra parte, con um significado más amplio y difuso: “aquel que facilita cualquier tipo de arreglo.”

⁶⁶ No original: “El mediador por excelencia es Jesus.”

⁶⁷ Originalmente: “La elección de las palabras *mediación* y *mediador* para designar un amplio conjunto de experiencias y prácticas humanas, entre las cuales se incluyen aquellas ligadas a los procesos de familiarización con el mundo de lo escrito, invita por tanto a preguntarse por el universo semántico que el término convoca. Universo que, en nuestro caso, ayudaría a caracterizar y delimitar (incluso a “crear” mediante el lenguaje) el campo de la promoción de la lectura, y particularmente las acciones de los diversos agentes en él implicados.”

Nessa reflexão do autor sobre o aspecto da diversidade de atividades e das possibilidades da mediação de leitura, em um primeiro momento, os mais apressados para facilitar a identificação do que seria o papel do mediador ou das ações a serem realizadas por esse profissional trilhariam o caminho mais fácil para essa conceituação, que seria “delimitar” a área ou afirmar certezas, sem refletir sobre a diversidade presente dentro do campo de atuação de um mediador ou de uma mediadora de leitura.

Porém, essa afirmação apressada encerraria as possibilidades de pensar sobre as diversas opções de criação de ações para o ato de mediar ou o que poderia ser a mediação, ou seja, tiraria a subjetividade presente no campo do ato educativo da mediação de leitura, pois cada mediador exerce seu trabalho de forma única para criar possíveis aproximações entre livros e leitoras ou leitores, partindo da sua concepção sobre o significado, do seu repertório, das experiências, sensibilidades e sentidos do que a pessoa acredita que seja fazer mediação de leitura.

Assim como Felipe Munita (2014), a editora Dolores Prades (2015) faz algumas considerações sobre o extenso conjunto de significados relacionados quando pensamos a mediação de leitura e realiza algumas perguntas sobre leitura, mediação e seus significados vários:

Quando se fala em mediação ou em promoção de leitura, pode-se abranger inúmeros significados e se expressar de diferentes formas: mediar leituras, iniciar leitores, promover o contato com os livros, dar andamento às histórias de leitura, abrir caminhos são muitos dos sentidos que uma mediação pode ter. Sem perder de vista que o centro da mediação é uma ponte entre o leitor e o livro, a questão é: de que leitura estamos falando? De uma alfabetização crítica ou de uma alfabetização instrumental? De uma leitura literária, de uma leitura reparadora ou ainda de uma leitura que obedece a critérios da escola? Em última instância, a que leitores aspiramos? Ou se aspiramos a algum leitor. O que entendemos por leitura? A simples afirmação da importância da leitura é garantia de uma boa promoção? (MEDINA; PRADES, 2015, p. 26).

A mediação de leitura pode ocorrer em espaços como empresas, escolas, instituições culturais, presídios, instituições de longa permanência destinadas à convivência coletiva de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, creches, bibliotecas públicas ou comunitárias, no ambiente familiar, dentre outros. Todavia, podemos pensar que as atividades nesses lugares são orientadas e têm objetivos diferentes, desde a indicação de uma obra, a criação de atividades para a possível aproximação entre leitores, leitoras e livros, a leitura de somente trechos (em decorrência do tempo disponibilizado pelo leitor ou até mesmo pelo local onde é realizada a

mediação), a mediação-leitura e discussão de forma aprofundada sobre a obra ou sobre as reverberações internas que a história causa nas leitoras e nos leitores, dentre outras questões⁶⁸.

Para que isso ocorra, é possível realizar múltiplas ações, como rodas de leitura, leituras livres, encontro com autoras/es que mediam suas próprias obras, leituras de mães e pais para filhos ou filhas ou realizadas por educadoras/es para seus ou suas aprendizes nas escolas, dentre muitas outras atividades.

Os termos “mediador”, “animador” ou “agente de leitura” são usados para definir quem cria situações e aproxima de forma afetiva o encontro entre livros e possíveis leitoras ou leitores. Todavia, na contemporaneidade, o termo mais usado no Brasil é “mediador” ou “mediadora de leitura”⁶⁹.

Mas o que poderia ser um mediador de leitura ou o que o define? Para iniciar essa caminhada de possíveis definições sobre mediação ou mediador, trago o pensamento de Carlos Honorato, integrante da rede Conexão Leitura de bibliotecas comunitárias do Rio de Janeiro e também mediador da Biblioteca Comunitária Wagner Vinício:

No contexto de trabalho nas bibliotecas comunitárias temos a premissa que o mediador de leitura é o sujeito que facilita o processo de formação de leitor. Ele é o sujeito que cria um ambiente favorável para que o leitor em potencial se sinta à vontade para iniciar a viagem no universo da leitura e da literatura. Ressaltamos também que para ser um mediador de leitura é fundamental gostar de ler literatura e se dispor a compartilhar sua experiência leitora com os demais. (HONORATO; CAVALCANTE; DAMASCENA, 2018, p. 62).

Se Honorato traz na sua fala a criação de um espaço favorável para que a mediação ocorra, ao refletir sobre a mediação de leitura, o mediador peruano Juan José Magán Joaquín, integrante da “Rede Peruana de Mediadoras e Mediadores de Leitura”, diz:

A mediação de leitura representa deste modo uma atividade que diretamente afeta não somente no espaço político, social e cultural das pessoas, mas também no “ser

⁶⁸ Algumas dessas observações apontadas são provenientes da minha prática e das falas de outras mediadoras e mediadores de leitura anotadas durante algumas formações e encontros sobre mediação de leitura que ministrei ou participei como aprendiz.

⁶⁹ Além do termo mediação de leitura, outros dois surgem relacionados ao possibilitar o possível encontro entre pessoas e livros: promoção e animação. Para Beatriz Robledo (2019, p. 28-29): “A promoção é considerada um campo mais amplo, que envolve estratégias e ações de tipo político, econômico, administrativo, ao passo que a animação se relaciona diretamente com os materiais – ‘animar’, ‘dar ânimo’, ‘dar alma’, isto é, dar vida. Quem anima traz um sopro de vida aos livros, mas também anima o leitor a estabelecer uma relação mais pessoal com os materiais de leitura. A animação requer um mediador e existe uma arte neste ofício, muito relacionada com as artes interpretativas. O animador dá pistas, oferece chaves para uma melhor interpretação dos textos. O animador orienta a exploração destes. Sua intervenção é fundamental para que os leitores encontrem caminhos pessoais para a apropriação dos textos. E nesse caminho, o mediador também se transforma.”

mesmo” delas, sendo assim, está ligada na sua própria vida, com objetivo de tentar ressignificá-la e transformá-la. (2019, p. 4, tradução nossa)⁷⁰.

Cruzo a reflexão de Juan com o raciocínio de Camila Araújo Sá, mediadora de leitura, ao pensar não somente a mediação em si, mas o corpo como território de mediação. Além disso, reflete-se sobre como ao mediar/estar mediador esse corpo pode alterar a percepção do espaço onde ocorre a mediação pelos interagentes ao perceberem e reconhecerem naquele local o seu corpo/existência no corpo do outro/a:

Hoje percebo a importância do meu corpo negro em uma biblioteca. Consigo enfrentar estereótipos que me colocaram como um ser *não pensante* e incapaz de produzir sentidos. Consigo reverter a lógica de um sistema que não enxerga meu potencial intelectual e que me vê como um mero corpo, objeto de subserviência. Compreendo como sou importante ao usar meu cabelo natural e ver outras meninas negras voltarem o olhar para mim, dizerem que sou bonita e ao mesmo tempo enxergarem a beleza antes não vista em si mesmas. **Meu corpo é também um livro** que transmite emoções, memórias e histórias de uma ancestralidade e conhecimento que nos foram negados (SÁ, 2022, p. 17-19, grifo meu).

No projeto em que atuei fui chamado de Agente de Atividades Culturais e, posteriormente, a minha função passou a ser denominada Mediador Cultural. A leitura era uma das minhas principais atividades. Porém, diante dos termos adotados pela instituição na qual eu trabalhava, como um leitor apaixonado que marca e risca as passagens mais interessantes de uma obra durante a leitura, entendia o meu ofício atrelado à área do livro e da leitura, ou seja, eu era um mediador de leitura!

Nas comunicações para as empresas, escrevia e usava a expressão “mediador de leitura” e me via como pertencente a essa categoria. Essa opção semântica era uma forma de demarcar território para anunciar de onde estava falando e como pensava a minha ocupação profissional. Portanto, reafirmo que escolher um termo para definir uma prática carrega, nesse processo, uma visão de mundo.

Também fui chamado de “não mediador de leitura” nas entrelinhas por alguns colegas de empresa durante os encontros de formação, pois para essas pessoas o que eu fazia “não era mediação de leitura”. Esse não-fazer mediação, em algumas situações, relaciona-se ao fato de eu apenas escutar sem nenhum compromisso com absolutamente nada ou porque eu dialogava sobre o que as pessoas me diziam, ou seja, no momento em que eu deveria mediar ou somente

⁷⁰ Texto original: “La mediación de lectura representa pues de este modo una actividad que interviene directamente no solo en el espacio político, social y cultural de las personas, sino también en el “ser mismo” de ellas, y por ende, en su propia vida, para lograr ressignificarla y transformarla.”

falar sobre livros, eu dialogava com os/as interagentes sobre as suas experiências de vida de forma atrelada às histórias reveladas pelos livros.

Às vezes, essas conversas “sem tempo” com os operários e operárias eram encerradas bruscamente pelo “grito” do sinal da fábrica avisando que o horário do almoço havia sido finalizado. Esse “grito” chamava e condicionava as pessoas para mais um ciclo de trabalho, ou seja, eram corpos educados pela pedagogia das fábricas e empresas, uma pedagogia que educa e deseduca o sentir para a não sensibilidade (KUENZER, 1986).

Interpretava nas entrelinhas das falas daquelas mediadoras que as leitoras e os leitores apenas deveriam ouvir durante a mediação e nunca falar sobre as suas histórias. Entretanto, os livros eram um chamado para dialogar sobre a vida, sobre as dores e os amores daquela pessoa que parava para olhar, folhear as obras, ler algum trecho e seguir para mais um turno de trabalho, sem necessariamente levar um livro para casa no final do expediente.

Entretanto, ao longo da minha atuação, “tomei” emprestado e “bebi” de outras conceituações para pensar sobre mediação, que não eram necessariamente da área da leitura. O “beber” do conceito de mediação de outras áreas, principalmente a museal⁷¹, foi uma maneira de compreender os outros significados e as experiências diversas sobre esse campo. O objetivo era criar raízes para o meu ofício, para pensar, fazer e estar como mediador de leitura dentro da instituição em que eu trabalhava, fato muitas vezes desvalorizado pela própria instituição.

Dito isso, a proposta cartográfica da busca de sentidos pelas definições de mediação tem origem na experiência do pesquisador, onde não é possível separar o conhecer e a prática, a pesquisa e a intervenção, a dúvida e a busca, o não saber e esse saber em processo de gerar outros questionamentos. Esses atos podem ser lidos como “planos de experiência”, como analisam os psicólogos Eduardo Passos e Regina Benevides de Barros (2009, p. 17), pois esse processo interventivo “[...] sempre se realiza por um mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência – o que podemos designar como plano da experiência.”

Ainda no contexto de reflexão sobre mediadores de leitura, cabe uma pergunta: os livros ou as obras de arte deixariam de existir sem mediação? O mediador de leitura e bibliotecário colombiano, Luis Bernardo Yepes Osorio, traz a resposta:

⁷¹ Ana Mae Barbosa (2009, p. 18), pioneira na propagação da arte-educação no Brasil, ao falar sobre as diversas formas de mediações que ocorrem dentro dos museus e ao trazer alguns aspectos históricos sobre essas ações, chama a atenção para o que ela avalia como “pedagogia questionadora” realizada por algumas exposições ou pelas mediações. O ato de mediar dentro dessa pedagogia “[...] exige reflexão, análise e interpretação sem se evitar informações que esclarecem e/ou apoiam interpretações.”

Não é que a literatura (ou outro gênero) deixem de existir sem a presença de um animador [...] O que acontece é que muitos materiais de leitura dormem o sono eterno nas estantes das bibliotecas e livrarias e agora até na internet. O que a animação de leitura está tentando fazer é encontrar leitores que ressuscitem com toda a energia o que essas obras possuem. (2013, p. 39. tradução nossa)⁷².

A partir da metáfora dos leitores e das leitoras que ainda não acordaram do sono, é possível pensar mediadores ou mediadoras de leitura como pessoas que fazem uma costura para o sensível, para acolher quem acorda desse adormecimento. Dentro dessa perspectiva, quem está despertando precisa ser cuidado nessa chegada ao mundo para não ficar assustado ou até mesmo recluso no seu próprio universo, por uma série de intimidações que tal chegada pode ocasionar.

Com essa reflexão surgem, ainda, outras perguntas: Quantas possíveis mãos leitoras deixaram de tocar em livros? Quantos leitores ou leitoras-interagentes ainda não “acordaram” para o ato de ler, em decorrência de uma série de intimidações relacionadas ao objeto livro ou ao discurso sobre os livros, como a ideia que reforça que esse objeto é destinado apenas para pessoas “cultas”?

Retoma-se aqui a definição da educadora e pesquisadora Mirian Celeste (2012) de que a mediação acontece no fruir entre dois polos, por meio do mediador. Para a autora, o termo estaria impregnado de muitos sentidos e, para um melhor entendimento, seria preciso:

[...] retirar camadas de suas significações para revelar o que está por trás dele. De raiz grega *medhyo* - “que está no meio” - e latina *medius*, *a*, *um* - “que está no meio, no centro; que concilia opostos; que observa neutralidade, neutro, indica intercessão, interposição, intervenção, mediação” -, o termo tem sido usado no senso comum como uma “ponte entre dois mundos”, tanto em relação aos pedidos às divindades quanto no que diz respeito à resolução de partilhas com advogados mediadores, entre outras. (2012, p. 47).

Fora do campo das artes, adentramos outro caminho dessa encruzilhada, o da área judicial. Nessa esfera, o conceito de “mediação” é usado como ferramenta para tentar sanar de forma amistosa situações onde a resolução é sugerida, sem imposição. Para isso, há um diálogo que busca evitar e até mesmo resolver desentendimentos. No mundo do trabalho, o pesquisador Gonzalo Serrano Martínez e a pesquisadora Maria Teresa Méndez Valdivia (1999) abordam que a mediação tem sido usada com grande êxito para resolver conflitos judiciais.

⁷² Texto original: “No es que la literatura (u otro género) deje de existir sin la presencia del animador [...] Lo que ocurre es que muchos materiales de lectura duermen el sueño eterno en los anaqueles de las bibliotecas y librerías y ahora hasta en el ciberespacio. La animación a la lectura lo que está intentando es encontrarles el lector que los resucite con toda la energía que contienen.”

Todavia, nesse universo, a figura do mediador está relacionada a uma série de transformações históricas e sociais. Antes haviam pressões e lutas sindicais contra patrões para defender o proletariado, mas no contexto capitalista opera-se uma nova forma de mediar as relações de trabalho, uma mediação próxima da “passividade”.

Essa “passividade” aconteceu a partir da dissolução e do enfraquecimento sindical por meio de manobras do setor patronal. A mediação disfarçava-se de redução de conflitos e tinha como objetivo a continuidade no emprego, mesmo em péssimas condições laborais. A cultura do diálogo ganhou força, pois:

Por uma parte, o modelo clássico baseado em uma aproximação reivindicativa e contrária tem entrado em crise, sendo substituído por uma cultura centrada no diálogo e na ideia de acordo para resolver os conflitos. Por outra parte, a competitividade no mundo do trabalho vem exigindo uma redução do conflito para poder seguir subsistindo, para progredir e assegurar os cargos de trabalho. (MÉNDEZ; SERRANO, 1999, p. 236, tradução nossa)⁷³.

No mundo trabalhista e para resolver conflitos, quais seriam os requisitos essenciais que um mediador ou mediadora precisaria ter para executar a sua atividade de forma satisfatória? O diagnóstico feito por Gonzalo Serrano Martínez e Maria Teresa Méndez Valdivia indica que algumas competências de um mediador envolvem “[...] intervir, recomendar e dar sugestões, porém nunca impor soluções ou tomar decisões arbitrárias.” (1991, p. 236, tradução nossa⁷⁴).

Antes de seguir a minha reflexão sobre mediação no mundo jurídico, abro uma trilha no meio desse texto e volto a reflexão para o mundo do livro e da leitura. Em se tratando de mediação de leitura, quais seriam os requisitos para ser ou estar mediador?

Ser mediador requer sensibilidade leitora. Todo bom mediador deve ser também leitor, pois a formação de mediadores passa necessariamente pela leitura. A formação leitora não se adquire como técnica, mas pressupõe longa familiaridade com o universo do livro, inserção na cultura letrada, histórico de leitura responsável pela construção de referências e critérios de avaliação, escolha, preferências. Somente um afinado leitor pode contagiar o gosto pela leitura e tornar indispensável para o outro o convívio com os livros e com a literatura. (MEDINA; PRADES, 2015, p. 27-28).

Um mediador seria, então, um leitor sensível ou sensibilizado pelo livro. Ele “acumularia” leituras e, por meio desse ato, cria repertórios sobre o lido, compara e cruza essas

⁷³ Originalmente: “Por una parte, el modelo clásico basado en un planteamiento reivindicativo y antagonista ha entrado en crisis, siendo sustituido por una cultura que centra en el diálogo y en la concertación de los conflictos. Por otra parte, la competitividad en el mundo laboral viene exigiendo una reducción de la conflictividad para poder seguir subsistiendo, para progresar y asegurar los puestos de trabajo.”

⁷⁴ Texto original: “[...] intervenir, recomendar y hacer sugerencias, pero nunca para imponer soluciones o tomar decisiones vinculantes.”

diversas leituras e analisa quais foram as obras mais marcantes, as “menos” interessantes, dentre outras questões, para criar propostas de mediação.

A interpretação dos textos também partiria de recursos obtidos de outros referenciais artísticos e poéticos como cinema, música, dança, artes plásticas, entre outras artes, pois “para quem lê aparentemente sozinho no recôndito escolhido: ele lê com muitos outros (livros, autores, filmes, obras, leituras...) que lhe fizeram caminhar até uma prática autônoma de ler”, como reflete a professora e mediadora Eliana Yunes (2012, p. 9). Além disso, é importante pensar que a vida do leitor ou desse mediador está ligada a esse processo de constituição e à sensibilidade requerida para a formação do ato de mediar.

De volta ao campo jurídico, há, portanto, nessa visão de Martínez e Valdivia, o reconhecimento do diálogo, da experiência do outro, da fala e até desse mediador como uma pessoa que infere outras possibilidades para resolver conflitos. É possível interpretar nas entrelinhas que a escolha da decisão ou não acatamento dessas sugestões estaria a cargo da pessoa que participa dessa mediação. Entretanto, ainda pode-se fazer uma outra leitura sobre o contexto capitalista dessas mediações, no qual muitas vezes essas decisões são baseadas pelas imposições do poderio econômico, pela:

[...] desregulamentação, flexibilização, terceirização, bem como todo esse receituário que se esparrama pelo “mundo empresarial”, são expressões de uma lógica societal onde o capital vale e a força humana de trabalho só conta enquanto parcela imprescindível para a reprodução deste mesmo capital. Isso porque o capital é incapaz de realizar sua autovalorização sem utilizar-se do trabalho humano. Pode diminuir o trabalho vivo, mas não eliminá-lo. Pode precarizá-lo e desempregar parcelas imensas, mas não pode extingui-lo. (ANTUNES, 2001, p. 38).

O sociólogo Ricardo Antunes toca na “ferida” gerada pelo contexto capitalista e, nesse estudo, abordo essa questão no campo da mediação, pois quando se pensa sobre a área, logo são evocadas questões, como a nobreza envolvida e outros temas que permeiam o fazer dos mediadores e mediadoras – a criatividade, a imaginação, a construção de sentidos, o acesso, a democratização etc. Diante dessas questões, a dimensão financeira de alguns assuntos – como apoio, subsídio, financiamento, remuneração de mediadoras e mediadores – culmina em algumas discussões que ficam em segundo plano.

Sobre a relação entre dinheiro⁷⁵ e o campo da mediação, Bruno Nassim Aboudrar e François Mairesse (2018, p. 53, tradução nossa) refletem que falar sobre a junção desses dois

⁷⁵ Sobre a remuneração de mediadores de leitura, a pesquisa “O Brasil que lê: Mapeamento e análise de projetos de formação de leitores no Brasil”, a partir da análise de 382 projetos de 24 estados brasileiros (menos Acre, Alagoas e Sergipe), realizados tanto em capitais quanto em cidades interioranas chega à conclusão que “[...] as equipes atuam mais com mediadores voluntários (44,76%) do que remunerados (30,63%), e ainda há aquelas de

mundos é um tema delicado, pois “a questão do financiamento da mediação e, em um sentido mais amplo, a relação com o dinheiro, aparece como a parte vergonhosa da mediação que esporadicamente é abordada ao considerar as problemáticas culturais.”⁷⁶

Todavia, vale questionar: de que forma é possível ser ou estar mediador de leitura em um país como o Brasil, onde o ofício ainda não é considerado profissão? Como pensar o campo da mediação de leitura quando os programas na área do livro e da leitura são quase inexistentes e, quando existem, vivem sob constante ameaça de serem encerrados de um dia para o outro? Ressalto que as duas perguntas devem ser interpretadas e pensadas tendo como contexto para uma possível resposta/reflexão o campo institucional, local no qual esse estudo tece reflexões e onde o pesquisador/mediador atuou.

Cabe destacar que o território-terreiro de mediação é um campo vasto e que algumas questões feitas ao longo dessa pesquisa também podem ser “sementes” para dialogar sobre as práticas da área de mediação realizadas em quintais de terra batida, em escolas, em comunidades, em assentamentos rurais, em terreiros de candomblé, dentro de sistemas prisionais, lares de convivência e acolhimento de idosos, dentro dos nossos lares e em muitos outros locais que possibilitam o contato afetivo entre leitoras, leitores e livros.

Voltando ao campo institucional, do qual fazia parte e ainda transito como mediador, “deseducador”⁷⁷, “formador” e parecerista de projetos na área de mediação e difusão literária, formação, feiras, dentre outras ações de democratização de acesso ao livro pensadas por mediadores/as de todo o Brasil, penso que o primeiro passo para responder à questão anterior, além de gostar de e questionar o ato de ler, de refletir sobre a sua prática e buscar caminhos-

perfil misto (24,61%). A maioria dos mediadores é composta por professores e contadores de história. Porém, cabe uma reflexão: será que a maioria dos mediadores é voluntária justamente por ser formada por esses dois tipos de profissional que, a princípio, se colocam num lugar de dedicação e compromisso com a leitura, em detrimento de bons salários? A questão fica em aberto. Contudo não se exclui uma outra reflexão: por que no Brasil muitos projetos de formação de leitores não conseguem remunerar seus mediadores? Seria um reflexo do descaso com a educação e a cultura no país?” (MEDEIROS; FIDALGO, 2021, p. 103).

⁷⁶ Originalmente: “La cuestión del financiamiento de la mediación y, en un sentido más amplio, la relación con el dinero, aparece como la parte vergonzante de la mediación que rara vez es abordada al considerar las problemáticas culturales.”

⁷⁷ Empréstimo essa conceituação usada por Érica Malunguinho, artevista, transativista, pretativista, mobilizadora cultural e deseducadora. Malunguinho também é idealizadora e gestora do quilombo urbano Aparelha Luzia, um território que fertiliza artes, culturas, afetividade e políticas pretas. Além disso, foi a primeira mulher trans a ocupar uma cadeira na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. O termo “deseducadora” é usado por Érica como uma proposta de deseducar/rasurar os sentidos/atos do papel a ser exercido por um educador ou educadora, ou seja, de deseducar os sentidos/gestos e a prática para não se conformar diante de uma educação que apenas conforma/mantém o padrão do que está estabelecido ou que educa para a servidão e manutenção da gramática da colonialidade que nega-dizima saberes.

formações e maneiras de realizar o seu ofício, aprender fazendo/duvidando e experienciando, é necessário refletir que:

Todo esse processo de formação precisa ser permeado por uma reflexão consciente sobre seu posicionamento profissional em relação às instituições e as suas políticas educacionais e promocionais. Não dá mais para encarar a mediação cultural de forma ingênua ou romântica ignorando os pressupostos ideológicos que as orienta. (COUTINHO, 2009, p. 3747).

Ainda no campo das definições do termo, a professora Mirian Celeste Martins (2012) chama a atenção para o senso comum sobre a palavra “mediação”, atrelada ao sentido de ponte. Porém, ao tentar explicar a complexa teia de sentidos que caracteriza os profissionais de mediação de leitura, a educadora colombiana Yolanda Reyes usa justamente a expressão “ponte”. A definição da autora foi uma das primeiras que “abraçei” durante certo tempo para refletir sobre o meu ofício dentro das indústrias e empresas:

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. A experiência de encontrar os livros certos nos momentos certos da vida, esses livros que nos fascinam e que nos vão transformando em leitores paulatinamente, não tem uma rota única nem uma metodologia específica; por isto os mediadores de leitura não são fáceis de definir. (REYES, 2019, s/n, *apud* FREITAS, 2019, p. 96).

Estabelecer pontes é possibilitar a criação de contato entre dois lugares que estão distantes. Quando olhados com atenção, os caminhos sugerem apenas um pelo qual a pessoa pode seguir ou retornar, isto é, para frente ou para trás. Estar ou passar por cima de uma ponte envolve distâncias entre determinados pontos ou entre objetos e pessoas. A partir da ponte, é possível pensar que, dentro dessas distâncias, a nossa visão não enxerga o que se encontra do lado oposto, tampouco escutamos algo.

No universo do livro, o distanciamento pode ser lido como uma questão social que não cria as possibilidades de encontro entre obras e leitoras ou leitores: a não-leitura quando criança, falta de acesso por escassez de dinheiro ou de tempo, não leitura pelo cansaço, pela ausência de bibliotecas ou fechamento desses locais, descontinuidade de políticas públicas para a área do livro e da leitura e até mesmo por meio das políticas burguesas/estado de isolamento social e manipulação das massas, dentre outras questões:

[...] existem pausas devidas ao fato de que um jovem - ou uma pessoa não tão jovem - não pode ultrapassar o umbral, não pode passar a outra coisa porque se sentiu perdido, porque a novidade o assustou, ou porque essa novidade lhe faltou, porque sentiu que já esgotou o tema. É o mediador, [...], pode ser precisamente aquele que lhe dá uma oportunidade de alcançar uma nova etapa. (PETIT, 2008b, p. 167).

Outra situação que pode ser pensada por meio da “ponte” na relação entre livros e leitoras ou leitores pode ser “o não atravessar”, ou seja, atos que foram pausados pelas questões sociais. Diante disso, o mediador de leitura poderia ser o novo “construtor” de uma nova ponte. Esse não “atravessar a ponte” pode ser também por já ter experimentado o ato de ler e, com isso, a decisão de não ler pode ocorrer por uma série de motivos – por exemplo, essa pessoa pode chegar a concluir um dia que a leitura de livros “não é a sua praia”, assim como jogar futebol para algumas pessoas.

Ainda sobre a palavra ponte para pensar a mediação, Felipe Munita (2014, p. 39-40, tradução nossa) relata que a partir dessa metáfora, ela é:

Utilizada de forma abrangente em diversos campos vinculados à mediação, esta metáfora permite focalizar na relação entre duas entidades como um espaço que, sendo ao mesmo tempo real e simbólico, é “construído” mediante a prática da mediação, facilitando desta maneira formas de trocas (ou de “escambo”, se si quer assim dizer) onde antes não eram possíveis⁷⁸.

Diante das questões envolvendo a palavra “ponte” como metáfora para a mediação, um mediador-ponte criaria então condições para que essa aproximação ocorresse e fosse possível o atravessar/atravessamento. Nessa travessia, podemos cruzar com algo que revela o inesperado ou a mesma paisagem “original” pode ser enxergada e sentida por outras perspectivas. Porém, para essa ação é necessário que quem caminha pela ponte tenha segurança para pisar.

Ainda pensando nas possibilidades da palavra ponte como uma metáfora para mediação, o mediador ou mediadora também pode se converter como a estrutura de uma ponte, ou seja, como algo duro, não permeável ou estático, isto é, quando o que ela/ele media ou quando os seus atos não demonstram tesão/paixão pelas palavras-leitura ou quando essa pessoa se transforma em um pedante receitador de obras. Para evitar essa postura, como reflete a mediadora e escritora uruguaia Mercedes Calvo (2020, s/n, tradução nossa):

O mediador deve [...]: conhecer os prazeres ocultos da leitura, querer que outros desfrutem desses prazeres e aproximar cada leitor desse universo. Sem uma experiência pessoal forte, que mude, sem sentir a paixão pela leitura, o mediador será somente uma ponte⁷⁹.

⁷⁸ Trecho original: “Largamente utilizada en diversos campos vinculados a la mediación, esta metáfora permite focalizar en la relación entre dos entidades como un espacio que, siendo a la vez real y simbólico, se “construye” mediante la práctica de mediación, facilitando de este modo formas de intercambio (o de “cruce”, si se quiere) donde antes no eran posibles.”

⁷⁹ Originalmente: “El mediador debe [...] conocer los prazeres ocultos de la lectura, querer que otros gocen de ellos y acercar a cada lector lo que pudiese atraerle. Sin una experiencia personal fuerte, removedora, sin sentir la pasión por la lectura, el mediador sólo será puente.”

A minha ideia sobre mediação pensada a partir da metáfora da “ponte” teve as suas estruturas abaladas e, com isso, passei a desconfiar da metáfora, diante de muitas provocações feitas por essa pesquisa, de algumas oficinas que realizei durante o presente trabalho e, principalmente, por ter sido chamado/provocado pela educadora Rejane Galvão Coutinho, à época da qualificação, no dia 29 de agosto de 2022. A provocação da professora sugeria que eu “abraçasse” de vez outra definição que casasse melhor com a minha trajetória de pesquisa. Junto a Rejane, estava presente a mediadora de leitura e educadora Bel Santos Mayer, que também provocou para outra questão dentro do estudo: a importância da relação entre leitura e o descanso dos corpos, ou da leitura como descanso, o que envolve não pensar a leitura somente como um processo que sempre leva à crítica ou à construção de um pensar reflexivo.

Rejane foi uma *upúnga*⁸⁰, ou seja, aquela pessoa que é encarregada de ser mensageira/emissária para mediar ou entregar uma mensagem, o que interpretei depois como uma provocação de Exu. Com uma risada marota de canto de boca, assim como a do orixá, além de provocar sobre o conceito da encruzilhada, ela trouxe um breve panorama no Brasil na sua fala sobre o conceito da mediação pensada a partir da metáfora de “ponte”:

[...] eu sempre achei que esse conceito de ponte para qualificar uma mediação [...] muito redutor. A ideia de ponte, ela é algo que se constrói sempre por alguém, ela não é construída coletivamente. Ela é construída pelo mediador, por alguém ou pela instituição e ela passa por cima de alguma coisa, que é justamente das águas. [...] se você passa na ponte você não molha os pés nas águas, você não se permite fazer esses movimentos [...].

Foi um conceito (*a ideia de ponte*) que a gente se apropriou aqui no Brasil e a gente saiu usando porque ele [...] fazia algum sentido, mas todo mundo que estava trabalhando no campo ficou tentando entender, ficou tentando mapear [...] ⁸¹.

Eu fui “acordado” por meio dessa frase e reflito que pensar a mediação a partir da metáfora da “ponte” é considerar sobre as alterações (muitas vezes violentas) da paisagem para a construção da estrutura da ponte ou a inserção de um elemento não natural para mediar algo. Ainda sobre a ponte, pode-se pensar quais foram as mãos que construíram essa ponte, não as mãos dos que a projetaram, mas as mãos de trabalhadores e trabalhadoras muitas vezes explorados por relações capitalistas e sub-empregos, como muitas instituições fazem com o setor de mediação cultural ou de leitura.

⁸⁰ Palavra da língua Kimbundu.

⁸¹ Trecho retirado da reflexão da Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho durante o meu Exame de Qualificação realizado no dia 29/9/2022.

É fato que a ponte possibilita o atravessamento, porém, nesse atravessar há muitas questões envolvidas, até mesmo situações nas quais quem atravessa não conhece os meandros para a construção da estrutura. Quem atravessa/se conecta por meio da ponte a algo pode não perceber as sutilezas que existem nas margens do território que circunda a construção, os lugares de pouca ou muita fundura de um rio, o que pode estar abaixo da ponte ou habitar as suas estruturas. Outra questão que pode ser pensada é que a ponte permite apenas um único caminho em linha reta/rota, ou seja, ela direciona, o que pode ser pensado como um não processo de reflexão, não escolha de caminho ou como uma imposição disfarçada de sugestão-mediação.

Portanto, diante dessas reflexões sobre a mediação pensada a partir da metáfora da ponte, a palavra que adoto nesse estudo e que melhor sintetiza a metáfora de mediação dentro do campo da leitura (ou cultural) é o princípio/palavra “encruzilhada”:

Cada palavra, digamos, é um recipiente criado para abranger uma certa realidade. Porém para a delimitação de fenômenos psíquicos, de realidades emocionais, de artefatos da imaginação ou de conceitos, os adjetivos muitas vezes não são suficientes. As metáforas são úteis para dar razão a todo tipo de conteúdos poliédricos, porque permitem entender um espaço de nossa experiência em relação a outro objeto que conhecemos melhor. [...] Resumindo, as metáforas não somente estruturam nosso sistema conceitual, mas também, mudam à nossa maneira de perceber o mundo e de atuar sobre ele. (BALLAZ, RINCÓN, 2015, p. 30- 31, tradução nossa)⁸².

Diante do exposto, a encruzilhada permite escolher caminhos, caminhar, tensionar, repousar, encontrar outras estradas, bifurcações, cortar caminho e até mesmo chegar a outras encruzilhadas:

A encruzilhada corresponde ao entre lugar da convergência e da divergência, da contração e da distração. A encruzilhada é o congresso no qual a digressão humana se dá. Não por agressão (destruição) de si, mas transgressão (desconstrução). Somente assim, a desordem reordena, renova: o sacrifício, a sangria, o corte promove uma regeneração. (FAGUNDES, 2020, p. 140-141).

A encruzilhada é um dispositivo orgânico e polissêmico, logo, ela permite o cruzamento entre diferentes realidades, múltiplos olhares, inclusive escutar o que cada caminho apresenta ou lugares aos quais possivelmente tais trajetos podem nos levar. A encruzilhada permite a multiplicidade de caminhos, pois além dos quatro visíveis, existem mais três caminhos

⁸² No original: “Cada palabra, digamos, es un recipiente creado para contener una certa realidad. Pero para la delimitación de fenómenos psíquicos, de realidades emocionales, de artefactos de la imaginación o de conceptos, los adjetivos a menudo no bastan. Las metáforas son útiles para dar razón de todo tipo de contenidos poliédricos porque permiten comprender un espacio de nuestra experiencia en términos de otro objeto que conocemos mejor. [...] En resumen, las metáforas no solo estructuran nuestro sistema conceptual sino que cambian nuestra manera de percibir el mundo y de incidir sobre él.”

invisíveis: acima e abaixo da terra, e o terceiro, isto é, o coração, com o seu sentido pensado dentro da concepção da língua kimbundu, ou seja, não apenas como órgão do corpo humano, mas como colo, seio, consciência ou a voz que vem do coração, isto é, encontrar ou escutar a si mesmo ou o outro/outra no espaço onde é realizada a mediação de leitura.

A partir da encruzilhada como metáfora para “definir” a mediação, dessa forma, pode-se dizer que as mediadoras e os mediadores, junto aos interagentes da mediação, utilizam o livro e a leitura para chegar a territórios dialógicos. Dessa forma, semeiam espaços sem fronteiras fechadas para o pensamento, habitam locais de estar e de ser. Assim, um mediador ou uma mediadora sensível sempre pode “colocar”/possibilitar a caminhada desse leitor ou leitora para outras encruzilhadas, ou seja, para outras obras. Todavia, a partir da encruzilhada ou desse caminhar pelas estradas possibilitadas pela “encruza”, esse leitor ou leitora pode (e tem o direito de), a qualquer momento, sair dessa encruzilhada feito de/com palavras, ou seja, abandonar a leitura, o livro ou a mediação.

Pensar a mediação a partir da encruzilhada (e também de Exu) como metáfora para o ato de mediar é refletir sobre possibilidades de aberturas de “caminhos” para o encontro e descobertas de livros, autores, palavras, sentidos escondidos nas entrelinhas dos textos e muitas outras questões, ou seja, são instâncias de recomeços para as leitoras e os leitores percorrerem o conhecimento e o saber.

A encruzilhada, então, facilitaria o cruzamento, intercâmbios que antes não eram possíveis por alguma questão que pode ser de ordem política, social, histórica, cultural, econômica, de gênero ou religiosa. Portanto, quando existe essa troca, surge uma possibilidade de instância para uma emergência do dizer de alguma situação, de unir diferentes partes, visões e discordâncias no espaço de mediação por meio dos livros.

Assim, mediar a leitura ou fazer mediação não seria simplesmente uma ação que objetiva “depositar” ideias, porém, trata-se da construção e elaboração conjunta do diálogo com o interagente da/na mediação, “beber” dos seus saberes e partilhar conhecimentos sobre os livros e a leitura, acolhendo e sendo acolhido pela fala dos leitores-leitoras-interagentes no espaço onde acontece a mediação.

A partir da encruzilhada, uma das possíveis tarefas de mediadoras ou mediadores de leitura é a missão de construir caminhos com o possível leitor ou leitora “[...] para a superação, de forma lenta e gradual, de suas necessidades de saber e compreender o mundo” (RIBEIRO, 2007, p. 24) por meio dos livros e da palavra e da sua história pessoal. Esse mediador usa a

palavra e suas vivências pessoais para dialogar sobre livros e, nesse processo, traz elementos da sua vida e do mundo para dentro do espaço onde é realizada a mediação:

O mediador é como o narrador ancestral que sempre tem uma história para contar sobre um livro, uma cena que leu, uma poesia que o emociona, uma história de amor que o move para viver a sua própria história. E do outro lado há quem o escuta e o observa, podendo ou não trilhar caminhos de aproximação. (RIBEIRO, 2007, p. 24).

A relação do mediador de leitura com o texto lido, quando observada com mais atenção, configura-se como uma “apropriação” poética da palavra do outro. As palavras do escritor ou da escritora são ressignificadas ou “reescritas” por quem media a obra. O mediador ou mediadora acolhe esse texto durante a leitura e, assim, o livro mediado, momentaneamente, passa a ser “escrito” oralmente. Nesse “reescrever”, o mediador imprime entonações, pausas e reforça determinadas palavras. Há uma “incorporação” do texto, que interpreto como uma escrita de sentidos:

O mediador é alguém que toma o texto como um monumento que precisa ser explorado, olhado, analisado, desconstruído se necessário, para que possa emergir a voz, a compreensão singular daquele que lê. “Alguém que manifesta à criança, ao adolescente e também ao adulto uma disponibilidade”, um acolhimento, uma presença dialógica e que, principalmente, considera o outro – que precisa ser levado ao texto – como um sujeito histórico, cultural, portanto, “construído por” e “construtor de palavras” carregadas de sentidos. (BARBOSA; BARBOSA, 2013, p. 11).

Com isso, segundo a reflexão da escritora Isabelle Jan, em depoimento concedido à pesquisadora espanhola e especialista em livros infantis, Ana Garralón, o mediador ou a mediadora seria a chave para abrir portas para o encontro entre leitores e textos-livros:

O animador é quem se converte na peça-chave do edifício. Como se contos, relatos e imagens não pudessem existir sem a presença de um comentário, como se não pudessem existir somente pelo efeito da energia que contém, e tivessem a necessidade de uma pessoa existir, para ganhar vida. (GARRALÓN, 1991, p. 43, tradução nossa)⁸³.

Nota-se que Isabelle Jan usa a palavra animador. Animar algo é dar vida, isto é, fazer nascer alguma coisa, boa ou ruim, ou até mesmo colocar algo em movimento, questões que se fazem presentes na mediação de leitura, pois:

Um livro parado em uma estante é como um objeto qualquer. Ele só se tornará literatura a partir do momento em que alguém o pegue, o abra e comece a ler as suas palavras ou imagens. Dessa forma, alguma coisa diferente começa a acontecer. (HONORATO; CAVALCANTE e DAMASCENA, 2018, p. 61).

⁸³ No original: “El animador es quien se convierte en la pieza clave del edificio. Como si cuentos, relatos e imágenes no pudieran existir sin la presencia de un comentario, como si no pudieran actuar por el solo efecto de la energía que contienen, y tuvieran necesidad de un manipulador para existir, para animarse.”

Por meio da palavra edifício, presente no pensamento de Jan, penso que na sua constituição estão presentes andares e escadas com muitas portas que levam a outras para se chegar aos apartamentos, configurando uma espécie de labirinto. Outra reflexão da autora presente no texto de Garralón (1991) metaforiza a figura do mediador como uma “chave”.

Pensar em chaves envolve pensar em aberturas de portas que levam a caminhos. Pensar em caminhos, por exemplo, para os praticantes do candomblé é lembrar de Exu, que abre caminhos e que vive mediando nas encruzilhadas:

Os mediadores estão no meio, no meio do caminho, no meio da atividade, no meio da vida: são presentes, mas não eternos, e objetivam autonomia dos aprendizes. Um mediador será sempre um animador, alguém que põe ânimo e alma no que faz. Mediar pode significar, também, o exercício de dar espaços às vozes existentes nos aprendizes. (MADI, 2006, p. 55).

Exu rege a comunicação, fabrica palavras e é o coração e a pulsação das palavras. Logo, cruzo novamente a figura de Exu com um mediador de leitura, uma vez que tanto o orixá quanto o mediador de leitura vivem “[...] (n)as palavras, como vive (n)as ruas, (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos” e, para eles, as palavras são “[...] como ferramentas para fazer mundos, encontros, memória.” (NASCIMENTO, 2018, p. 9).

Mas para esse “andar” entre as palavras que levam a diversos lugares, é preciso olhar pelas brechas e sentir as possibilidades de acessos, vislumbrar as oportunidades que vivem dentro e no intervalo das palavras. Ao perceber essas brechas contidas ou deixadas pelas palavras nos livros, o mediador vislumbra a abertura de caminhos para que o outro se aproxime da leitura e seja mobilizado para o ato de ler ou dizer algo.

Diante das questões levantadas sobre mediação e mediadores ou mediadoras de leitura, como pensar a mediação em um país como o Brasil onde os níveis de leitura ainda são incipientes? Para quê pensar mediação? Quem reflete sobre ou faz mediação? Qual o imaginário criado sobre a mediação da leitura? Responder a essas perguntas exige despojamento e análise crítica realizada pelos próprios mediadores e mediadoras sobre a sua prática, sobre a sua própria história leitora, os acessos desses profissionais aos livros e até mesmo sobre o inexistente campo de profissionalização e valorização da área da mediação de leitura.

Avaliar essas questões é problematizar a própria prática da leitura e seus discursos. Pensar em mediação, como escreveu a educadora e umas das principais referências quando se fala em arte educação no Brasil, Ana Mae Barbosa, é ter que fugir do campo de respostas óbvias e, com isso, buscar uma atuação lógica circundante, onde é “[...] preferível fazer perguntas que

não se dirigem apenas à leitura da obra observada, mas ao entendimento de questões da arte. A função da pergunta é levar a pensar, estimular associações e interpretações.” (2009, p. 20).

A partir do pensamento da autora, essa reflexão sobre mediador e mediação de leitura poderia ser ampliada para refletir sobre o contexto da mediação de leitura, não somente a fruição do gênero literário. Em seu ofício, o mediador estaria preocupado com outras questões que envolvem a cadeia produtiva do livro, as políticas públicas do setor, as implicações éticas e políticas da sua formação e a leitura da realidade social do interagente da mediação.

Posto isso, para esse mapeamento sensível da realidade-território dos leitores e leitoras-interagentes, esse mediador ou mediadora poderia pensar algumas perguntas como: com qual grupo e para quem realizo mediação? Em qual espaço-território faço mediação e quais/como as questões culturais, as sociais, de gênero, de raça, as religiosas, as ambientais, as políticas e as econômicas se apresentam dentro desse local? O que esse território me diz e quais os interesses dos interagentes da mediação?

Essas questões e as possíveis respostas, a partir do que experienciei dentro das indústrias e empresas, demandam tempo para surgirem em alguns locais e requerem envolvimento do mediador com o território de forma aprofundada para uma interpretação dos “dados”. Como resultado, as respostas permitem a realização de um trabalho sob uma perspectiva integradora do fazer mediação, isto é, elas sustentam os fios de uma rede interrelacionada que podem auxiliar a identificação de caminhos e situações possíveis para a mediação de leitura em um diálogo rico com os interagentes. Fora isso, também reflito que essas respostas podem ser caminhos para possibilitar articulações culturais com outros espaços para a realização-potencialização de atividades que podem ampliar a rede de contato com a arte e com a cultura.

Considerados os aportes teóricos que fundamentam a visão do autor sobre a mediação, sua função e forma, retomo a experiência que levou à escolha por esse caminho de pesquisa. Ao começar a trabalhar diretamente com mediação de leitura no ano de 2017, passei a pensar e a questionar: o que era a mediação de leitura? Como ou qual a melhor maneira de fazê-la? O que define a mediação de leitura? O que é e como mediar? As respostas para essas questões encontrei na prática ao fazer mediação e a partir da interação e leitura dos espaços onde mediava.

A meta da mediação de leitura realizada dentro das indústrias e empresas era criar vínculos, provocar admiração para uma possível aproximação com o livro e a leitura, assim como gerar encanto e interpretações sobre a história/livro lido. Quando trago a possibilidade da aproximação entre leitoras e leitores com os livros via encantamento, isso era objetivado

justamente sobre como percebia e pensava a mediação, ou seja, como uma brincadeira, embora não se tratasse de um encanto acrítico. Também passei a refletir sobre o conceito da mediação de leitura dentro da perspectiva da não possibilidade, do não acontecimento, do não querer ou do não desejo ou do abandono do interagente-participante durante a sua realização.

De qualquer forma, para que a mediação ocorresse, era necessário que eu, as leitoras e os leitores estivéssemos disponíveis. Nesse ato de brincar-meditar, desconstruía e construía o próprio conhecimento por meio da minha prática, e alterava os caminhos e formas de fazer a mediação diante dos imprevistos no local onde eram realizadas.

Após as mediações realizadas ao longo de dois anos nessas indústrias, avalio que o meu corpo/estar mediador nasceu e foi construído pela fala das leitoras e dos leitores, pelos apontamentos e pelas reações dos corpos/histórias dessas pessoas que conheci. Fui forjado mediador aos poucos em meio a esse caminhar/processo entre mediadores e interagentes e a partir da análise da minha prática, assim como por meio da intervenção dos interagentes da mediação e das suas observações:

O mediador se forma enquanto atua, gosta e se aproxima mais da leitura, mesmo que ele não se perceba neste processo. Daí a importância da formação continuada em meio ao desenvolvimento dos projetos: ela permite que as práticas junto aos leitores possam ser cada vez mais eficientes e criativas. Neste sentido, é fundamental que os mediadores se vejam como leitores permanentes, porém, lendo além das palavras e com a possibilidade de se apaixonarem a cada nova experiência com a leitura, seja ela na mediação junto ao outro, seja ela na reviravolta de suas memórias que podem ressurgir a cada nova experiência. Ninguém que atua na mediação de leitura deveria ser um leitor invisível, “à margem,” mas um leitor presente e convicto. (MEDEIROS; FIDALGO, 2021, p. 103).

Ao “nascer” mediador e ser constantemente auxiliado a caminhar pelos interagentes da mediação, eu via o caminho da palavra/com a palavra escrita, falada, pelo silêncio e pelas experiências ao realizar mediação:

Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem. [...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo. (FREIRE, 2017, p. 96).

O desdobramento poético de sentidos nessa encruzilhada chamada mediação de leitura, tudo e todos estão envolvidos: desejos, vontades, necessidades, potências, negação, desvios, novas rotas, possibilidades e reflexão sobre o conceito.

No começo desse texto, a menina Obax não sabia qual caminho seguir. Antes de partir, Exu lhe disse: “- Menina, vá! Anda o teu andar sem pressa [...]”⁸⁴, mas não se prenda a lugares, a conceitos, a questões imóveis, apenas ande!

“- Escuta o silêncio”, pediu Exu à menina.

Sem entender nada, mas enxergando tudo, Obax viu o Coelho Branco (CARROL, 2015) passar correndo e entrar em um caminho. Ela seguiu pelo caminho da esquerda e disse: Laroyê, Exu!

⁸⁴ Canção “Boa hora” de Alessandra Leão e Juliano Holanda (2009).

Sobre os caminhos que surgem: um diálogo entre o contexto do terreiro e as indústrias e empresas. As “encruzilhadas”, isto é, onde aconteciam as mediações. O axé da palavra. Sobre corpos que dançam. A curadoria de um acervo.

5. O meu terreiro para brincar com as palavras e para mediar livros

“– Você por aqui?”, perguntou Exu a Obax para iniciar o diálogo debaixo do pé de uma frondosa gameleira branca⁸⁵, situada no meio de uma encruzilhada.

“– Você não sabe por onde andei”, exclama a menina, em tom de euforia, querendo contar sobre os caminhos por onde havia passado: “– Eu vi ‘[...] chuva de água, chuva de pedras, chuva de estrelas, chuva de folhas quando o vento estava agitado; e nos lugares mais frios, [...] chuva de flocos de algodão’ (NEVES, 2010, p. 22); e novamente estou aqui na encruzilhada: o ponto de partida!”

O vento derrubava pequenas folhas da árvore, que caíam e faziam volteios no ar. Exu conversava com elas, quando Obax pediu para que ele narrasse mais uma história.

Obax diz que gostaria de escutar uma narrativa que não tivesse fim, mas que juntasse dois universos e pessoas diferentes em uma única história. Além disso, queria que essa narrativa tivesse sons percutidos de tambores feitos de couro e que os corpos fossem livres e dançassem ao som deles, grafando ancestralmente as páginas com essas movimentações. Porém, em contraponto a esse dançar e encantamento de corpos, que a mesma narração abordasse corporeidades que não dançam, mas apenas executam movimentos como “máquinas” que produzem coisas, e que em muitas situações não são usufruídas por quem as produziu.

Exu reflete em silêncio sobre o pedido.

Obax diz ainda: “– Contudo, desejo que essas pessoas não sejam iguais às máquinas de verdade, mas que dentro delas habitem sonhos e poesia.”

Havia impaciência nos gestos e na fala da garotinha, ansiosa para escutar logo a história, assim como um leitor que deseja terminar sua leitura, mas é importunado a todo momento e sempre precisa recuperar o contexto do que estava lendo.

No entanto, Exu, ciente dessa impaciência, ri e diz: “– Você sabe que ‘o tempo não gosta de nada que se faz sem ele.’ (MACHADO, 2019, p. 28)”⁸⁶.

A menina responde: “– Ora, ora... o tempo!”

O vento, “bisbilhoteiro e audacioso, rei dos andarilhos, rompendo fronteiras, invadindo espaços, vasculhando esconderijos, [...]”, e o qual “[...] carrega um alforje de histórias para

⁸⁵ A árvore possui um significado especial na tradição dos orixás e está associada/é a morada de Irokô, entidade relacionada ao tempo (suas variações e ciclos) e à ancestralidade. A árvore também está relacionada ao *Nkisi Kitembu*, entidade ligada ao tempo na nação do candomblé congo-angola.

⁸⁶ Frase dita pela Ebome obá Gesin, conhecida como Tia Detinha de Xangô, para Vanda Nascimento (2019) durante a realização da pesquisa no Ilê Axé Opô Afonjá, localizado na cidade de Salvador (BA). A frase da Ebome traz a questão sobre as relações e interações entre a sabedoria e o tempo dentro de uma roça de candomblé.

quem quer ouvir e aprender” (AMADO, 2008, p. 19), começa a cessar lentamente; e, com isso, deixa uma leve brisa no ar. O sol já tinha acordado e, de tanto “caminhar”, já ocupava a metade do céu.

Assim, o mediador de leitura começa a história sobre as suas andanças e a traz para a leitura desse território – no caso, os terreiros de candomblé e suas pedagogias –, para interpretação e reflexão dos espaços onde aconteciam as mediações de leitura. Como arcabouço teórico sobre os terreiros, o pensamento será ancorado nas reflexões da baiana e contadora de histórias Vanda Machado (2019), Beatriz Nascimento (2021), Tássio Ferreira Santana (2021), Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2019). Já os pensamentos de Acácia Zeneida Kuenzer (1986), Ricardo Antunes (1999) e Simone Weil (1996), filósofa francesa que trabalhou como operária na França na década de 1930, auxiliarão a refletir sobre outro “terreiro”, no caso, os espaços onde eram realizadas as mediações dentro das indústrias e empresas.

Também trago para essa escrita as minhas experiências dentro das casas de santo, locais em que o meu corpo foi atravessado e sensibilizado pelos saberes, pedagogias e poéticas próprias (especialmente na *Nzó* Kyloatala, terreiro de candomblé da nação congo-angola); além do meu trabalho no espaço fabril e empresas a partir da metodologia da autoetnografia (SANTOS, 2017; ADAMS; BOCHNER; ELLIES, 2019), de cuja abordagem surge a minha percepção enquanto mediador de leitura dentro das indústrias e empresas e as minhas experiências como filho de santo.

Se escrevo e proponho esse aporte como mediador/pesquisador, a fim de pensar a mediação a partir dos terreiros de candomblé, é porque nesses espaços eu vi, senti e experienciei a palavra imantar na minha carne, além de fazer corpos serem reavivados para a potência da vida. Também senti e vi a palavra nascer/ser mediada e cuidada como se cuida de um bebê, saindo do ventre da mãe e chegando ao mundo. Portanto, a partir dos saberes de um terreiro, falo de uma “lógica”, ou “anti-lógica”, de se pensar, refletir e viver as experiências do mundo.

Eu vi e experienciei lugares onde um povo inteiro persegue a poesia escrita pelo invisível, onde o sagrado habita e é guiado pelo batuque. Onde o toque dos *jingoma*⁸⁷ guia o passo e a movimentação de corpos de homens e mulheres, crianças e idosos, com pés no chão cobertos pelas *nsaba*⁸⁸ de São Gonçalinho.

⁸⁷ Tambores sagrados e consagrados dentro de uma *Nzó*. Dentro de uma casa de santo, somente os filhos de santo que não entram em transe podem tocar. Na nação congo-angola, os tambores são denominados “Tixina”, ou seja, o maior, “Makundo”, isto é, o médio; e “Kassumbi”, no caso, o menor; ou podem ser chamados, respectivamente, de “Rum”, “Rumpi” e “Lé”.

⁸⁸ Folhas.

Eu andei por espaços apertados e simples, mas cheios de acolhimento, fé, afeto e amor. Nesses lugares, o balanço das saias desenhava movimentos, enquanto os corpos dançavam sendo conduzidos pelo som dos *jingoma* e pelos cantos. O branco das vestes resplandecia nas paredes e nos olhares dos presentes.

Entrar em algumas roças de candomblé – por exemplo, na minha, que é a *Nzó Kyloatala* –, é pisar os pés na terra, escutar as folhas dançando com o vento e o canto dos pássaros, e perceber o corre-corre de crianças desfrutando da liberdade. Na estrada de terra, antes dos filhos ou visitantes chegarem à porteira da roça, avista-se de longe a bandeira branca do *Nkisi*⁸⁹ Kitembu, divindade que rege o tempo, tremulando com a passagem do vento. A bandeira branca é um dos símbolos da nação angola.

Ao chegar na porteira da roça do qual sou *Ndúmbe* – ou seja, aquele que ainda não foi iniciado –, a primeira casa avistada é a do caboclo Araribóia⁹⁰. Ao entrar, logo à esquerda da porteira, fica a casa de *Mpambu Njila*, o senhor dos caminhos e da comunicação. Ao andar mais alguns metros, os mais atentos poderão avistar acima o Barracão, onde acontecem as festividades e algumas cerimônias religiosas, com as suas paredes caiadas de branco, tendo como paisagem de fundo o verde das copas e os troncos das árvores, que dançam com a passagem do vento.

Ao chegar na porteira e ao entrar na roça, o meu corpo começa a sentir esse território, que traz, pouco a pouco, conforme adentramos nos espaços, os cheiros das folhas, das comidas, da defumação, das cores dos alimentos e dos pratos para os *minkisi*⁹¹, que estão ou serão preparados ao longo do dia na cozinha pela mediadora e responsável Makota⁹² Dansegy, com

⁸⁹ O *nkisi* “é uma força da natureza, uma energia viva manipulável de acordo com os interesses e necessidades dos homens. [...] é uma força, uma energia (*nguzu*) que vem das manifestações da natureza, como o raio, o trovão, a água salgada, a água doce, a chuva, e outros fenômenos atmosféricos, assim como as plantas e animais. Tudo o que é vivo está interligado ao homem e pode transmitir-lhe *nguzu* em maior ou menor quantidade de acordo com os ritos propiciatórios. Para o homem do universo banto todas as realidades, humana, animal, vegetal, mineral é sagrada e faz parte de um mesmo universo, tanto quanto a comunidade tradicional é formada pelos vivos, os homens mortos e os que estão para nascer.” (ADOLFO, 2010, p. 93-94). Ainda sobre *nkisi*, Nei Lopes (2004, p. 342) diz: “Cada uma das divindades dos cultos de origem banta, correspondente aos orixás iorubanos. [...] ‘força sobrenatural’ e, por extensão, o receptáculo ou objeto em que se fixa a energia de um espírito ou de um morto. No Brasil, passou a significar o próprio espírito e ser usado, nos cultos bantos, como sinônimo de orixá.”

⁹⁰ A palavra caboclo passou por diversos significados ao longo da história colonial brasileira. Todavia, dentro do universo religioso, a palavra pode ser pensada como valorização dos primeiros habitantes do que hoje chamamos de Brasil. De acordo com antropóloga e escritora de livros infantis Janaína de Figueiredo (2021, p. 185), “é como se, no Angola, o índio, transformado em Caboclo, se tornasse um marco fundacional da terra e da ancestralidade. A memória novamente é convocada nessa cosmovisão. [...] Nessa paisagem, o Caboclo constitui uma figura polissêmica que percorre o Angola como um ancestral itinerante, mas não esquecido; dialoga com os ideais nacionais e ao mesmo tempo rememora o antigo culto de uma África ressignificada. Igualmente, delimita fronteiras com o culto aos *Minkisi*, sendo em alguns Terreiros, marginalizado e profanado, e em outros, divinizado.”

⁹¹ Plural de *Nkisi*.

⁹² Mãe.

o auxílio das filhas e dos filhos de santo. A cozinha configura-se também como um local pedagógico dentro de uma casa de santo, pois é um espaço onde “[...] se sussurram os fundamentos, se escondem os segredos, mas é também de onde surgem as cores, os sabores e os perfumes que encantam as divindades e avalizam os mistérios que existem entre o orum e o aiê.” (KILEUY; OXAGUIÃ, 2009, s/n).

Portanto, chegar no terreiro é o momento de “esfriar” e diminuir o ritmo do corpo para entrar no compasso dos acontecimentos da casa. Depois da *maiunga*⁹³ tomada e após pedir a bença aos nossos mais velhos⁹⁴, vamos para as funções da casa. Deixamos todas as nossas “urgências” ou desejos falsos e sem necessidade, que o mundo nos impõe e obriga socialmente para estar/dizer quem “somos”, e entramos em um espaço de mediação constante de saber, cuidado com a palavra e com os gestos.

As sensações percebidas pelo corpo reafirmam que a nossa ancestralidade-corpo chegaram em casa e finalmente a existência pode “repousar” em um lar-morada chamada pertencimento. A “chave temporal”, isto é, a relação com o tempo muda quando se entra dentro do terreiro e quando logo na entrada pede-se licença e bença a Exu, em algumas nações, e a *Mpambu Njila*, nação da qual sou filho de santo, no caso a congo-angola:

Pensar o tempo no terreiro, porém, é um exercício de fuga das amarras ocidentais. Somente imerso no cotidiano desses espaços-tempos se consegue perceber que todas as práticas em um terreiro se dão concomitantemente em muitas temporalidades. A noção de passado, presente e futuro ocidental se dilui ao percebermos que o presente do terreiro se comunica com os ancestrais, presentes em outro tempo e que retornam a terra através das possessões e/ou dos sistemas oraculares. O tempo, portanto, não é linear como nós assumimos no ocidente. [...] o tempo do terreiro é sincrônico, onde passado, presente e futuro coexistem no espaço. Quando um ancestral, um antepassado da comunidade vem trazer orientações para que determinadas atividades obtenham êxito ou para que certos percalços não ocorram, é a materialização do passado que já sabe o futuro e vem remodelar o presente. (FERREIRA, 2021, p. 85).

⁹³ Banho ritual de folhas. “Do quimbundo *maiunga*, pl. de *iunga*, banho, correspondente ao quicongo *ma-yungu*”, segundo Nei Lopes (2012, p. 155).

⁹⁴ Em um trabalho desenvolvido por mim em parceria com Ayni Estevão de Araújo, pesquisadora, cientista social e educadora, e por Tata Kamuanga, integrante da *Nzó Kyloatala*, contador de histórias e músico, nos propusemos a refletir sobre a hierarquia dentro de uma roça de candomblé. A estrutura de funcionamento de um terreiro deve ser pensada a partir dos contextos das culturas africanas e afro-brasileiras, isto é, é uma lógica diferente da hierárquica ocidental. O que organiza essa hierarquia é a senioridade, ou seja, o tempo de iniciação no santo: “Com base nas reflexões de Oyèrónkè Oyèwùmí, cientista social, teórica, feminista nigeriana e autora da obra *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*, entendemos que as cosmopercepções que constituem as culturas de terreiro não são patriarcais e não têm o gênero como fator determinante na hierarquia. [...]. Aliás, é por isso que, estruturalmente, esse é um espaço que tende a favorecer a igualdade de gênero, bem como o respeito à diversidade de identidades”, tendo como objetivo a vivência comunitária-comunidade. (ARAÚJO; FREITAS; KAMUANGA, 2022, s/n).

Entre um afazer e outro, os filhos e filhas da casa escutam cantigas sendo entoadas, histórias sobre algum *nkisi* sendo narradas e curiosidades sobre as entidades, ou outras questões que ocorrem dentro do terreiro, sendo contadas. Todos esses acontecimentos criam uma imagem e atmosfera de acolhimento no local. Com isso, o ensino e a aprendizagem sobre determinados fatos e assuntos acontecem *com a* e *na* experiência/experenciando a realidade-situação, fato que permite refletir sobre toda a atividade em si; ou seja, é levado em consideração o contexto-situação inteira, e não somente um “pedaço” do contexto, ação que permite uma inserção total do corpo-sentidos no aprendizado.

O corpo dentro do terreiro participa de diversos processos de mediação para o sensível e, em suma, como reflete a intelectual brasileira Beatriz Nascimento (2021, p. 251), “marca-se, como no quilombo ancestral e por ritos iniciáticos, o fortalecimento do indivíduo como um território que se desloca no espaço geográfico, incorporando um paradigma vivo e atuante no território [...]”. Portanto, os filhos de santo, ao saírem dessa “geografia sensível” para transitar por outros locais na sociedade, levam consigo essas poéticas imantadas, sobre a pele e debaixo da pele.

São corpos marcados por forças e funcionam como “máquinas” de “guerra existencial e filosófica”, ou ainda, corpos terreiros-territórios-quilombos. Essas passagens por outros locais deixam marcas, adentram as brechas, quando os filhos e filhas estão cientes das possibilidades pedagógicas que o terreiro oferece; e muitas vezes elas criam fissuras poéticas e levam as cosmoconcepções de vida para diversas outras estruturas sociais:

Ocupando o espaço com seu corpo físico (território existencial), eles apoderam-se da cidade, reproduzindo o modo dos antigos quilombolas, tornando-se, como aqueles, visíveis ao regime. Fazendo deste um espaço descontínuo no tempo, em que as “frinchas” provocam linhas de fuga e são elementos de dinamização que geram um meio social específico. (NASCIMENTO, 2021, p. 251).

Deste modo, em uma roça de candomblé, os conhecimentos imantados nos corpos são realizados e vivenciados por meio da experiência visual, sensitiva, olfativa, auditiva, afetiva, da práxis, do verbal e do não verbal. Nesse ponto, falo sobre a experiência, ou seja, para tê-la é necessário vivê-la, conforme pensa o educador espanhol Jorge Larrosa (2019). Todos esses saberes “concentrados” em um único espaço são/foram concebidos pelas afrografias ancestrais para o encantamento, questão que pode ser refletida a partir do pensamento de Leda Maria Martins (FREITAS, 2022, p. 48):

[...] na verdade [...] os saberes não se escrevem apenas pelas letras alfabéticas, mas se inscrevem por várias outras grafias do conhecimento e por vias das corporeidades. [...]

Quer dizer, as corporeidades tem esse papel, esse lugar que é um dos princípios básicos de formulações dos saberes africanos que é o princípio do movimento [...].

Em consequência das ativações para o sensível, o corpo, dentro da roça de candomblé, aos poucos “silencia”, ou seja, é sensibilizado para outras percepções e sensações, tanto para o visível como para o invisível, tarefa nada fácil quando o nosso corpo-sentidos trazem gravados na memória ações e experiências provenientes de base/conhecimento europeu, que nega o saber do corpo ou o corpo como território de conhecimento:

O primeiro e mais difícil exercício metodológico ao se chegar ao Terreiro é silenciar. Observar. Aprender através da dinâmica do lugar. A relação de vida e sociedade ocidental subverte a noção do silêncio como ‘silenciamento social’ – o silêncio como impossibilidade de comunicar-se, negar o direito a fala. Na verdade, a perspectiva aqui é outra. [...] o silêncio como edificação do conhecimento. Elucubração e ressignificação necessária ao processo de ensino a partir do conhecimento que foi apresentado ao *ndumbi* (não iniciado).

Os mais velhos me ensinaram que só pode levantar para ensinar, aquele/aquela que sentou um dia para aprender. É difícil entender a lógica ocidental que tem muito a dizer sem mesmo conhecer a natureza das coisas. (FERREIRA, 2021, p. 125).

Fora desse contexto cultural, social, educativo, político e religioso, os nossos corpos são sempre provocados, explorados e excitados por meio de muitos estímulos, de palavras e ações outras, que muitas vezes não indicam nenhuma situação concreta de ativação para o sensível ou o prazeroso, mas apenas confundem ou arruinam mecanicamente os sentidos, ou seja, são ruídos descompassados que perturbam a nossa potência para existir:

Vivemos em sociedades completamente pornográficas onde os nossos corpos são sistematicamente usados e explorados dia e noite. Desde que toca o maldito despertador até o momento em que tomamos os remédios para dormir um sonho farmacológico, NÃO SOMOS NOSSOS. Não nos pertencemos. Somente existimos enquanto valor de uso. Não temos valor ontológico. É dizer, não valemos porque sim, valemos segundo as coisas que produzimos e consumimos. E produzimos em direta relação segundo com o quanto nós nos deixamos ser explorados. Quanto maior a exploração, maior a produção. Essa é a cruel equação. Somos maquinais, o sistema nos explora, o chefe nos explora e se não temos patrão, nos auto-exploramos. Nos exploram os amigos e os inimigos. Nos exploram os maridos, as esposas, os namorados, as namoradas, os filhos, os filhos dos filhos. [...]

Acrescente a esse fato irrefutável de que nos países latino-americanos a exploração é e continua sendo a pedra fundamental de nossas repúblicas, povoadas a força de golpes e fuzil, por meio da sistemática violação da população feminina indígena obrigada a procriar a descendência mestiça (é dizer a descendência escrava) do colonizador. Vivemos em sociedades depredadoras, ecocidas, altamente inconscientes. (NEIRA, 2022, s/n, tradução nossa)⁹⁵.

⁹⁵ No original: “Vivimos en sociedades completamente pornográficas donde nuestros cuerpos son sistemáticamente usados y abusados día y noche. Desde que suena ese maldito despertador hasta que nos tomamos la pastillita para dormir un sueño farmacológico, NO SOMOS NUESTROS. No nos pertenecemos. Solo existimos en cuanto valor de uso. No tenemos valor ontológico. Es decir no valemos porque sí, valemos según lo que producimos y consumimos. Y producimos en directa relación según cuanto nos dejamos abusar. A mayor abuso, mayor producción. Esa es la cruel ecuación. Maquinales, nos abusa el sistema, nos abusa el jefe y si no tenemos

Ainda dentro do campo da sensibilidade, em um terreiro de candomblé, a palavra e as ações ganham destaque. Em algumas situações, só se fala o que precisa ser dito. Quem lê estas palavras pode entendê-las como um espaço que censura o dizer. Porém, há nessa proposta de “economia de palavras” uma busca pelo cuidado com o gesto, com o pensar sensível do dizer a palavra, de estar com a palavra, do refletir sobre o que anuncia a palavra, de ser corpo/*corpus* das palavras/ações, principalmente durante alguns rituais. Assim, nesses espaços:

A palavra também é viva. O iniciado não pode desperdiçar palavras. Muitas vezes, ouvi muito e entendi pouco. Muitas vezes, ainda, afastei-me com discrição por sentir que não era meu tempo. [...] A palavra é sagrada. (MACHADO, 2019, p. 52).

Em um terreiro, mulheres e homens “comuns” tornam-se reis e rainhas, legitimados em suas trajetórias e identidades ao reconhecerem-se pertencentes à sabedoria ancestral. A palavra é um dos elementos que traz essa sabedoria e acolhe, criando um verdadeiro oásis ancestral. A palavra guia vidas, reencontros, sonhos, existências, fazeres, memórias, corpos e experiências do agora quase materializados na fala de quem conta/canta e ensina. Os atos narrados (via palavra e gestos presentes nas corporalidades) em uma roça de santo unem quem fala com o que se narra a partir de:

[...] um universo narratório que o antecede, mas que, simultaneamente, o constitui e nele o inclui. A voz da narração, articulada no momento evanescente da enunciação, presentifica o narrado e os narradores antepassados, mas também singulariza o performer atual. Nesse ritual de apropriação e execução, a questão da autoria não se coloca e só pode ser abordada de forma secundária. Singular é a performance da fala, pois a fala é coletiva, legada pelos ancestrais. (MARTINS, 2021a, p. 80).

Tanto no decorrer histórico quanto na contemporaneidade brasileira, os terreiros de candomblé⁹⁶ foram/são locais de cura e de manutenção de tecnologias ancestrais de corpos

jefe, nos autoabusamos. Nos abusan los amigos y los enemigos. Nos abusan los maridos, las esposas, los novios, las pololas, los hijos, los hijos de los hijos. [...] Súmale el hecho irrefutable de que en nuestros países latinoamericanos el abuso es y ha sido la piedra fundacional de nuestras repúblicas, pobladas a fuerza de patada y fusil, a través de la sistemática violación de la población femenina indígena obligada procrear la descendencia mestiza (es decir la descendencia esclava) del colonizador. Vivimos en sociedades depredadoras, ecocidas, altamente inconscientes.”

⁹⁶ O historiador João José dos Reis (2018, p. 264) conclui que: “Foi na Bahia do século 19 que ficou estabelecido o modelo básico adotado pelo candomblé que conhecemos hoje. Segundo tradição, o Ilê Iya Nassô – a Casa de Mãe Nassô, popularmente conhecido como Candomblé do Engenho Velho ou Casa Branca – teria sido o primeiro a celebrar diferentes deuses simultaneamente sob o mesmo teto. Hoje essa hipótese já se encontra um pouco abalada por estudos que mostram a anterioridade dos africanos jejes, que introduziram o culto dos voduns na Bahia, no século 18. De todo modo, a prática do culto coletivo dos deuses refletiria alianças entre diferentes grupos étnicos, contribuindo para a consolidação de novas identidades africanas em terras brasileiras.” Porém, ainda sobre essa questão, Nei Lopes (2011, p. 193) diz: “Assim, podemos levantar aqui a hipótese da anterioridade dos cultos

pretos e de saberes dos povos originários. Na ausência do Estado ou de políticas públicas nos mais diversos contextos históricos, nos quais as dinâmicas de poder oprimiam povos africanos e nativos, a população pobre teve nesses espaços o cuidado para o fortalecimento cidadão e existencial via palavra que acolhe, do despertar e reforço da ancestralidade ou até mesmo pelo uso das folhas para tratar e curar diversas doenças físicas e de ordem espiritual.

Essas tecnologias afetiva e ancestral, presentes nas casas de santo provenientes da diáspora africana (MACHADO, 2019) e também das contribuições de saberes dos povos originários que habitavam o que hoje chamamos de Brasil, são saberes assentados e banhados pela/na complexidade das vivências das relações sociais travadas pela diáspora e nas relações dela provenientes, sempre contra o silenciamento e o aniquilamento colonial:

Assim, as muitas possibilidades de configurações de terreiros apontam que os mesmos podem refletir desde uma busca por ressignificação da vida referenciada por um imaginário em África, como também aponta para as disputas, negociações, conflitos, hibridações e alianças que se travam na recodificação de novas práticas, territórios, sociabilidades e laços associativos. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 42).

Com isso, a noção, a identidade e o pertencer a um terreiro de candomblé envolvem uma concepção de vida, de olhar e de se estar no mundo de forma filosófica, política, poética e existencial, em defesa da vida em todas as suas formas. As ações dentro de um terreiro são operadas por meio de experiências para cura/mediação de um corpo “quebrado” pela sociedade, que muitas vezes corta as nossas raízes ancestrais.

No terreiro, experencia-se uma deseducação constante das nossas aprendizagens e dos sentidos educados via relações capitalistas ou coloniais. Nesse espaço, somos banhados em uma correnteza de palavras sensíveis, dormimos com a palavra no corpo, deixamos a palavras no “bolso” para pensar:

Conforme a colonialidade infiltra cada aspecto da vida pela circulação do poder nos níveis do corpo, do trabalho, da lei, da imposição de tributos, da introdução da propriedade e da expropriação da terra, sua lógica e eficácia são enfrentadas por diferentes pessoas palpáveis cujos corpos, entes relacionais e relações com o mundo espiritual não seguem a lógica do capital. A lógica que seguem não é consentida pela lógica do poder. O movimento desses corpos e relações não se repete a si próprio. Não se torna estático e fossilizado. Tudo e todos/as continuam respondendo ao poder e na maior parte do tempo respondem sem ceder – o que não quer dizer na forma de desafio aberto, mesmo que às vezes seja em desafio aberto – de maneiras que podem ou não

banto-brasileiros sobre o culto jêje-nagô dos orixás no Brasil [...] E podemos sustentar o argumento – por que não? – de que, ao invés de terem emprestado sua teogonia e seus rituais aos Bantos, a tradição dos orixás jêje-nagôs, sim, é que, influenciada por estes, teria visto surgir de seu seio os chamados “candomblés de Angola” e “de congo” com seus *inquices* (do quicongo *nkisi* correspondendo a *orixá*), *tatas* (pais), *cambonos*, *muzenzas*, *sambas* etc., com seus atabaques percutidos com as mãos, ao contrário dos jêje-nagôs, e tensionados de modo diferente daqueles; com seus cânticos entoados em quimbundo ou quicongo e às vezes até permeados de expressões em português.”

ser benéficas para o capital, mas que não são parte de sua lógica. (LUGONES, 2014, p. 948).

Cada filho ou filha de santo carrega no corpo os saberes e ensinamentos vividos no terreiro⁹⁷; e esses saberes transmitem conhecimentos e memórias ancestrais provenientes das experiências de cada filho ou filha de santo mais velho, ou seja, não há um livro explicando o funcionamento e os detalhes de cada rito da religião. Todo o saber é gestado por meio da palavra, do estar e do fazer, que em uma casa de santo obtém a importância no aprendizado de práticas e existência no seio de uma comunidade:

No sentido mais amplo, há diferenças profundas entre a importância simbólica da escrita no âmbito do candomblé e na epistemologia judaico-cristã. No cristianismo, textos sagrados constituem a base fundamental do saber religioso. Ler esses textos, ouvi-los enquanto alguém os lê em voz alta e assistir a sermões em que eles são interpretados formam a base ideal da vida religiosa judaico-cristã. Análises sócio-históricas da importância da leitura na sociedade ocidental, como a de Manguel (1996), nos lembram que as raízes do sistema escolar secular do Ocidente se encontram na Igreja Católica. Desde a época medieval até praticamente o século XIX, a educação estava sob o controle da Igreja. [...] O legado dos valores epistemológicos do cristianismo é ainda perceptível no sistema de ensino contemporâneo, pela centralidade do texto como recurso didático.

Em contraste, no candomblé, o corpo de conhecimento relacionado ao universo simbólico, os ritos que chamam os orixás à terra e outros aspectos da prática religiosa não são baseados em textos escritos. Isto leva a transmissão do saber no candomblé a ser descrita como uma tradição oral, embora se insira em e interaja com a sociedade brasileira, a qual é profundamente marcada pela influência da tradição escrita. (CASTILLO, 2010, p. 26).

A tríade Exu-mediador de leitura-pesquisador diz à Obax que está deixando o terreiro de candomblé; diante da nuvem que “passa”, sinalizando a mudança de tempo, avisa que está entrando noutro “terreiro” e canta: “Tempo não tem casa/Tempo mora na rua/A morada de Tempo é o sol é a lua”⁹⁸; e outra linha narrativa abre a porta para a entrada em outro “terreiro”, isto é, onde as mediações de leitura eram realizadas.

Homens e mulheres cruzam a cidade para mais um dia de trabalho e aguardam os portões ou portas das indústrias e empresas serem abertas. Nesse esperar, a manhã vinha “[...] chegando devagar, sonolenta; [...] Demora entre as nuvens, preguiçosa, abre a custo os olhos sobre o campo, ai que vontade de dormir sem despertador, dormir até não ter mais sono!” (AMADO, 2008, p. 17).

⁹⁷ Ainda sobre esses espaços, o pedagogo Lúcio André da Conceição (2006, p. 32) nos conta que: “As ações deste lugar pressupõem o conhecimento dos rituais, embora nem todos saibam, pois se trata de uma religião iniciática na qual os neófitos acompanham o movimento dos mais velhos independente de conhecerem seus significados, que só virá sob participação contínua.”

⁹⁸ Cantiga de domínio público para o *nkisi Kitembu*, entidade do candomblé da nação congo-angola.

Com a chegada do dia, “às sete horas da manhã, faça sol ou chuva, a fábrica começa a se movimentar...” (JATOBÁ, 2006, p. 26). O relógio seguia seu “ritmo”, ou seja, fazia o seu trabalho de marcar a passagem do tempo para orientar as ações humanas. O ponteiro às vezes indicava 11 horas e, em outros dias, 12 horas, mas sempre próximo a esses horários eu chegava nas ruas e avenidas do Distrito Industrial, em pleno silêncio ou em movimento.

Se experienciei a poética das casas de santo, também vivi em outro “terreiro”, ou seja, os espaços onde eu realizava mediação de leitura dentro das indústrias, com média de funcionários entre 15 e 350 pessoas. Assim como Exu, que caminha por diversos lugares, andei durante dois anos cortando avenidas, ruas, estradas, rodovias e entrei por corredores, pátios e refeitórios levando livros e fazendo mediação de leitura dentro de indústrias e empresas, em sua grande maioria em locais relacionados à produção de sapatos que vestiam muitos pés, tanto dentro do território nacional como também internacional⁹⁹. Por serem as empresas e indústrias – cerca de 20 – do ramo calçadista os locais onde eu mais transitava-mediava, nesse estudo, as descrições do ambiente de trabalho, no qual as mediações eram realizadas, serão descritas e associadas a partir desses espaços.

A mediação de leitura nas fábricas e empresas era realizada, em média, 2 vezes por semana, chegando em alguns meses a oito mediações no total¹⁰⁰. Eram 40 empresas e indústrias no total – ou seja, 40 territórios com diferentes práticas e meios de atuação –, e participavam desse momento operários e operárias, ou outras pessoas das mais diversas classes sociais, crenças e visões de mundo.

Se eu fazia mediação dentro de indústria ou empresas, qual a definição dos trabalhadores e trabalhadoras na contemporaneidade, diante de tantas mudanças sociais? Para o sociólogo Ricardo Antunes (1999, p. 118):

[...] compreender a classe trabalhadora hoje, de modo ampliado, implica em entender este conjunto de seres sociais que vivem da venda da sua força de trabalho, que são assalariados e são desprovidos dos meios de produção. [...] uma classe mais heterogênea, mais complexificada e mais fragmentada.

⁹⁹ Segundo dados do Sindicato dos Sapateiros da região administrativa onde o mediador trabalhava, no ano de 2021, o salário base dos operários e operárias passou a ser de R\$ 1.342,00, além de outros benefícios. Em uma das empresas atendidas pelo pesquisador/mediador, e que fabricava calçados femininos e bolsas, o valor médio dos sapatos era entre R\$ 299,00 e R\$ 1.299,00. Já as bolsas custavam entre R\$ 559,00 e R\$ 7.499,00, segundo o site de vendas da fábrica.

¹⁰⁰ Por mês, cada mediador ou mediadora tinha como meta realizar seis mediações de leitura/troca de acervo. O público médio estimado pela instituição gestora do projeto para esses encontros entre mediador e leitores e leitoras era de no mínimo 30 participantes por mediação. Também havia um número mínimo que cada empresa deveria ter de empréstimos mensais, por exemplo, de 7 obras.

Se Antunes define essa classe como de pessoas que vendem a força de seu trabalho, no espaço fabril eu “enxergava” que aquelas e aqueles trabalhadores poderiam ser os meus vizinhos, primos ou tios e tias pela classe social da qual faziam parte, ou seja, a classe pobre de recursos financeiros, a qual precisa vender o seu “tempo” e força em troca de um salário para sobreviver.

E se o mundo do trabalho na contemporaneidade é fragmentado, os leitores e as leitoras-interagentes das ações de mediação dentro das indústrias e empresas também podem ser pensados dentro desse espectro fracionado e complexo de definição. Assim, medieei a leitura para pessoas em diferentes níveis de compreensão leitora, bem como em relações de aproximação, distância ou não contato com os livros.

Essas operárias e operários poderiam ser consideradas como leitoras ou leitores iniciantes, intermediários, experientes¹⁰¹ ou “adormecidos”, ou seja, aqueles que já foram leitoras ou leitores, mas que, no momento, não liam por alguma questão. Muitas dessas pessoas eram “fiscadas” ou “fisgados” pela conversa sobre um livro ou pela leitura de trecho de uma história durante a mediação. Logo, o resultado era que alguns trabalhadores e trabalhadoras levavam uma ou várias obras dentro da mochila no final do expediente. Importante frisar que também cruzei com não leitores de livros, mas excelentes leitoras ou leitores e provocadores de mundo que traziam nas suas falas a curiosidade e o desejo de dialogar.

As mediações de leitura aconteciam com mais frequência no horário do almoço, às vezes logo de manhã, no começo da jornada de trabalho, e em algumas ocasiões no período da tarde. Isto indica que as mediações aconteciam em momentos em que os corpos não estavam sendo explorados ou tendo a sua força usada para produzir coisas. Dito isso, a mediação de leitura nesses espaços pode ser pensada como um evento/acontecimento poético anti-exploratório.

Próximo ao meio-dia, as ruas perto das fábricas se transformavam em um mercado, que reinventavam o silêncio para uma invenção temporária de acontecimentos, com muitas sonoridades trazidas pelas interações entre as operárias e operários e também com as vendedoras e vendedores de doces, refrigerantes, salgadinhos, roupas, sapatos e produtos de beleza.

¹⁰¹ Para a escritora, poeta e mediadora de leitura Penélope Martins (2019), as leitoras e os leitores iniciantes são os que necessitam de estímulos capazes de aprofundar seu relacionamento afetivo com os livros e as histórias por meio de textos mais leves. Os intermediários são aqueles já familiarizados com a experiência estética e já tem uma relação afetiva com os livros. Para esses e essas leitoras intermediárias, são indicadas obras com narrativas mais longas e complexas que estimulam a leitura e a fluência crítica da palavra. Já os leitores experientes são aqueles que tem a capacidade e vontade de ler histórias consideradas complexas. As leitoras e os leitores experientes, em algumas situações, criam interpretações e diálogos constantes com outras narrativas e realizam também a análise crítica e aprofundada sobre a leitura.

Se fora do local de trabalho a luz natural indicava as condições do tempo, já dentro dos barracões a luz branca emoldurava os operários e operárias durante o labor. Ao entrar dentro das indústrias, o ruído da máquina dava o tom da “coreografia” a ser executada pelos trabalhadores/as. Os corpos entregues ao trabalho se relacionavam friamente com as máquinas e com a matéria a ser manipulada para fabricar sapatos.

Na fábrica, como aponta Simone Weil (1996, p. 161), ao relatar o estado de atenção exigidos dos corpos e mentes de operárias e operários durante o trabalho, “[...] o pensamento deve estar constantemente pronto ao mesmo tempo para seguir o curso monótono de gestos indefinidamente repetidos e para encontrar em si próprio recursos para remediar o imprevisto.”

Nas empresas de sapatos, locais que eu mais visitava, os funcionários se ocupavam de tarefas como corte, acabamento, pesponto (área onde as partes são costuradas), esteira/montagem, acabamento, revisão final e expedição. As mãos executavam movimentos rápidos, como se realizassem pequenas células coreográficas, e os dedos ágeis seguiam continuamente a mesma direção/rota sempre em relação ao couro ou as outras partes do sapato.

Os corpos desses operários e operárias estavam enfileirados e organizados para a realização e execução desses trabalhos e tarefas. Além de ter as suas movimentações limitadas pelo trabalho, o corpo do operário e da operária dentro do espaço fabril também tem as suas ações guiadas pelas ordens e imposições advindas de um superior. É um corpo sujeito a outrem para execução de uma tarefa, isto é, disciplinado ou útil para determinados fins. A fábrica e o patrão-patroa, a máquina e o trabalho a ser realizado criam:

[...] uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, desarticula e o recompõe. (FOUCAULT, 1999, p. 119).

Sobre esse controle e disciplina meticulosa das ações a serem realizadas no espaço fabril ou nas empresas, ancore-me no pensamento do filósofo Michel Foucault (1999, p. 118) para refletir que os corpos são levados via disciplina a uma relação de docilidade-utilidade, pois “[...] é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.” Para o autor (1999, p. 132), a partir dessas operações disciplinares, “o corpo, tornando-se alvo dos novos mecanismos do poder, oferece-se a novas formas de saber.” O resultado dessa disciplina seria o uso corporal para um fim específico, o que poderíamos entender, no caso das indústrias e empresas onde as mediações eram realizadas, como produzir para o patrão ou para a patroa.

Os ruídos ritmados das máquinas eram constantes. Algumas vezes, durante a mediação de leitura, como se eu fosse um médico que precisasse escutar o paciente para receitar um medicamento, os operários soltavam algumas palavras entre uma frase e outra que indicavam: dores de cabeça, irritabilidade, desânimo, dores pelo corpo e a concentração sendo testada a todo momento pelo trabalho a ser executado.

Essas dores no corpo e na alma e outras situações vivenciadas deixavam essas trabalhadoras e esses trabalhadores por vezes doentes. Se eu tivesse que executar uma trilha sonora para esse ambiente, sempre emoldurado pela luz branca fria e, às vezes, pela luz do sol que quebrava a frieza da luz artificial, ou se tivesse que escrever uma receita médica para exemplificar as falas dessas trabalhadoras e trabalhadores, escolheria a canção dos compositores Itamar Assumpção e Luiz Tatit, e a colocaria para ser usada/tocada no alto-falante de algumas fábricas por onde passei, indicando o estado de saúde dessas operárias e desses operários:

Eu ando tão dodói
 Mas tão dodói
 Que quando ando dói
 Quando não ando dói
 Meu corpo todo dói
 Tendão dói
 Dedão dói
 Pomo-de-adão dói
 Ouvido dói
 Libido dói
 Fígado dói [...]. (ASSUMPÇÃO; TATIT, 2007, s/n).

Seres sentidos ou sentindo algo! Para pensar as dores e doenças diversas do ambiente fabril-trabalhista, trago a reflexão das pesquisadoras Victoria Ayelén Gómez, Ana Magnólia Mendes, Daniela Scheinkman Chatelard e Isalena Santos Carvalho, ao analisarem as enfermidades ocasionadas pelo ambiente de trabalho (por meio da ação de chefe, colegas ou clientes, do esquema organizacional, da relação entre pessoas e materiais de trabalho/máquina) e o não falar sobre essas dores/patologias ocasionadas pela lógica desses espaços:

Diversas patologias encontram-se relacionadas com o ambiente de trabalho que não permite a fala sobre o que se sente. Existem angústias difíceis de nomear no ambiente laboral, pela impossibilidade de sua exposição, pois, nesses espaços, há impedimentos do encontro entre o sujeito que carrega uma história singular, personalizada, e a organização do trabalho despersonalizante (Mendes, 2012). Expressar-se de forma pública no coletivo de trabalhadores envolve mostrar uma vulnerabilidade que não é compatível com um contexto perverso (Saraiva e Mendes, 2014), permeado por uma lógica de competição, enfraquecimento dos laços sociais e que nega aos trabalhadores

a consciência sobre a potência da reação. Trata-se de uma racionalização produtiva que desconsidera os laços. (GÓMEZ *et al.*, 2016, p. 255).

A lógica de funcionamento das fábricas é: patrão/patroa, que são donas e donos dos meios de produção; e operários/operárias, que usam o seu “corpo-máquina” para produzir para o sistema capitalista. Nesse contexto, o valor do tempo do trabalhador, a força de trabalho¹⁰² e a forma como o seu corpo executa as ações estão sendo controladas e orientadas pela lógica da produção:

O trabalhador labora sob o controle do capitalista, a quem pertence seu trabalho. O capitalista cuida para que o trabalho seja realizado corretamente e que os meios de produção sejam utilizados de modo apropriado, a fim de que a matéria-prima não seja desperdiçada e o meio de trabalho seja conservado, isto é, destruído apenas na medida necessária à consecução do trabalho. Em segundo lugar, porém, o produto é propriedade do capitalista, não do produtor direto, do trabalhador. (MARX, 2011, p. 193).

O universo fabril e os seus códigos de funcionamento inserem os atos desses trabalhadores dentro do que a pedagoga Acácia Zeneida Kuenzer (1986) chama de pedagogia do chão de fábrica. Essas relações, tensões e operações dentro do sistema capitalista fazem com que o homem se eduque e, ao mesmo tempo, constitua-se como pessoa dentro da produção e nas relações de produção.

Para a autora (1986, p. 11), o trabalhador, ao vender a sua força laboral, também está sujeito à dominação pelo capital, “[...] através de um processo contraditório em que estão sempre presentes e em confronto, momentos de educação e deseducação, de qualificação e de desqualificação, e portanto, de humanização e de desumanização”. Há, assim, processos para fazer o trabalhador se curvar às exigências de produção e do capital. Porém, como homens e mulheres são seres dotados de sentimentos, pensamentos e capacidade de refletir, dentro e nessas relações há insubordinação e novos rearranjos do operariado para fugir do controle dessa “educação” servil e exploradora.

Nesse contexto, as amizades e as trocas dentro do espaço fabril amenizam a dureza do trabalho, pois são como o “óleo”/energia que muitas vezes lubrifica a “correia” do “motor” da vida, diante de 8h ou mais de labor. Em uma fábrica ou empresa, as peças não são indispensáveis, mas os homens e mulheres são “dispensáveis”,¹⁰³ seus corpos são

¹⁰² Karl Marx (2011, p. 180) sobre o assunto reflete: “Por força de trabalho ou capacidade de trabalho entendemos o complexo [*Inbegriff*] das capacidades físicas e mentais que existem na corporeidade [*Leiblichkeit*], na personalidade viva de um homem e que ele põe em movimento sempre que produz valores de uso de qualquer tipo.”

¹⁰³ As palavras “dispensáveis” e “descartáveis” eram os termos mais frequentemente escutados por mim no ambiente fabril. Os trabalhadores de algumas empresas pelas quais passei sempre usavam essas palavras para fazer

“descartáveis” e muitas vezes, dentro da lógica empresarial/industrial, essas “peças” humanas podem ser substituídas por outras “mais baratas” ou, ainda, por máquinas que fazem o mesmo trabalho em menos tempo:

A força humana de trabalho é descartada com a mesma tranquilidade com que se descarta uma seringa. Assim faz o capital, e há então uma massa enorme de trabalhadores e trabalhadoras que já são parte do desemprego estrutural, são parte do monumental exército industrial de reserva que se expande em toda parte. (ANTUNES, 1999, p. 118).

No espaço fabril, a palavra “talvez” indica que algo pode acontecer, porém, sem certeza; e a instabilidade era uma das sensações mais frequentes com que eu cruzava. Não sabia se os interagentes da mediação com quem havia encontrado em determinado período seriam vistos em outra ocasião, pois o ambiente do trabalho é algo incerto e a qualquer momento a pessoa pode ser demitida.

Os sentidos de quem entra no espaço fabril pela primeira vez são “atacados” pelos estímulos sensoriais, auditivos e olfativos desse espaço, e tomados pela curiosidade de saber o que cada pessoa executa ou até mesmo o que cada máquina faz. Os funcionários, que já eram “iniciados”, me recebiam nas empresas e indústrias quando eu chegava e me apresentavam as etapas/linhas de confecção do calçado, logo nas minhas primeiras idas às fábricas. Com o tempo e com os retornos, eu também já sabia o que cada setor fazia.

Durante esse tempo cruzando o chão de fábrica, me perguntava: onde vive o silêncio no espaço fabril? Às vezes, ele mora no horário de almoço, “dorme” cedo, antes de ser acordado pelo barulho das máquinas sendo ligadas para o dia começar, e retorna timidamente/ganha morada quando o expediente é encerrado.

Antes do barulho “dormir”, o meu corpo e os corpos das operárias e operários no espaço fabril eram habitados pela atmosfera de ruídos, o que excitava os sentidos dos corpos. Em algumas empresas, o barulho humano era “silenciado” pelas máquinas e, com isso, eu cruzava de forma “silenciosa” o chão de fábrica, pois a minha presença/barulho era “engolida” pelos ruídos gerados pelas máquinas. O barulho do “chão de fábrica” também era “silenciado” pelo uso de protetores auriculares que criam um pequeno mundo à parte.

A fala, em algumas situações nesses espaços, não tinha “vez”. Os gestos, como um sorriso ou o balançar da cabeça apontando a direção, por exemplo, indicavam ou diziam por

referência à possibilidade de não estarem presentes na próxima mediação de leitura, diante das imprevisibilidades do mercado de trabalho, ou seja, da instabilidade que poderia levar às demissões em massa.

meio desses movimentos: “Vá lá depois”, ou seja, eram um convite para que as pessoas fossem até o espaço onde eu faria a mediação de leitura.

“— Você precisa cruzar o chão de fábrica para chegar até o outro lado! Mas não passe no meio da linha de produção, *tá*, por questões de segurança. Vá pela lateral e no fim vire à direita, depois à esquerda e à esquerda novamente. A porta estará aberta!”, fui orientado antes de chegar ao local para fazer a minha décima mediação de leitura em 2017. Poderia ter sido Exu dizendo essa frase à Obax, que ela precisava caminhar para chegar até a outra estrada que culminaria em uma encruzilhada. Porém, essas palavras foram faladas pela sorridente segurança do trabalho, ao indicar o caminho que eu deveria percorrer até o refeitório apertado, com mesas redondas brancas, onde eu faria a mediação de leitura.

Eu segui as orientações, e por mais que o caminho para chegar até o local onde eu mediaria a leitura fosse curto, caso eu cruzasse a linha de produção, a voz da segurança do trabalho ressoava como um mantra: “Nunca passe no meio da linha de produção.”

Para entrar e transitar dentro das empresas e indústrias, havia normas a serem cumpridas para que eu chegasse até o local onde a mediação deveria ser realizada. O ritual em alguns desses territórios era: chegar na empresa ou indústria com certa antecedência, aguardar na recepção, e, em alguns locais, fazer um cadastro; ser “anunciado” para a/o Agente de Leitura, funcionário da empresa responsável pelo projeto; receber um crachá, esperar a chegada da/o Agente para me buscar na entrada, cruzar salas, abrir, em algumas situações, umas sete portas, subir rampas, escadas, corredores, e cortar caminhos por passagens e portões.

Depois de toda essa maratona, restava finalmente andar com a caixa de plástico com os livros dentro ou com a mala para acessar o local onde a mediação aconteceria. Essas ações e interdições exigiam “jogo de cintura”, tempo, espera e paciência, não necessariamente nessa ordem.

Porém, com o passar do tempo, eu já era conhecido pelas recepcionistas ou porteiros que, assim como Exu, mediavam a minha entrada ou acesso para “outros mundos”; e esse trânsito passou a ficar “mais fácil”, ou seja, sem muitas “porteiras” de controle e cadastros. Escutava: “— Pode seguir! Você já conhece o caminho!” Em algumas ocasiões durante a minha ida a esses “terreiros”, no meio do trajeto, alguma ligação era realizada pedindo o adiamento da mediação-entrega dos livros diante de algum imprevisto.

Com o tempo, entendi que algumas situações que ocorriam dentro dessas indústrias e empresas, como semana de fechamento da folha de ponto, demissões de determinados setores, auditorias ou outras questões, alteravam as minhas visitas e os “humores” de quem me recebia

nessas instituições. A partir desse conhecimento, aprendi a “encaixar” o meu trabalho e a minha atuação nesses espaços e a evitar, principalmente, fazer mediação na semana de fechamento da folha de pagamento.

Como na encruzilhada, local em que vive e trabalha Exu e onde ele percebe as manifestações e movimentações daquele território, lembro-me de um dia, ao chegar em uma indústria de sapato infantil que sempre visitava com frequência, notar o ritmo de trabalho diferente, ou seja, não havia pressa e até mesmo o número de pessoas em determinada seção estava reduzido. Perguntei, por curiosidade, o motivo para a funcionária dos Recursos Humanos (RH), e ela respondeu que um setor da empresa havia sido demitido, devido a um cancelamento de uma exportação de sapatos.

Nas indústrias e empresas onde eu realizava mediação, a lógica operativa envolvia o tempo apressado, diante do ritmo acelerado para produzir. As trocas e os diálogos entre as trabalhadoras e os trabalhadores, em algumas situações, deviam ser rápidos. Esse tempo de rapidez impunha que o horário fosse marcado-ritmado: o tempo era regido entre marcar o ponto, trabalhar, almoçar e olhar o relógio no pulso ou na parede para ver quantas horas ainda faltavam para terminar o turno de trabalho. Nesse pequeno e ínfimo recorte temporal no espaço fabril, explico sobre corpos regidos pela gramática da rapidez:

O primeiro detalhe que, cada dia, torna servidão sensível é o relógio de ponto. O caminho da casa à fábrica está dominado pelo fato de que é preciso chegar antes de um segundo mecanicamente determinado. Pode-se chegar cinco ou dez minutos adiantado; o escoamento do tempo aparece neste caso como algo sem piedade que não deixa nenhum lance ao acaso. Num dia de operário, é o primeiro golpe de uma regra cuja brutalidade domina toda a parte da vida passada entre as máquinas; o acaso não tem direito de cidadania na fábrica. Ele existe, é claro, mas não é reconhecido. (WEIL, 1996, p. 157).

Quando refletida a relação entre a máquina e o produto final, percebe-se que o operário e a operária são mediadores e mediadoras, isto é, permitem a intermediação entre uma coisa e outra e com isso criam algo. Naturalmente, esse criar gera um produto sem “sentido sensível” ou sem alma, que só terá “sentido” quando for comprado ou vendido. Dito isso, nesse espaço, as relações são tecidas a partir do trabalho ou mediadas pela peça, ou pelos afazeres, e não pelas trocas “naturais” e pelos desejos de encontros humanos e comunitários.

O tempo, elemento primordial para a produção dentro de uma fábrica e empresa, e que possui outras configurações dentro de um terreiro de candomblé, quando é analisado pela ótica da vida dos trabalhadores implica necessariamente a alteração da sua rotina, pois, como explica Sadi Dal Rosso (2006, p. 31), cientista social e filósofo brasileiro:

A jornada de trabalho se expressa primeiramente pelo componente de duração, que compreende a quantidade de tempo que o trabalho consome das vidas das pessoas. A questão tem diversas implicações, três das quais são aqui destacadas: afeta a qualidade de vida, pois interfere na possibilidade de usufruir ou não de mais tempo livre; define a quantidade de tempo durante o qual as pessoas se dedicam a atividades econômicas; estabelece relações diretas entre as condições de saúde, o tipo e o tempo de trabalho executado.

Logo, dentro do espaço fabril, o tempo deve ser usado para a produção, e não há possibilidade de pensar em desperdiçá-lo quando o salário é pago de acordo com a quantidade de peças produzidas por dia. “Perder” tempo é considerado um “erro grave”, “algo impensado”, pois o tempo e o ritmo de trabalho são intensificados, gerando assim a exploração da força humana. Com efeito, nesses ambientes, como reflete Ricardo Antunes (1999, p. 121): “Se pudesse o trabalhador produzir sem respirar, o capital permitiria, mas respirar sem produzir não.”

Se o tempo dentro de uma fábrica torna o corpo suscetível a sofrer domesticações e a se curvar ao trabalho, dentre as demais ocupações e afazeres do espaço fabril, para Simone Weil (1996), o operário só teria uma única reclamação ou lamento no fim do dia, que seria considerar longo demais o tempo “vivido” nesse espaço.

Ao ouvir sobre a configuração de trabalho-contexto fabril onde as mediações eram realizadas e no que o trabalho poderia acarretar na vida de uma pessoa, Obax, que está escutando atentamente a narrativa de Exu, pede *Àgô*¹⁰⁴ e, após isso, diz: “— Estou gostando da história! Mas como pensar uma mediação de leitura por meio das pedagogias e poéticas de terreiros de candomblé?”

Como mediador e pesquisador, diante dos meus trânsitos pelos terreiros, trago Luiz Rufino e a perspectiva da Pedagogia das Encruzilhadas (2019) para responder a menina. Ao fazer mediação de leitura, afirmo que foi possível desamarrear os nós, soprar outros versos cheios de encanto via livros, através da troca com os leitores e leitoras; e, diante desses intercâmbios, pude lançar e pensar, assim como permite, faz e provoca as sabedorias dos terreiros e “[...] os poetas feiticeiros, mestres de encanto das palavras que invocam no tempo de outrora a potência que encarnará o agora, senhores que fazem de suas palavras tiros certos.” (RUFINO, 2019, p. 99), e com isso enxergar outras vias para refletir sobre o fazer mediação de leitura ou até mesmo as possibilidades suscitadas pelo livro e pela leitura.

¹⁰⁴ Licença ou pedir licença.

Também concluo que embora a fábrica não permitisse uma conexão ou reconexão com a vida/sensibilidade, o espaço de mediação de leitura, por meio das suas provocações e diálogos, permitia a criação de uma atmosfera ou a instauração de um local para confluência de desejos e de partilha sobre a vida. O território de mediação era, assim como um terreiro de candomblé, ante o exposto, “[...] um lugar dialógico, condição que legitima ações e interconexões com a história, a educação, o direito, as ciências, a ética e a tradição [...]”, sempre em movimento (MACHADO, 2019, p. 29).

Ao contrário do espaço fabril, o tempo dos acontecimentos dentro de uma casa de santo não é regido pelo relógio. Existem outras escalas de tempo que é o tempo espiralar¹⁰⁵, ou seja, o tempo dentro de muitos tempos, do tempo da vivência, do tempo do sagrado e dos laços comunitários; que, dentro da espiral, ou seja, da não linearidade, pode ser:

[...] experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e desconstrução, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiência ontológica e cosmológica que tem como princípio básico do corpo não o repouso, como em Aristóteles, mas, sim o movimento. (MARTINS, 2021b, p. 23).

Dentro dessa vivência espiralar, são gestados saberes pelo tempo, não o tempo cronológico dos relógios, mas o individual dentro de uma coletividade, da disponibilidade para acolher o conhecimento sem pressa para entendê-lo, isto é, talvez a pessoa não compreenda o ensinamento no agora/presente, porém, mais adiante, com as outras experiências dentro do terreiro, será compreendido. Para esse entendimento é preciso experienciar, estar de corpo e alma presente, se fazer presente com o corpo/sentidos: é necessário entrega.

As alegrias visíveis e enunciadas pelos operários dentro do espaço fabril eram notadas pelas risadas ou trocas por meio das conversas antes da entrada na fábrica, durante o almoço ou

¹⁰⁵ É o tempo pensado dentro da cosmoconcepção e da filosofia africana, ou seja, um tempo sem uma cronologia reta, cujas ações são refletidas fora do tempo-modelo ocidental, cujos eventos são elencados como sucessão/linearidade de acontecimentos: princípio e fim. O tempo espiralar, segundo Leda Maria Martins (2021b, p. 206-207), é o tempo que se curva para frente e para trás: “Em suas espirais tudo vai e volta, não como uma similaridade especular, uma prevalência do mesmo, mas como instalação de um conhecimento, de uma *sophya*, que não é inerte ou paralisante, mas que cineticamente se refaz e se acumula no Mar-Oceano indeterminado do tempo ancestral, o tempo Kalunga, o tempo de Nzâmbi e de Olorumm um em si mesmo, íntegro e pleno, cuja recheada por instâncias de presente, de passado e de futuro, sem elisão, sem forclusão, sem sobressaltos, sem fim dos tempos. Um tempo espiralar.

[...]

O tempo espiralar resulta de múltiplas imbricações: a de um movimento cósmico, simultaneamente retrospectivo e prospectivo, no qual se incluem todos os seres e todas as coisas, ou seja, tudo o que existe em suas várias formas e âmbitos de existir e ser, todos os fenômenos naturais e transcendentais, desde as relações familiares mais íntimas às práticas e expressões sociais comunitárias mais amplas e mais diversificadas; as materialidades do agora, assim como as epifanias do porvir [...].”

nos diálogos ao final do expediente. Ao contrário desse ambiente, onde os corpos estão enfileirados durante o trabalho e executando movimentos mecânicos, a alegria no terreiro é perceptível pela gestualidade corporal viva, pois a leveza é o elemento primordial e principal para o encantamento de sabedorias nos corpos.

No contrafluxo do terreiro, no espaço fabril há barulho da máquina que precisa ser abafado pelo protetor auricular, barulho do teclado do computador ditando o ritmo do dia, o ruído das conversas do almoço competindo com o barulho das máquinas e os sons dos vapores ao fundo. A comunicação em alguns desses locais muitas vezes ocorre pelo toque no ombro para ativar o outro-corpo concentrado nas suas tarefas e na sua relação com a máquina. O toque no corpo é para despertar o ou a colega de trabalho do sono-automatismo de imersão na atividade laboral. Diante do barulho da linha de produção, a comunicação/sociabilidade, em algumas situações, era feita por meio dos olhares, do sorriso e dos gestos que indicavam a ação a ser realizada.

Para quem chega em um terreiro e não conhece nada sobre a religião, a escuta delicada é um dos elementos essenciais para experienciar esse espaço. O mesmo ocorria no lugar onde eu realizava a mediação de leitura dentro das indústrias e empresas. Em algumas situações, observava o espaço de mediação a partir dos meus saberes provenientes do terreiro, como a escuta, o cuidado com a palavra ou até mesmo ser “discreto” e ficar à espreita da palavra e da ação dos corpos para dialogar com os trabalhadores e com as trabalhadoras.

O ser “discreto” e estar à espreita envolvia uma sensibilidade, como um jogo/brincadeira, para compreender o território/contexto em que eu estava inserido. Por meio do diálogo com esses trabalhadores e trabalhadoras, eu era, assim como no terreiro, inserido nesse universo. Em uma roça de santo, espaço de mediação ancestral afro-brasileira:

[...] muitos conhecimentos são passados naturalmente pela tradição oral, característica da educação que inicia o sujeito gradativamente na sabedoria da religião e na sua simbologia, que é eminentemente contextual. Foi por conta das considerações feitas até aqui, registradas no dia a dia do terreiro, que logo compreendi, na prática, que aprendizagem e cultura caminham inter-relacionadas. (MACHADO, 2019, p. 36).

A partir das minhas experiências no terreiro, concluo que não há como ser integrante desse território ou até mesmo fazer parte deste espaço e não cuidar ou pensar na existência do outro ou outra em sua totalidade. No caso, chamo a atenção sobre ter uma postura política, poética, de afeto e de cuidar dentro de uma lógica contra-colonial de refletir, de estar na sociedade e criar propostas educativas comprometidas socialmente com o território em que eu estava inserido: questões que levei para onde realizava mediação, seja por meio da palavra ou

até mesmo nos momentos de realizar a curadoria do acervo, de fazer as mediações *com* os interagentes e nunca *para*.

Por que pensar e riscar o ponto entre as relações entre mediação de leitura e terreiros de candomblé? Um espaço onde acontece uma mediação de leitura deve ser imaginado-pensado como um campo inventivo aberto para o acolhimento da dúvida e de outras grafias poéticas, diversas e existenciais, pois os saberes de terreiros foram recriados em solo brasileiro como espaço poético de existência e resistência contra-colonial.

O terreiro me trouxe outra maneira de estar no mundo, não só religiosamente, mas também política, ética, poética e ancestralmente. Com isso, ao pensar na mediação de leitura a partir desses espaços, reflito que um território mediador/leitor/de livros sendo pensado a partir desses locais deve ser gestado e cuidado:

[...] como tempo/espaço educativo assentado sobre outras lógicas de saber. O terreiro, a roda, a esquina, o barracão e tudo e qualquer tempo/espaço em que o saber é praticado em forma de ritual está a se configurar como um contexto educativo de informações múltiplas. Contexto firmados por educações próprias, inscritas na cultura e nos modos de sociabilidade. Educações que apontam para outras formas de aprendizagens articuladas a diferentes possibilidades de circulação das experiências. Esses diferentes modos de educação, gerados nas frestas e nas necessidades de invenção da vida cotidiana, evidenciam a potência dos saberes de mundo que se assentam sobre as perspectivas da corporeidade, oralidade, ancestralidade, circularidade e comunitarismo. (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 45-46).

Uma roça de candomblé não é simplesmente um local para acessar o espiritual. Ao mesmo tempo que se cuida da dimensão do sagrado, nesse giro do cuidar, as interconexões entre o terreiro e o externo se conectam mutuamente, isto é, a vida que “levamos” fora daquele ambiente também passa a ser refletida por meio das ações que acontecem nesse espaço. Aprendi que pensar sobre uma comunidade de terreiro é refletir sobre as interligações e ramificações entre história de vida, cultura, política, sobre o sagrado e as relações entre a palavra e o corpo ou sobre “o corpo/*corpus* da palavra” (o que pode a palavra?), e que esses saberes devem ser mobilizados para a coletividade.

Desse modo, na minha prática dentro de indústrias e empresas, algumas questões que vivia no terreiro eram acessadas para pensar e fazer mediação de leitura. As diversas esferas da vida humana se juntavam aos livros para costurar sentidos e não havia separação entre esses conhecimentos. Sou filho de uma casa de santo de candomblé da nação congo-angola, proveniente da raiz dos povos bantos que foram os primeiros traficados para o Brasil durante o período escravocrata.

Portanto, penso a mediação de leitura a partir da concepção filosófica desses povos, pois ela “[...] erige o sujeito como signo e efeito de princípios que não separam a história e a memória, o secular e o sagrado, o corpo e a palavra, o som e o gesto, a história individual e a memória coletiva ancestral, o divino e o humano, a arte e o cotidiano; [...]” (MARTINS, 2021a, p. 44).

No terreiro, assim como em um espaço de mediação de leitura, as ações e gestos educativos são contínuos. Logo, são ações que não se encerram ao “fim” do acontecimento, pois o acontecido dentro de uma roça de candomblé nunca tem fim (são começos para recomeços de outros começos). Sem dúvida, são reverberações e mediações que nos transformam como seres humanos, tanto no aspecto cultural, social, político, poético e ético.

Se o terreiro, assim como esses espaços, me permite esse novo sentir e “parir” minha existência andante pelo mundo, penso que os territórios onde eu realizava mediação nas indústrias e empresas deveriam acolher e ser/ter a poética de um terreiro. Percebi que, dentro desse meu encontro como mediador com as leitoras, os leitores e livros, havia uma possibilidade de construção de algo, ou seja, tais saberes deveriam atuar de forma integrada e colaborativa na direção dos afetos e das sensibilidades. Em suma, um espaço de mediação de leitura, assim como:

O terreiro [...] é e não é um lugar determinado, mas o “sem-lugar”, “do tamanho do mundo” “sem portas nem janelas”, que coincide com o grande e imenso *ser tão* do humano. Chama-se, afinal, humano aquele que é feito de humus, terra. (FAGUNDES, 2020, p. 109).

Todavia, entre o terreiro de candomblé e os espaços onde eu realizava mediação, ou seja, as fábricas e empresas, há, portanto, dois mundos e duas lógicas de espaço/tempo e de ser e estar totalmente diferentes. O que une esses dois locais tão díspares por meio da mediação de leitura é o conhecimento e o saber, a fala-palavra e a possibilidade de reconstrução de algo que, no caso, seria a sensibilidade adormecida para um outro olhar. Trata-se de sentir, estar e atuar no mundo por meio de uma correnteza de palavras, do banhar-se na poética da palavra e da leitura nesse rio chamado mediação:

Todo rio inaugura e reinaugura, em seu fluxo, a nascente [...] é o rio-princípio, rio-príncipe, rio-principal. Rio que condiz com “coisa que não pode nunca parar por completo”, pois – sem mais correr, finando a fonte – deixaria de ser o rio que é. [...] Ao evocar *nascença*, um rio convoca ao mesmo tempo *morrença* para o ciclo e rito de *renascenças* no instante-já terreiro. (FAGUNDES, 2020, p. 118).

Pensar uma mediação de leitura a partir dos saberes de terreiro é avaliar e refletir sobre as dinâmicas da leitura como possibilidade de engendramentos para pensar, questionar, descansar o corpo/pensamento, provocar os sentidos ante a homogeneização das práticas e dos sentidos causada pelo espaço fabril, ser acolhido, abandonar algo ou a própria mediação em si, criar e perceber sentidos existentes dentro da leitura e do ato de ler, pensar “ler” a própria vida/mundo, ou ainda, outras significações entre a nossa existência, o espaço e a comunidade onde habitamos.

Exu, depois de contar essa história para Obax e após levá-la para andar por caminhos e estradas, a entrar em rios de sentidos, molhar os pés e beber palavras; diz à menina que precisa seguir sua viagem para continuar fazendo mediação e com isso tecer sentidos: afinal, ele é um mediador de leituras e de leitura! Ele é um leitor de mundos!

A menina, curiosa, pergunta: “— Qual o fim dessa história?”

Exu responde: “— Um mediador ou mediadora de leituras ou da leitura, ou um ‘deseducador’ ou uma ‘deseducadora’ de sentidos, nunca aponta o fim ou termina uma história, mas sempre está criando começos e recomeços!”

5.1 A encruzilhada: sobre as mediações realizadas

Depois de atravessar ruas, avenidas, rodovias, pontes e cruzamentos, finalmente eu avistava a “encruzilhada” onde eu faria mediação! Atento aos movimentos de quem estava presente ou se aproximava desse espaço, eu começava a leitura dos corpos, sem fazer conclusões precipitadas. Apenas lia e me perguntava:

Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não a cidade mesma espessa
Rio que não é Rio: imagens [...]. (VELOSO, 1992, s/n).

Rio¹⁰⁶ de imagens, ou atravessar um rio desconhecido, ou ainda um entrar em encruzilhadas, eis algumas imagens que poderiam ser pensadas quando estava prestes a fazer mediação ou encontrar os interagentes nas mediações de leitura. Não sabia quem seriam as pessoas que encontraria, nem as respostas, perguntas ou interações que surgiriam desse encontro, tendo sempre os livros como linhas para essas costuras/diálogos. Em um primeiro momento, assim como uma imagem, captava as sensações ou percepções que poderiam apontar caminhos a serem seguidos, palavras ou gestos que deixavam rastros para a mediação ou para o diálogo ser iniciado.

Se no “caminho” anterior descrevi o contexto de dois territórios, ou seja, os terreiros e as indústrias e empresas, agora dentro da tríade como mediador-pesquisador-Exu, abordarei o local em si onde as mediações de leitura eram realizadas.

Dentro das indústrias e empresas, eu estava em uma encruzilhada, que será o meu norte conceitual para pensar os espaços onde eu realizava as mediações de leitura. Para isso, bebo das referências de Leda Maria Martins (2021a), Luiz Rufino (2019) e José Carlos Gomes dos Anjos (2006).

¹⁰⁶ A canção de Caetano Veloso faz menção à cidade do Rio de Janeiro e foi composta para o espetáculo “A hora da estrela”, interpretado por Maria Bethânia; e teve como inspiração a obra de Clarice Lispector (1998) de mesmo nome. A canção fala sobre o processo de chegada/vida da nordestina Macabéa no Rio de Janeiro e dos seus estranhamentos com a cidade. Porém, nesse parágrafo tomo o sentido da palavra rio, ou seja, curso de água natural, para evocar as primeiras imagens e sensações durante a minha chegada nos espaços onde realizava mediação de leitura e sua profusão de situações que eram apontadas, assim como uma correnteza de água que permite o olhar captar os múltiplos movimentos da água em diferentes direções.

Porém, se parto da encruzilhada, que, como apontado, é lar e espaço de mediação de Exu, vale perguntar como esse território acabou sendo a morada do orixá e como ele se tornou o mediador desse lugar.

Para iniciar essa história, eu convido a entrar nesse texto o baiano Antônio Ribeiro da Conceição, mais conhecido como mestre Bule-Bule (2018), cordelista, repentista e sambador. Bule-Bule entra nessa escrita vestido com o seu tradicional chapéu de couro, tocando o seu prato-e-faca, como preza a tradição do samba do recôncavo baiano, e entoando palavras para nos contar a história de Exu, que era um homem sem posses e nenhum dom.

O orixá só possuía “a noite e o dia,/ Esperteza e malandragem. O sol para dar calor/ E a lua para dar friagem” (BULE-BULE, 2018, p. 90). De acordo com o autor, sem nada que o prendesse aos lugares ou às pessoas, o orixá vivia perambulando pelo mundo, e certa vez resolveu visitar um camarada seu chamado Oxalá. Depois dessa primeira visita, Exu retornou diversas vezes para saber o que ali acontecia e para prostrar também.

A casa de Oxalá era bem visitada e as pessoas chegavam, partiam e sempre deixavam algum presente. O sociólogo Reginaldo Prandi (2001) relata que, durante as visitas realizadas, Exu observava Oxalá criando os seres humanos de forma minuciosa, com observação atenta; prestava atenção nos movimentos das mãos que iam para cima e para baixo e seguia desenhando movimentos em todas as direções. Exu, de tanto observar, sabia a quantidade exata de água a ser usada junto ao barro e como cada gesto devia ser preciso para essa criação.

O tempo que dá e que tira, ou até mesmo que passa e vira a folha¹⁰⁷, foi acontecendo, e o passar desse tempo, naquele período, “[...] pediu pra folha dançar/Pra folha dançar e nunca parar/E sempre curar o dia”¹⁰⁸. Assim, entre idas e vindas, Exu decidiu viver na casa de Oxalá.

Foram 16 anos vivendo e observando a “fabricação” dos seres humanos. Nesse tempo, o orixá “não perguntava”, só “observava”, “prestava atenção” e “aprendeu tudo...” (PRANDI, 2001, p. 40) sobre como criar os seres humanos e seus diversos membros do corpo, como boca, olhos, mãos, vaginas, pênis. Nesse ato de aprender:

Exu prestava atenção
No que Oxalá fazia,
Dava atenção ao detalhe,
Minimamente percebia
Que o gesto do criador
A criatura trazia. (BULE-BULE, 2018, p. 92).

¹⁰⁷ Provérbio africano.

¹⁰⁸ Canção “Dembwa - 10 de agosto” composta por Tiganá Santaná (2010, s/n), presente no disco “Maçalê”.

A poesia de Mestre Bule-Bule nos diz que o trabalho era grande e Oxalá não tinha muito tempo para receber as visitas. Certo dia, pediu a Exu que ficasse na encruzilhada para mediar e dialogar com quem chegava e quem partia, e com isso ele sabia o que cada um desejava. Exu cumpria bem a sua missão ao ficar na encruzilhada. Oxalá, ao perceber o cuidado e delicadeza de como o orixá cuidava da palavra, fazia acordos, mediava as informações de quem passava ou desejava falar com ele; e o agradava, ou seja, quem passasse por ali ou retornasse da sua casa e almejasse visitá-lo, teria que dar alguma coisa a Exu (PRANDI, 2001).

Exu esbanjava felicidade com essa sua nova função e ganhou de Oxalá o domínio das encruzilhadas. Sendo assim, ele plantou raízes e fez desse espaço morada, lar, território e casa, e com isso, se tornou um mediador, o dono e rei das encruzilhadas.

Todavia, vale ressaltar que, para o povo de candomblé, além da encruzilhada, o orixá também vive nos lugares limítrofes, como mercados, esquinas e porteiras, ou seja, espaços de possibilidades, de cruzamento ou passagem de uma situação para outra, ou de um estado-matéria para outro.

Se no capítulo/“caminho” anterior descrevi e adotei a palavra encruzilhada, a partir da minha vivência dentro dos terreiros, como uma metáfora para pensar a mediação, quais as possíveis definições para esse local sendo pensado por outros autores?

A encruzilhada é apontada por José Carlos Gomes dos Anjos (2006) como um ponto de ambiguidade, dado que pode ser o começo, o início de um fluxo ou até mesmo um fim. Para o autor, a encruzilhada é um local onde os caminhos se encontram, um espaço de tomada de decisões ou até mesmo onde se acha um caminho para seguir, ou seja, a encruzilhada é um espaço de mediação.

Se Anjos apresenta a encruzilhada como um território de encontros que pode gerar múltiplas possibilidades, sendo assim, chegar em uma encruzilhada permite ao viajante trilhar caminhos. Pode ser pensado também, a partir disso, que nesse trajeto existe harmonia e afeto, conflitos, tensões, possibilidades de (des)encontros e de encontrar-se também, questões que podem ser incorporadas e refletidas a partir do pensamento de Luiz Rufino (2019, p. 13):

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campos de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo.

A encruzilhada ainda permite, pelas possibilidades de escolhas de caminhos, um processo de reflexão ou interpretações para a tomada de decisões, quer dizer, ela permite situações e não as impõe; dentro desse permitir, só caminha quem escolhe algo ou alguma coisa.

Desse exercício, pode-se pensar na ativação de saberes via diálogo com o outro e/ou também internamente para a tomada de decisões. Ou ainda, em ficar parado em um processo de reflexão sobre o que fazer. O diálogo só é possível por meio de impressões, ideias, referências e estados situacionais, e com isso pode-se pensar que a partir dos múltiplos caminhos permitidos pela encruzilhada existe a probabilidade de novas interpretações, como afirma Leda Maria Martins:

[...] a encruzilhada é um princípio de construção retórica e metafísica, um operador semântico pulsionado de significância, ostensivamente disseminado nas manifestações culturais e religiosas brasileiras de predominância nagô e naquelas matizadas pelos saberes bantos. (MARTINS, 2021a, p. 34).

Se Exu ganhou a encruzilhada como presente de Oxalá, eu fiz das portas dos refeitórios e lugares de passagens dentro das indústrias e empresas – locais onde eu realizava mediação de leitura –, a minha “casa” e “morada”, ou seja, a minha encruzilhada. Hoje posso afirmar que, ao mediar nesses lugares de passagens, eu era um Exu, pois assumia a potência e a beleza da poesia do orixá no cuidado com as palavras.

Laroyê, Exu. Laroyê, mediadoras e mediadores de leitura!

Nessa “encruzilhada”, eu assentei e fiz diversos padês/encontros com os interagentes da mediação, tendo os livros como caminhos. Ainda nessas encruzilhadas, fiz por meio da palavra, da escuta, do silêncio, da fala e da imaginação um espaço polissêmico para trânsito de ideias, de palavras, de silêncios e de afetos. Também havia tensões criadas pelas palavras, porém, desfeitas em algumas situações por meio do diálogo:

O termo encruzilhada, utilizado como operador conceitual, oferece-nos a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos. (MARTINS, 2021a, p. 34).

Por que passei a fazer mediação nas portas dos refeitórios? Após uma mediação realizada em uma indústria de confecção de bolsas e sapatos, por imposição da empresa tive que ficar próximo à entrada do refeitório e não dentro¹⁰⁹. Nesse local, percebi que as portas dos refeitórios e os lugares de passagem como, por exemplo, os corredores, seriam ótimos locais para realizar mediação diante do grande número de pessoas que poderia encontrar, ou até mesmo por serem espaços onde as pessoas ficavam dialogando após o almoço. Raramente as

¹⁰⁹ A mediação realizada era sobre uma exposição de fotografias. Vale destacar o grau de constrangimento ao entrar na empresa: por exemplo, não tive a minha mochila revistada, todavia, os funcionários que estavam esperando a minha entrada passaram por esse processo. A recomendação da empresa era que eu não atrapalhasse o fluxo de pessoas na entrada do refeitório.

mediações ocorriam em lugares fechados¹¹⁰. Somente uma empresa do ramo de operadora de TV por assinatura pedia que a mediação ocorresse durante o café da tarde, entre a troca de turno dos funcionários, pois nesse momento era possível reunir todos os setores em um único local.

Portanto, diante das definições e possibilidades apontadas pela **encruzilhada**, a imagem ou palavra mais adequada dentro desse estudo para definir a metáfora para mediação de leitura, como já apontado, não é a imagem de ponte, mas a **encruzilhada**. Pensar a mediação de leitura a partir da **encruzilhada** é refletir sobre trilhar os diversos caminhos de sentidos que podem ser tecidos pelas palavras, silêncio, livros, leitura, pelos corpos dos leitores e das leitoras que carregam saberes e pelo que essas pessoas aportavam de saberes e conhecimento durante a mediação.

Ao estar na “**encruzilhada**”, isto é, fazendo mediação de leitura, eu tecia e cruzava sentidos, noutras **encruzilhava** saberes. Em certos momentos, quase na metade do encontro, voltava ao pensamento/fala ditos pelos e pelas interagentes no começo da mediação, pensava o já pensado e seguia refletindo, a partir do que as leitoras e os leitores me diziam. Nalgumas vezes, ia até a metade do “caminho” do pensamento e seguia para outros “caminhos”, pois era “arrastado” pelo pensamento de alguém, que desviava o curso da ideia “original”-primeira.

Nessa “**encruzilhada**”, eu mediava livros. Porém, esses livros com palavras e ilustrações era “cruzado” e engendrado¹¹¹ em e por outros lugares e linguagens artísticas, em um trajeto transdisciplinar que envolvia as artes cênicas e visuais, música, vídeo game, novelas, programas jornalísticos etc., mas também – e principalmente – a vida de cada leitor/a e os seus sentimentos.

Nessa **encruzilhada** em que eu mediava livros, os interagentes da mediação eram também **encruzilhadas**, pois “cada ser humano é, em si mesmo, uma **encruzilhada** onde se cruzam e se debatem os aspectos diversos de sua pessoa.” (CHEVALIER; GHEERNRANT, 2021, p. 428).

Porém, assim como Exu observando Oxalá ao fabricar os seres humanos, foi preciso experienciar e observar, escutar mais do que perguntar, esperar e dar-se tempo dentro de tempos no local onde eu fazia as mediações de leitura para compreender e atuar no território, ou seja,

¹¹⁰ Em algumas empresas que estavam aderindo ao serviço, o primeiro contato com as trabalhadoras/es eram em salas ou refeitórios para apresentação do projeto e de como seria o funcionamento de empréstimos, trocas do acervo, dentre outras questões.

¹¹¹ Sobre a relação entre leitura e outras possibilidades de sensibilização das leitoras e dos leitores para o ato de ler, Daniel Goldin, poeta, ensaísta e editor mexicano, avalia as relações entre o ato de ler e as outras esferas da sociedade ao dizer: “É que um leitor não se forma somente interagindo com manchas em um papel. A leitura (e a escrita) é sempre um fato social e, portanto, historicamente determinado, que se inscreve na profundidade de sua biografia afetiva. Como tal, é uma faceta a mais de complexos processos de constituição de sujeitos e comunidades. Não pode ser compreendida separadas por ambos.” (2012, p. 127-128).

foi essencial usar a delicadeza¹¹², assim como as mãos de Oxalá moldando os olhos e as outras partes do corpo dos seres humanos.

Com o tempo e com as histórias escutadas, compreendi que essa encruzilhada onde eu mediava (na qual Exu mora também) era um espaço que reunia uma infinidade de histórias, um lugar de passagem de corpos, que corriam apressados contra o tempo, que sentiam dor, e que eram ariscos ou violentados socialmente das mais variadas formas, como a exclusão social, negação de direitos básicos e de acessos a bens culturais; ou seja, era “[...] uma encruzilhada de corpos que se observam, se tocam, caminham alheios, de mãos dadas, falam-se e falam-se.” (GUZMÁN, 2016, p. 17, tradução nossa)¹¹³.

Portanto, eram seres humanos que poderiam trilhar caminhos, dentro das possibilidades de gênero, raça e classe social: que muitas vezes fecham, trancam ruas, encerram possibilidades ou enterram caminhos:

Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a justiça, a igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc., são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “generificados” – produzem-se, ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas a partir dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc.). (LOURO, 1997, p. 250).

Diante dos primeiros contatos com as e os Agentes de Leitura, profissionais da área de Recursos Humanos (RH) das empresas e indústrias que cuidavam internamente do projeto, ressaltava que gostaria de entregar o acervo e fazer mediação. As primeiras vezes recebi algumas recusas, como a desculpa de que os operários e operárias não gostavam de livros, de quem eram: “preguiçosos”: “Eles não querem saber desse negócio de conhecimento, não...”, “São desinteressados, pois aqui já tentamos de tudo com esse povo”, ou ainda, “Pode vir, mas sei que não funcionará”.

¹¹² Essas delicadezas podem ser pensadas dentro da definição de sutileza refletida pelo médico cardiologista e psicanalista Luis Eduardo Ponciano Aragon (2003, p. 18-19): “Ser delicado com o outro implica não chegar de sopetão com uma verdade já pronta. Implica uma certa lentidão no trato com o tempo, para que seja possível observar, interagir e encontrar a medida certa. [...]”.

Poder esperar as perguntas chegarem, falar do seu conhecer aos poucos, na medida que há um espaço para fazê-lo, usar palavras compreensíveis, têm resultados incríveis. É a postura que alinho com o que chamo de sutileza. São atitudes que não chamam muito a atenção, ao contrário, passam quase despercebidas, mas talvez por isso mesmo consigam penetrar e produzir mudança. [...] Também não estou falando de uma cordialidade automática, um simples obedecer a regras socialmente impostas. A atitude delicada e sutil preserva a diferença entre as pessoas, a autenticidade de cada uma no encontro com a situação, o que não impede que haja uma porosidade de afetação. Um deixar-se penetrar pela emoção que circula naquele momento único.”

¹¹³ No original: “[...] es una encrucijada de cuerpos que se observan, se tocan, caminan ajenos, de la mano, se hablan, se hablan y se hablan.”

Mesmo diante das respostas negativas que evidenciavam o suposto não interesse dos trabalhadores pelos livros, eu insistia e afirmava que gostaria de conhecer esses operários e operárias para saber quem eles eram e quais as suas relações ou não com a leitura. Por fim, dizia: “A gente tenta e, se não funcionar, voltamos a dialogar.”

Ao contrário das falas e frases que encerravam uma possibilidade, também escutei outras como: “Pode vir, tenho muito interesse em colocar a leitura em prática aqui dentro”, “Só desejo que tenha continuidade, pois nunca funcionou direito”¹¹⁴, “O pessoal estava perguntando quando o acervo seria renovado”, “Tenho uma lista aqui de livros que gostaria de saber se você possui e poderia trazer”. Escutar essas falas diante das recusas e discursos sobre o possível não interesse dos trabalhadores pelos livros acendia o encanto de que havia desejos de leitura por parte de alguns operários e operárias.

Mesmo com o auxílio do Agente de Leitura dentro dessas empresas e indústrias, fazer mediação dentro desses locais, no começo, não era algo tão simples por uma série de questões e preconceitos devido às exigências e visões dos e das donas das indústrias e empresas e também de algumas e alguns Agentes de Leitura relacionadas aos livros que deveriam ser levados para os operários e operárias. Havia, ainda, uma certa desconfiança ou até mesmo a necessidade de querer encontrar uma utilidade ou respostas para os motivos de ter um projeto de livros e leitura para os trabalhadores e as trabalhadoras, questionamentos muitas vezes feitos por alguns gestores da própria instituição que gerenciava o projeto¹¹⁵.

¹¹⁴ Vale destacar que a primeira percepção que tive, diante das falas escutadas junto às empresas logo nos primeiros contatos, era de que o projeto passava por uma fase de “abandono”, pois as trocas não estavam acontecendo com frequência e com isso a credibilidade de funcionamento estava “quebrada”. Diante dessa questão, foi necessário estabelecer uma outra relação de confiança com essas instituições. Havia, por parte de algumas empresas e indústrias, a desconfiança de que o trabalho seria descontinuado ou que eu não retornaria. Quando comecei a trabalhar no projeto, as mediações e a organização do acervo haviam sido retomadas por outro mediador, que permaneceu na empresa por pouco tempo.

¹¹⁵ A instituição na qual trabalhava representava o empresariado paulista. Portanto, pela lógica capitalista (ANTUNES, 1999), sabe-se que o dinheiro sustenta as bases de funcionamento da estrutura dialógica de menosprezo do encantamento, da exploração de corpos e de ideias por meio da negação do acesso ao conhecimento e a sensibilidade, principalmente das classes mais pobres e periféricas. Com isso, tudo e todos devem ter algum capital simbólico a ser mensurado, quantificado e que, a partir da mensuração desses saberes, eles podem ser usados para produzir dinheiro, para estocar riqueza como um antigo senhor de engenho a espoliar corpos e ideias para produzir ganhos para si.

Além das atividades na área de difusão literária, o setor cultural da unidade onde eu trabalhava também contava com um setor de artes cênicas. A frase mais recorrente que os três profissionais da área escutavam nas reuniões coletivas junto às outras áreas (por exemplo, educação e esporte) era que a “cultura não arrecadava”. Sendo assim, havia a justificativa para o baixo investimento nalgumas ações para o setor cultural. Em diversas situações, a sensação ao dialogar com os outros colegas da pasta de cultura era que a existência das artes dentro da instituição era um estorvo, diante das repetidas vezes que frases relacionando cultura e gastos eram ditas em alguns encontros. Essas falas repetidas suscitavam alguns questionamentos internos: Como trabalhar e fomentar a sensibilidade em um ambiente que, por meio do seu discurso, despreza a sensibilidade e não valoriza o intangível ou não “entende” a importância do intangível e do saber? Ou ainda, como trabalhar em um ambiente que a todo momento exige retorno financeiro ou que busca a utilidade/serventia de tudo? Como gerar processos educativos e de mediação diante da iminência e medo de ser dispensado ao não demonstrarmos algo presente/concreto que possa ser

Dentro do conceito de utilidade, do consumo e dos benefícios preconizados por uma parcela da sociedade que preza as dinâmicas do poder via dinheiro e que exclui, explora e marginaliza as classes pobres, a leitura não serve para nada, ela é inútil, pois, como reflete Carlos Skliar (2019, p. 16, tradução nossa), leva-se em consideração que:

Não serve, se entendemos servir por servidão e perda de singularidade. Não serve se do que se trata é de morrermos antes ou em seguida sem nos importarmos com outras vidas e outras mortes.

Não serve, é claro, se o que se propõe em troca é uma felicidade atravessada por espasmos de triste indiferença¹¹⁶.

Antes de riscar com firmeza o meu espaço na encruzilhada, onde deveria fazer mediação, escutava nas primeiras vezes algumas falas como: “Os livros não podem ser expostos aqui”, quando tentava ocupar um espaço de maior visibilidade; “Você atrapalhará a passagem dos funcionários”, ainda que não fosse atrapalhar; o/a meu/minha “chefe não gosta que mude as mesas de lugar, mesmo que seja apenas uma”; as “pessoas ficarão incomodadas com a sua presença aqui na porta”, frase dita sem ao menos os funcionários terem tido contato comigo; ou “Fica no canto ou naquela mesa lá no fundo”.

Hoje reflito essas falas como um processo de disciplinamento (FOUCAULT, 1999) das minhas atitudes e do meu corpo de mediador dentro do ambiente fabril por parte de alguns/algumas Agentes de Leitura, mesmo não sendo um operário de algumas daquelas empresas e indústrias. Havia nesses gestos uma ordem do que eu poderia fazer e não fazer naquele espaço, como meio de manter a disciplina estabelecida.

Ao chegar nos locais onde realizaria as mediações, eu fazia o exercício de sentir o espaço: sentia o vento que trazia uma lufada quente de ar, escutava pessoas cantarolando, ouvia “pedaços” de diálogos, via pessoas que corriam tentando vencer a passagem dos ponteiros do relógio, sentia homens e mulheres que chegavam calmamente e outras movimentações do entorno. A atmosfera sonora era criada pelo emaranhado de vozes, pelo tilintar dos talheres e pela retirada das bandejas que recebiam o prato de vidro.

mensurado em escala numérica, isto é, sentimentos, sensações e ideias? Postas essas questões, não estou descartando o acompanhamento sistemático de alguns números ou indicadores tangíveis, porém, destaco que a balança entre indicadores e outras questões no campo da sensibilidade devem ser levados em consideração/ponderados em algumas áreas, principalmente no campo educativo e das artes.

¹¹⁶ No original: “No sirve, si por servir entendemos servidumbre y perdida de singularidade. No sirve si de lo que se trata es de morirnos antes o enseguida sin importarnos otras vidas y otras muertes.

No sirve, claro está, si lo que se nos propone en cambio es una felicidad atravesada por espasmos de luctuosa indiferencia.”

Percebia os olhares observando que na “encruzilhada”/porta do refeitório havia uma mesa com livros organizados ou sendo arrumados. A pressa da chegada dessas trabalhadoras/es contrastava com a lentidão da saída, dos corpos que pareciam “pesados” e que davam a sensação de não querer retornar para o próximo turno de trabalho. Outros corpos tinham pressa para retornar.

Nas empresas e indústrias, o almoço tinha duração de 01, 02 ou até 04 horas. Saber os horários de almoço desses locais se constituía como um mapa de tempos para pensar e organizar o que deveria ser mediado. Em algumas instituições, os horários de almoço das diversas linhas de produção das indústrias regiam o tempo das mediações, ou seja, elas eram preparadas para abranger todos os operários e operárias. O tamanho da empresa ou indústria e o número de funcionários eram também questões norteadoras para esse fazer. Em algumas situações, o mesmo livro era mediado mais de uma vez no mesmo espaço, e essas mediações eram um acontecimento singular pelas interações e sentidos trazidos pelos interagentes em cada uma delas.

Eu sempre chegava com 30 minutos ou uma hora antes para organizar os livros e muitas vezes também para ser autorizado e “levado” até o espaço onde deveria ocorrer a mediação. Após chegar nessa “encruzilhada”, antes de iniciar o meu “assentamento¹¹⁷ de livros”, parava e observava. Sentia a energia, ouvia e olhava o espaço, tentava perceber como estavam aquelas pessoas que transitavam, se estavam apressadas, agitadas, lentas, atentas ou com a expressão de fatigadas.

Depois, abria a mala ou a caixa organizadora de plástico com os livros dentro, organizava-os por gêneros literários (livros infantis e infanto-juvenis, literatura nacional e estrangeira, biografias, histórias em quadrinhos, autoajuda, religiosos), e os colocava em cima de uma mesa na entrada dos refeitórios ou, na falta de mesas, nalgum local como bancos, muretas ou até mesmo dentro dos refeitórios em locais onde as obras pudessem ser expostas. O método, o modo e a forma de disposição dos livros era para facilitar a busca por alguma obra, caso os interagentes da mediação perguntassem; e até mesmo para que, de forma lógica, os interagentes entendessem, mesmo que de forma não dita, que a leitura ou as publicações eram subdivididas por gêneros.

¹¹⁷ Portanto, diante dos apontamentos sobre assentamento realizadas na nota de rodapé número 48, quando faço a menção de realizar “o meu assentamento”, tenho como proposta referenciar os livros e a leitura como uma morada ou lar de algo ou alguma coisa, ou seja, os livros, as palavras e o conhecimento como um território para o encontro e cultivo do sensível, do encanto, do segredo, da fabulação, do acolhimento e da imaginação.

O ritual na “encruzilhada”, onde eu realizava a mediação era: chegar no local, fazer a mediação, isto é, a apresentação do acervo, mediar algumas obras, ler partes de alguns textos, geralmente, poesia, trechos de romances, crônicas ou até mesmo obras infantis, com período determinado sempre pelo tempo de duração do almoço, dialogar e praticar a escuta e o diálogo com as pessoas sobre os livros e assuntos diversos. Esse “roteiro” sofria diversas alterações de acordo com o espaço e as situações que poderiam ocorrer. Após as mediações, os empréstimos eram realizados.

As mediações poderiam ser realizadas para pequenos grupos de 10 a 30 pessoas – ou até mesmo para uma única pessoa –, que sempre formavam um semicírculo em torno dos livros. Dentro do processo de mediação, incluía mostrar as capas ou contracapas, chamar a atenção para detalhes das ilustrações, leitura dos títulos, nomes de escritores e ilustradores, dedicatórias ou outras informações interessantes para a ampliação do encontro entre leitoras, leitores e a obra.

Entretanto, antes de estar na “encruzilhada” mediando, concluo que a preparação ou mediação era iniciada juntamente à escolha dos livros que, a princípio, envolvia as possibilidades de leitura contidas na obra e na materialidade do livro, além das questões gráficas, as ilustrações, as relações entre texto e imagem, as metáforas que poderiam ser criadas por aquelas obras etc. Contudo, o principal para mim, no caso a seleção, também perpassava pela análise do perfil do público leitor, pela preparação para o encontro com esses operários e operárias e até mesmo pela formulação de algumas provocações oriundas da obra primeiramente causadas em mim.

Alguns Agentes de Leitura, colaboradores da empresa que cuidava do projeto, participavam da organização das obras antes da mediação. Enquanto os livros eram organizados, era o momento de dialogar sobre o funcionamento do projeto, tirar dúvidas e também pensar em ações para fomentar a leitura ou o contato com os livros em outras ocasiões¹¹⁸, ou até mesmo na inserção de obras de outros gêneros literários, de acordo com os interesses dos funcionários. Outros Agentes, porém, não se envolviam, apenas me levavam até

¹¹⁸ As ações eram, por exemplo, feiras de trocas de livros, correios poéticos que consistiam na entrega e mediação de poesias dentro dos setores das empresas e indústrias, distribuição de livros, dentre outras ações. Em uma cooperativa de produtores/agricultores de café, por exemplo, em parceria com a Agente de Leitura, o refeitório da empresa em determinada ocasião foi decorado para receber a mediação com capas impressas de diversas obras literárias penduradas por meio de linhas de tricô coloridas. Também foi criado um trajeto poético, de fora para dentro do refeitório, por meio de perguntas-provoações espalhadas pelo chão, relacionadas a alguma obra ou com trechos de poesia, dentre outras questões.

o espaço e só retornavam no fim das mediações. Esse não envolvimento estava relacionado a questões de trabalho ou pela não afinidade com a leitura.

Como começar a mediação? Como dialogar com essas e esses interagentes?

A mediação se iniciava a partir do momento em que os participantes-interagentes entravam no espaço onde ela seria realizada ou, ainda, em que o acervo estava sendo curado. Partindo da minha paixão pela palavra e pela poesia, comecei a declamar poemas de alguns livros que faziam parte do acervo a ser entregue, ou mesmo trechos de outros títulos da minha biblioteca particular que estava lendo no momento.

A escolha pela leitura de poesia em algumas situações ou no começo das mediações se dava pela “rapidez” com que o ambiente fabril exigia que as ações fossem realizadas, e também pela possibilidade de ler um texto curto, com “começo”, “meio” e “fim”. Essa escolha possibilitava mediar uma mensagem específica de acordo com o contexto em que eu estava e também permitia a interação e diálogos com os e as interagentes da mediação.

Ao chegar nesse “terreiro”, nos primeiros encontros realizados nas 40 empresas, sempre me apresentava e dizia que estava abrindo um local de trabalho na cidade. Ao dizer o nome da “minha” empresa chamada “Fábrica de sonhos”, emendava que um dos primeiros requisitos para admissão nesse “chão de fábrica” era ser um sonhador ou uma sonhadora. Antes de prosseguir, perguntava se eles gostariam de escutar o que eu teria a dizer. Posteriormente, dizia que esse novo espaço de labor ofereceria muitos benefícios.

Depois, a mediação seguia com a leitura do poema “Fábrica dos sonhos”, de Sérgio Vaz (2022, s/n), poeta e um dos criadores do “Sarau da Cooperifa”, ação que transformou um bar da periferia da zona sul de São Paulo em um centro cultural:

Admite-se sonhadores:

Sim, não precisa ter curso superior, mas elevado, em qualquer grau
 não importa a idade, mas tem que ter a alegria de uma criança
 Experiência em PAZ e Harmonia
 Disposição pra lutar
 2 fotos 3x4
 Sorrindo ou gargalhando
 Não aceita cópia do coração, só o original
 Tem que saber amar, beijar e abraçar
 Noções de contabilidade (tem que contar estrelas)
 Boa aparência: despido de qualquer preconceito
 Tem que gostar de poesia escrita, falada e vivida
 sim, não precisa saber rimar
 pode ser triste, fraco, mas sem covardia
 horário: da hora que quiser até a hora que tiver afim
 Sexta-básica todos os dias
 ticket-amizade
 plano de saúde espiritual
 e vale-teletransporte

Se tiver essas qualidades, não precisa enviar currículo, a gente te acha.

Os operários e operárias silenciavam durante o começo da mediação e, quando ainda havia barulho, outros pediam que os colegas fizessem silêncio para escutar. Nesses momentos, o assovio feito por algum operário ou operária era a linha que costurava e avisava que era necessário deixar o silêncio habitar o espaço para ouvir o que eu tinha a dizer e o que eles também teriam a me dizer nesses momentos.

Ao ler o poema pela primeira vez, percebi que a leitura poderia abrir diálogos e que brincadeiras poderiam ser criadas durante a mediação. Enquanto lia, perguntava quem atendia às características descritas, como por exemplo: “quem tem ‘[...] Noções de contabilidade’ aqui?” Após perguntar, emendava dizendo que era necessário para saber “contar estrelas.”

Ressaltava que quem atendesse aos requisitos poderia levantar a mão. Diante de algumas mãos erguidas, eu caminhava em direção a essa pessoa para perguntar o nome, em qual seção trabalhava na empresa ou indústria e o que gostava de fazer no tempo livre. Às vezes os colegas de trabalho diziam: “Ela não atende esse requisito, pois eu a conheço e sei que está mentindo”, brincavam; ou ainda: “A mesa inteira aqui do canto quer trabalhar na sua empresa. Você já tem uma parte da linha de produção” ou “Eu sou o candidato que a sua fábrica precisa.”

Nessas intervenções, o poema era reescrito pelas palavras dos e das interagentes da mediação que inseriam as suas falas, sempre em diálogo com a poesia. Eu “pescava” essas falas e inseria esses dizeres e intervenções dos trabalhadores e trabalhadoras na leitura da poesia, como: “Se a nossa colega aqui, a Valéria, gosta de “poesia escrita, falada e vivida [...]”, o próximo requisito é “[...] sim, não precisa saber rimar”. Ao final, ressaltava que quem atendesse aos requisitos da vaga poderia me procurar no local onde os livros estavam expostos para continuar o diálogo.

Para entender os momentos de quando essas intervenções poderiam acontecer, foi necessário educar primeiramente a minha escuta (MACHADO, 2015) via abertura para escutar a fala do outro. Foi necessário deixar de lado a rigidez da leitura e brincar com a palavra e o “fluxo da narrativa”, com as gestualidades e expressões dos operários e operárias para criar diálogos e me aproximar daquelas pessoas, a fim de seguir mediando outras obras após esse primeiro contato/leitura do poema de Sérgio Vaz.

No contexto fabril, as leitoras e os leitores muitas vezes eram “arrastados” pela correnteza de pressa da vida, como pagar contas, buscar o filho ou filha na escola, tirar um cochilo, resolver pendências bancárias, dentre muitas outras obrigações da vida adulta.

Ao entender o “desague” dessa correnteza, ou a velocidade dessa “água”, e para não ser levado por ela, tive que aprender a “remar”. Isto é, a escolha de mediar poesias foi uma maneira de não ser atropelado por esse barco chamado pressa ou de não ser escutado/ignorado. Os livros infantis também foram uma alternativa para essa questão, pois poderiam ser mediados dentro da pressa exigida pelos espaços ou pelos leitores e leitoras.

Porém, depois de iniciada a mediação, era possível ter alguns momentos de calma para mediar outras obras sem pressa, já que algumas pessoas tinham disponibilidade e queriam e pediam para escutar a leitura de um conto inteiro, como também solicitavam a leitura de outras poesias ou de trechos de determinado romance, que no final da mediação era emprestado por esses trabalhadores e essas trabalhadoras.

Ao realizar mediação de leitura entre uma indústria e outra, com o passar do tempo e por habitar essa “encruzilhada”, passei a ser conhecido como o “menino” ou “mano”, o “rapaz que trabalha na empresa X”, “o tio dos livros”, “o homem dos livros”, “o baiano” ou “conterrâneo”, o “rapaz estranho que lê poesia em voz alta”, o “cara que conversa com a gente sobre tudo”; e para alguns outros e outras, eu era “o mediador”, ou seja, o sujeito que em algumas situações lia e escutava as urgências daqueles corpos antes de fazer a mediação de leitura, o que auxiliava a encontrar um livro na internet que eles desejavam, o que era escutado e também contava as suas histórias para os leitores e leitoras.

Entregar o novo acervo e fazer mediação não era somente entregar a “história congelada” no livro, mas era o momento de ouvir as histórias das leitoras e leitores sobre filhos e filhas, leituras, viagens, dores, sobre os filmes e séries que assistiram, os amores e até mesmo sobre a não paciência para ler um livro. Essas pessoas falavam sobre a vida, sobre estar no mundo!

Se Exu, ao ficar na encruzilhada antes da casa de Oxalá, ganhava presentes, ou se hoje recebe oferendas nesse local, eu ganhava histórias pessoais que eram mediadas pelos operários e operárias. Escutar as histórias contadas por aquelas pessoas era como participar de uma mediação de um livro, porém, vivo. Pensava que o que eles e elas me contavam poderiam fazer parte de uma história escrita por Clarice Lispector, poderia ser um conto de Cidinha da Silva, uma canção de Caetano Veloso, um poema de João Cabral de Melo Neto ou uma história vista e sentida nas ruas de uma metrópole por Carolina Maria de Jesus; e depois escrita por ela em um papel de pão recolhido em alguma avenida. Porém, essas histórias não estavam nos livros: estavam nos corpos e aconteciam pelos bairros e nas casas das cidades onde essas pessoas habitavam.

Pouco a pouco fui entendendo que as histórias contadas por aquelas pessoas reverberavam na minha vida, pois muitos fatos tinham uma semelhança com questões que haviam acontecido na minha família, com pessoas que eu conhecia, como vizinhos, ou até mesmo as que trabalhavam comigo, fosse na limpeza ou na portaria. Eu era alimentado por aquelas histórias que me faziam refletir sobre a minha, pois quando determinadas pessoas do mesmo grupo social se encontram e dialogam, é possível com isso refletir que “no homem: existe uma história, uma linguagem que é parecida com a sua, uma magreza na face que é a magreza sua, e você se sente como se fosse ele. E assim é.” (JATOBÁ, 2006, p. 22).

Diante dessas questões, ao se pensar sobre mediação de leitura, pode-se refletir o local onde ela acontece como um território de possibilidades, de tensões, de existir, ou seja, um território “vivo, pulsante, no corpo, no pensamento, nos sentimentos, nas histórias de cada pessoa que vai ali. Aparece em suas escolhas, em seus interesses, em sua relação com os livros, com a literatura”, como reflete Marilena Nakano (2019, p. 11), fundadora da Rede Beija-flor de Pequenas Bibliotecas Vivas de Santo André (SP).

Assim como Exu na encruzilhada, escutar as histórias trazidas pelos e pelas interagentes da mediação me permitia também tecer sentidos, brincar com as histórias e chamar os e as interagentes para essa “dança”, via pensamento-sentidos, corpo e palavras, que é a leitura.

Como um paralelo à encruzilhada e Exu, por meio das mediações de leitura, eu podia “[...] cruzar, entrecruzar, trancar, misturar, transpassar. Costurar conceitos, possibilidades referenciais, se abrir e não se fechar”, porém, para isso, foi necessário que o meu corpo e o dos/das interagentes da mediação estivessem disponíveis “[...] para aprender, primeiramente consigo, sem perder de vista tudo que o mundo ensina a cada instante.” Com isso, esse corpo mediador, ou corpo continente, é um local que escreve e inscreve sabedorias. É um corpo atuante que “[...] necessita estar na via dos cruzamentos, do polo de comunicações oriundas da encruza. Não mais interessa apenas uma perspectiva, mas todas aquelas que circulam em nós.” (SANTANA, 2019, p. 32).

A partir da minha experiência, passei a refletir que um mediador ou uma mediadora, nos encontros com as leitoras e leitores durante a mediação, deve ter o cuidado ou fazer algumas perguntas como: Quem são esses leitores ou leitoras? Qual o contexto social e cultural em que eles ou elas estão inseridos? Quais as relações estabelecidas por eles e elas com a arte e a cultura? Como os livros e a leitura estão presentes no cotidiano dessas pessoas? Realizar esses questionamentos configura-se como uma possibilidade de conhecer:

O contexto em que se situam os leitores, sua experiência pessoal e social, a intenção, que predetermina qualquer ato de leitura, e os diferentes formatos de leitura condicionam as práticas leitoras, gerando diferentes situações e modos de leitura. (MEDINA; PRADES, 2015, p. 22).

Durante a mediação, algumas e alguns interagentes também assumiam o papel de mediadores das obras expostas, e eu passava de mediador para expectador-interagente da mediação realizada por aquelas pessoas. Para saber quando era o tempo certo para essa troca de papéis, era preciso estar atento à palavra do ou da interagente, aos movimentos que os corpos realizavam, como as mãos acenavam querendo atenção, ou como os corpos demonstravam impaciência, diante do querer dizer, ler algo e ser escutado.

Como um Exu na encruzilhada que já conhecia quem transitava por aquele território, convidava quem estava passando para dialogar, para conhecer o acervo e para fazer parte/estar na mediação: “Vem aqui, tem livro novo!” Ao dizer isso, em certas situações escutava como resposta: “— Não posso: não terminei ainda aquele outro. Volto quando acabar!” ou “Separa que retiro depois.”. Para outros, dizia: “— Chegou aquele livro que você pediu!”

A partir dos diversos retornos, a minha presença já era conhecida dentro das indústrias e empresas; eu encontrava conhecidos, sabia quem gostava de livros e o que cada leitor tinha como preferência de leitura. Ao encontrar com algumas dessas pessoas, eu recordava das histórias que elas haviam me contado, perguntava sobre os filhos; outros me contavam sobre o progresso das crianças na escola, dos sonhos que tinham. E no fim desses diálogos, acabavam levando algum livro.

Se na “encruzilhada” havia quem se aproximasse, fizesse trocas e dialogasse comigo, outros não queriam dialogar ou parar na “encruza”, talvez por vergonha, pelo cansaço¹¹⁹ ou até

¹¹⁹ A questão do cansaço também aparece como resposta para não leitura dentro da pesquisa “Fabricando leitores no abc paulista” realizada por Marina Pereira da Silva (2016). A pesquisa analisou a implementação de bibliotecas em fábricas no ABC Paulista: “A opção de não ler é realizada conscientemente. A leitura é vista como importante para todos esses trabalhadores, porém, as justificativas apresentadas para não ler são relacionadas ao cansaço físico que o trabalho produz; à falta de tempo; à falta de concentração, visto que a leitura exige muita atenção; e à falta de paciência.” (p. 73).

O cansaço também é apontado por Ecléa Bosi ao analisar as práticas leitoras de operárias de fábricas paulistas na década de 1970. A “não-leitura” estava relacionada a “[...] falta de tempo, de dinheiro, por desinteresse, cansaço e vista doente [...]” (2000, p. 152).

Sobre as leituras das operárias, principalmente de revistas como a “Capricho”, a autora diz: “Mas não é difícil não ler revistas: mais baratas que os livros, de fácil aquisição e consumíveis sem fadiga, elas circulam de mão em mão. De matéria de nível homogêneo, e voltadas para a **evasão**, não perdem nunca sua atualidade, uma vez que não se preocupam com os acontecimentos datados. Escavam a matéria do sonho romanesco, filão imutável, usando os mesmos temas do folhetim e do romance romântico.” (p. 124, grifo meu).

Logo em seguida, sobre essas leituras realizadas pelas operárias, a pensadora traz o contexto em que esses corpos estão submetidos e a sua rotina de trabalho, fato que talvez não justifique o uso da palavra “evasão” para explicar essas leituras, pois penso nelas como um descanso do corpo e da mente, fato que Bosi chama de “afrouxamento” de uma “conduta de vigilância”. Segue a reflexão da autora: “Notamos, observando o trabalho da operária, que o

mesmo por pensar que os livros não eram para si: “Isso é para pessoas pensantes e estudadas, e eu não sou isso, não”, me disse uma vez um operário que seguiu seu destino sem que eu pudesse continuar o diálogo a partir do que ele me disse.

Outras pessoas se afastavam dessa “encruzilhada”/espaço de mediação, desviavam o olhar e preferiam outros “produtos”, no caso, a imersão nas telas do celular ou até mesmo uma conversa com os conhecidos. Também escutava: “Hoje não posso: meu filho está em semana de provas e tenho que estudar com ele...”; “Ando cansada”, “Tenho livros em casa que comprei e estão me “esperando.”; “Nada desse acervo me agrada...”; “Teu papo é interessante, mas não quero livros. O que eu escutei aqui está de ‘bom tamanho’”; “Prefiro ver futebol a ler um livro: é mais gostoso”; “Já tentei ler, mas nunca consegui” ou “Ler serve para quê?”.

O tempo passava, as mediações aconteciam e com esse passar do tempo e do contato com os leitores e leitoras, o meu corpo era alimentado por memórias, pelas respostas das mediações e repertórios para fazer a/pensar sobre mediação e cada território/“terreiro” onde as ações aconteciam: eu estava sendo forjado como mediador de leitura com essas experiências. Elas passavam a fazer parte da geografia do meu corpo de mediador de leitura. As falas das e dos interagentes da mediação criavam uma geografia de entendimento sobre mediação, livros e leituras.

Os desejos de leitura dentro das indústrias e empresas eram os mais variados possíveis: lia-se para um concurso, para esquecer o amor ou lembrá-lo, para sonhar, para ninar os filhos e filhas, para dialogar com o filho que estava fazendo filosofia numa universidade pública: “Quero Hegel! Você tem?”, me questionou certa vez o pai operário que trabalhava em uma fábrica de sapatos infantis, que encheu a boca de palavras molhadas de afeto para fazer esse pedido. O pai concluiu nossa conversa relatando que os livros alimentariam ainda mais o diálogo com o filho.

Assim como o operário que pediu um livro de Hegel, outros chegavam até o lugar onde os livros estavam espalhados cientes e já sabendo o que desejavam ler ou não ler, conheciam os livros que estavam expostos e pediam a inserções de outros títulos no acervo. Nesse percurso dentro das indústrias e empresas, encontrei também mães que liam para os filhos, filhos que

tipo de tarefa por ela desempenhada exige sobretudo vigilância, contínua atenção aos sinais que a máquina emite. É a *atenção expectante* que guia a sua conduta.

Depois de oito horas de trabalho em cadência que não esmorece, natural é que se procure na leitura um afrouxamento desta conduta de vigilância” (p. 125).

liam para os pais ou pais e cuidadores que levavam livros para si, mas que depois de lidos eram emprestados para as filhas e repassados para pessoas próximas, como vizinhos ou parentes.

Também se lia por ler sem nenhuma busca, mas para alimentar a vida e a imaginação. Havia o leitor/leitora estilo Exu, ou seja, a boca que tudo come, que desesperado ou desesperada para ler seguia recolhendo livros, colocando-os debaixo do braço, pedindo para a amiga ou amigo segurar alguns e ainda perguntando quantos mais poderia levar.

Avalio que o espaço onde ocorriam as mediações de leitura são espaços de produção de conhecimento, um local de encontro das diferenças, do reconhecimento da vivência e do saber do outro e da outra entre esses operários e operárias. Eles e elas também traziam as suas considerações e provocavam ou esmiuçavam fatos presentes nos textos não percebidos por mim durante a mediação. Todo este processo trazia um novo olhar ou sentir, ampliando as possibilidades de criação de sentidos e, nele, vejo o objeto livro como integrante de um jogo, de uma brincadeira, de uma troca.

Durante as mediações de leitura surgiam, ainda, brincadeiras ou fatos sobre determinado aspecto da vida de alguém que estava na roda que eram incluídos pelos leitores em forma de deboche, conselho ou escuta atenta. As falas “atravessadas” ou que causavam “ruídos” também eram acolhidas dentro desse diálogo.

E é interessante notar que esses acontecimentos estavam sempre vinculados a algum trecho de livro, título ou até mesmo a uma ilustração presente na obra exposta ou mediada. Eu agia neste contexto como um “costureiro de sentidos”, alinhavando falas, ajustando pontos a partir da minha sensibilidade e tendo os livros como material-fio sensível para essas tessituras e dizeres.

Quando se pensa sobre mediação de leitura, automaticamente associamos esse fazer à questão literária. Porém, o meu trabalho dentro de indústrias abarcava também outros tipos de mediação e de incentivo à leitura, como livros religiosos, de autoajuda, administração, psicologia, sociologia e outras áreas do conhecimento, pois o público que eu atendia era heterogêneo.

Dessa forma, uma das questões que diferiam a minha atuação da de outros profissionais recaía justamente no trabalho não ser voltado totalmente à leitura literária, mas sim à diversidade de leituras e também ao ato e ao direito de as leitoras e os leitores acessarem outros tipos de obras. Também vale ressaltar que, nesses momentos, a obra em si e todos os elementos textuais e visuais também faziam parte da mediação.

Talvez para quem esteja acostumado com o objeto livro, elementos como a autora ou o autor, editora, ilustrador/a, orelha e outras questões sejam familiares. Porém, para alguns leitores e leitoras, essas palavras e classificações que fazem parte de um livro eram desconhecidos e, muitas vezes, eram apresentados durante a mediação.

Concluo também que a importância de projetos literários em territórios onde as pessoas não têm acesso a livros com facilidade são fundamentais para se pensar a diversificação de espaços para a promoção da leitura, do ato de ler qualquer obra, sem julgamento ou rótulos de obra “boa” ou “ruim”. A partir da minha experiência dentro das indústrias, avalio que somente a partir do momento em que essas leitoras e esses leitores têm acesso aos livros e são incentivados a ler é que o caminho para outras possibilidades de leitura pode ser trilhado para a construção do repertório leitor para “gostar” ou “não gostar” de outros gêneros.

Dessa maneira, um espaço de mediação preconiza a existência de três questões essenciais: “as bibliotecas (acervos de livros e espaços simbólicos), os livros (materiais da cultura escrita) e a conversa (que coloca no centro da cena uma ideia de intercâmbio, diferente da transmissão).” (LÓPEZ, 2019, p. 47).

Por isso, a mediação de leitura realizada no espaço fabril-empresa extrapolava os interesses propriamente baseados na história ou na materialidade do objeto livro: como falar de livros sem tocar em algumas questões internas, anseios e desejos de cada leitor ou leitora? Como falar de livros ou dialogar sobre eles com um público que parte de outros referenciais para construir um repertório estético, artístico e existencial? Em conclusão, um mediador ou uma mediadora atenta lê os textos-leitores, as suas histórias pessoais e suas falas-sumários, que são deixadas como pistas no momento da mediação.

Importante destacar que, durante essas mediações, as mulheres compunham 80% do público participante. Todavia, vale perguntar: qual a relação dessas mulheres com a leitura? Concluo, a partir das histórias que elas me contavam sobre as suas rotinas, que a leitura disputava tempo com questões como cuidar da casa, do jantar, lavar, passar, cuidar de si, dos filhos e do companheiro.

Muitas mulheres, nessa maratona de atividades que cansam o corpo e a mente, reservavam tempo para ler antes de dormir, ou seja, quando o lar estava em silêncio e elas podiam ter um tempo para si ou para escutar a vida que pulsava internamente e que, por meio da leitura, encontrava um terreno para dialogar.¹²⁰

¹²⁰ A pesquisadora Karin Littau (2008, p. 207, tradução nossa), a partir da pesquisa presente no livro “Reading Romance” de Janice Radway, ressalta que, diante das muitas tarefas impostas às mulheres, como cuidar dos filhos e maridos, “comprar um livro, significa comprar um tempo para si.” As mulheres estudadas por Radway, de uma

Porém, de todas as histórias mediando livros ao longo de dois anos, teve uma que marcou meu ato de estar e ser mediador. Em um refeitório pequeno, com paredes brancas e com muitos avisos colados, almoçava uma jovem operária. A Agente de Leitura da empresa já tinha dito para mim que a operária era uma das pessoas da indústria que mais gostava de livros. As obras estavam próximas dela, e percebia que ela olhava os livros e, entre uma garfada e outra na marmita, esticava o corpo para ler algum título, pegar outros, ler a contracapa ou olhar as partes internas. O seu olhar, como se tivesse encarnado o talento detetivesco de Sherlock Holmes, seguia investigando cada obra do acervo.

Se durante as mediações eu escutava histórias, porém, o que estava prestes a ouvir naquela empresa ao me aproximar da operária me arrebatou, que vestia uma blusa verde com o nome da indústria e tinha voz de mansidão de dia começando e os olhos como os de Capitu, ou seja, que “[...] traziam não sei que fluido misterioso e energético, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia nos dias de ressaca.” (ASSIS, 1999, p. 52).

O que a operária me disse naquele dia, guardo aquelas palavras comigo até hoje: “Eu tenho ‘medo’ de livro [...], chego a perder a noção da realidade. Eu vou dormir e levo todo aquele *povo comigo*, chego a sonhar com o que ando lendo. Isso é perigoso, moço!” Eu silencieiei depois desse dizer.

Por meio do depoimento da operária e da sua relação com a leitura, eu havia encontrado pela primeira vez a personificação da imaginação na fala daquela leitora:

Ler é decodificar palavras; ler é o processo que permite a relação entre nós e o mundo; a leitura nos proporciona o conhecimento; a realidade só se apresenta integralmente por meio da leitura; a leitura, assim como a escrita, é a expressão máxima da inventividade, da criatividade e da intelectualidade do homem; a leitura nos leva a uma viagem pelo imaginário; ler é se apropriar do acervo de conhecimentos e experiências da humanidade; a leitura é a possibilidade da fruição do belo, da estética; ler é se nutrir da tradição e da memória do homem; a leitura é proeminentemente prazer; a leitura é a representação maior da virtualidade; ler é caminhar pelos espaços do sonho; a leitura possibilita a vivência momentânea dos desejos, das vontades e dos anseios reprimidos ou impossíveis de serem concretamente realizados; a leitura permite ser o outro, estar no outro; ler é se apropriar de um dos mais importantes instrumentos de opressão, a escrita. (ALMEIDA JÚNIOR, 2017, s/n).

comunidade do meio oeste nos Estados Unidos, liam com frequência romances sentimentais. A interpretação realizada sobre essas leituras é que essas mulheres liam como uma forma de resistir aos sacrifícios diários frente aos cuidados com a família. Essas leituras eram também um meio de não aceitação/renúncia do papel imposto a elas ou fuga do cotidiano. Todavia, segundo Littau, Radway classifica essas leituras como terapêuticas, porque provocam bem-estar e davam esperanças para essas leitoras. No entanto, Radway ressalta que as histórias lidas com frequência eram escapistas em razão de suprirem certas necessidades de determinadas áreas da vida dessas mulheres, ou ainda, reforçavam os papéis sociais que elas exerciam ou de alguma maneira ajudavam a entendê-los, porém, sem a intenção de questionar a sociedade patriarcal.

A operária tinha idade entre 20 e 30 anos, era mãe de duas meninas pequenas e mesmo com esse “medo”¹²¹ sempre levava livros infantis e literatura brasileira para casa, isto é, sempre se aventurava pela floresta de palavras plantadas nas páginas dos livros. Mesmo com esse entorpecimento/medo causado pela leitura, ela incentivava as filhas a ler.

A confissão dessa operária pode ser interpretada como um movimento de trânsfuga, questão pensada por Michèle Petit (2008b, p.109) ao falar sobre as relações entre o efeito causado pela leitura em pessoas de uma comunidade rural na França:

Trânsfugas os que se encontram desenraizados, de maneira temporária ou duradoura, e tinham se convertido a essa atividade. Trânsfugas os que um dia iam embora da aldeia porque ao ler um livro, ao se apropriar de fragmentos de conhecimento, haviam sentido o desejo de algo diferente. Trânsfugas também, a seu modo, todos os que não haviam partido, mas que se entregavam à leitura para escapar. Vimos que ler lhes permitia viajar com o personagem, se abrir para lugares distantes. Os livros os transportavam para outros lugares, os convidavam a fugir. [...] Trânsfugas sobretudo porque, a partir da conquista discreta desse espaço de leitura, esses leitores rurais viam as coisas de maneira diferente. [...] Mas também, ao se abrir para o novo, descobriam em si mesmos territórios e desejos desconhecidos.

A primeira mediação que realizei dentro do projeto foi no ano de 2017. Era o aniversário de uma senhora, que vestia uma camiseta branca, usava uma calça marrom e uma bota de segurança na cor preta e tinha mais ou menos 1,60m. A operária varria uma das laterais do refeitório e estava com o olhar muito distante. Quando ela terminou de varrer, se sentou à mesa para almoçar ao lado de onde eu estava e, então, uma pessoa próxima a mim disse que era aniversário da senhora. Recordo que alguém fez o convite para ela se aproximar ainda mais: “Senta aqui com a gente. O homem dos livros está lendo poesia para nós.”

Ela se aproximou desconfiada, assim como um passarinho que avalia cada galho da árvore para ver se não há um predador antes de pousar com confiança. Dei os parabéns e disse que gostaria de ler algo como “presente”, e que ela poderia escolher um tema para que eu selecionasse a poesia, como amor, criança, bicho, família, Deus, amigos, dentre outros. Com os gestos tímidos e pouco expansivos, ou talvez com uma certa desconfiança do que o “homem” dos livros poderia perguntar, a operária ressaltou, com a voz baixa e desviando o olhar, que

¹²¹ Sobre os medos relacionados ao ato de ler, Michèle Petit tece importantes considerações no livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. No capítulo *Terceiro encontro: o medo do livro*, a autora (2008b) descreve que, dentre alguns dos medos abordados e sua relação com a leitura, está o de que a pessoa do sexo masculino que lesse poderia ficar menos viril ou feminilizado. Dentre outros medos tratados pela antropóloga, estão a leitura como uma possibilidade de individualização e liberdade individual, leitura e fuga da realidade, leitura e o fomento de ideias revolucionárias de pessoas que estavam em regime de escravidão; ou o ato de ler e o receio de que as famílias perdessem o controle sobre os filhos imigrantes que chegavam a outro país, ou seja, que a cultura e os novos conhecimentos poderiam quebrar a coesão cultural anterior da qual a pessoa era integrante.

gostaria de ouvir algo que “tivesse cheiro de terra e que lembrasse infância”. No momento, tinha em mãos o livro *Alguma poesia*, do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, e li para ela o poema “Cidadezinha qualquer”:

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar...as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus. (ANDRADE, 1992, p. 67).

Ao ler o poema, a senhora olhou dentro dos meus olhos com ternura e ficou em silêncio. A sua face expressava carinho e, no canto da boca, havia um sorriso disfarçado de timidez.

Continuamos em silêncio por alguns segundos e não senti a necessidade de dizer nada a ela, diante da sua reação. O nosso silêncio era um diálogo que havia sido construído, sem nenhum constrangimento. A comunicação continuou a ser feita por meio das trocas de olhares. O espaço era ocupado apenas pelas falas e risadas dos homens e mulheres que estavam fora do refeitório.

Interpreto aquela experiência como uma conexão e encanto causados pela palavra, pela escuta e “entrega” dos sentidos daquela operária ao ouvir o poema. Posteriormente, ocorreram reverberações internas causadas pela leitura. Após o nosso silenciar, ela disse que, a partir do que eu havia lido, lembrou-se da infância, das brincadeiras com os irmãos, dos bichos correndo no quintal da sua família em Minas Gerais.

Entendi com essa resposta que ela tinha se relacionado com o poema e os versos tinham atravessado o seu coração e encontrado um lar; e ali também havia encontrado a personificação do que é a leitura nos gestos e reação daquela operária:

Ser leitor não é somente saber ler, é dizer, conhecer os mecanismos que possibilitam unir as letras em sílabas, estas, em palavras, e as palavras colocá-las corretamente em orações, nem sequer conhecer as regras gramaticais básicas. É com tudo isso que saberemos ler, porém não seremos leitores: as pessoas se convertem em leitores quando são capazes de explorar e decifrar um texto escrito associando-o às experiências e vivências próprias. A chave para fazê-lo está, como em tantas outras ocasiões, no conjunto da sociedade, que na nossa atualidade é uma sociedade que encoraja à facilidade, à superficialidade e um incompreendido entendimento pragmatismo desprezando à dificuldade, ao esforço, à crítica ou aos próprios pensamentos. (CERRILLO, 2016, s/n, tradução nossa.)¹²².

¹²² No original: “Ser lector no es sólo saber leer, es decir, conocer los mecanismos que posibilitan unir las letras en sílabas, éstas, en palabras, y las palabras insertarlas correctamente en oraciones, ni siquiera es conocer las reglas gramaticales más elementales. Con todo eso sabremos leer, pero no seremos lectores: las personas se convierten en lectores cuando son capaces de explorar y descifrar un texto escrito asociándolo a las experiencias y vivencias

O poema e as reverberações causadas durante a leitura foram capazes de gerar um diálogo silencioso entre mediador e operária. Eu fui embora de onde havia realizado a mediação com aquele momento gravado na memória, tentando processar/entender o instante de beleza e encanto que havia acontecido. Porém, nem todas as palavras, em algumas situações, conseguem descrever os sentidos e atravessamentos de algumas experiências.

Portanto, a mediação de leitura só é viável ou pode acontecer quando os e as interagentes são os próprios construtores do seu processo de sentidos e interação corporal com o mediador e com livro. É preciso tempo! Nesse tempo ou relação entre livros e leitores ou leitoras, aprendi que a mediação de leitura ou até mesmo qualquer processo educativo não é uma reafirmação sobre as coisas e valores existentes no mundo, mas esse processo deve parir outras realidades possíveis, sensíveis e inventivas ou até mesmo não “parir” nada!

Assim, quando reflito sobre o espaço onde eu realizava mediação de leitura dentro das indústrias e empresas como sendo pensada a partir da encruzilhada, percebo que “a encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias” com o pensamento e com os sentidos (RUFINO, 2019, p. 13).

Assim, concluo que fazer mediação dentro de indústrias e empresas virou uma brincadeira na qual me divertia como um *kafioto*¹²³, que sempre está em processo de aprendizagem, isto é, do tempo de dizer e escutar a palavra, do tempo de “errar” o dizer a palavra e ser olhado de “canto de olho”, de silenciar e aprender com o silêncio, de trocar histórias com os interagentes da mediação sobre livros, ou de escutar o leitor ou leitora ler também. Foi ainda o tempo de perceber os corpos entregues à leitura.

Diante dessas questões e apontamentos, eu era o próprio Exu! Nesse brincar, fui descobrindo como montar e pensar o acervo que atendesse aos desejos, vontades e que também abrisse novas brechas de provocações e descansos nos corpos desses e dessas leitoras e leitores. Como o orixá, encontrava posteriormente algumas dessas pessoas nas filas de mercado, em apresentações culturais ou até mesmo andando pela rua e esses encontros também se configuravam como outros momentos de trocas e mediações sobre a vida.

propias. La clave para lograrlo está, como en tantas otras ocasiones, en el conjunto de la sociedad, que en los momentos que vivimos es una sociedad que alienta la facilidad, la superficialidad y un malentendido pragmatismo, despreciando la dificultad, el esfuerzo, la crítica o el pensamiento propios.”

¹²³ Segundo o pesquisador baiano Tássio Ferreira Santana/Tata Dya Nkisi (2021, p. 152): “Kafioto – a criança, o espírito da infância, da brincadeira. Popularmente conhecido como erê; aquele que é também um comunicador entre a vontade do Nkisi e a vida terrena.”

5.2 O axé das palavras - o que pode a palavra?

A sensação que tinha quando começava a declamar alguma poesia ou trecho de alguma história, dentro das indústrias e empresas durante a mediação, era como se as palavras abrissem uma fenda e “parassem” o tempo, como se a poesia/palavra dita criasse um “oásis”. Os olhares das pessoas e o que elas me diziam depois das mediações confirmavam essa minha impressão.

Por isso, nesse subitem, o objetivo é refletir sobre a palavra dentro da mediação de leitura, tanto a palavra escrita-mediada dos livros quanto a palavra falada, sendo refletida a partir do axé dos terreiros. Logo, questões como o cuidado e as mobilizações feitas pela palavra e os corpos como locais de inscrições de poéticas via palavra serão também abordados.

Para pensar na relação da palavra com o conceito de axé, ancoro o meu pensamento, sempre em fluxo, nas conceituações da antropóloga Juana Elbein dos Santos (2012), do babalorixá, antropólogo e escritor Rodney William (2017) e de Luiz Rufino (2019). Além disso, trago as minhas experiências e percepções sobre o axé que vivo, sinto, recebo e presencio na minha casa de santo, a *Nzó Kyloatala*.

A palavra é falada ou escrita no dia a dia, porém, qual o significado do termo “Palavra”? O sentido de “palavra”, no *Dicionário Michaelis* (2023, s/n), indica que na Linguística ela é uma “unidade mínima com som e significado” e que pode enunciar algo. O seu significado ainda traz o sentido de “unidade da língua composta de um ou mais fonemas que, em língua escrita, se transcreve entre dois espaços em branco, ou entre um espaço em branco e o sinal de pontuação”. Ainda segundo o Dicionário, na Gramática ela pode denotar um adjetivo, que diz sobre uma qualidade de alguém ou alguma coisa, ou pode ser um verbo, que “expressa uma ação”, dentre outros sentidos.

Para o meu entendimento sobre a palavra que enuncia sentidos dentro de uma determinada língua e as suas relações com o axé dos terreiros, ou até mesmo sobre a palavra carregada de sentidos ideológicos, aponto o meu pensamento nas análises marxistas sobre a palavra em Volóchinov/Bakhtin (2018). O autor ressalta que é impossível existir uma separação da palavra do seu conteúdo ideológico, ou seja, a palavra-língua está inserida e gestada dentro de determinado contexto social, sendo a mediadora da consciência individual com o mundo. Para o autor (2018, p. 181):

Na realidade, nunca pronunciamos ou ouvimos palavras, mas ouvimos uma verdade ou mentira, algo bom ou mal, relevante ou irrelevante, agradável ou desagradável e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação*

ideológica ou cotidiana. É apenas essa palavra que compreendemos ou respondemos, que nos atinge por meio da ideologia do cotidiano.

Logo, se ela é formada dentro de determinado contexto, a palavra-língua reflete a ideologia¹²⁴ de determinada classe e, com isso, “a palavra é o *fenômeno ideológico par excellence*” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 98), configurando assim um signo construído socialmente. O autor (2018, p. 99) ainda afirma que a palavra é um “signo neutro”, porém, “ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.”

Nas casas de santo, a palavra carrega axé, ou seja, a energia vital que movimenta acontecimentos. Por conseguinte, reflito que no chão de fábrica a mediação de leitura e os livros eram axé, que partiam das trocas realizadas entre mim e as leitoras e os leitores e interagentes da mediação, ou das leitoras e dos leitores-interagentes comigo, ou ainda das trocas e interações entre essas pessoas com os livros e com as palavras.

Para dos Santos, o *axé*, dentro da concepção dos iourubás¹²⁵:

[...] é a força que assegura a existência dinâmica, que permite o acontecer e o devir. Sem *àṣe*, a existência estaria paralisada, desprovida de toda possibilidade de realização. É o princípio que torna o processo vital. Como toda força, o *àṣe* é transmissível; [...]. É uma força que só pode ser adquirida pela introjeção ou por contato. (2012, p. 40).

Ainda sobre o que é o axé, Rodney William (2017, s/n) reflete que:

Em termos práticos, além de ser a força sagrada de cada orixá, axé também designa o conjunto de objetos e materiais indispensáveis ao culto, bem como as pedras, árvores, comidas, ferramentas e adereços de cada divindade e de seus respectivos assentamentos. Essa força é revigorada por meio de rituais, oferendas e sacrifícios. Está no sangue, na seiva das folhas, nos pós das sementes e frutos.

De fato, se alguns elementos dentro dos terreiros de candomblé transportam o axé, no espaço onde eu realizava as mediações de leitura esses materiais podem ser pensados como os livros e a palavra. Outra questão que corrobora e justifica o meu pensamento, ao refletir sobre a palavra sendo dita no espaço de mediação de leitura como axé, parte também do pensamento de Juana Elbein dos Santos, ao afirmar que a palavra pronunciada dentro das casas de santo está impregnada de dinamismo e, nessa operação, transporta/transfere axé:

¹²⁴ “Por ideologia entendemos todo o conjunto dos reflexos e das interpretações da realidade social e natural que tem lugar no cérebro do homem e se expressa por meio de palavras [...] ou outras formas signícas.” (VOLOSHINOV, 1980 *apud* MIOTELLO, 2008, p. 93).

¹²⁵ A antropóloga Juana Elbein dos Santos (2012) dedica um capítulo inteiro sobre axé na obra “Os *Nâgô e a morte*: pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia”, no qual a autora aborda o sistema dinâmico do axé, elementos materiais, simbólicos, transmissão e relações com a palavra dentro de um terreiro de candomblé.

A transmissão oral é uma técnica a serviço de um sistema dinâmico. A linguagem oral está indissoluvelmente ligada à dos gestos, expressões e distância corporal. Proferir uma palavra, uma fórmula é acompanhá-la de gestos simbólicos apropriados ou pronunciá-la no decorrer de uma atividade ritual dada. Para transmitir *à se*, faz-se uso de palavras apropriadas da mesma forma que se utiliza de outros elementos ou substâncias simbólicas. [...] Cada palavra proferida é única. Nasce, preenche sua função e desaparece. (SANTOS, 2012, p. 48).

A partir das reflexões sobre o que é o axé, retomo uma situação relatada anteriormente e que ocorria na encruzilhada, ou seja, nas portas dos refeitórios onde eu realizava as mediações. Quando as leitoras e os leitores não se aproximavam dos livros, desviavam o olhar ou não participavam da mediação, concluo a partir dessas questões que, dentro da perspectiva do que é o axé e sua concretização, não havia nesses momentos uma potencialização da palavra ou dos livros como axé. Porque, como refletido, para a força do axé existir e ser realizada, é necessário que haja a troca de saberes entre as pessoas, ou seja, entre mediador e interagentes da mediação e entre as leitoras e os leitores, sendo essas trocas-interações guiadas pelo livro-leitura-palavra.

A minha reflexão sobre a axé dentro da mediação provém da análise que, durante as mediações de leitura, a palavra emergia como bússola para as trocas e costuras de sentidos presentes nos livros e noutros saberes operados pelos leitores e leitoras. Eu “engolia” conhecimento para mediar e parir palavras, sempre auxiliado nesse parto pelos interagentes da mediação. Com isso, eu e os interagentes dizíamos e trocávamos provocações, encanto e costurávamos travessuras no pensamento por meio da linguagem.

Nesse partejar de palavras, os acontecimentos do espaço onde eu estava – as indústrias e empresas –, junto às provocações e sensibilizações trazidas pelos corpos dos operários e operárias, eram configurações que permitiam o gestar, o dizer e a palavra. Desse modo, as palavras nasciam, “[...], portanto, de uma troca de ar entre o ambiente externo, pleno de vida, de sensações e informações, e o interior por sua vez também pleno de afetos, emoções e pensamentos.” (DRAVET, 2015, p. 17).

Exu é o regente-mor da palavra, é quem organiza e potencializa as palavras, assim como um mediador. Portanto, a palavra é axé de Exu. Nesse estudo, penso como sendo esse axé a palavra presente nas minhas mediações dentro das indústrias e empresas; ou ainda, amplio essa questão para a palavra sendo dita por outros mediadores e mediadoras em outros locais:

Axé e Exu são conceitos fundamentais, que nos possibilita a prática de um *rolê epistemológico* em torno de noções que sofreram intensa supressão ocidental. O axé compreende-se como a energia viva, porém não estática. É a potência que fundamenta o acontecer, o devir. Essas dinâmicas de condução do axé se dão por meio de

diferentes práticas rituais, e o axé é imantado tanto na materialidade quanto no simbólico, expressando-se como um ato de encanto. (RUFINO, 2019, p. 67).

Durante as mediações, a palavra causava encanto em quem a escutava, despertava sentimentos e reavivava histórias adormecidas. Por outro lado, nem sempre a palavra despertava interesse na escuta, pois havia desconfiança ou até mesmo indiferença quanto a minha presença nos locais onde eu realizava mediação.

Com o que escutava no espaço da mediação, organizava o pensamento e era desorganizado pelos ouvintes, que ajudavam a bagunçar pensamentos e saracotear certezas, como um barco em pleno vendaval em alto mar; assim como Exu, elegantemente, quando baixa no terreiro, provocando os filhos de santo e os visitantes com suas palavras, seus silêncios, suas gargalhadas, suas respostas em forma de canção ou poesia, seus olhares, sua ginga, suas perguntas ou respostas – que mesmo sem a pessoa perguntar, verbalmente o orixá responderá em forma de pergunta, pois já sabe o que cada pessoa deseja, quer esconder, escutar ou o que está à procura dentro do terreiro. Para isso, Exu lê os corpos e as palavras e o que há no intervalo das falas ou que se entrelaça entre o dizer e os silêncios:

Toda conversação é uma costura de silêncios e palavras, de pausa e fala, que cria a respiração da troca; e um vai e vem entre o pensamento difuso e os enunciados. As palavras e o estilo do discurso não são por conta própria a essência da conversação: o ritmo das trocas, as vozes, os olhares, os gestos e a distância que são mantidas com o outro também contribuem para a construção dos significados. O homem não é somente o seu discurso: o conteúdo da palavra somente é uma dimensão do processo comunicativo, as pausas, os jeitos de dizer ou calar e os silêncios também são importantes. (LE BRETON, 2006, p. 14, tradução nossa).¹²⁶

Um mediador de leitura também lê os silêncios, as histórias presentes nas palavras dos leitores e leitoras, e com essa leitura e interpretação pode tecer sentidos a partir desse dizer dos interagentes da mediação. Todas essas questões fazem parte da mediação, ou seja, um mediador no espaço de mediação tenta decifrar o que os corpos e os silêncios, que falam sem dizer, anunciam. Essas situações durante a mediação de leitura poderiam ser percebidas pela mudança de tom na voz, pelos não dizeres ou até mesmo pelo corpo que se entregava ou se “fechava” para o diálogo e silenciava, pelo corpo alegre ou triste, que era percebido via entonação ou

¹²⁶ No original: “Toda conversación es un tejer de silencios y palabras, de pausa y habla, que crea la respiración del intercambio; es un vaivén entre el pensamiento difuso y los enunciados. Las palabras y el estilo del discurso no colman por sí solos la esencia de la conversación: el ritmo del intercambio, la voz, las miradas, los gestos y la distancia que se mantiene con el otro también contribuyen al fluir de los significados. El hombre no es sólo su discurso: el contenido de la palabra solo es una dimensión del proceso comunicativo, las pausas, las formas de decir o callar y los silencios también son importantes.”

gestualidades; pelos olhares perdidos ou em busca de algo. Muitas vezes, percebia que a ausência das falas, ou uma palavra dita com a boca semicerrada, denunciava algo ou até mesmo enunciava um falar sendo completado por gestos, que também se configuram como linguagens, assim como o corpo de Exu, pois:

[...] sua linguagem é pura metáfora: é, a um só tempo, o signo semiótico e o fenômeno sensível, o sentido e o sentir. Sua fala é potencialidade do sentido semântico, mas também é potência de sentidos sensoriais, uma vez que Exu está fora e dentro do corpo. [...]. Ele fala com a voz e com o corpo ao mesmo tempo. (DRAVET, 2015, p. 20).

A palavra provém de um contexto social, de uma lógica que opera *para* e *com*, e faz parte de um tecido cultural (VOLÓCHINOV, 2019). Ao avaliar esse dizer, a palavra dita pode ser pensada como oriunda da boca de seres provenientes de contextos culturais diversificados e complexos, e que anuncia os nossos “mundos internos”. Nesse enunciar, a palavra revela sonhos, caos, paixões, experiências e desejos. A língua é o órgão do corpo humano que propicia esse dizer à palavra, que anuncia os estados sensíveis de quem comunica:

A língua é considerada uma chama. Possui a forma e a mobilidade desta. Destrói ou purifica. Enquanto instrumento da palavra, cria ou aniquila, seu poder é sem limites. É também comparada à haste horizontal de uma balança: ela julga. [...] Para os bambaras, a língua é, com a perna, o nariz e o sexo, um dos quatro órgãos de que depende o bom funcionamento do corpo social; daí advém sua extrema importância. Órgão da palavra, é considerada a criadora do verbo, imbuída de um poder de fecundação da mesma categoria da chuva, do sangue, do esperma, da saliva, que é o veículo do verbo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2021, p. 618-619).

O que pode e mobiliza a palavra? Quando bem-dita, ou seja, quando propicia o equilíbrio ou é falada de forma que enseja o aprimoramento de um coletivo; ou bendita, isto é, quando enseja uma benção; a palavra provoca o encanto, faz uma ruptura, conecta, refaz a ponte entre sentimentos latentes ou adormecidos:

Se a palavra adquire tal poder de ação é porque ela está impregnada de *àşę*, pronunciada com o hálito - veículo existencial - com a saliva, a temperatura; e a palavra soprada, vivida acompanhada das modulações, da carga emocional, da história pessoal do poder daquele que a profere. (SANTOS, 2012, p. 48).

A palavra ainda abre a possibilidade para sonhar. Quantos sonhos a palavra abriu ou incentivou por meio das mediações de leitura? Não sei responder. No chão de fábrica, por meio da palavra, eu escutei alguns sonhos e desejos. Um deles me foi contado por uma operária, mãe de uma menina de 13 anos. A adolescente guardava livros dentro do guarda-roupa ou em caixas, sempre armazenados com muito cuidado debaixo da cama.

O que sonhava a menina? Ser dona de um sebo de livros. O sonho foi iniciado quando a garota ganhou o livro *Uma professora muito maluquinha*, escrito por Ziraldo (2012), dado de presente a ela por uma moça que trabalhava na biblioteca da escola. Neste caso, o encontro com a palavra impressa e com o dizer do sonho/palavra estava guiando sonhos e a transformação de si, como se por meio do contato com a leitura/livro fossem encontradas:

[...] as vias de sua própria transformação, de seu próprio ir além de si, encontrando-se passo a passo com o seu desejo de ser, para ir sendo cada vez algo mais próximo do próprio desejo, isto é, mais próximo daquilo que ainda não se é. (PÉREZ DE LARA, 2002, p. 7.¹²⁷, *apud* SKLIAR, 2014a, p. 37).

O projeto possibilitava que essa adolescente lesse três livros por mês e, durante as mediações/troca do acervo, a mãe me contava que a adolescente esperava ansiosa a chegada de obras relacionadas a alguma série ou que tivessem sido adaptadas para as telas do cinema. Pode-se pensar, por meio dessa história, que o axé da palavra, quando distribuído, regado e carregado de generosidade nessa troca, possibilita o nascimento de sementes para sonhos e realidades.

Porém, a palavra quando mal dita, isto é, desequilibrada, dita de forma deturpada ou intolerante; ou maldita, relacionada à maldição; afasta, cria “ruídos”, desencanta, despotencializa, ou seja, não possibilita a transformação ou o axé: a palavra fica desumana, doente, apodrecida ou morta.¹²⁸ Nesses casos, a palavra cria um campo vazio de possibilidades afetivas:

O abandono da linguagem se apresenta diante de nós como vários rostos que nos confundem e nos fazem sentir incapazes: o esgotamento, o entontecimento, a teimosia, a urgência, a conhecida produtividade, o utilitarismo, a progressiva simplificação, a perda da metáfora e da imagem, as frases já feitas, o suicídio da conversa, a humilhação, a frivolidade do verbo, etc.

Mas o maior dos abandonos reside na pena por advertir a filiação da linguagem ao poder ou, melhor dito, aos poderosos, aos altaneiros, aos soberbos, aos mentirosos, aos cruéis, aos publicitários, aos politiqueiros, aos violentos, etc.; o sequestro das palavras mais vitais da língua como limite de propriedade privada de um conglomerado de proveitos pessoais e consumistas; enfim, quando a linguagem se coloca ao lado daqueles que fizeram deste mundo um mundo insuportável e irrespirável. (SKLIAR, 2014a, p. 28).

As palavras, no espaço fabril, por mais que fossem ditas de formas “educadas”, tinham um objetivo específico; em algumas situações, eram usadas para demandar a execução de uma tarefa trabalhista, mas também poderiam ser usadas para silenciar o dizer ou impor uma

¹²⁷ PÉREZ DE LARA, Nuria. La construcción de la identidad desde la perspectiva de la diferencia sexual. **CICLO JULIOLS**. Barcelona, 2002.

¹²⁸ Realizo essa reflexão a partir da minha experiência e observação dentro da *Nzó* Kyloatala e do cuidado com a palavra, sobre como proferir a palavra e como certas palavras são ditas para realizar determinadas funções e cerimônias.

situação/ordem. Com isso, não havia tempo a perder com o dizer da palavra. Portanto, pela estrutura de funcionamento do espaço fabril, a palavra nesse local pode ser avaliada dentro de uma atmosfera de comando e controle de corpos para manter a ordem e a produtividade:

Associada a isso, encontra-se a aceleração dos processos que impede o trabalhador de pensar, falar e nomear o que sente, pois fazê-lo significaria estar à margem dos padrões de qualidade que o contexto exige: trabalhador adaptado que faça o que tem que ser feito sem questionar. Admitir que haja sujeitos que sofrem, desejam e sentem não é permitido; muito menos falar sobre isso. (GÓMEZ; MENDES; CHATELARD; CARVALHO, 2016, p. 255).

A única palavra que prevalece válida e autorizada é a linguagem do trabalho, do contrato trabalhista, do patrão ou patroa. Consequentemente, em algumas situações, não há abertura de diálogo para outras falas e possibilidades de escuta:

As ordens: desde o momento em que se bate cartão na entrada até aquele em que se bate o cartão na saída, elas podem ser dadas, a qualquer momento, de qualquer teor. E é preciso sempre calar e obedecer. [...]. Engolir os nossos próprios acessos de envenenamento e de mau humor; nenhuma tradução deles em palavras, nem em gestos, pois os gestos estão determinados, minuto a minuto, pelo trabalho. Essa situação faz com que o pensamento se dobre sobre si, se retraia, como a carne se contrai debaixo de um bisturi. Não se pode ser “consciente”. (WEIL, 1996, p. 80).

Se os corpos dos operários estavam dentro de uma atmosfera de controle (FOUCAULT, 1999), a palavra do mediador de leitura, no caso, a minha, quando institucionalizada, também sofria cerceamentos ideológicos entre o que eu pensava, sentia e acreditava dentro de um processo educativo e o que a instituição pregava, defendia e preconizava como valores. Para um mediador ou mediadora mais atento, ao analisar a sua relação com a palavra ou com o dizer dela dentro das estruturas institucionais – com os seus sentidos e ocultamentos e os seus atos educativos – conclui-se que é possível perceber, em alguns momentos, as tensões causadas pelo dizer a palavra diante desses dois mundos.

Diante dessa questão, reflito: até onde o meu corpo de mediador assalariado estava autorizado a falar? Qual o limite da minha fala como funcionário de uma instituição que, muitas vezes, adotava posturas de conformismo diante de situações que estavam do lado do capital e não do humano? Assim como refletiu o filósofo francês Jean-Paul Sartre (2011) sobre a liberdade, nessas situações, ao fazer mediação e ser um mediador contratado por uma instituição, eu estava diante de um rochedo, ou seja, do desafio de ser-no-mundo:

Bem mais do que parece "fazer-se", o homem parece "ser feito" pelo clima e a terra, a raça e a classe, a língua, a história da coletividade da qual participa, a

hereditariedade, as circunstâncias individuais de sua infância, os hábitos adquiridos, os grandes e pequenos acontecimentos de sua vida. (SARTRE, 2011, p. 593).

Posto isso, a classe de assalariado da qual eu fazia parte como mediador, querendo ou não, por vezes moldava as minhas ações, palavras e respostas dentro do “chão de fábrica” e eu não era um “ser livre”, mas para ser livre seria necessário refletir e agir dialeticamente sobre a situação (FREIRE, 2014b)¹²⁹. Reflito, a partir dos apontamentos dos dois parágrafos anteriores, que embora tivesse essa premissa e adotasse uma postura de mediação que levava em consideração a emancipação e busca da autonomia (FREIRE, 2011b), havia um limite para a minha atuação como mediador dentro do chão de fábrica. Mesmo percebendo os limites impostos aos operários e operárias e relacionados à palavra, também de certa forma impunha esses limites em determinadas situações no meu dizer, o que pode ser interpretado e refletido a partir da dialogicidade de estar mediador em determinado contexto.

Lembro de uma situação ocorrida durante uma mediação, em que o meu corpo foi atingido por algumas palavras violentas relacionadas a minha orientação sexual. Silenciei diante de tal atitude, tanto no chão de fábrica e até mesmo dentro da instituição na qual eu trabalhava, pois levei em consideração a política adotada pela empresa acerca das falas que escutava, principalmente vindas de homens heterossexuais, assim como os desfechos de algumas histórias que já havia escutado, presenciado, sido vítima e relatado para os superiores dentro da empresa, em que havia uma postura de omissão: o silêncio fala!¹³⁰

Os corpos durante a mediação de leitura eram convidados, acolhidos, instigados e provocados a estarem presentes por meio da palavra a um outro estado de emergência poética ou de descanso. Pode-se refletir que, por meio da minha atuação ou da atuação de um mediador ou mediadora de leitura, em sua relação com a palavra (ou “transmissão” do axé via palavra) há um desejo de imantar e incorporar os corpos de sentidos:

Incorporar os corpos supõe erguer de uma vez a palavra. Mas não fazer alarde disso. Não voltar-se para a palavra estéril. Não renunciar também ao fugir da palavra. Estar sendo de palavras.

¹²⁹ Estando e atuando dentro de uma estrutura social específica, a partir de Paulo Freire (2014b, p. 59 e 62-63), pode ser afirmado que “o único que permanece na estrutura social, realmente, é o jogo dialético da mudança-estabilidade. Desta forma, a essência do ser da estrutura social não é a mudança nem o estático, tomados isoladamente, mas a “duração” da contradição entre ambos. [...] Na ação que provoca uma reflexão que se volta a ela, o trabalhador social irá detectando o caráter preponderante da mudança ou a estabilidade, na realidade social na qual se encontra. Irá percebendo as forças que na realidade social estão com a mudança e aquelas que estão com a permanência.”, o que, tomado ainda dentro do conceito sartreano de liberdade, possibilitaria o exercício do ato de ser livre-liberdade.

¹³⁰ Importante relatar que algumas violências ocorridas no ambiente de trabalho estavam relacionadas a brincadeiras, insinuações, palavras dúbias, que mesmo ditas de forma “suave”, revelavam e traziam nas entrelinhas violências pelos e pelas falantes.

Incorporar os corpos onde nos fazem falta os corpos.
 E acontece que hoje, agora mesmo, há demasiada ausência dos corpos. Demasiadas palavras que não deixam marca nem vacuidade. Demasiadas palavras que ocupam o espaço de tua mão, de minha mão, das mãos. Demasiadas palavras orgulhosas de si mesmas, do mesmo. Demasiadas palavras sem corpos que as suportem, que as acariciem, que as acendam. Demasiadas palavras onipotentes, que insistem em negar aquilo que acreditam que afirmam. (SKLIAR, 2012, p. 53).

O que estamos fazendo ou o que estão fazendo com os nossos corpos? Como perceber o corpo e inseri-lo dentro de outra dimensão de cuidado/existencial via palavra? A palavra pode abrir brechas em meio ao caos, pode criar desavenças em meio à paz, pode acolher ou fingir acolhimento: o axé da palavra é um corpo-gesto, e isto significa que ela pode proporcionar revoluções dentro de uma mediação de leitura ou no dia a dia:

Toda revolução poética se faz na fala cotidiana¹³¹.
 Toda fala cotidiana se faz desde a revolução poética.
 Toda fala poética se faz desde a revolução cotidiana.
 Toda revolução cotidiana se faz desde a fala poética. (AGUDELO, 2013, p. 39, tradução nossa).¹³²

Como a palavra está sendo dita no dia a dia? Como uso ou escuto a palavra? Estamos escutando as entrelinhas das palavras ou lendo o que está escrito nas entrelinhas delas?

Diante dessas questões, ler para adultos durante a mediação de leitura era um momento de partear carinho e histórias, palavras, silêncios e livros; de criar humanidade e laços diante de tamanha mecanicidade que os trabalhadores e as trabalhadoras enfrentavam no dia a dia. Leio hoje esse momento como uma distribuição de axé/energia, sempre como uma via de mão dupla de trocas de palavras/axé.

Além de axé, creio que a palavra, ao ser dita onde acontecia a mediação de leitura, pode ser lida como uma encruzilhada. Sendo assim, questiono: Como dizer a palavra no espaço de mediação? Por onde começar a tecer a palavra? Onde nasce a palavra? Qual rio-vértebra a palavra percorre até ser enunciada? Quais os ecos trazidos pelas memórias das palavras? O nascimento do dizer a palavra durante as mediações de leitura era partejada pela minha escuta

¹³¹ O jogo poliédrico criado pelo poeta colombiano Darío Jaramillo Agudelo parte da frase “Toda revolución poética se hace desde el habla cotidiana”, do poeta modernista, dramaturgo e crítico literário Thomas Stearns Eliot (T. S. Eliot).

¹³² No original: “Toda revolución poética se hace desde el habla cotidiana”.
 Toda habla cotidiana se hace desde la revolución poética.
 Toda habla poética se hace desde la revolución cotidiana.
 Toda revolución cotidiana se hace desde el habla poética.”

interna, de ouvir e dialogar com as e os interagentes da mediação e o território onde eu estava; ou ainda, como diz a poeta chilena Julieta Marchant (2021, p. 49), do:

Ouvir a relação entre coisas que não têm nenhuma relação. Ouvir a vigília. Ouvir: estar dentro da linguagem antes que em qualquer outra coisa. Ouvir um clamor intensivo. Ouvir alguém construindo a si mesmo no infinito e ao instante. Ouvir o lugar bestial.

Do escutar os operários e operárias, e diante das minhas experiências com a palavra dentro de empresas e indústrias, penso na palavra-silêncio, palavra que “rasgava” o ar feito riacho cortando uma paisagem-geografia de terra seca, palavra “bala”, palavra corte, encanto, encontro, abandono, espera, afeto.

Palavra “jargão de escritório”, palavra omissão, palavra coração, palavra engano, palavra casa-morada ou palavra vazia de sentidos e expressa sem nenhuma consideração:

De certo modo, será necessário voltar a pensar numa linguagem habitada por dentro e não apenas revestida por fora. Como a pele, a linguagem também toma a forma de um batimento cardíaco ou de uma agitação do respirar ou de um estranho e persistente movimento; outras vezes, ela se converte em muralha, em defesa, em contenção. (SKLIAR, 2014a, p. 20-21).

Desse escutar dentro do espaço de mediação, também ouvi certa vez da boca de um operário a palavra exploração, questão presente na formação do capitalismo industrial brasileiro desde a década de 1950 e que ainda hoje se faz viva na contemporaneidade “por meio de padrões produtivos mais avançados”, segundo Ricardo Antunes (2004, p. 25). Maldita palavra e situação que, contada pelo operário, revelava as condições de trabalho enfrentadas por ele e pelos colegas, o que me dizia e explicava os motivos dos corpos cansados, da sua remuneração e da qualidade de vida e suas relações com o trabalho.

No “rio de palavras” gerado pelas mediações, eu percebia que os leitores e as leitoras “adentravam” pela margem, banhavam o corpo/língua no rio e desaguavam a falar a palavra. E você, que está nesse momento com os seus olhos passeando nesse texto: como tem cuidado da palavra?

Sendo a palavra dotada de uma parcela da vitalidade do preexistente, é necessariamente uma força inerente à personalidade total, daí que sua utilização deve ser cuidadosamente orientada, pois que uma vez emitida algumas de suas porções desprendem-se do homem e reintegram-se na natureza. Nesse sentido deve ser lembrado que a palavra é elemento desencadeador de ações ou energias vitais. De fato, ao ser dirigida para atingir determinados fins, interfere na existência pois que, uma vez absorvida, pode provocar reações, controláveis ou não. É por isso que o aparelho auditivo é assemelhado aos órgãos reprodutores femininos: ambos são capazes de

fazer gestar algo decisivo pela penetração, no interior dos indivíduos, de um elemento vital desencadeador do processo. (LEITE, 1997, p. 105).

Algumas das palavras ditas por aqueles operários durante a mediação faziam e imantavam o meu corpo de axé, ou faziam do meu corpo-morada e iam dormir comigo. Esses homens e mulheres seguiam para mais um turno de trabalho enquanto eu seguia com aquelas histórias gravadas na minha vida e com aqueles atravessamentos estéticos e poéticos vivenciados no momento da mediação. Eles e elas levavam livros e eu levava suas histórias de vida. Aquelas palavras eram um gesto-performance-ato de vida-para vida que mobilizavam o meu pensamento, e me fizeram mediador e me ensinaram a mediar. Aquelas palavras nomeavam mundos e existências:

Nomear e fazer sentido; atos e gestos primordiais, inseparáveis do destino do homem e da linguagem. Medos e assombros. Os gritos primeiros. Os gemidos. Os cantos. O fazer a vida com os outros. Os outros. Ao dar nome, ao dizer as coisas, ao dizer-se, ao descobrir e atribuir sentidos, a linguagem revela-se fundadora do mundo [...]. A poesia é a utopia da palavra, a terra prometida da linguagem. [...] A palavra-coisa. A palavra-corpo. A palavra-ser. (ANTÔNIO, 2002, p. 21).

Ouvir aquelas vozes interrompendo a leitura durante a mediação, questionando, brincando, rindo, trazendo sentidos ou escutando, era como ouvir pássaros que gorjeavam no ninho: traziam outras falas e sons querendo ser ouvidos com dignidade e escuta atenta. Essas vozes/sussurros podiam parecer estranhas à primeira vista, pelo que diziam, mas eram vozes humanas como a minha/sua, que, “[...] às vezes, ousamos esquecer e silenciar; fingir que não estão lá/ali/aqui do nosso lado: até quando?” (FREITAS, 2019, p. 101). A palavra, quando expressada com respeito, de forma afetiva e acolhedora, “salva”, traz e recupera um pouco de humanidade latente/solta/escondida lá no fundo de alguma alma: ela é axé!

Algumas dessas vozes encontravam um lar e faziam morada nos livros que estavam espalhados sobre as mesas ao alcance desses operários e dessas operárias. Muitas dessas falas ecoavam “no meu peito e eu precisava ler, ali no momento da mediação, algo para “adormecer/ninar” essas vozes e para dar lugar a um entendimento (ou não)” (FREITAS, 2019, p. 102). Sobre aquelas falas que ouvia, aqueles desejos e aquelas histórias de vida: o meu existir foi e era ressignificado.

Nessas trocas, eu e os leitores ou leitoras “fazíamos” ou “bordávamos” as palavras gravadas nos livros, “molhávamos” a palavra para que ela germinasse. Eu “esculpia” a palavra como mediador e esse leitor ou leitora também “entalhava” a minha fala no momento da mediação. Como em uma casa de santo, nos lugares onde eu realizava a mediação a palavra era

parida, depois ninada e cuidada como uma criança-palavra que chega ao mundo por meio das nossas gargantas. Esse “ninar/cuidar” da palavra era para que ela crescesse e fosse semeada, assim como o axé dos terreiros.

Se a palavra transporta o axé e reaviva ou mortifica o que pronuncia, convido quem faz mediação de leitura ou pensa o livro e a leitura a refletir sobre o uso da palavra “Explorar”, pensando na relação entre leitoras ou leitores e os livros dentro de um processo de descoberta. A frase/palavra “Explorar o livro” sempre surge quando se reflete ou se fala sobre processos de mediação de leitura ou na relação das leitoras e dos leitores com os livros.

A palavra “explorar”¹³³ talvez tenha sido a que mais escutei durante alguns encontros com as outras mediadoras do projeto no qual eu trabalhei, e que ainda ouço circulando e sendo falada por quem trabalha com mediação ou faz formação na área do livro e da leitura¹³⁴. Vale ressaltar que as leitoras e os leitores dentro das indústrias e empresas, ao falarem sobre como se relacionavam com o livro, revelavam palavras como relacionar, experimentar, conhecer, trocar, envolvimento, brincadeira, namoro, contato; ou seja, nunca sobre exploração do livro.

Como mediador de leitura, ao ter contato com uma palavra, sempre tento pensar na sua raiz, pois como reflete o ensaísta, professor e crítico literário brasileiro Alfredo Bosi (1992, p. 11): “Começar pelas palavras talvez não seja coisa vã. As relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem.”

A palavra “explorar”, quando dita e escutada, incute a ideia de que algo deve ser retirado ou usado à força, supõe um meio violento de nos relacionarmos com algo. Penso nessas relações a partir de algumas palavras e gestos em solo brasileiro que ainda carregam traços coloniais, e sabe-se que “a colonialidade se reproduz em uma tripla dimensão: a do poder, do saber e do ser.” (BALLESTRINI, 2013, p. 100).

¹³³ Segundo o *Dicionário Michaelis* (2023, s/n) a palavra “explorar” significa: “1 - Percorrer conhecendo, observando ou pesquisando; ir ao descobrimento de; 2 - Realizar estudos em; analisar, examinar; 3 - Analisar território com fins comerciais e militares; 4 - Realizar descobertas; tornar conhecido; revelar; 5 - Submeter algo a teste ou à experiência; 6 - Obter lucro por meio de alguma atividade comercial; 7 - Ludibriar alguém induzindo ao erro, para obter vantagens; enganar, iludir; 8 - Ter ganhos através de preços abusivos; 9 - Pesquisar certos órgãos utilizando a técnica de sondagem; 10 - Examinar com atenção os sintomas ou andamento de uma doença”. Pode-se pensar e concluir por meio dos verbos, como “examinar”, “submeter”, “obter”, “ludibriar”, presentes nos diversos sentidos e contextos em que essa palavra pode ser empregada, que ela permite apenas a relação entre uma pessoa em tom de poder e um espaço, local, situação ou pessoa, sem que haja possibilidade de troca ou diálogo perante a situação; ou seja, apenas uma pessoa usufrui do que determinada situação pode ofertar.

¹³⁴ Trago esse apontamento para dentro do estudo a partir também de *Lives* assistidas via Instagram ou Youtube, entre 2020 e 2022, de postagens que vi circulando pelo Instagram ou até mesmo de artigos científicos falando sobre a relação entre leitoras, leitores e livros.

Em solo brasileiro, o termo “exploração” remete, automaticamente, à colônia/colonização, o que necessariamente está relacionado a ações como explorar ou violentar, ou seja:

Não por acaso, sempre que se quer classificar os tipos de colonização, distinguem-se dois processos: o que se atém ao simples povoamento, e o que conduz à exploração do solo. *Colo*¹³⁵ está em ambos: eu moro; eu cultivo. (BOSI, 1992, p. 11-12).

Desse modo, explorar é um contra-axé, pois pede-impõe sempre usar a força, tomar conta, usufruir e não se relacionar de forma amigável, amorosa, afetiva, dialógica, ética e respeitosa:

O traço grosso da dominação é inerente às diversas formas de colonizar e, quase sempre, as sobredetermina. *Tomar conta de*, sentido básico de *colo*, importa não só em *cuidar*, mas também em *mandar*. Nem sempre, é verdade, o colonizador se verá a si mesmo como a um simples conquistador; então buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro, faria jus. (BOSI, 1992, p. 12).

Assim como o axé, o livro e a palavra são territórios sensíveis dentro da mediação de leitura; em outros termos, são lugares onde as palavras e a sensibilidade são colhidas ou semeiam sentidos e onde pode ocorrer um acontecimento. Concluo que a palavra escrita ou falada nos locais onde eu realizava as mediações de leitura eram mobilizadoras e possibilitavam criar outras realidades sensíveis e habitáveis, do mesmo modo que o axé dos terreiros.

Diante de todos os apontamentos sobre as relações entre o dizer a palavra e o axé ou o não axé que a palavra carrega, é preciso cuidar das palavras e dos sentidos gerados por elas, ou até mesmo refletir sobre o contexto social na qual a palavra está inserida ou sendo dita. Assim como a palavra está dentro de uma rede de sentidos, que controlam ou mobilizam acontecimentos sociais, as classes detentoras do poder controlam as palavras ou quem faz o uso delas. Por isso, quem diz a palavra tem um poder, pois a “[...] palavra como a conhecemos reflete sensivelmente as mudanças mais sutis da existência social.” (VOLÓCHINOV, 2018, p. 112).

Nas casas de santo e no nosso dia a dia, a palavra tem uma importância vital em todos os momentos, ou seja, o falar assume um local de trocas, de mobilizações ou até mesmo de desavenças, fato também presente dentro da mediação de leitura. A palavra tem um corpo que

¹³⁵ “As palavras *cultura*, *culto* e *colonização* derivam do mesmo verbo latino *colo*, cujo particípio passado é *cultus* e o particípio futuro é *culturus*. [...] *Colo* é a matriz de *colônia* enquanto espaço que se está ocupando, terra ou povo que se pode trabalhar e sujeitar.” (BOSI, 1992, p. 11).

carrega sentidos e, com isso, o dizer/palavra pode mobilizar o corpo a realizar coreografias que leem livros e leem também o mundo.

5.3 Coreografias e performances leitoras: pensar o corpo na leitura ou a leitura dos corpos

Em uma festa para Exu ou para *Mpambu Njila* dentro de um terreiro, o corpo do rodante, tomado pela força da entidade, dança ao som dos atabaques. Esse corpo “cambaleia” de propósito, executa gestos precisos e com isso movimenta-se para frente e para trás, rodopia, salta. O espaço onde acontece a celebração pode ser pensado como uma folha em branco, na qual os gestos corporais de Exu escrevem movimentos. O dono do corpo ora realiza movimentos e gestos que parecem “pesados” ou arrastados, ora entra em frenesi e baila em todas as direções, desenhando movimentos que desafiam a gravidade. Todos esses gestos e movimentos são oriundos da:

[...] hibridez pulsante de um corpo diaspórico e gigante que dança em transe no corpo dos adeptos dos mais diversos cultos [...]. Dança brusca, caótica e enérgica em que dimensões rituais e místicas, congregam fluxos da pulsão e da paixão, gestos narrativos e estruturas de signos da cultura que se inscreve no corpo excitado em contato com outros corpos e, travestindo-se e travestido, em trânsito entre representações. (FERNANDES, 2015, p. 122).

O corpo de Exu também dança ao som da palavra de quem fala ou com sua própria voz enquanto dialoga com o interlocutor. Os cantos vibram no ambiente junto aos atabaques, irrompem o ar e criam ondas sonoras que grafam sentidos nos corpos:

Nessa ambiência, vibra a palavra proferida. Força e princípios dinâmicos, a palavra melhor se realiza como sinestesia, linguagem que necessita do canto, da dança, do ritmo, das cores, do gesto performático, dos cheiros e sabores para sua plena realização e eficácia oracular, antecipatória. (MARTINS, 2021b, p. 211).

Exu, noutros momentos, dança sem música ou com uma música que só ele escuta, vinda de mundos acessados somente por ele. O corpo do orixá também baila de forma elegante e com isso executa movimentos finos. Os gestos podem ora ficar em riste, ora moles ou se adaptarem, diante das provocações do momento ou do que se deseja chamar a atenção por meio das gestualidades e expressões. Nessas coreografias, o orixá com o seu “[...] corpo dança o tempo. Dançar é como inscrever, que é como estar no tempo curvo do movimento.” (MARTINS, 2021b, p. 88).

Mesmo sentado, o corpo de Exu ainda coreografa movimentos: os dedos dos pés se movimentam em comunhão com as mãos, com a cabeça e com toda as outras partes do corpo. Supõe-se que por causa de toda essa movimentação, o coração acelera, pois “[...] é o que o corpo a próprio é: coração bem batendo.” (ROSA, 1994, p. 189).

Com essa dança, Exu encarna mil corpos e possibilidades com apenas um corpo/*corpus* via movimento. Se o corpo de Exu dança dentro de um terreiro, chego à conclusão, a partir do que experienciei dentro do espaço fabril, que os corpos dos leitores e leitoras, assim como o orixá, também dançavam ou faziam o que chamo de coreografia leitora, pois “a leitura não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros.” (CHARTIER, 1994, p. 16).

A partir dessa questão e da relação traçada entre o corpo de Exu, que dança dentro de um terreiro, e desse corpo-*corpus* que traz na sua raiz uma ancestralidade vinda de África, nesse ponto da dissertação procuro investigar e abordar-refletir sobre a leitura realizada pelos operários e operárias dentro do espaço fabril como uma dança ou coreografia-performance leitora. Trago para essa interpretação alguns autores como Leda Maria Martins (2021b), Karin Littau (2018) e historiadores da leitura como Jean Marie Goulemot (2009) e Roger Chartier (1994; 1998; 2022), além da poética de Exu Bará, por meio do pensamento da pesquisadora Florence Marie Dravet (2015) e da abordagem autoetnográfica proposta nesta pesquisa.

Porém, antes de escrever os motivos pelos quais faço essa afirmação, de ressaltar que as leitoras e os leitores-interagentes da mediação faziam coreografias/performance com os corpos via leitura, é preciso e necessário chamar nesse texto (assim como nas cerimônias dos candomblés nas quais o orixá é saudado primeiro), Exu Bará¹³⁶, o rei do corpo¹³⁷, para assentar as bases poéticas e científicas dessa escrita:

[...] *Exu Bará* (a força do corpo de todos os seres vivos) atravessa e é atravessado por todos os movimentos do mundo. É, com isso, um corpo sensível e dinâmico, um corpo vivo, imanente e transcendente. Um corpo atravessado. E se o corpo se vê atravessado por esses movimentos, isso se manifesta em gestos. (DRAVET, 2015, p. 21).

Exu Bará é também reverenciado na presente escrita e é um dos aportes teóricos para essa interpretação sobre os corpos dos leitores e das leitoras, posto que “o Corpo/*Corpus* de Exu é arte. É elogio das pequenas certezas. Exu é deus que “dança” movimentando o hálito, o

¹³⁶ Nome que é fruto da junção das palavras Bara = *Oba* (rei) + *ara* (corpo).

¹³⁷ Juana Elbein dos Santos (2012) explica que Exu constitui todos os seres sobrenaturais, bem como tudo o que existe. Portanto, os corpos possuem a essência do orixá. Diante dessa questão, Dravet (2015, p. 19) dentro da noção nagô sobre Exu e suas relações entre o orixá e o corpo diz: “Ele é o intermediário, mas também, e por isso mesmo, aquele de quem todos dependem. Esse poder de *Exu*, atuando numa relação direta entre forças divinas e forças viventes, imanentes, se torna ainda mais evidente quando se percebe que este não está apenas no nível transcendente dos deuses, mas existe dentro de cada corpo, de cada ser vivo. Porque no início, ao nascer, Exu devorou a tudo e todos e imprimiu neles sua força primordial e divina pelo ato da regurgitação, tornando-se, em cada ser, *Exu Bará*: o rei do corpo. Sendo assim, há algo de divino, de original em cada ser vivo, que se expressa pelo sopro que *Exu* infundiu ao nascer a todos os seres. Os seres vivos e *Exu* estão todos intrinsecamente ligados pela força do Bará, do corpo.”

corpo e a palavra que acionam o Axé, signo do devir, da complexidade e da Beleza.” (FERNANDES, 2015, p. 124).

E qual seria a origem de minha reflexão sobre essa abordagem para pensar em uma coreografia ou performance leitora realizada pelas operárias e operários? Durante o contato com os livros, nas mediações ou após, percebia por meio dos gestos corporais que algumas pessoas chegavam de forma desconfiada, enquanto outras estavam “entregues” e, com isso, haviam movimentos livres e os braços e mãos gesticulavam em direção aos livros expostos sobre as mesas.

Se antes do contato com os livros os operários e operárias na linha de produção, ou até mesmo outros trabalhadores, foram e estavam sendo educados por meio do trabalho, da fragmentação do labor, da mecanização dos gestos para executar as tarefas e até mesmo da monotonia, nas ações que levam a movimentos repetitivos (KUENZER, 1986) e que exigem em algumas situações “menos energias intelectuais” e mobilização da criatividade, enquanto liam, esses trabalhadores faziam pequenas coreografias com o corpo, em um contraponto à lógica mecânica do que deveriam executar no “chão de fábrica”.

Observei que as leitoras e os leitores-interagentes que já haviam retirado livros ou participado da mediação liam sentados em bancos, encostados na parede, deitados no chão, ou com a cabeça no colo da companheira de trabalho e tendo o céu como paisagem para essa leitura. Também liam usando as costas da amiga para apoiar o corpo (a amiga conversava enquanto a outra lia, sem se “importar” com o diálogo que estava sendo realizado). Dessa forma, para todas essas ações de leitura, os corpos gesticulavam e se movimentavam com o livro em diferentes direções e posições corporais.

Notava também que, quando os corpos se cansavam de determinadas posições durante o ato da leitura, os leitores e as leitoras arranjavam outras poses, pois “somos um corpo leitor que cansa ou fica sonolento, que boceja, experimenta dores, formigamentos, sofre de câibras. Há mesmo uma instituição do corpo que lê.” (GOULEMOT, 2009, p. 109).

O corpo que já estivesse em uma relação demorada com os livros se alongava para continuar a leitura e depois “encerrava” por alguns minutos esse ato. Nesse intervalo, se entregava a outras distrações e, com isso, realizava outras posições corporais. Essa coreografia, ao voltar os sentidos corporais para a leitura, fazia com que o corpo voltasse à posição inicial ou buscasse uma nova.

Esses operários e operárias também liam em pé ou andando com o livro na mão, entre o espaço onde havia sido realizada a mediação e o retorno para o ambiente de trabalho. Liam

deitados em sofás, debaixo de árvores ou enquanto almoçavam; o corpo e os seus gestos acolhiam a leitura em todas essas situações:

Com relação a isso, seria conveniente estabelecer uma história de representações (poses) com valor de modelos do ato de ler. Há uma dialética inscrita na história do corpo e do livro. Impõem-se-nos (quem nos impõe?) atitudes de leitor: leituras sonhadoras (Baudelaire, Hugo), leituras profundas (a cabeça entre as mãos), leituras ausentes (Jean Lorrain, a face carregada, displicentemente alongado sobre seu sofá) ... Sujeitaremos-nos a modelos, a uma tipologia dos atos de leitura, quaisquer que eles sejam, veiculados por todas as formas da iconografia pública e da instituição escolar. As relações com o livro, isto é, a possibilidade de constituir sentido, se dão por meio dessas atitudes de leitor. Inversamente, o livro, tomado como gênero, dá a posição de sua leitura. Sem dizer, como Rousseau, que existem livros que lemos de um único modo, é verdade que o livro indica com frequência (ou incita a escolher) o lugar de sua leitura. E ler em público uma obra de filosofia ou um texto pornográfico é reconhecer, através da provocação, que tais livros constituem por si mesmos o espaço de sua leitura. Porém, mais genericamente, nosso corpo lê, e não somente pelo viés dos olhos¹³⁸ ou de nosso psiquismo, uma vez que há uma invasão do sentido por parte da consciência que provou a doença, a saúde ou a morte. (GOULEMOT, 2009, p. 109).

Todavia, andar com livros na mão, ler deitado e realizar outras movimentações corporais durante a leitura só foram possíveis graças às transformações e tecnologias as quais permitiram que ao longo dos séculos o objeto livro pudesse mudar de suporte/materialidade. Essa mudança (CHARTIER, 1998) orientou a relação dos corpos e os movimentos a serem realizados durante o ato de leitura. Por exemplo, ao trocar o rolo pelo códex, isto é, pelas folhas dobradas que viravam cadernos e depois eram “costurados uns aos outros e encadernados”, o leitor obteve mais liberdade para colocar o livro sobre uma mesa e, com isso, virar as páginas ou poder segurá-lo com as mãos, caso o formato fosse menor. O livro impresso, tal como conhecemos hoje, permitiu uma maior liberdade corporal leitora e com isso diferentes gestos puderam ser realizados durante o ato de ler:

Os gestos mudam segundo os tempos e lugares, os objetos lidos e as razões de ler. Novas atitudes são inventadas, outras se extinguem. Do rolo antigo ao códex medieval, do livro impresso ao texto eletrônico, várias rupturas maiores dividem a

¹³⁸ A relação entre visão e leitura também é refletida pelo historiador Roger Chartier (2022) ao afirmar que a maneira de pensar a relação entre olhos e leitura, além do ato de ler as palavras, provém também e tem sua importância dentro de determinados aspectos históricos, como a necessidade de ler em voz alta como forma de entendimento do texto, já que as palavras não estavam separadas e com a leitura em voz alta era possível separá-las. Essas leituras realizadas entre os séculos VI e IX eram feitas dentro dos mosteiros.

Posteriormente, a leitura silenciosa foi institucionalizada, quando é iniciada a separação entre as palavras e com isso há o reconhecimento do vocábulo sem a necessidade da oralização. Se na Alta Idade Média ler em voz alta era algo comum entre os mais letrados/eruditos, já no século XIX essa leitura era considerada uma prática de pessoas “analfabetas”, isto é, que precisavam oralizar para entender o que liam. Porém, Chartier também adverte que a leitura silenciosa era realizada durante a Idade Média. Sobre as diferentes formas de ler, o autor (2022, p. 132, tradução nossa) ressalta que: “Não se trata, então, de uma cronologia linear que passa da oralidade ao silêncio, mas de uma tipologia das maneiras de ler, adequadas aos diferentes gêneros de escritos e as circunstâncias da sua apropriação.”

longa história das maneiras de ler. Elas colocam em jogo a relação entre o corpo e o livro, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram sua compreensão. (CHARTIER, 1998, p. 77).

Chartier ainda ressalta que os clubes de livros na Inglaterra no século 18, por meio de seus regulamentos, definiam os lugares da leitura; onde se divertia, isto é, nos espaços para beber, conversar ou jogar, não se poderia ler. Com isso, o corpo e os gestos leitores passaram a ser controlados e isso “[...] obriga os indivíduos a controlar suas condutas, a censurar os seus movimentos espontâneos e a reprimir seus afetos.” (CHARTIER, 1998, p. 78).

Antes do século XVIII, as imagens iconográficas dos leitores e das leitoras revelavam um corpo burguês dentro de espaços fechados, sentados e imóveis, gesto que, para o historiador, pode representar o que seria “atribuído a uma leitura legítima”, haja visto que possuir livros ou saber ler eram demarcadores de status. O autor ainda ressalta que talvez nem todas as pessoas adotassem essas posturas corporais mais livres, mas não eram consideradas dignas de serem representadas. Todavia, depois do século XVIII, os corpos dos leitores e das leitoras foram representados com mais liberdade, ou seja, em cenas de leitura na natureza, andando ou na cama. Posteriormente, com a representação desses corpos via cinema e fotografia, os atos de leitura foram considerados “mais desordenados” ou “menos controlados”.

Ao observar esses operários e operárias durante seu ato de ler, interpretava os movimentos realizados como uma dança, pequenas células coreográficas ou performances¹³⁹ de leitura, em função dos gestuais e movimentações causadas pelo contato com os livros e das ativações sensíveis/corpo engajado durante o ato (ZUMTHOR, 2018).

Se o poeta, crítico literário e pesquisador das poéticas da voz Paul Zumthor fala de um corpo engajado, a pesquisadora Karin Littau¹⁴⁰, ao analisar a figura do leitor e a história da

¹³⁹ Portanto, quando me refiro à palavra performance e sua ligação com a leitura, a escolha da palavra “performance” recai justamente sobre a presença do corpo ou “corpo vivo”, isto é, um corpo presente, e até mesmo da necessidade de pensar as corporalidades e gestos dentro do ato da leitura. Paul Zumthor ainda diz: “Estou particularmente convencido de que a ideia de performance deveria ser amplamente estendida; ela deveria englobar o conjunto de fatos que compreende, hoje em dia, a palavra recepção, mas relaciono-a ao momento decisivo em que todos os elementos cristalizam em uma e para uma percepção sensorial – um engajamento do corpo (2018, p. 18-19). Ainda sobre percepção e corpo, o autor diz (2018, p. 74): “A percepção é profundamente presença. Perceber lendo poesia é suscitar uma presença em mim, leitor. Mas nenhuma presença é plena, não há uma coincidência entre ela e eu. Toda presença é precária, ameaçada. Minha própria presença para mim é tão ameaçada como a presença do mundo em mim, e minha presença no mundo.”

¹⁴⁰ Na obra *Teorías de la lectura: libros, cuerpos y bibliomania*, ao abordar o leitor/leitora como uma figura sensível/corpo das leitoras e dos leitores, a autora cria algumas oposições para construir os seus argumentos, como o corpo do leitor *versus* a mente/espírito do leitor, afeto *versus* cognição, o leitor de carne e osso *versus* o leitor como abstração, o livro como objeto físico *versus* a obra como receptáculo de significado, dentre outras questões. Frente a essas abordagens, Littau (2008, p. 241, tradução nossa) diz: “[...] procurei “fazer perceptível”, não somente que os leitores tenham um corpo, mas que os livros possuam um também, quero dizer, que são algo físico, que estabelecem relações fisiológicas com outros corpos e que são entidades tecnológicas.”

leitura, dentro de uma perspectiva feminista, traz a importância do corpo dos leitores e leitoras enquanto um ser sensível e não somente como construtor de sentidos, ou seja, uma dicotomia entre corpo e mente. A autora (2008, p. 70, tradução nossa), ao pensar a relação entre corpo e leitura, reflete:

Na nossa época, considera-se que a leitura é primordialmente uma atividade mental e que, se causa cansaço, se trata de fadiga mental e não física. Dada nossa tendência a medir a civilização e a cultura por seu distanciamento do corpo, quase nunca admitimos que na leitura há um aspecto corporal.¹⁴¹

Ao pensar nas relações entre os gestos corporais realizados por aqueles operários e operárias durante o ato de ler como uma performance, também enraízo a minha reflexão nas ideias de Zumthor (2018, p. 36-37):

[...] no uso mais geral, performance se refere de modo imediato a um acontecimento oral e gestual. [...] Pelo menos, qualquer que seja a maneira pela qual somos levados a remanejar (ou a espremer para extrair a substância) a noção de performance, encontraremos sempre um elemento irredutível, a ideia da presença de um corpo. Recorrer à noção de performance implica então a necessidade de reintroduzir a consideração do corpo no estudo da obra.

Ademais, a relação dos corpos que leem sendo pensada como uma coreografia/performance¹⁴² também pode ser refletida a partir das relações entre os verbos escrever e dançar na língua kicongo, uma das línguas bantus, pois, “[...] o mesmo verbo, *tanga*, designa os atos de escrever e de dançar, de cuja raiz deriva-se, ainda, o substantivo *ntangu*, uma das designações do tempo, uma correlação plussignificativa.” (MARTINS, 2021b, p. 81). A partir das relações entre esses dois verbos, pode-se concluir que, se existe o ato da escrita, há

¹⁴¹ No original: “En nuestra época, se considera que la lectura es primordialmente una actividad mental y que, si causa fatiga, se trata de fatiga mental y no física. Dada nuestra tendencia a medir la civilización y la cultura por su distanciamiento del cuerpo, casi nunca admitimos que en la lectura hay un aspecto corporal.”

¹⁴² Vale destacar que o interesse de Zumthor, no livro *Performance, recepção, leitura*, é centrado a pensar a recepção da leitura a partir da oralidade, poéticas da voz, do corpo e dos gestos. O autor (2018, p. 64-65) ressalta: “Poderíamos distinguir vários tipos de performance, resultantes um do outro em gradação.

Um deles é a performance com audição acompanhada de uma visão global da situação de enunciação. É a performance completa, que se opõe da maneira mais forte, irredutível, à leitura de tipo solitário e silencioso. [...] Enfim, a leitura solitária é puramente visual e marca o grau performancial mais fraco, aparentemente próximo do zero. [...].

A performance dá ao conhecimento do ouvinte-espectador uma situação de enunciação. A escrita tende a dissimulá-la, mas, na medida do seu prazer, o leitor se empenha em restituí-la.”

Porém, se o autor reclama a presença do corpo ou do corpo vivo dentro da performance, os gestos leitores realizados pelos operários e operárias durante a leitura, dentro do espectro de performances apontados por Zumthor, configurariam como uma performance; no entanto, diante das questões suscitadas por esse estudo, não estariam dentro de um “grau performancial mais fraco”, como afirma o autor. Vale destacar ainda que o tempo para essa dança/performance ou coreografia deve ser pensada dentro de uma temporalidade estendida, vide as exigências requeridas pelo ato leitor.

nesse gesto a necessidade de que alguém leia o que foi escrito ou o desejo de ler o que a outra pessoa escreveu, e, portanto, o corpo todo se movimenta.

Nessa “encruzilhada”, ou seja, onde as mediações de leitura aconteciam, os meus sentidos como mediador estavam atentos e tentavam captar a sensibilidade e a poesia existente em cada gesto¹⁴³ presente nos corpos das leitoras e dos leitores quando estavam em contato com os livros ou com as obras expostas.

Nesses momentos, percebia olhares distantes depois da leitura de alguma frase, mãos que realizavam movimentos suaves ou impacientes, corpos que acolhiam os livros sobre o peito, pés que sacolejavam de forma frenética nos bancos próximos onde as mediações estavam sendo realizadas, e até mesmo a “entrega” do corpo para escutar a palavra ou ler a palavra.

A coreografia leitora era feita por todo o corpo: ao virar uma página; ao parar em algum trecho e ficar durante alguns segundos com o olhar “perdido”, talvez buscando internamente os sentidos para o que havia acabado de ler; ao suspender o livro no ar e virar a cabeça para o lado; ao mostrar alguma parte da obra que estava sendo lida para quem estava ao lado acompanhando etc. Nesse convite de mostrar algum trecho, a outra pessoa “tomava” o livro das mãos da ou do colega e iniciava outra coreografia leitora:

Alguém lê e constrói uma coreografia. Outros, também. Sejam leitores solitários ou acompanhados, na cena da leitura, está sendo criado (além das muitíssimas criações que são feitas ao ler), um baile. [...]
Além do imenso e nunca automático esforço de ir “engolindo” letras, além de devorar histórias e ser devorado por elas, até mesmo para ir “tomando-as” com calma, há todo um movimento de cada parte do corpo. Algo espacial acontece. Cada músculo se tensiona ou se aquieta. (SZWARC, 2018, s/n).

No espaço fabril, se antes os corpos estavam produzindo de forma ritmada, ditada pelo que o trabalho exigia, no momento da mediação de leitura e posteriormente aos empréstimos de livros, estavam em rodas ou espalhados fora do ambiente de trabalho, fazendo o que chamo de “coreografias leitoras”, isto é, movimentos corporais livres e expansivos por meio do tempo livre e também da leitura. Dessa forma, concluo que a mecanicidade imposta ao corpo e o ritmo acelerado da linha de produção davam lugar aos movimentos leves e sem pressa proporcionados pela leitura:

Voltar a página. Não virá-la. Ficar no meio. No canto. Na quietude da página que não é anterior nem posterior. Deter-se. Nem no que já foi lido, nem no que se está por ler. O estremecimento do que acaba de ir-se. A incerteza do que virá. A isso também se pode chamar, sobretudo, leitura. (SKLIAR, 2014b, p. 65).

¹⁴³ “Chamamos de gesto o movimento que atravessa o corpo e o impele a se mover de forma ao mesmo tempo consciente (sei o que estou fazendo e isso tem um significado), e inconsciente (não sei o que me move a esse gesto e não busco o significado, apenas sinto e vivo).” (DRAVET, 2015, p. 21).

Pode-se dizer, portanto, que por meio desses gestos – como as mãos que viravam as páginas, o olhar que buscava as palavras, o quadril que era ajustado para não se cansar de determinada posição durante a leitura, dentre outros –, havia um ir e vir do corpo todo por meio de diversos ligamentos e músculos protegidos pela pele humana. A leitura criava e sensibilizava esse bailado e provocação nos corpos.

Antes dos olhares desses leitores e dessas leitoras repousarem nas palavras presentes nas páginas, esperando para serem lidas, muitas vezes o corpo-leitor – ou o corpo lido pelo mediador – analisava o livro como se ele fosse uma fruta em uma banca de feira: sentia-se a textura da obra e o seu peso, o cheiro das páginas, se tinha cuidado em manuseá-lo, enfim. Havia nesses movimentos uma integração de todos os sentidos para o ato de ler e não somente a visão¹⁴⁴, que dentro do conceito ocidental de valorização dos sentidos, se impôs pouco a pouco como superior aos demais, como reflete o sociólogo e antropólogo David Le Breton (2016, p. 61):

O olho não é uma simples projeção visual, nem o ouvido um mero receptor acústico. Os sentidos se corrigem, se revezam, se misturam, eles reenviam a uma memória, a uma experiência que envolve o homem em sua inteireza, visando a dar consistência ao mundo. [...]. A percepção não se resume numa soma de dados, mas numa percepção global do mundo que, a todo instante, convoca a totalidade dos sentidos.

¹⁴⁴ O educador espanhol Victor Moreno (1993; 2003), ao pensar o ato da leitura, faz uma convocação dos cinco sentidos para nos relacionarmos com os livros/leitura. Para o educador, a *visão* capta apenas uma metade do que pode proporcionar a leitura e, por isso, os outros sentidos, considerados “menos nobres” quando relacionados ao ato de ler, como tato, olfato e paladar, que também devem ser convidados para pensar a leitura, não são levados em consideração. Para Moreno (1993), a *visão* é a que capta a roupagem/corpo do livro, a beleza física das palavras que formam frases levando o leitor a ter uma relação erótica/desejo de seguir lendo, e permitem a visualização das ilustrações que levam a sensações visuais. O segundo sentido seria o *toque*, que proporciona o contato com a obra e nessa relação o leitor reconhece a textura e a qualidade do papel com sua aspereza ou delicadeza, ou seja, o autor fala sobre o contato com os livros e conclui que quem não manuseia um livro não o deseja. O terceiro sentido convocado pelo autor é o *olfato*, que coloca o leitor em contato com os cheiros que os livros trazem, sejam eles do papel ou outros materiais que fazem parte da sua composição, por exemplo, couro; do cheiro da tinta presente nas páginas, perfumes que estavam nos corpos das leitoras ou dos leitores e ficaram impregnados nesses materiais. As leitoras e os leitores, ao terem contato com as obras, sentem que elas estão impregnadas com esses cheiros bons ou odores fedidos, ou até com o cheiro de outros lugares por onde esse livro tinha circulado. O quarto sentido convocado seria a *escuta*, ou seja, o que os livros nos dizem e o que eles provocam internamente em cada pessoa, perante as sensibilidades leitoras, diante de tamanha surdez interna para os acontecimentos do mundo que vivemos na sociedade. O quinto sentido seria o *paladar*, que evoca o gosto de todos os elementos presentes nos livros ou até mesmo pessoas que criam essa possível aproximação entre obras e leitores e leitoras, além de pensar a palavra, o “sabor” sensível diante da leitura de cada página ou os livros como alimento para o corpo/alma. Ainda sobre o quinto sentido, o autor também chama a atenção para a importância dos mediadores/as e professores/as, que seriam “cozinheiros”, sempre prontos a indicarem alguma obra/“prato” para as leitoras e os leitores/“comedores”.

Nos gestos leitores feitos pelos operários e operárias, os sentidos, em algumas ocasiões, se relacionavam de forma demorada em algum aspecto das obras. Era como se essas pessoas buscassem algo que havia sido perdido. Cheirar as páginas, acariciar a capa, “falar” com o livro ou encostá-lo no coração ou abraçar a obra, quando a pessoa encontrava um livro que desejava ler há tempo, eram coreografias leitoras comuns de serem observadas. Outras mãos encostavam nas obras e abandonavam rapidamente os livros:

O leitor, ao entrar em contato com o livro, estabelece uma relação íntima, física, da qual todos os sentidos participam: os olhos colhendo as palavras na página, os ouvidos ecoando os sons que estão sendo lidos, o nariz inalando o cheiro familiar de papel, cola, tinta, papelão ou couro, o tato acariciando a página áspera ou suave, a encadernação macia ou dura, às vezes até mesmo o paladar, quando os dedos do leitor são umedecidos na língua. (MANGUEL, 1997, p. 277).

Outras pessoas liam e esboçavam sorrisos (o que encontraram de engraçado?, me perguntava internamente em algumas situações), outras franziam a testa, expressavam interjeições: “Oh!”. Os motivos dessas interjeições? Não sei dizer. Com isso:

O poético, dispositivo característico do texto literário, afeta a sensorialidade do corpo em resposta aos estímulos que os elementos próprios à escrita ficcional evocam. O corpo se dispõe ao encontro com sentimentos/emoções: inquieta-se, jubila, chora, vibra, age – abre-se a ideias que o impulsiona às ações, vivifica-se etc. O corpo figura-se como o “território” onde a leitura poética se “materializa”; o corpo torna-se a extensão da obra, sua continuação no mundo representado pela escrita literária, e essa ideia de materialização deve pressupor o lugar do imaginário onde o discurso literário, em sua concepção poética, arquiteta-se a partir dos elementos que o constitui. (MELO, 2020, p. 240).

As mãos coreografavam gestos que “vasculhavam”, reviravam e desorganizavam as obras do acervo. Nessa coreografia, essas leitoras ou leitores encontravam algum livro que despertava a atenção. Outras mãos ficavam vazias e a expressão de chateação habitava o rosto por alguns instantes. Já com os livros em mãos, os dedos dançavam pelas páginas e bailavam, ora de forma lenta, ora apressadamente. Às vezes, no intervalo dessa “dança”, acariciavam/tocavam o papel como se ele fosse a macia pele da pessoa amada:

A dialética do tocar e ser tocado é chave fundamental para as percepções – diríamos ainda, para as leituras – no corpo do objeto livro em contato com o corpo do leitor. O acompanhar sinestésico dessa experimentação com inscrições em materialidades verbal (oral e auditivo), ressignificadas tanto por recortes quanto pelas mutantes tonalidades das inscrições em materialidade visual, confluem para um convite íntimo e pessoal, corpo-a-corpo, do leitor com o objeto livro, em inscrições poéticas que se manifestam na materialidade tátil do papel (gramaturas e texturas). Tudo em constante transição entre os sentidos, como o próprio transitar do tempo no espaço de mostragem das páginas: durações de leitura, durações de percepção. (GIRÃO, 2021, p. 50).

Os dedos desses leitores ou leitoras deslizavam de forma suave sob a página, e eu observava esses gestos quando estavam próximos a mim. Com isso, percebia que a gestualidade das mãos ocultava algumas palavras nesse ato. Depois, as mãos revelavam as palavras e os dedos ficavam à espreita no canto da página para que os olhos saboreassem as frases ou os sentidos presentes no livro.

Pode-se refletir que o ato da leitura, a forma como se lê ou os sentidos do ato de ler, em determinados grupos sociais, configuram-se como um rito que atravessa gerações, locais, períodos históricos, grupos sociais, escolaridade ou até mesmo graus de domínio da escrita. Porém, o que pode ser usado para definir uma prática de leitura de determinado grupo “[...] é a existência de técnicas ou modelos de leitura que organizam as práticas de certas comunidades [...]” (CHARTIER, 1998, p. 92). Sobre isso, o autor ainda diz:

Cada leitor, para cada uma de suas leituras, em cada circunstância, é singular. Mas esta singularidade é ela atravessada por aquilo que faz que este leitor seja semelhante a todos aqueles que pertencem à mesma comunidade. O que muda é que o recorte dessas comunidades, segundo os períodos, não é regido pelos mesmos princípios. (CHARTIER, 1998, p. 92).

A partir da reflexão de Chartier sobre os atos da prática de leitura, pensados a partir de diferentes grupos sociais, pode-se considerá-los como ritos que orientam e instituem gestos. Assim, dentro do transcorrer temporal, ou de como ele é pensado, ensinado, sentido, incentivado e experienciado, esses ritos criam memórias simbólicas sobre o ato, suas funções, usos e costumes:

[...] os ritos ocupam lugar ímpar, pois, **como territórios e ambientes de memória**, recriam e transmitem, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, formas e técnicas de criação e de transmissão. São registros e meios de produção identitária, reprodução e resguardo de conhecimentos. Como forma de pensamento, os ritos são férteis acervos de reservas mnemônicas, ações cinéticas, padrões, procedimentos culturais residuais recriados, restituídos e expressos no e pelo corpo. Os ritos transmitem e instituem saberes estéticos, filosóficos e metafísicos, dentre outros, quer em sua moldura simbólica, quer nos modos de enunciação, nos aparatos e convenções que esculpem sua performance. (MARTINS, 2020, s/n, grifo da autora).

Todavia, para ocorrer um rito, são necessários a existência de corpos e o conhecimento do rito. Dito isso, pode-se pensar que o ato de ler inseria os corpos dos operários e operárias em uma coreografia ou rito que rompia momentaneamente a mecanicidade da rotina. Os gestos, via palavra escrita, experimentavam outras situações e estados sensíveis via dança-performance, e aproximavam esses trabalhadores do objeto livro, muitas vezes distante por uma série de

questões, como cansaço, distância da biblioteca, não hábito da compra de livros ou até mesmo não compra por questões financeiras.

O encontro com os livros criava situações de leitura e, nessa coreografia, havia aproximações, o que se pode pensar como democratização dos livros-ato de ler ou até mesmo da arte/palavra poética como parte do cotidiano e não desgarrada do viver-existir. Logo, como penso os corpos leitores dentro do conceito de performance ou até mesmo de coreografia, reflito que:

O corpo que dança produz, transfere, transcria os saberes, numa estética fundada pela ética de um pensamento no escopo do qual o belo nunca é desinteressado ou desnecessário. Essa ética alimenta e constitui a estética, um conjunto de valores e de princípios que não desvinculam ou separam as artes e artesanias e suas possibilidades estéticas das rotinas e serpentinas do cotidiano, inspirando o ideal de que tudo se manifeste como agências de compartilhamento no e para o coletivo. O belo é, pois, o virtuoso. (MARTINS, 2020, s/n).

Como reflete a atriz e pesquisadora Marina Marcondes Machado (2011, p. 17), se “[...] somos ‘seres em situação’”, “[...] nosso corpo pode ser, ele mesmo, cenário de uma teatralidade intensamente experienciada por meio de estados, lugares e atmosferas [...]”. Dito isso, durante a mediação, era comum instigar e criar nas leitoras e nos leitores estados/“instâncias de urgências curiosas”, para que fizessem coreografias com o corpo e com os sentidos, por meio de frases que eu dizia, como: “*corre* até a página ‘x’ da obra”, ou “abre em tal capítulo e lê determinado trecho”. Todavia, para essa provocação, era necessário conhecer bem a história do livro, saber detalhes que podiam despertar a atenção do leitor ou até mesmo apresentar uma ilustração presente na obra, que poderia causar “espanto”, encanto, encontro ou questionamentos.

Os leitores e leitoras mais curiosos/as, viravam/“dançavam” com as páginas em busca do trecho. Os olhos se movimentavam rapidamente, da direita para a esquerda e vice-versa, como se corresse uma maratona para encontrar o motivo da minha provocação. Após a escuta interna do texto, em algumas situações, as respostas dadas após a leitura do trecho eram: “Vou levar esse livro!”, ou “Não é tudo isso que você disse, não, mas é interessante!”

Então, o corpo era movido pela palavra e os músculos eram instigados pela leitura da palavra, pela ilustração ou pela frase que encerrava a página, tornando necessário virá-la para que os sentidos do corpo encontrassem a continuação dela, como um convite-palavra para continuar a leitura. Sendo assim, concluo que ler é fazer uma coreografia sensível, na qual o corpo é levado pela palavra, e o leitor e os seus sentidos corporais são tomados, em algumas ocasiões, pela história:

O corpo todo lê. No ato da leitura, membros, vísceras, sistema nervoso e circulatório se comprometem, embora possa parecer que apenas olhos, mãos e cérebro estejam envolvidos, diretamente, na ação. A leitura faz parte desse processo singular de disseminação pertencente à escrita. Por envolver o corpo todo, por exigir um corpo presente, ativo, aberto, a leitura torna-se um ato performático. (MOTA, 2019, p. 18).

Se o corpo todo lê, como pensa a pesquisadora Lia Duarte Mota (2019), é necessário pensar dentro das práticas de mediação de leitura o saber do corpo ou os saberes presentes nos corpos das leitoras e dos leitores, para que os corpos não fiquem deslocados da leitura. Nesse processo, creio que também é necessário pensar nos saberes que habitam o corpo [casa/morada] do mediador. Para enraizar esse pensamento sobre a importância do corpo, trago novamente Karin Littau (2008) para refletir sobre a separação que existe entre o espírito/mente e o corpo. Para a autora, o espírito não está separado do corpo, mas está sujeito a ele e precisa dele para realizar os seus transportes, dentro de uma relação de horizontalidade como um contínuo; ou seja, é o corpo que articula o conhecimento:

No que diz respeito a ler, apenas compreendemos o que realiza o nosso corpo, porém sabemos que o corpo foi importante na história da leitura. O leitor desencarnado da teoria literária moderno bem poderia reivindicar, como Deleuze: “Dá-me um corpo então”, não somente historicizado e pertencente de gênero, por outro lado também racializado, sexualizado e tecnologizado. (LITTAU, 2008, p. 245, tradução nossa)¹⁴⁵.

As leituras que fazia dos corpos dos leitores e das leitoras também podem ser interpretadas a partir da atuação de Exu dentro de uma casa de santo. Em um terreiro, Exu lê e interpreta os corpos, pois, a partir da leitura das gestualidades, o orixá sabe exatamente quem deseja falar, quem não deseja, quem está impaciente ou quem gostaria de ficar em silêncio. No espaço de realização da mediação de leitura, um mediador sensível também pode perceber/ler essas gestualidades corporais e orais coreografadas pelos interagentes da mediação. A interpretação dessa leitura pode ser um caminho para aproximar ou abrir diálogos com essas pessoas.

O corpo pode ser pensado como um livro, ou seja, um território inscrito de sentidos e que pode inscrever outras grafias a partir das palavras presentes na obra. Nesse sentido, tais corpos são corpos-encruzilhadas ou corpos-caminhos abertos a leituras, pois, como reflete Leda Maria Martins (2002, p. 89), “[...] o corpo é um portal que, simultaneamente, inscreve e

¹⁴⁵ No original: “Con respecto a leer, apenas comprendemos lo que hace nuestro cuerpo, pero sabemos que el cuerpo fue importante en la historia de la lectura. El lector desencarnado de la teoría literaria moderna bien podría reclamar, como Deleuze: “Dad-me un cuerpo entonces”, no sólo historizado y provisto de género, sino también racializado, sexualizado, tecnologizado.”

interpreta, significa e é significado, sendo projetado como continente e conteúdo, local, ambiente, da memória [...].”

Portanto, no corpo/gestualidades, silêncios e na voz dos leitores e leitoras podem estar inscritos muitos sentidos, e essa inscrição pode revelar textos ou até mesmo ser aporte para outros textos. Chamo a atenção para a importância de se pensar a palavra “texto” dentro da mediação de leitura, não somente referenciada às palavras impressas nos livros, mas também a outros textos-resistências que podem ser escritos durante a mediação de leitura por meio das falas, dos olhares, do escutar e das outras observações sobre o mundo para outros mundos. Ou seja, mundos de sentidos que são conectados ou refeitos por meio do conhecimento, sendo mediados e costurados por essa linha chamada livro ou pelos corpos. Mas, para isso, é preciso afinar a leitura da escuta, afinar e refinar os sentidos do dizer.

Quando penso em corpos, ou nos textos presentes nas corporalidades, e diante disso reflito sobre as possibilidades de leitura, neste ponto, tomo emprestado e alongo o conceito refletido pelo bibliógrafo Donald Francis McKenzie (2018) sobre a origem da palavra texto. O autor, ao pensar sobre as origens da palavra *texto* e suas extensões, ressalta que o termo deriva do latim *texere*, ou seja, “tecer”, e que este poderia ser usado para referir-se a qualquer entrelaçamento ou enlaçamento de diferentes tipos de materiais. Dessa forma, aqueles corpos e suas gestualidades, em contato com os livros, eram lidos em seus/como textos-existência a partir do meu olhar leitor de mediador que, então, tecia leituras para falar sobre o objeto livro e suas histórias com aqueles leitores ou leitoras.

Nesse sentido, a partir das coreografias leitoras realizadas pelas leitoras e pelos leitores, pode-se dizer que os objetivos das mediações de leitura são 1: entrelaçar materiais presentes na imaginação e nos corpos, ou no que os corpos-memória da pele dessas pessoas trazem; 2: construir sentidos por meio das palavras; e/ou 3: fazer com que leitor-leitora e mediador ou mediadora construam outros textos possíveis para ler a realidade, de forma que uma “[...] teia de palavras se torna um texto” (MCKENZIE, 2018, p. 27) para ler o mundo.

Assim como Exu, essa leitura e escrita sobre os corpos leitores, ou sobre as performances leitoras, é uma escrita e interpretação sem fim/inconclusa, pois, assim como Exu Bará, é um “[...] corpo em movimento” que “expressa a vida” (FERNANDES, 2015, p. 27) e, com isso, “nunca se termina de ler este corpo que atravessa e contamina, que transborda e se deixa contaminar, pulsando, vivo e ambíguo. Este corpo é linguagem, corpo material e imaterial, um efeito da fala, corpo sutil, corpo.” (FERNANDES, 2015, p. 121).

Dessa maneira, a proposta dessa escrita é provocar para a importância do “corpo leitor” e dos efeitos da leitura, não somente relacionada à cognição/pensamento/imaginação, mas reverberando nos outros sentidos do corpo, para pensarmos em outras grafias e sensibilidades que estão presentes nas corporalidades dos leitores e leitoras, nas urgências desses corpos e nas observações desses gestos leitores sendo reveladas e provocadas pelo ato de ler.

Posto isso, é uma leitura sem fim...

5.4 Pensar o acervo ou fazer um *ipadê* de palavras

O ato de entregar um acervo ou de oportunizar encontros entre leitores e leitoras com livros, remete e pode ser pensado a partir do gesto de dar comida para Exu dentro das casas de santo por meio da cerimônia *ipadê*, termo iourubá, ou padê.¹⁴⁶ Ao entregar um acervo literário, eu estava ofertando palavras para os leitores e leitoras, que podem ser pensadas como um alimento para a alma, para a curiosidade ou a sensibilidade.

Nas casas de candomblé, nada pode ser feito sem antes alimentar ou saudar Exu, o dono dos caminhos, o que cuida e zela, o que vê sem ser visto ou o que deita e finge que dorme na dobra do tempo, enquanto tece palavras e cria pensamentos:

No centro do Barracão são depositados uma tigela com farinha de mandioca (farofa) branca e outra com farinha amarelada pela adição de azeite de dendê, um recipiente com bebida alcoólica (cachaça, gim etc.) e outro com água, uma vela acesa e alguma outra oferenda que se queira, como obi (noz de cola) ou acaçá (comida feita de milho branco, enrolada em forma triangular numa folha de bananeira). Começa-se o rito tocando e cantando para Exu, com os adeptos dançando em círculo ao redor das oferendas. (SILVA, 2019, p. 137).

Antes de iniciar o padê, é preciso preparar a farofa de Exu que será ofertada para o orixá durante a cerimônia. As mãos, durante a preparação da farofa, tateiam a textura, fruto da união da farinha com o dendê. Pouco a pouco o branco da farinha ganha uma coloração amarelada presente no dendê.

Fazer a farofa para Exu requer observação, olhar atento, escuta do que se executa pelas mãos, estar presente e observar o que se pensa no momento, saber a medida certa ou ir acrescentando cada ingrediente de acordo com a textura, enquanto as mãos misturam o dendê com a farinha. O único ingrediente a não ser adicionado na farofa é um elemento chamado pressa.

Quando pronta, em dias de festas, após as danças, cantos e saudações ao Orixá, a farofa é levada até o portão do terreiro e é despachada em direção à rua durante a cerimônia do padê:

[...] numa alusão à necessidade de Exu fazer a ponte entre os domínios de dentro e de fora, do terreiro e do mundo externo, das forças genéricas da natureza e das forças individuais que vai incorporar nos adeptos em forma de Orixás. Após este ato, o xirê pode prosseguir com os cantos para os demais Orixás, de Ogum a Oxalá. (SILVA, 2019, p. 138-139).

¹⁴⁶ Forma apocopada de escrever ou pronunciar a palavra *ipadê*. Vagner Gonçalves da Silva (2022) descreve que existem, em algumas casas de santo, dois tipos de padê: um mais “simples”, feito no começo do xirê, e outro considerado mais complexo, por exemplo, realizado antes das cerimônias fúnebres (axexê), em que só os iniciados podem participar, não sendo permitida a presença de visitantes.

Portanto, Exu reúne no terreiro o que está dentro e fora, ou fora e dentro, isto é, ele extrapola as dimensões espaciais e temporais e, com isso, coloca em diálogo/une espaços antes separados. Pode-se pensar, a partir dessa função de Exu ou da cerimônia do padê, que um acervo de livros também realiza esses encadeamentos, em virtude dos saberes presentes nas obras possibilitarem conexões com outras realidades sensíveis e conhecimentos.

Antes do seu olhar e sentidos seguirem viagem por essas linhas, destaco que as considerações sobre a criação de um acervo literário partem principalmente das reflexões da pesquisadora colombiana, nas áreas de Literatura Infantil e Juvenil e em processos de formação leitora, Beatriz Helena Robledo (2019); do conceito de cuidado a partir da filosofia africana pensado por Tiganá Santana (2021); e de Jota Mombaça (2021).

Inserindo ramificações de sentidos em comunhão com esses pensadores/as, também ancorei nessa escrita as minhas experiências dentro de indústrias e empresas como mediador de leitura e costuro esse pensar o acervo a partir também do que os operários e operárias me diziam sobre suas relações com o livro e com a leitura, além das percepções entre as relações deles com o acervo curado-levado para as indústrias.

Minhas mãos¹⁴⁷ eram as responsáveis por fazer a seleção dos livros, em um primeiro momento, a partir de uma ficha preenchida pela empresa e presente nas pastas com outros documentos como contratos e lista de livros já enviados para esses locais. Esse documento possuía informações sobre o número de funcionários e funcionárias, se eram mulheres ou homens, sua escolaridade (ensino fundamental, médio ou pós-graduação, seja completo ou incompleto) e faixa etária/média de idade dos operários e operárias de cada instituição. Ao ler essas fichas, e também ao ter contato com esses trabalhadores e trabalhadoras, é possível afirmar que os interagentes da medição eram pessoas com idades entre 18 e 65 anos, e que, em sua grande maioria, só havia lido com regularidade durante o período escolar.

Porém, essa ficha era o começo e não o fim. Ela possuía dados, mas não continha as histórias de vida de cada leitor, os timbres das vozes agudas, graves ou sussurradas, como se quisessem me contar um segredo, os corpos, os olhares, as falas, os sorrisos, os gestos desconfiados, as recusas e a aproximação das leitoras e dos leitores que manuseavam os livros

¹⁴⁷ Sobre mãos, vale ressaltar que “[...] a palavra *manifestação* tem a mesma raiz que *mão*; *manifesta-se* aquilo que pode ser seguro ou alcançado pela mão.” (CHEVALIER & GHEERBRANT, 2021, p. 660). Portanto, a partir da definição dos autores, podemos pensar no poder, no que pode ser manifestado/ofertado ou até mesmo na questão do poder de dominação concedido a quem monta um acervo literário ou escolhe determinadas obras. Dependendo da concepção de mundo que o mediador ou mediadora possui, determinadas situações podem ser omitidas ou até mesmo revelar o que é/está invisibilizado por questões sociais, culturais, pela raça ou pelo gênero. Por isso a importância da defesa de um acervo sendo pensado dentro do conceito da bibliodiversidade.

dispostos sobre as mesas. As fichas anteriores de livros encaminhados para essas indústrias e empresas também foram um caminho para tentar decifrar inicialmente o acervo que já havia circulado por esses locais e o que supostamente algumas dessas pessoas já havia tido contato.

Ao longo de dois anos como mediador, eu fiz muitos “padês” ou farofas, mas de palavras a serem ofertadas para os leitores e leitoras dentro das indústrias e empresas. Os ingredientes da minha “farofa” eram uma mistura de Clarice Lispector com Carlos Drummond de Andrade, de Paulo Coelho com João Cabral de Mello Neto, de Zibia Gasparetto com Carolina Maria de Jesus, de livros infantis com histórias em quadrinhos, ou de livros-áudios ou obras em braile, dentre muitas outras misturas de gêneros e autorias diversas.

A média de livros que faziam parte dos acervos que as indústrias e empresas recebiam era de 50, 60, 100, 200 ou até 300 obras. O número de livros a serem levados para o “chão de fábrica” e empresas dependia de fatores como a quantidade de funcionários e funcionárias, a circulação das obras – no caso, uma procura grande/vários empréstimos –, dentre outras questões. Porém, é importante pensar que:

Parece questão de bom senso que a extensão das prateleiras ou o número de objetos de leitura não esclarece sobre a relevância de cada biblioteca – nem se mede ao metro nem ao quilo nem ao Euro. Uma pequena biblioteca – ou pequena coleção – é-nos grande ao conter documentos raros ou temáticas singulares, ao facilitar o tropeço no inesperado, encontros que elucidam ou apoiam, cruzamentos com gente que nos forma por não ser como nós somos, ao ser afável no espaço e no acolhimento, ao conseguir-nos a leitura que, sós, não conseguíamos. (SEQUEIROS, 2022, p. 5).

Para cada “terreiro” (locais onde eu realizava as mediações) por onde passavam os “ingredientes” (livros), para o preparo dessa “farofa” (acervo), a lista era alterada e recombinada de diversas formas. O acervo possuía textos que, à primeira vista, pareciam complexos ou simples para os leitores ou leitoras – como, por exemplo, contos –, e até mesmo outros considerados tradicionais e contemporâneos; ou, ainda, textos que para muitas pessoas eram considerados “perigosos”, diante do conteúdo apresentado.

Todavia, como definir o que é um acervo? Um dos possíveis significados atribuídos a essa palavra é:

Acervo é um substantivo coletivo. Indica uma coleção, um conjunto de objetos da mesma natureza. Um acervo de livros, de documentos históricos, de quadros, etc. Um acervo de uma sala de leitura pode ser composto por livros, artigos, mapas, documentos, DVDs, fitas de vídeo, etc. (GARCIA, 2006, p. 62).

No entanto, acrescento outra categoria nessa definição: os acervos afetivos, que são criados na memória dos leitores e leitoras a partir dos livros lidos; são aquelas obras lidas que,

durante um diálogo, por exemplo, serão apresentadas com muito entusiasmo para outras pessoas. Ainda sobre um acervo literário, importante pensar também que ele pode apresentar presenças marcantes de determinados gêneros, ou ainda a existência de obras predominantemente escritas por autores homens.

O acervo também pode revelar ausência de livros escritos por escritoras cis ou trans e de escritores negros ou negras, assim como ausência de sotaques, de diversidade de gênero ou até mesmo de conteúdo regional. Resumindo: um acervo pode reforçar, atenuar, questionar, ser diverso ou refletir a imagem dos grupos que estão no poder, de quem faz a curadoria das obras, ou de quem detém a gestão do projeto literário.

Pensando o acervo de livros, ele pode ser considerado como um arquivo que reúne e apresenta os conhecimentos e os saberes de diferentes culturas e lugares, mas sempre em movimento, ou seja, vivo. Portanto, como reflete o pesquisador e educador Levi Fernando Lopes Vieira Pinto (2021, p. 167):

O lugar do arquivo é a encruzilhada.

Esse lugar onde história(s)-memória(s)-tempo(s) distintos se articulam no cognoscível. Boca de vozes inarticuladas à espera de uma escuta; uma leitura que se faz possível a partir do cruzo das imagens-arquivos que pululam tempos distintos; esse cruzo que reivindica a sutura de tanta(s) história(s)-memória(s)-tempo(s) cindido(s) pela imposição de uma história única, colonial. Por isso, um possível lugar do arquivo é a encruzilhada.

Colocar um acervo literário ou um arquivo na encruzilhada é perceber a existências de diversos caminhos que já foram trilhados e outros que ainda podem ser percorridos e descobertos; ou seja, falo sobre a diversidade de narrativas por meio dos livros.

O meu “padê de palavras”, digo, o acervo, reunia pessoas em torno da mesa e era um convite para entrar na leitura/palavra.¹⁴⁸ Essa “farofa” de livros permitia o acesso ao conhecimento, ao saber e à conexão como uma possibilidade de acessar algo além da realidade próxima/tangível, isto é, a imaginação e outros saberes via mediação e leitura. Assim como na cerimônia feita para Exu, esses momentos propiciavam encontros:

O termo iourubá *ipadê* significa reunião ou encontro, demonstrando que o objetivo principal do rito é pedir a Exu que reúna ou propicie o encontro das partes que se acham separadas ou distantes: o leste do oeste, o norte do sul, a terra visível (aiê) da invisível (orum), os homens dos Orixás, os vivos dos mortos. (SILVA, 2019, p.136).

¹⁴⁸ Sobre a expressão “entrar” na palavra: penso essa questão a partir da provocação/fala de uma participante de uma Oficina realizada por mim na cidade de Macaúbal (SP), no mês de novembro de 2022. Uma senhora, ao falar sobre o encanto que ela nutria pela leitura, disse: “Saber ler é entrar na palavra”. Esse “entrar” estava relacionado e indicava o acolhimento, as sensações e surpresas provocadas pela leitura.

Entretanto, como preparar esse “padê de palavras”? Antes de tentar responder, ressalto que, da mesma forma como fazemos a farofa dentro de um terreiro para Exu, curar e montar um acervo de livros também requer atenção, zelo e escolha:

Lemos escolhendo, e as escolhas não são aleatórias, sabemos bem. Ao retirarmos das prateleiras de uma biblioteca determinado livro, ao selecionarmos determinada roupa no armário, nós o fazemos atendendo a quesitos de ordem prática ou a expressões de desejos, que não controlamos conscientemente, mas cujas motivações podemos identificar mediante uma análise mais ou menos elaborada. (LACERDA, 2008, p. 177).

Em um primeiro momento, quando entrei na sala que armazenava o acervo do projeto e vi o local repleto de livros, fiquei fascinado pela quantidade (creio que essa imagem de estantes abarrotadas de livros também crie essa ilusão na cabeça de quem vê e sente um acervo pela primeira vez); porém, nem sempre quantidade é indício de possibilidade de aproximação dos eventuais leitores ou leitoras com essas obras, pois talvez o acervo não dialogue com a realidade e desejos dessas pessoas ou do território onde a mediação será realizada.

Porém, depois da surpresa do quesito quantidade, e ao avaliar melhor alguns quesitos como “qualidade”, diversidade e/ou materiais em bom estado de conservação¹⁴⁹, o acervo não correspondia às expectativas em alguns pontos. Assim, diante dos materiais danificados, era necessário seu descarte, tanto de alguns livros como de outros materiais, por exemplo, apostilas. Esses materiais continham conteúdo desatualizado, ou estavam rasgados, com a capa, miolo ou outras partes estragadas, deterioradas pela ação do tempo, alguns até com as páginas em processo de esfarelamento, dentre outras questões, que colocavam em risco a saúde do leitor ou leitora e a minha.

Embora existisse um Manual de Procedimento de descarte para obras dentro das características apontadas anteriormente, demandou tempo para convencer a chefia sobre a necessidade de “limpar-curar” e retirar do acervo esses materiais, que nada acrescentavam pelo estado de conservação ou impossibilidade de uso; e até mesmo atrapalhavam o trabalho de separação das obras a serem levadas para as indústrias e empresas¹⁵⁰.

¹⁴⁹ Ainda sobre o desgaste de livros e sua avaliação: “Os fatores que limitam a vida útil de um bem são a deterioração e a obsolescência. A deterioração é o desgaste físico e a obsolescência é o processo pelo qual o bem entra em desuso e, para efetuar o cálculo da depreciação, é necessário definir o número de anos de vida útil e a maneira de distribuir o custo pelos exercícios sociais.” (SANTOS; SILVA; MORGAN; MATIAS, 2005, p. 3).

¹⁵⁰ Sobre o livro como material não permanente, a Lei número 10.753/2003, que instituiu a Política Nacional do Livro, diz: “Art. 18. Com a finalidade de controlar os bens patrimoniais das bibliotecas públicas, o livro não é considerado material permanente.” (BRASIL, 2003, s/n).

Como o acervo deveria atender a um certo número de pessoas de diferentes classes sociais, escolaridades, vivências e experiências diversas, ele era pensado para contemplar uma infinidade de desejos, vontades e necessidades, como obter informações distintas ou instruções sobre administração, concursos públicos, regras de gramática, ou ler por prazer, ler literatura ou livros religiosos, ler para se encontrar, ler para duvidar, ler para conhecer ou até mesmo descobrir outros gêneros literários e obras, dentre outros.

Em algumas empresas, os Agentes de Leitura tinham um papel essencial no meu contato com os leitores e com as leitoras, pois conheciam os funcionários, tinham uma relação de empatia com eles, conheciam suas famílias e alguns sabiam até os gostos de leitura de alguns trabalhadores e trabalhadoras. Todas essas questões, em um primeiro momento, funcionavam como “chaves” para iniciar conversas e me aproximar desses leitores e leitoras.

Antes de levar os primeiros acervos para as indústrias, sempre perguntava aos Agentes de Leitura nos nossos primeiros contatos: “Quais os livros que você gostaria que fossem inseridos no acervo?” Alguns e algumas Agentes, ao responderem a minha pergunta, pediam “bons textos”. Ao cunharem o termo “bom”, em seguida complementavam que as obras não deveriam ter questionamentos políticos ou ideológicos, e que a leitura auxiliasse o operário ou operária a “melhorar a sua vida”, dentro de aspectos familiares, espirituais ou financeiros.

Interpreto hoje algumas dessas falas como um cerceamento, normatização ou uma moralização burguesa da possibilidade de pensar e ter acesso aos conhecimentos e aos saberes presentes no mundo. Ou ainda, havia um desejo de tutela¹⁵¹ dos leitores ou leitoras, em que a vida do outro deveria ser moldada de acordo com as expectativas de alguém com uma suposta “elevação cultural” ou “espiritual”; ou seja, esse leitor ou leitora, por meio do contato e leitura de alguns livros, poderia acessar esse “reino prometido” para uma vida “edificante”.¹⁵²

¹⁵¹ O corpo do operariado foi alvo de tutela e “cuidado” pelo Estado brasileiro, no começo da década de 1940. Segundo a educadora Elza Peixoto (2008), nesse período havia uma inquietação do empresariado e do governo brasileiro de que as horas livres dispostas aos trabalhadores pudessem ser usadas em atividades que comprometessem o rendimento no trabalho. Ainda de acordo com a pesquisadora Christianne Luce Gomes, esse tempo livre poderia ser empregado supostamente em atividades relacionadas ao álcool, a prostituição ou até mesmo atos que levassem a “[...] delinquência, a jogos de azar e todo tipo de ação que poderia provocar a degradação física, moral e social.” (2003, p. 257). Diante dessa preocupação, o Estado brasileiro, por meio do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, criou o Serviço de Recreação Operária (S.R.O.), que buscou, por meio de atividades recreativas e culturais, ocupar o tempo livre de homens e mulheres. Portanto, diante dessas preocupações, o tempo fora do ambiente de trabalho deveria ser organizado e vivido de forma racional. Para Peixoto, havia uma preocupação com o consumo de atividades que pudessem revigorar e sanar a saúde mental e física desses operários e operárias, pois um corpo saudável produz mais e teria menos licença de trabalho.

¹⁵² A questão do controle e orientação sobre o que ler, ou até mesmo da leitura como meio para a construção de uma “vida edificante”, foi alvo na Colômbia por meio de uma campanha moralista. A partir das reflexões do pesquisador e filósofo colombiano Jairo Gutiérrez Avendaño (2012; 2015), é possível perceber o controle sobre o que deveria ser lido pela sociedade colombiana do começo de 1900 até o final da década de 1960. As práticas de leitura defendidas pela igreja e por órgãos governamentais e educativos nesse período eram orientadas para a

Para montar o acervo literário para essas empresas, foi necessário dialogar e escutar esses leitores e leitoras, a fim de conhecer os seus hábitos e atos de leitura, seus desejos e o que não gostariam de ler. Além disso, para conhecer os perfis desses interagentes na mediação, foi necessário caracterizá-los para:

[...] conhecer sua condição social, seu nível educacional e seu perfil cultural. E não é um caso de discriminação. Pelo contrário: uma análise desse tipo permitirá fazer a seleção dos materiais com maior precisão. Mas isso não basta. É necessário fazer o que os especialistas chamam de “estudo de necessidade de informação”, e será melhor ainda se fizermos isso de maneira participativa, com a população expressando o que ler, de que livros precisa, se quer jornais para se manter informada, se quer assinaturas de revistas, se necessita de livros técnicos que ensinem a fazer algo. (ROBLEDO, 2019, p. 32).

Ou seja, como pensar um acervo literário sem saber o que sonham e pensam os leitores ou as leitoras? Ou quais os desejos de leitura dessas pessoas? O que eles e elas já leram e têm curiosidade para ler? Ou ainda, se nunca foram leitores ou leitoras assíduas, como a chegada de um acervo de livros e as mediações poderia provocar essa fagulha/desejo para o ato de ler?

O dialogar e o escutar com todos os sentidos, não de maneira mecânica e desinteressada, envolvia um processo de primeiramente falar sobre acontecimentos do mundo, da vida (inclusive a dos e das participantes), para somente depois falar sobre livros e leitura. Trata-se de um estar presente no momento da mediação, o que incluía ouvir dissonâncias que reverberavam internamente no meu fazer como mediador. Sendo assim, falar desta escuta é tratar dos *encontros*, mas vale pensar, ainda:

Como manter uma disponibilidade que propicie os encontros, mas que não os imponha, uma atenção que permita o contato e preserve a alteridade? Como dar lugar ao acaso, sem programá-lo? Como sustentar uma “gentileza” que permita a

formação de homens e mulheres e tinha como meta evitar “a degeneração moral e mental”, ou seja, questões que seriam viáveis por meio de práticas, de controle do que deveria ser lido e também de discursos que envolviam uma certa higienização educativa e cultural. Na Colômbia, por exemplo, a partir dos anos 1920, a leitura era pensada e classificada dentro de dois conceitos, principalmente pela igreja católica, que se apropriou de conceitos médicos para realizar essa classificação. O primeiro era de livros sendo pensados como *dietas literárias*, ou seja, as obras indicadas deveriam ser saudáveis para a mente; e logo, as obras que prejudicassem a boa saúde da alma deveriam ser evitadas. Por outro lado, havia o conceito de *livros infecciosos*, isto é, que apresentavam e traziam no seu conteúdo o que era considerado imoral e sujo na sociedade como livros de poesia, de romances e novelas, questões que iam contra os ensinamentos da igreja católica ou que tiravam a seriedade da vida ou desvirtuavam os valores das pessoas que tinham um “coração puro”. Ainda na Colômbia, a criação de bibliotecas populares teve como objetivo usar a leitura para evitar que os trabalhadores no tempo livre frequentassem bares ou até mesmo realizassem outras atividades consideradas não saudáveis. O ato de ler qualquer material impresso por conta própria era considerado uma atitude perigosa e uma “peste social”, pela igreja católica. O corpo do leitor ou leitora também era alvo de controle pela igreja católica, pois, para o ato da leitura, as pessoas deveriam estar em um ambiente tranquilo e envolto/dentro de uma postura e atitude moral edificante, questões que, por meio das transformações sociais, materiais e culturais pelas quais passava a sociedade, eram incompatíveis para o bom contato com os livros.

emergência de um dizer onde cresce um deserto afetivo? (PELBART, 2009, p. 44, tradução nossa)¹⁵³.

Talvez a resposta para as questões apontadas por Peter Pál Pelbart, filósofo, ensaísta e professor, esteja no fato de que, neste escutar, ouvinte e falante devem operar um bordado dialógico (entre escuta e fala, escuta e silêncio, silêncio e fala etc.) para construir e ativar sentidos, memórias, desejos, abandonos e trilhar conhecimentos e sensibilidades. Esta experiência é essencial e torna possível o alcance do objeto livro e do desejo leitor, além de exigir generosidade de quem faz a mediação ou seleciona/garimpa livros para um acervo ou para os e as participantes do encontro, uma vez que neste processo não há saberes “maiores” ou “menores”, conhecimento inválido, pensamentos errados, tampouco verdade absoluta: há construções de algo sempre em inacabamento. Logo, nessa escuta, há principalmente respeito:

É importante estabelecer relações cuidadosas e claras com os grupos com que trabalhamos. Relações de respeito pelo outro, que tem sua própria voz, sua própria palavra, que entra em diálogo com os outros, com o mediador e com o sentido que oferecem os textos. Na medida em que aprofundamos o conhecimento do outro, teremos mais ferramentas para contribuir com esse leitor, de modo que ele desenvolva seus próprios critérios de seleção. (ROBLEDO, 2019, p. 36-37).

Além de escutar e dialogar com os leitores e leitoras, o processo de curar o acervo era realizado a partir das percepções e avaliações originadas dos retornos constantes às indústrias e empresas, e aqui destaco a importância do tempo e da qualidade do contato com esses leitores e leitoras.

O tempo foi o que amadureceu a relação/indicação para conhecer os desejos dessas leitoras e desses leitores, para que eu me relacionasse com as obras presentes nas prateleiras de onde deveria retirar os livros a serem levados para as indústrias e empresas, ou para perceber as relações dos trabalhadores e trabalhadoras que usufruíam desse acervo e suas recusas para não leituras. Havia nesse rito uma sacralização do tempo, que não era “[...] necessariamente percebido em sua linearidade cronológica ditada pelas prerrogativas da lógica capitalista e avassaladora das relações humanas. O Tempo é vivido, sentido, cheirado, provado, [...]” (PEREIRA, 2021, p. 95)¹⁵⁴.

¹⁵³ No original: “¿Cómo mantener una disponibilidad que propicie los encuentros, pero que no los imponga, una atención que permita el contacto y preserve la alteridad? ¿Cómo dar lugar al azar, sin programarlo? ¿Cómo sostener una “gentileza” que permita la emergencia de un hablar allí donde crece el desierto afectivo?”

¹⁵⁴ A perspectiva e relação temporal apresentada pelo pesquisador e Babalorixá Linconly Jesus Alencar Pereira (2021) se apresenta dentro das cosmologias dos povos africanos e também está relacionado ao Orixá Iroko e ao *Nkisi Kitembu*, entidade da nação do candomblé congo-angola.

Como o preparo da farofa para Exu, nas primeiras vezes nem sempre se acerta a medida dos ingredientes. Para saber a quantidade ideal, é preciso fazer, “errar” e refazer, ou acrescentar mais farinha ou dendê até chegar no ponto ideal da farofa. Com o acervo de livros a ser levado para dentro das indústrias e empresas também foi assim: foi preciso “errar” nas escolhas do acervo, ou seja, na seleção das obras que não despertavam o interesse em serem lidos ou que não atendiam às necessidades do contexto.

Os diálogos durante e após as mediações, assim como as relações dessas pessoas com o acervo entregue, me permitiam descobrir o que essas “bocas”/mentes desejavam comer/ler e, para isso, era necessário fazer alguns movimentos: observar, escutar, perguntar para o leitor, dialogar com eles, observar os abandonos das mãos que reviravam o acervo durante alguns minutos, mas não encontravam o que procuravam (e eu me questionava sobre o que procuravam, quando não tinha a chance de perguntar para esses leitores ou leitoras) e também analisar a lista de empréstimos para realizar uma radiografia dos atos de leitura.

Entre “erros” e “acertos”, e quando já havia uma relação de confiança, diálogo e escuta estabelecida, as leitoras e os leitores me diziam o que achavam das obras presentes no acervo, e apontavam melhorias. Diante disso, eu colhia os desejos sobre o que gostariam de ler e essas e esses interagentes me contavam sobre a relação entre leitura e cansaço. Logo, ao montar o acervo, também passei a refletir sobre a margem que o cansaço causava nos corpos dessas operárias e operários, e como esses corpos estavam ou não disponíveis para leitura depois de um dia extenuante de trabalho.

Diante dessas questões, foi possível traçar qual o perfil leitor de cada indústria ou empresa: se preferiam mais obras infantis, ou romances “açucarados”, como diziam as operárias; se histórias em quadrinhos e literatura nacional ou livros de receita, que faziam grande sucesso em uma empresa específica; dentre outras combinações de gêneros.

Com isso, a escolha dos livros a serem levados para os locais de mediação passava pelo conhecimento do repertório leitor de cada fábrica. O acervo era o mais diverso possível para atender essas operárias e operários. Havia textos mais “simples”, outros considerados mais “complexos”, livros que dialogavam com a vida de cada possível leitor ou leitora e que poderiam criar conversas com a realidade vivida por ele ou ela. A proposta do acervo era que a presença dos mais variados gêneros literários ou não literários permitisse que as pessoas conhecessem e ampliassem, por meio desse contato, o repertório sobre diversas obras e, com isso, tivessem a liberdade de trilhar ou não a leitura.

Dentro da construção do acervo a ser levado para as indústrias e empresas, também inseria o que estava lendo¹⁵⁵, “abraçava” as indicações de outras mediadoras do projeto, e “bebia” de referências outras que iam sendo indicadas por canais literários. As vozes das leitoras e dos leitores também faziam parte desse processo de curadoria¹⁵⁶, ou seja, quando liam, gostavam e indicavam uma obra por determinados motivos, eu ofertava esse livro nos acervos de outras indústrias e empresas.

Em síntese, fazer, construir e desconstruir um acervo é como entrar em encruzilhadas, isto é, é ser guiado por diversas possibilidades de caminhos, pelas escolhas, pela escuta dos leitores e leitoras, pelas desconfiças e pela não acomodação da certeza de que encontrou “o acervo ideal” para determinado território.

Ao trazer a metáfora da cerimônia do padê para Exu e da preparação da farofa que faz parte desse ritual, penso, portanto, que indicar um livro ou selecionar obras para um acervo é como indicar uma comida, ou seja, fala-se para o outro ou outra sobre algo que possui um sabor especial, que nos tocou ou toca, ou que pode despertar possibilidades de aproximação com alguma temática específica.

O momento de curar e montar o acervo era o território onde as dúvidas surgiam. Eu enfrentava uma série de questões internas ou externas, suscitadas a partir do que os leitores e as leitoras expressavam que gostariam de ler, e como poderia atender a esses desejos, tendo em vista as obras disponíveis no acervo geral do projeto. Vale pensar que as preferências dos leitores e leitoras traziam escolhas que eram fruto de suas experiências e de processos culturais, religiosos, econômicos, sociais e políticos dos quais faziam ou fizeram parte.

¹⁵⁵ A inserção do que estava lendo dentro do acervo a ser levado para as indústrias e empresas se dava por alguns motivos, como a possibilidade de mediar a obra que eu conhecia a história. Era uma estratégia por saber determinadas partes ou até mesmo as palavras/frases que poderiam ser ressaltadas e enfatizadas por meio de uma entonação diferente durante a leitura. Ou ainda, inseria a obra quando ela havia provocado algumas sensações em mim durante a leitura e talvez também pudessem surtir efeito nos leitores ou leitoras. Eram hipóteses, que às vezes funcionavam e outras não. O linguista francês Élie Bajard (2007, p. 33), sobre a necessidade de o mediador ou mediadora conhecer previamente o texto durante sua vocalização, diz: “Na medida em que necessita da compreensão para ser eficiente, a transmissão vocal exige do locutor “tomar conhecimento do texto” antes da proferição. De fato, é difícil atribuir um tom expressivo a uma passagem se o encadeamento dos eventos da história e seu desfecho não são conhecidos. A dificuldade ocorre não somente no nível do texto, mas também no da frase. Como, por exemplo, marcar a entoação de uma pergunta, se o ponto de interrogação é apreendido visualmente apenas ao fim da frase? Uma atividade solitária de desvelamento da narrativa é desejável antes do confronto com os ouvintes.”

¹⁵⁶ Uma das ideias pensadas e não executadas ao longo do trabalho no referido projeto era criar fichas de indicação a serem preenchidas pelos próprios operários/as, por exemplo: “Por que eu indico esse livro?”. Algumas vezes, os operários e operárias indicavam verbalmente as obras para os colegas que estavam na mediação. Nesse indicar, eles e elas relatavam os motivos pelos quais a obra deveria ser lida, falavam com entusiasmo sobre a leitura, destacavam partes da obra, abriam o livro para mostrar determinada parte ou ilustração e elogiavam a história, questões que muitas vezes convenciavam outros leitores e leitoras a retirarem o livro.

Diante dessas questões, é importante refletir que, assim como Exu mediava ou filtrava na encruzilhada as mensagens que deveriam chegar até Oxalá, quem faz uma curadoria de livros pode filtrar ou censurar as obras a que as leitoras e os leitores podem ter acesso. Nessa configuração eletiva de leituras, me perguntava: Por que levar esse acervo? O que desejo com esta curadoria? O que a leitora ou leitor encontrará nesta seleção de livros?

Destaco e ressalto ainda que, assim como o leitor ou leitora, o mediador ou mediadora também sofre processos internos, fruto das experiências culturais, econômicas, pedagógicas, políticas, de construções de gênero e posições sociais da classe a qual ele ou ela pertence. Nessas escolhas, estão presentes as suas experiências em diversos contextos sociais, trabalhistas e culturais; portanto, a construção do acervo pelo mediador carrega uma leitura de mundo e apresenta, com isso, um mundo (sim: fazer um acervo é aplicar filtros/filtrar).¹⁵⁷ As suas escolhas estão e fazem parte de uma rede de sentidos, de uma formação, do conhecimento sobre arte e cultura que podem ainda abrir ou fechar portas para o leitor ou para a leitora:

Sabemos que nosso gosto e desejo são formados por condições objetivas e subjetivas e que o acesso a bens culturais, o poder econômico e os ambientes familiar e escolar os determinam, em grande medida. Assim, escolher não é um gesto espontâneo e neutro, como muitos pensam. (FARIAS, 2020, s/n).

Portanto, ainda que não fale abertamente ou escreva sobre essa questão, um mediador ou uma mediadora de leitura tem uma política interna de escolhas, de afetos, de ausências ou presenças que fazem parte e estão presentes na seleção e construção de um acervo de livros. Para tal conclusão, pode-se fazer a análise de um acervo específico, em que essas questões estarão perceptíveis e serão materializadas a partir das obras escolhidas e dispostas. Resumindo: olhar um acervo com atenção é fazer uma radiografia sobre a poética e a política de atuação, ou até mesmo não poética e/ou não política, de um mediador ou de uma mediadora de leitura. Não há neutralidade na curadoria de um acervo!¹⁵⁸

¹⁵⁷ Importante destacar que, durante as formações, quando surgiam alguns assuntos relacionados às questões raciais, políticas ou de gênero, sobretudo se estivessem atreladas à mediação de leitura ou até mesmo ao livro, havia, por parte de alguns mediadores e algumas mediadoras do projeto, uma fala de que esses temas eram considerados assuntos “menores”, “sem importância”, ou que não deveriam ser dialogados, pois dentro da concepção do que era fazer mediação de leitura ou ser mediadora ou mediador, a nossa função/obrigação era somente falar sobre livros. Porém, pergunto: Como falar sobre livros e não dialogar ou discutir sobre os problemas da realidade que nos cerca, como mediadores ou mediadoras de leitura e como leitores ou leitoras?

¹⁵⁸ Como afirma Beatriz Helena Robledo (2019, p. 29): “O tempo passou e a promoção da leitura se transformou. De uma ação empírica, exploratória e intuitiva, passou a ser estratégica e política. Foi ganhando terreno, conquistando territórios inexplorados, confrontando-se com realidades cada vez mais duras, mais injustas e violentas, ampliando sua visão para incluir novos textos, diversas maneiras de ler e diferentes grupos leitores. [...] Conceber a promoção da leitura como uma intervenção sociocultural, necessariamente nos leva a rever a maneira como selecionamos o material de leitura com que trabalhamos.”

Em síntese, montar um acervo é possibilitar ou não a criação e o acesso a territórios plurais e diversos por meio das palavras, ou seja, à bibliodiversidade leitora:

A palavra é longa, mas vale a pena. Fala de riqueza em diversidade e não tanto em dimensão física ou preço. Defende ações transformadoras: liberdade de expressão e de acesso à expressão, diversidade das línguas e expressões culturais, solidariedade face às relações de poder na edição globalizada e à relação Norte/Sul no ensino. (SEQUEIROS, 2022, p. 5).

Reflito que pensar o acervo de livros e, posteriormente, a mediação dessas obras, a partir da perspectiva de uma consciência viva sobre o território leitor que estava habitando, não era somente ter consciência sobre esse território. Era também ter ciência sobre o ato em si de mediar e com isso performar o gesto, imantar a carne com palavras e estar sendo de palavras. Ou, ainda, performar uma ética transgressiva e regeneradora de acontecimentos, de invisibilidades presentes dentro do acervo, sendo visíveis a cada livro retirado da estante e que, posteriormente, circularia pelas mãos dos leitores e leitoras. Essas ações só eram possíveis por meio do diálogo, do estar, do fazer e do conhecer o acervo e as obras presentes nele.

Ao fazer a curadoria e seleção dos livros, havia um processo de cuidar, depurando as escolhas ou as filtrando. Havia também uma troca no ato de curar o acervo, a partir da interação das leitoras e leitores comigo e diante da escuta das falas das e dos interagentes na mediação, do que essas pessoas me diziam, dentre outras questões; com isso, era preciso ter cuidado para não afastar essas trabalhadoras e trabalhadores dos livros ou da leitura. Nesse pensar, refletia sobre o acervo em diálogo com o que as leitoras e os leitores traziam, ou até mesmo sobre a minha atuação e o meu corpo de mediador dentro de uma esfera poética e política de atuação.

Dessa maneira, fazer um acervo exige pensar/cuidar ou cuidado no pensar as obras a serem inseridas:

Pensar é também “pensar uma ferida”, no sentido de dela cuidar e aplicar-lhe um curativo. Em *kikongo*, pensar é *yindula/banza* – na língua *kimbundu*, é *kubanza* – e “pensar ferida” é *kanga mputa*. Pensar, de um modo ou do outro, é ter cuidado – amálgama que se deve equilibrar entre afeto e razão. Cuidar é *lunga-lunga* (entre outras acepções *kongo*), ou seja, “ter razão” (*lunga*) repetidamente. Mas “ter razão” não é possuí-la, e sim também por ela compor-se, apresentar-se na justeza do que é, tendo e não tendo podido ser outramente: a ser/viver o que se apresenta (não havendo outra coisa para ser/viver) e tendo podido ser/viver qualquer outra coisa que não a que se apresenta. Razão, aqui, relaciono-a a certa ideia de medida (proporção, cálculo) – do *rationem* latino oriundo de *ratio/reor* (determino). Essa medida e esse “determino/estabeleço” seriam da perspectiva; viriam de uma morada particular do singular (em relação) que vive. (SANTANA, 2021, p. 88).

Conhecer bem as obras do acervo foi um fator importante para fazer mediações que aproximavam possíveis leitores ou leitoras dos livros e também um meio para alargar a construção de sentidos e interesses sobre as obras, conforme reflete a mediadora de leitura Valdete Santos, da rede de bibliotecas comunitárias Sou de Minas, Uai!: “Quando você tem conhecimento, você vê além da capa do livro, você aprofunda outras informações importantes e pode indicar o livro com mais conhecimento sobre ele.” (HONORATO; ROCHA; CAVALCANTE, 2018, p. 56).

Dentro das indústrias e empresas, escutei frases como: “Não acredito que tem esse livro aqui!” (surpresa), “Cadê a sequência dessa coleção?” (busca de algo que já estava sendo lido), “Não vejo novidade aqui!” (a leitora que estava atenta e lia com frequência), “Não gostei!”, “Não achei interessante”, “Só tem isso?” (aquela que sempre desejava mais livros), “Cadê os livros espíritos?”, “Não tem livro de princesa negra não, moço?”, “Me apresenta um livro que dentro dele tenha *safadeza*” (ou seja, literatura erótica); “Tira esse lixo daqui”¹⁵⁹, “Cadê aqueles coloridos que as imagens “pulam” da página na nossa cara?” (sobre os livros *pop-up*), “Acertou em cheio dessa vez: estava procurando esse livro” (frase que demonstrava um encontro inesperado ou até mesmo busca/desejo leitor que estava sendo alimentado):

Mais do que comportar grandes clássicos, ou livros importantes de referência, o acervo vai sendo formado pelo desejo, pela curiosidade e pelo protagonismo dos leitores das bibliotecas. Portanto, quanto maior a diversidade, mais possibilidade de identificação das pessoas. (HONORATO; ROCHA; CAVALCANTE, 2018, p. 51).

Dentro da seleção das obras presentes no acervo, alguns livros que abordavam temas considerados tabus, como sexualidade, não eram tidos como “bons”. Certa vez, durante uma mediação, uma leitora disse para a colega que a acompanhava que uma obra sobre gravidez na adolescência era algo que não “deveria estar entre os livros” dispostos sobre a mesa: “Credo, jamais levaria esse livro para a minha filha”.

Fiquei curioso sobre os motivos da fala da operária. Ao escutá-la, pedi sua ajuda para decidir sobre qual o melhor destino/saída a ser dado para a obra. Questionei se deveria retirar o livro do acervo e privar outras pessoas daquele conhecimento ou expor o livro. A operária me escutava.

Perguntei se outros cuidadores, mães e pais, por exemplo, ao terem contato com o livro, não teriam chance de dialogar sobre gravidez na adolescência com os filhos ou filhas. Ainda

¹⁵⁹ Frases frequentemente ouvidas quando algum livro estava relacionado ao presidente Lula ou até mesmo a alguma temática social, como comunismo ou outras questões populares.

brinquei: “Como saber a temperatura da água sem molhar as mãos?”, ou seja, como conhecer algo sem ter contato com o assunto?

A operária seguia me escutando e ficou pensativa por alguns segundos, como se processasse o que eu estava dizendo. Diante do silêncio, ainda provoqueei se ela preferiria ter uma opinião sobre determinado assunto, embasada em conhecimentos e fatos e, com isso, discordar ou concordar, ou, ao invés disso, comprar a ideia “pronta”, sem duvidar dela.

Por fim, perguntei: “– Você acha que a sua filha não merece saber sobre gravidez na adolescência?”. A leitora respondeu: “– Melhor conhecer as coisas do que ser privado desse conhecimento.” Diante da recusa inicial e do diálogo exposto anteriormente, e como o horário do almoço estava quase no fim, ela me disse: “– Me dá esse livro aqui que eu vou levar!”

A partir da situação da recusa dessa leitora, pode-se pensar que o mediar a leitura é também mediar situações outras que não estão, em um primeiro momento, supostamente relacionadas com a leitura. Por meio desse caso, porém, reflito sobre a importância do diálogo dentro da mediação e de como é importante acolher a divergência ou as tensões, questões que sempre estão em algumas situações nas entrelinhas do dialogar:

Toda conversa é uma tensão permanente entre diferentes modos de pensar e pensar-se, de sentir e sentir-se, de dizer e dizer-se, de escutar e escutar-se: existem dissonâncias, desentendimentos, incompreensões, afonias, impossibilidades, perdas de argumentos, tempos desiguais, perguntas de um só lado e respostas que nunca chegam. Mas talvez isso seja uma conversa e, por isso mesmo, não podemos fazer outra coisa senão seguir conversando, sem efeitos especiais.

É que estamos demasiados habituados a pensar a conversa como um idílio, como um intercâmbio equilibrado, pausado, austero, consciente, particularmente caracterizado pela harmonia de vozes, dos corpos e das mentes. (SKLIAR, 2014a, p. 206).

Dentre as possibilidades que um acervo pode oferecer ou despertar, está a abertura de outros territórios e espaços inventivos de reflexão e estados poéticos por meio das obras presentes, ou seja, pensar em passagens de um estado de alguma coisa para outra. Pode-se refletir que nessa operação há a possibilidade de questionamentos, respostas e acolhimentos que o acervo pode germinar. Com isso, passei a questionar os acervos literários e o próprio acervo que construí para ser levado às indústrias e empresas; e pensei nas questões que atualmente ainda sigo refletindo: Qual a finalidade de selecionar um acervo somente ressaltando o que já existe ou está posto? Como criar um acervo que instigue o leitor? Qual a perspectiva que devo adotar para criar e renovar um acervo que já está “instituído” e foi pensado por outra pessoa?

Refletir sobre essas questões é inserir outras ideias para “rachar” os alicerces do já posto, seja o próprio pensamento, seja a presença das mesmas publicações e autores/as dentro dos acervos a serem curados. Esse cuidar/refletir tem como proposta inserir outras perspectivas de pensar, narrativas para ler e escrever o mundo. Nesse sentido, destaco que a ideia não é uma destruição do já existente, mas o exercício de se olhar para outras possibilidades de livros/vozes dentro de um acervo; e como reflete Jota Mombaça, artista cujo trabalho bebe na fonte da poesia, da performance e da teoria crítica, e que se define como “bicha não binária, nascida e criada no nordeste do Brasil”, isso não seria meramente:

[...] uma apologia da destruição, nem uma poética da “destruição criativa”, mas da formulação tentativa e arriscada de uma abertura que comporte o que está aquém da fórmula, e cuja passagem implica um trabalho contra o trabalho do mundo, um trabalho contra as obras do poder que não consiste em simplesmente destruí-las para recriá-las de outra forma ou noutro lugar. (2021, p. 60).

Abordar um conceito de curadoria anti-colonial para a construção de um acervo de livros é articular outras possibilidades de escutar e dialogar com vozes outras/nossas de povos marginalizados, e com isso conhecer realidades/narrativas e construções de sentidos plurais como meios de fugir das armadilhas do mundo em que estamos. Em outras palavras, não repetir as formas violentas/impositivas de verdades e visões únicas sobre determinados fatos-história. Assumir esse posicionamento político e poético, ao montar um acervo de livros, é criar um:

[...] programa ético definitivamente enraizado numa certa forma de futuridade - uma abordagem estratégica do tempo que visa operar no futuro por meio de uma leitura poética do presente do mundo, suas relações fódidas e as brechas radicais que elas comportam. (MOMBAÇA, 2021, p. 104).

A partir da minha experiência montando e desmontando os acervos a serem entregues e mediados dentro das indústrias e empresas, analiso que esse trabalho exige questionamentos constantes e cuidado por parte de quem cura, como: somente ofertar ou não os clássicos ou “os clássicos” demandados pelas e pelos leitores? Como operar essa ação de não “empurrar goela abaixo” as crenças e visões de mundos trazidas por mim?

Talvez a resposta que tive para essas perguntas, ou até mesmo que operei para seguir refletindo sobre a curadoria de livros, seria dialogar e me despojar de concepções sobre o efeito benéfico da literatura e da leitura, isto é, como elementos salvadores de todos os problemas sociais e existenciais enfrentados pela sociedade. Para essa “mudança de chave”, foi essencial operar a leitura do contexto e dos “textos” presentes nos espaços onde mediava, e o que as leitoras e os leitores apresentavam sobre as suas realidades/contextos sociais:

Há, ainda, que ser flexível na hora de escolher materiais de leitura e traçar estratégias para a promoção, tanto na escola como na biblioteca, na comunidade ou para os projetos, porque o contexto é um fato determinante e modificador das concepções prévias, das quais nos aproximamos para a formação de leitores. A seleção requer uma reflexão preliminar que envolva as condições dos beneficiários e seu contexto. (MEDINA; PRADES, 2015, p. 22).

A partir do contexto no qual eu trabalhava e das interações com as leitoras e os leitores, não era possível adotar, por exemplo, que certa literatura era “boa” ou até mesmo “ruim”. Porém, um dos conceitos que se levava em consideração nas seleções dos livros era a suposta qualidade relacionada aos possíveis efeitos estéticos e poéticos que presumidamente poderiam causar internamente no leitor:

Há um conceito que escutei de um professor de literatura na universidade, que me foi revelador: a ideia de duração. Não é o tempo da obra, nem o tempo que demora um leitor para lê-la. É algo que se produz no leitor e que está relacionado com o efeito estético. É dessa maneira que um livro, uma história, um poema, um conto, uma personagem, habita o íntimo do leitor. Há algo ali que dura, que permanece, algo sobre que não se percebe na hora de analisar textos literários, talvez pelo pouco mensurável, mas que tem muito sentido ao se considerar a literatura como uma série de experiências possíveis [...] e não como um corpo de conhecimentos. (ROBLEDO, 2019, p. 38).

Se eu partisse da concepção de ofertar somente o que era considerado literatura “boa”, ou somente os clássicos, dificilmente conseguiria trabalhar com mediação no ambiente fabril, porque estava travando relações com um público que não estava tão acostumado com o objeto livro ou até mesmo com a leitura, questões que são e devem ser levadas em consideração ao se pensar uma mediação de leitura, como os contextos em que o livro não está presente com regularidade. Além disso, deve-se ponderar onde a palavra poética é considerada “novidade” diante da falta de palavras que a sociedade “retira” ou não oportuniza às pessoas via exclusão social e marginalização.

Diante dessas questões e do que escutei sobre o que deveria ser uma mediação de leitura ou de um acervo, ou seja, que somente os clássicos e a “boa literatura” deveriam ser mediados, pergunto: Mediação de leitura para quê e para quem? Mediar como ou o quê? Mediar para seguir perpetuando discursos vazios e que não criam relações com o território onde as mediações são feitas?

Porém, é importante ressaltar que não defendo a inserção de qualquer literatura, mas que é preciso reconhecer o território onde a mediação é realizada, escutar e dialogar com as leitoras ou leitores para construir possibilidades de diálogos e interações socioculturais, tendo

outras referências artísticas como possibilidade de aquisição ou acréscimo de novas referências literárias, tanto por parte das leitoras e dos leitores como por parte do mediador.

Logo, ao ter contato com os leitores e leitoras, e já conhecendo os seus desejos e buscas de livros, durante a seleção do acervo, tentava afastar a crença de que somente os clássicos deveriam fazer parte. Mas é importante refletir que, mesmo afastando esse “fantasma”:

Isso inclui um dos principais critérios da seleção, que é o da qualidade. A qualidade, nesse caso, é um conceito transversal, e, mais que um conceito, um imperativo ético. Qualidade estética, qualidade literária, qualidade na precisão e veracidade da informação, qualidade editorial. (ROBLEDO, 2019, p. 29).

Como leitor e mediador de leitura, e ao escutar os leitores e as leitoras dentro das empresas e indústrias, concluo que os discursos elitistas e a idealização da literatura como a salvação da humanidade, ou como enobrecedora do espírito humano, muitas vezes afastam os possíveis leitores dos livros ou de algumas obras.

Ao mediar livros e leitura dentro das indústrias, percebi que ler é um ato contínuo, um caminho a ser percorrido com muita paciência, ou seja, uma caminhada sentido às buscas internas do conhecimento, do encontro com as potências e tensões que o terreiro-território onde a pessoa vive, e com isso o mediador ou a mediadora não deve subestimar as histórias dos leitores e das leitoras e seus olhares para/sobre/com o mundo.

Nesse ponto, a partir das questões vivenciadas dentro das indústrias e empresas, defendo a criação de um acervo que dialogue com os desejos, com as possibilidades e necessidades de leitura dos e das interagentes da mediação e que nesse jogo sejam inseridas, de forma gradativa, outras obras que criem aproximações, que possibilitem trilhar novos caminhos de leituras, descobertas estéticas e sensíveis e também complexidades leitoras.

Além disso, é importante não acomodar os leitores e leitoras com as mesmas obras ou gêneros literários. Dito isso, durante uma seleção de livros, é interessante fazer algumas perguntas: O que guia as minhas escolhas durante a seleção das obras? Escolho somente obras que o leitor já conhece ou aquelas que desafiam tanto o mediador quanto o leitor ou a leitora a entrarem em processo de diálogo, de dúvidas e de descobertas durante a mediação ou a leitura?

No mais, quando estava montando o acervo e quando o finalizava, olhava para todos aqueles livros e pensava em perguntas que pudessem fornecer uma “radiografia leitora” do que as obras poderiam me dizer e provocar: O que me diz esse acervo? Qual a possível relação dele com os e as interagentes das mediações? Quais ausências e presenças esses livros me apontam?

Pensar em um acervo também é refletir e oportunizar outras possibilidades de provocar o leitor por meio da materialidade¹⁶⁰ do objeto livro, ou seja, obras com formatos que causem “estranhamento”. As obras *pop-ups* eram as mais requisitadas e a manutenção das páginas diante da grande circulação desses livros eram algo constante, o que denotava que essas obras estavam circulando, sendo lidas e manipuladas. Com isso, livros que fugissem à regra “normal” do que comumente conhecemos como livros tinham uma atenção especial do leitor, e mesmo que não fossem emprestadas, havia o desejo de ver, abrir e se relacionar com esse objeto.

O livro-caixa *Memórias inventadas: a Infância*, do poeta Manuel de Barros (2003), lançado pela Editora Planeta, por mais “simples” que fosse, era uma das obras que mais despertava a curiosidade desses leitores e dessas leitoras. A caixa de papelão na cor marrom claro guardava livros soltos no formato brochura. Na tampa da caixa, havia uma ilustração de Martha Barros, filha do poeta. Quando a caixa era aberta, a obra aparecia enrolada com um laço feito com uma fita de cetim na cor amarela, como se o livro ou as palavras do autor fossem um presente para os sentidos do leitor ou da leitora.

Ainda sobre o acervo e o contato dos operários e operárias com os livros, outra questão percebida era sobre as obras que mais circulavam, fato notado a partir de algumas questões como: livros que voltavam com marcas de mãos/dedos, capas sujas, com marcadores dentro, com bilhetes ou lembretes de tarefas do dia a dia, ou até mesmo pela estrutura-corpo do livro “amolecido”, que precisava de reparos. Além da ficha de empréstimo preenchida por algumas empresas, outra questão que denotava os mais procurados eram os comentários feitos pelas leitoras e leitores ou a busca de alguma obra específica.

Recordo que em uma empresa de grande porte houve em determinada época uma procura significativa pelo romance espírita *Violetas na Janela*¹⁶¹, escrito por Vera Lúcia Marinzeck de Carvalho (1993). O motivo da grande procura da obra pelas operárias foi a leitura

¹⁶⁰ O termo materialidade pode ser pensado como todos os aspectos presentes em um livro como o formato, o papel e seus diversos tipos/gramaturas, cores, fontes e suas disposições nas páginas e texturas presentes na obra, dentre outras questões. Sobre o projeto gráfico de um livro, o escritor Odilon Moraes (2008, p. 49-50) reflete: “Da mesma maneira que um projeto de uma casa não se limita a uma ideia de casa, mas sim à ideia de um morar dentro de uma forma particular de disposição de espaços e ambientes, assim também o projeto gráfico de um livro propõe seus espaços, compostos por textos e imagens, e constrói um ambiente a ser percorrido. No passar das páginas, o projeto gráfico nos indica uma ideia de ler, isto é, uma ideia de um tempo para se olhar cada página, de um ritmo de leitura por meio do conjunto de páginas, de um balanço entre o texto escrito e a imagem, para que juntos componham e conduzam a narrativa. A escolha do papel, formato, dimensão, letra, tipo de impressão, encadernação, quantidade de texto em cada página – itens que muitas vezes fogem à percepção da maioria dos leitores (e não ser particularmente notado é um mérito do projeto) são de grande importância por interferirem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro.”

¹⁶¹ A narrativa do livro apresenta a história da jovem Patrícia, que desencarna aos 19 anos e narra a partir do plano espiritual as suas dúvidas ao chegar nesse local, além de abordar a questão da perda-luto pela morte de um ente querido.

apaixonada feita por uma e, posteriormente, a indicação do livro para as outras. Outra questão apontada para o interesse, e que despertava a curiosidade para ler, era ver o livro circular de mãos em mãos durante o horário de almoço, ou perceber a leitura da obra sendo feita em público com frequência por alguém.

A montagem do acervo também levava em consideração algumas questões: os cansaços do corpo e da mente dos operários/as. Afinal, como esses homens e mulheres se relacionavam com a leitura após o trabalho? Um corpo cansado, depois de um dia de trabalho, ainda teria condições e disposição para ler, para “enfrentar” um livro? Para alguns, sim, e para outros, não. O trabalho às vezes massacra, machuca e cansa o corpo, a mente e “o cansaço de esgotamento não é um cansaço da potência positiva. Ele nos incapacita de fazer qualquer coisa.” (HAN, 2015, s/n).

Diante das observações realizadas pelos operários e operárias sobre os cansaços dos corpos, ou até mesmo sobre os apontamentos do que os operários faziam depois do trabalho, essa percepção orientava e guiava as escolhas do acervo. Resumindo: todo corpo merece descanso, precisa participar de algo prazeroso, descansar para pensar e sonhar ou mesmo dormir durante a leitura, fato que podemos pensar como a palavra embalando/ninando os sentidos ou o corpo entregue às palavras.

Com esses apontamentos sobre o cansaço corporal, vale mencionar que eu não apresentava a leitura somente como prazer durante a mediação, mas como algo que poderia ter espaço na vida de cada leitor e leitora e que, para isso, ele ou ela teria que encontrar um tempo dentro da sua rotina para se dedicar à leitura, pois ler exige tempo, disciplina, dedicação e corpo descansado. Com isso, revelava também que ler é um exercício, um processo de escuta do próprio corpo e dos seus cansaços:

Chamamos prazer ao ato de ler sem nenhuma imposição? Prazer é algo que não causa dor ou aborrecimento? É sinônimo de preenchimento do tempo livre? É algo desvinculado da necessidade, sem nenhum esforço? Trabalho e prazer se opõem de maneira excludente? (BRITTO, 2007, p. 25).

As imagens e representações sobre o ato de ler mostram de forma geral corpos relaxados, entregues, pessoas com semblantes tranquilos, riso fácil, ou até mesmo cenas e ambientes propícios para a leitura; ou seja, nesse processo há uma romantização muitas vezes dentro de uma concepção burguesa relacionada ao ato de ler e suas relações com os livros. A leitura é uma experiência e faz parte de um percurso formativo, sendo assim, ler é cansaço, é

prazer,¹⁶² é abandono, e é ainda uma junção entre a vida do leitor e as suas “urgências” de conhecimento e também corporais.

As mulheres eram o público majoritário das mediações. Sobre o hábito leitor desse público, dentre as causas para não leitura após o trabalho, estavam os afazeres domésticos, o cansaço, o cuidar dos filhos ou até mesmo cuidar do companheiro. O cuidado consigo própria era a última “prioridade” da lista. Diante dessa rotina, algumas desafiavam a lógica do cansaço e se permitiam, mesmo com a luta constante contra as pálpebras cansadas, que insistiam em fechar acolhendo o sono, ler por algumas horas ou minutos.

Portanto, quando pensava o acervo, também selecionava as obras a partir dos cansaços verbalizados por esses operários e operárias. Certa vez, em uma empresa, alguns operários e operárias pediram que os livros fossem de contos, poesias, romances curtos ou até mesmo de histórias em quadrinhos, pois eram leituras que poderiam ser realizadas em um curto espaço de tempo, que não exigiriam tanto da mente e também “respeitariam” os cansaços do corpo, como escutei uma vez.

Desses encontros com os trabalhadores e trabalhadoras, comecei a colecionar no bolso algumas perguntas surgidas a partir desses momentos, como: livros para quê e para quem? Como ler diante do cansaço? O que é e como era a vida desses leitores e dessas leitoras com quem cruzava? O que vivia e sonhavam os leitores e as leitoras? Como ler diante do luto, ou da ausência de algo? Como ler em uma casa sem espaço “adequado”, ou como o corpo desejaria ler nessa situação? Como “regar” o ato da leitura se o encontro entre livros e leitores ou leitoras ocorria de forma esporádica? Como ler diante da fome? Como ler diante de uma ameaça de violência física/verbal doméstica, que pode irromper ao virar da próxima página? Diante da iminência de um ato de violência, como voltar os sentidos para a página? Como ler diante de outros meios tecnológicos que seduzem a mente diariamente, com suas doses de prazer

¹⁶² Roland Barthes, escritor e filósofo, conclui que, durante o ato da leitura, há três prazeres, “[...] ou, para ser mais preciso, três vias pelas quais a Imagem de Leitura pode capturar o sujeito-leitor. Segundo o primeiro modo, o leitor tem, com o texto lido, uma relação fetichista: tira prazer das palavras, de certas palavras, de certos arranjos de palavras; no texto, delineam-se plagas, isolatos, em cuja fascinação o sujeito-leitor se abisma, se perde: esse seria um tipo de leitura metafórica ou poética; [...]. Conforme o segundo modo, que está no extremo oposto, o leitor é, por assim dizer, puxado para frente ao longo do livro por uma força que é sempre mais ou menos disfarçada, da ordem do suspense: o livro vai se abolindo pouco a pouco; e é nesse desgaste impaciente, arrebatado, que reside o gozo; trata-se, principalmente, do prazer metonímico de toda narração, sem esquecer que o próprio saber ou ideia podem ser contados, submetidos a um movimento de suspense; e, por estar esse prazer visivelmente ligado à observação do que se desenrola e ao desvendamento do que está escondido, pode-se supor que tem relação com a escuta da cena original; [...]. Há, finalmente, uma terceira aventura da leitura (chamo de aventura a maneira como o prazer vem ao leitor): é, se assim se pode dizer, a da Escritura; a leitura é condutora de Desejo de escrever [...]” (2004, p. 38-39).

imediatos? Como ler diante da TV que “grita” conteúdo fácil, que acomoda/relaxa os sentidos depois de um turno cansativo no “chão de fábrica”?

Outra questão a ser levantada sobre o acervo recaía justamente sobre os receios enfrentados pelos leitores e leitoras ou até mesmo pelos Agentes de Leitura, ou seja, o temível medo da obra ser estragada ou extraviada.

Ante o exposto, pensar um acervo para determinados espaços é avaliar que livros ainda são considerados objetos de luxo e que estão distantes de/para uma parcela da população. Dependendo da classe social, as pessoas não têm o hábito de comprar livros, manuseá-los ou ter contato com o sensível por meio deles. Diante do que presenciei, a relação entre algumas dessas pessoas e obras impressas era sempre no campo do cuidado excessivo ou da desconfiança durante o manuseio. O medo de rasgar, perder, manchar ou estragar eram situações trazidas por algumas falas e suas recusas para levar um livro para casa, situações que exigiam uma abordagem sensível para o contato desses e dessas interagentes da mediação com as obras.

Mas como criar o contato com o livro sem haver esses acidentes de percurso?

Diante desses medos ou recusas, as mediações também passavam por um processo de sensibilização para possíveis aproximações e também, em alguns casos, cuidados com o objeto livro.¹⁶³ Trago essa situação para dentro do estudo para refletir que o livro tem um tempo de durabilidade, ou seja, que essa duração pode ser encurtada em algumas situações dentro de um acervo por pequenos acidentes ou ocorrências: a tomada do livro por parte de um leitor mais “egoísta”, que deseja aquela obra somente para si; a circulação constante entre os leitores e leitoras; o livro que é molhado sem querer, dentre outras questões.

Como Exu, que caminha e transita para outros espaços, após a minha passagem por essas empresas e indústrias, e após a entrega dos livros e as mediações realizadas, o Agente de Leitura tinha como responsabilidade continuar as ações de acesso ao acervo deixado na empresa, realizar empréstimos, solicitar obras literárias sugeridas pelos operários e operárias e também combinar a data de troca das obras.

Porém, como esse acervo de livros ficava após a minha passagem nestas indústrias e empresas? Como as provocações realizadas no momento da mediação eram continuadas posteriormente? Em algumas empresas, a ação de disponibilizar os livros durante o almoço

¹⁶³ No contrato entre a instituição na qual eu trabalhava e as empresas e indústrias, caso algum livro desaparecesse, o exemplar deveria ser repostado pelo mesmo título ou substituído por outro em comum acordo com os mediadores e mediadoras. Algumas empresas criavam a sua própria política interna para tratar a reposição diante do extravio ou de obras danificadas. Nesses locais, os funcionários assinavam um termo de compromisso que, caso a obra fosse extraviada, o valor seria descontado diretamente do salário desse trabalhador ou trabalhadora.

tinha regularidade; em outras, os livros circulavam somente a partir do meu retorno a esses locais. Ou seja, o trabalho iniciado e o incentivo para o contato com os livros não tinham continuidade em alguns lugares. Entre as muitas questões apontadas pelos Agentes de Leitura para essa não continuidade, estava a falta de tempo ou a não proximidade com a leitura.

O acervo posteriormente circulava por alguns outros espaços dentro dessas instituições nos quais os trabalhadores e as trabalhadoras ficavam, pois muitos não tinham disponibilidade para se deslocarem até o local onde os livros estavam disponíveis.

É importante lembrar que o espaço onde os livros estarão disponíveis também faz parte da mediação, pois pode criar barreiras, muros invisíveis ou acolhimento. Chegar até o local onde o acervo estava nas indústrias e empresas era algo que às vezes amedrontava e intimidava esses operários e operárias, assim como a sala dos Recursos Humanos, que despertava receio, o que era verbalizado por alguns operários e operárias.

Uma das falas mais recorrentes ditas pelos operários e operárias em tom de brincadeira, sobre a sala de Recursos Humanos, era que o local não era um “espaço acolhedor”, pois “lá não tem nada de humano”, “humano só a palavra escrita na porta”. Os funcionários também diziam que somente entravam na sala quando “eram chamados para assinar a demissão”, ou, em outras palavras, ao serem “convidados a assinar a carta de alforria”, e ainda apontavam esse lugar como “abatedouro”. Nesse sentido, o educador e escritor Edson Gabriel Garcia (2007) ressalta que o espaço onde os livros são dispostos não é neutro, pois também atuam como mediadores:

Um espaço mediador de leitura é aquele que tem como suas principais características a democratização do acesso ao acervo; a facilitação do acesso e do empréstimo; a originalidade e criatividade no modo de apresentar e “oferecer” o acervo aos leitores; a disponibilidade de levar o acervo até onde está o leitor e a disponibilidade dos mediadores de leitura, sempre muito presentes. (GARCIA, 2007, p. 44)

Retomando a ideia inicial da comida para Exu, ou o ato de dar comida para Exu, finalizo essa reflexão sobre curar um acervo, a partir das minhas experiências, sobre o quão importante se faz a prática do diálogo e da escuta durante o processo de seleção de livros. Nesse processo de curadoria, é importante que a mão que seleciona obras literárias “[...] não se mostre, que a mão desista de se revelar como a origem do poder de oportunizar a leitura. Porém, que se deixe, sim, sua mão mais ou menos perto, amorosamente, pacientemente, com um livro, tal é o gesto de dar a leitura, de dar a ler.” (SKLIAR, 2019, p. 49, tradução nossa)¹⁶⁴.

¹⁶⁴ No original: “[...] no se muestre, que la mano desista de revelarse como el origen del poder dar a leer. Pero que deje, sí, su mano más o menos cerca, amorosamente, pacientemente, con um libro, tal es el gesto de dar la lectura, de dar a leer.”

Fazer mediação, ou até mesmo chegar com um acervo de livros em determinados lugares envolve pensar nas possibilidades de aberturas ou “chaves” que possibilitam diálogos e, conseqüentemente, aberturas de “portas” que nos levam a lugares provisórios, alternâncias outras, confluências de águas de um rio que convergem com a nossa opinião e também dissonâncias e vozes contrárias à nossa.

Pensar um acervo literário é levar em consideração o reconhecimento do outro/outra e das suas potencialidades como pessoa humana. Trata-se de um processo preñado de diálogos, aberturas de novas possibilidades, narrativas e perspectivas de essência polifônica que viabiliza acontecimentos e recriações por meio de vozes e vontades individuais, tendo os livros como porta-vozes e caminhos para essas aberturas.

Há, na proposta de seleção de livros que farão parte de um acervo, uma leitura de corpos, de histórias, do falar e do escutar o que cada leitor-leitora e interagente da mediação traz, sempre dentro de um processo sistêmico e receptivo com a fala do outro/a, das suas complexidades, do repertório pessoal que cada corpo traz e que cada fala enuncia, dentre outras questões.

Como a farofa para Exu, caso não seja bem preparada, nós/leitores-leitoras, não “comemos”/lemos qualquer “comida”/livro. Concluo que uma ou um leitor só indica uma obra literária ou livro quando existe um sabor diferente ou um gosto novo, palavras que provocam, imagens que convidam o olhar a sorrir, descansar, lembrar algo ou se indignar, possibilidades de manipulação que a obra proporciona – como por exemplo, os livros *pop-up* – ou, ainda, quando há o desejo de potencializar ou reforçar algum assunto, já conhecido ou “novo” para os e as interagentes da mediação. As leitoras e os leitores têm as suas “fomes” de palavras. As mediadoras e os mediadores de leitura também.

Assim, o acervo muitas vezes reflete e congrega os mistérios de um elemento chamado vida, e deve ser sempre vivo, mutante, manuseado ou reconfigurado... o acervo é uma encruzilhada!

Sobre os caminhos que surgem: uma proposta de mediação de leitura para o encanto.

6. Mediação de Leitura para o encanto

Depois de andar por muitas linhas/caminhos feitos de palavras e sentidos, Obax diz a Exu que precisa saber o final da narrativa ou as conclusões/considerações feitas sobre o que foi narrado. Ao ouvir a menina, Exu diz: “No meio da história o tempo adormece, mas a amanhã não se interrompe, pois ao debulhar a narrativa parece-lhe escutar a voz cariciosa do vento [...]” (AMADO, 2008, p. 24).

O orixá gargalhava, refletindo: “- Não há fim, menina! O que existe são reinícios. Recorda o que eu falei em alguma parte dessa nossa caminhada que a história contada estaria dentro de um tempo em espiral onde existe começo, meio e recomeço?”

Eles seguiam conversando...

Partindo da metáfora de Exu e da concepção da pedagogia dos candomblés – na qual não há fim e os acontecimentos são pensados dentro do tempo espiralar –, pode-se afirmar que esse texto não terá fim, pois o “final” será um encontro com o começo, assim como uma mediação.

O meu território de investigação para essa pesquisa foram as mediações de leitura realizadas durante dois anos dentro de empresas e indústrias. As práticas foram refletidas a partir dos saberes e poéticas do orixá Exu e dos terreiros de candomblé, em especial a partir das minhas experiências na *Nzó Kyloatala*, no qual sou filho de santo. Logo, a proposta desse estudo foi investigar as minhas experiências, os caminhos afetivos, poéticos e o que pode mobilizar a mediação-palavra, utilizando a autoetnografia como método para essa investigação (SANTOS, 2017; ADAMS; BOCHNER; ELLIS, 2019), além de questões como a curadoria de um acervo de livros e o corpo e os saberes presentes nas corporalidades no contexto da mediação de leitura.

Além disso, uma parte do estudo se dedicou à reflexão sobre a minha autobiografia leitora por meio da metodologia da narração de si (JOSSO, 2004) e a proposta foi pensar sobre como essas experiências (LARROSA, 2019) e atravessamentos sensíveis estão presentes na minha formação leitora e no meu corpo/*corpus* de mediador. Nessa trajetória de pesquisa, percebo que a palavra-oralidade foi a base para o meu encontro com a sensibilidade na infância. Ao chegar na adolescência, a sensibilidade e o encanto produzidos pelo conhecimento orientaram o meu pensar e o meu “voltar para o mundo” diante das violências sofridas, principalmente as perpetradas pelas palavras.

Nesse processo, ao relatar sobre mediação, mediador e território leitor, diversos outros assuntos entraram no caminho, como questões sociais, de gênero, livro, palavra, raça,

violências, leitura, corpos, poesia, leitura de mundo (FREIRE, 2011a) e silêncio etc. Com isso, concluo que mediar, antes de qualquer coisa, é tecer diálogos com mundos interiores e exteriores via palavra, livro, oralidade, leitura, histórias de vida do mediador e dos interagentes da/na mediação. Ademais, é falar sobre o não acesso, o acesso a obras impressas e muitas outras questões sociais.

A partir do cruzamento desses assuntos, foi possível avaliar que a mediação (assim como o corpo-*corpus* de um mediador de leitura) não é neutra. O ato da mediação não está alheio a questões e interesses econômicos, políticos e sociais, dentre outros atravessamentos, principalmente quando realizado dentro de uma instituição.

Portanto, no campo da mediação de leitura, especificamente a institucional, é impossível pensá-la sem ter-fazer uma reflexão (auto)crítica que abrange não somente as posturas da instituição, mas o próprio trabalho como mediador, pois em algumas situações, por exemplo, há o perigo que “a fala que idealiza a educação esconda, no silêncio do que não diz, os interesses que pessoas e grupos têm para os seus usos.” (BRANDÃO, 1981, p. 60).

Nessa pesquisa, por meio da minha curiosidade e busca por tentar compreender o meu ofício como mediador e o que é/pode ser a mediação de leitura, eu trilhei o caminho do conceito sobre mediação que me permitiu pensar e refletir sobre o que já estava exposto/posto, questão que pode ser pensada dentro da pedagogia de Exu, isto é, nada é estático e o que se apresenta é um dado histórico, portanto, existe uma possibilidade de transformação ou de caminhar por outras estradas.

Aponto como exemplo desse duvidar a compreensão sobre a metáfora da mediação pensada como “ponte”, pois no presente estudo o conceito de fazer mediação foi reorientado para a palavra “encruzilhada”. A encruzilhada permite trilhar diversos caminhos e, por meio da reflexão, foi possível constatar que o fazer mediação de leitura comporta muitas possibilidades e formas, dentro do que cada contexto apresenta. Porém, o objetivo em comum a todas essas práticas é a possibilidade de aproximação entre livros e leitoras ou leitores.

Todavia, a partir do que a pesquisa trouxe, vale refletir que essa aproximação não autoriza uma aceitação acrítica ou isenta de pressupostos ideológicos (ENGELS; MARX, 2005; BAKHTIN, 2018) por parte dos mediadores sobre a sua atuação, por isso é necessário refletir sobre o próprio fazer.

Logo, eu me arrisquei e risquei ideias sobre os espaços onde eu realizava mediação de leitura, isto é, as indústrias e empresas, sobre como um mediador de leitura pode ser tecido pelas experiências e por suas dúvidas. Nesse contexto, refleti sobre o silêncio, e sobre a

importância do diálogo e da escuta como elementos essenciais para a curadoria de um acervo, sobre corpos imantados de saberes e sobre o que pode a palavra. Dentro dessa caminhada autoetnográfica ou mediação do acontecido (de mim e dos outros), fiz mediação em uma junção com a “palavra-mundo” (FREIRE, 2011a) e todas essas costuras foram realizadas com uma linha chamada risco:

Risco de não dizer, de dizer mais, de dizer torto, de dizer o que não se queria dizer. Risco de se expor e se mostrar sem volta, sem chance de se esconder novamente. Risco de encontrar o que era mais bonito no que se viveu e nem se tinha percebido. Risco de descobrir um problema que poderia e não foi solucionado. Risco de descobrir um sentido. Ou vários para o que se realizou. Risco de ensinar algo e aprender de novo com ele. (CHRISTOV, 2012, p. 170).

Durante esse narrar, foi possível verificar que as mediações dentro das indústrias e empresas irradiavam saberes em todas as direções e os acontecimentos dessas irradiações eram imprevisíveis, sem fim, especialmente quando encontravam os corpos interagentes das leitoras e dos leitores nesses atos, situações e experiências que podem ser interpretadas a partir do corpo pedagógico, poético, ético e político de Exu:

Ninguém conhece os caminhos de Exu. Ninguém jamais o conhecerá. Ele é o mistério que vive na superfície das coisas. Ele é a própria *cultura do simulacro*,¹⁶⁵ o mestre da simulação. O dissimulado que tem prazer em provocar discórdia. A ambiguidade de Exu disfarça uma característica marcante desse orixá. [...] Ele anda em todas as direções no mesmo instante. (OLIVEIRA, 2005, p. 322).

Por isso, na trajetória da pesquisa pude refletir como um mediador ou mediadora de leitura pode ser/ter um corpo/*corpus* político, poético, ético, transgressor no local onde são realizadas as mediações. O profissional pode ser um corpo dançante, flexível e resistente, um corpo que debocha por meio das palavras, brinca com as palavras e faz da palavra semente de encanto, assim como Exu dentro de um terreiro de candomblé. Por meio das experiências vividas, entendo que o corpo desse mediador ou mediadora deve ser um espaço de invenção, “terreiro”-território que acolhe as divergências e as tensões que podem ser despertadas através das palavras.

¹⁶⁵ A ideia de simulacro trabalhada pelo filósofo Eduardo Davi de Oliveira (2005) pode ser pensada dentro das inversões, dúvidas e confusões geradas pelas peripécias de Exu, ou seja, sempre colocar os seres humanos em situações que só a partir do pensar/agir ou não agir em determinadas situações é possível “sair”, caminhar ou escolher o que se deseja/deve ser feito. Ou ainda, será que o que presencio/vivo se apresenta como “real” ou desejo acreditar que é “verdade” para não ter que encarar o conflito, o diálogo ou abandonar o que vivo? Dito isso, Exu confunde para a reflexão, para o dinamismo da vida-viver.

Logo, o que pode a palavra? A palavra possibilita uma série de construções sensíveis, assim como:

A literatura pode ser um caminho para (re)construirmos uma imagem justa sobre nós, para substituímos os “vidros de distorções” que nos acusam de não atendermos aos padrões de beleza. Pode ser um caminho para disseminarmos o direito à diversidade, o direito de gostar mais de nós mesmos(a)s. De um lado, temos trabalhado com a literatura universal, patrimônio da humanidade, aquela referenciada pelos cânones literários, uma vez saída das mãos intelectualizadas, mas de outro lado, também incluímos em nossa formação a literatura nascida de “mãos calejadas” e que tem como personagens pessoas e elementos representativos da diversidade do país. (GOMES; MAYER, 2021, p. 36).

A partir do pensamento de Luciana Gomes – mediadora de leitura e integrante da Coletiva Fiandeiras, que promove ações de sensibilização literária e culturais em duas favelas na capital de São Paulo, no caso, Real Parque e Jardim Panorama –, de Bel Santos Mayer e das considerações que essa escrita trouxe, pode-se pensar em como a palavra-linguagem é importante para o desenvolvimento das identidades múltiplas, diversas, mesmo quando a pessoa não está presente ou inserida no processo de mediação, mas que, posteriormente, é atravessada pelo saber do espaço da mediação. Também é possível pensar nos locais onde as mediações são realizadas como terras férteis para o florescimento de ideias, de ressignificação de sentidos sobre determinadas questões e até mesmo de encanto-encantamento, elementos que mobilizam a vida-viver.

Trago como exemplo do apontamento do parágrafo anterior o caso da filha da operária que levou o livro sobre educação sexual. A adolescente não estava envolvida diretamente, mas parte de sua identidade pode ter sido formada por aquelas informações, assim como a alteração da percepção da mãe sobre o acesso à informação como um meio de emancipação para questionar e refletir sobre o que pensa.

Assim como em um terreiro de candomblé, as mediações realizadas dentro das empresas e indústrias permitiam uma ligação/relação cuidadosa com a palavra e, com isso, apresentava e possibilitava outras maneiras de estar no mundo, dentro de uma relação de cuidado com o/a outro/a e com o gesto de dizer e escutar a palavra.

A partir dessa questão, pode-se refletir sobre como o espaço-tempo-vivência humana no dia a dia foi se distanciando da matéria original da palavra na sua origem: o dinamismo desenfreado do cotidiano e esse ausentar-se da escuta e da fala fizeram com que os falantes não prestassem atenção no sentido original das palavras, e o entendimento, o diálogo e a troca foram se apagando da nossa memória com o tempo. Usamos as palavras, mas não interrogamos com cuidado, sentindo e aprendendo seu sabor antes de qualquer coisa (BORDELOIS, 2003).

O espaço onde as mediações eram realizadas se constituíam como local de recuperação (cola-sutura) do elo perdido-apagado-esquecido da linguagem afetiva, ou seja, da recuperação de uma sabedoria comunitária, da vivência. Na linha de produção de uma indústria, a atenção estava voltada para a máquina, para a velocidade, para gerar riquezas para o patrão ou patroa, para o sistema do capital: exploração e venda do tempo-vida.

A mediação de leitura, muitas vezes, alterava o curso do rio desse automatismo desenfreado da vida e do labor. Por alguns instantes, isso ocorria com a semeadura da sensibilidade para com a palavra escrita ou falada, e com os diálogos e suas trocas de histórias e saberes entre os/as interagentes da mediação em contato com os livros que estavam expostos sobre as mesas ou que eram mediados.

Nesse ponto, chamo a atenção para a necessidade de voltarmos a pensar a palavra dentro dos processos de mediação de leitura, nas nossas vidas e nas nossas práticas educativas, não simplesmente por meio da emissão de palavras, mas através do pensamento sobre a palavra. Deve-se considerar o efeito provocado nos corpos pela palavra falada e quais palavras empregamos para enunciar saberes ou criar imagens sobre determinadas situações, operações que são realizadas e percebidas no dizer a palavra em um terreiro de candomblé:

[...] eu sei que não é a língua [...] que me fere, mas o que os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar (hooks, 2008, p. 858).

Deve-se atentar, também, para a reflexão sobre o que revelam as palavras dos acervos que mediamos e ofertamos para as leitoras e os leitores. Com isso, é necessário descolonizar a linguagem, descolonizar o acervo e os saberes imantados nos nossos corpos e nas práticas de mediação, porém:

[...] descolonizar não se refere ao exercício ingênuo de abandono das epistemologias do norte hegemônico, mas exercício gradativo de reinvenção e revisão crítica quebrando as insularidades das histórias e realidades de produção de conhecimento. [...] O colonialismo, como espaço de poder, linguagem e instituição, inscreveu suas regras. A inteligência ocidental e suas epistemologias pautaram as estruturas de poder, entre elas a educação. Daí perguntamos: quais são as bases teóricas de nossa produção de conhecimento, por onde circulam nossas teorias, quais são nossas referências? (SILVA, 2018, p. 45).

Os pesquisadores Jesús Martín-Barbero e Gemma Lluch (2011) analisaram projetos de leituras em diversos países, como Argentina, Brasil, Colômbia, Chile, Espanha, México e

Portugal. Com esse trabalho, chegaram a dois conceitos para definir o âmbito de atuação de projetos de leitura e escrita: as experiências e as atividades.

Para os autores, as experiências de leitura acontecem quando há continuidade e constância, quando levam em consideração os saberes e a cultura das pessoas envolvidas, e quando existe uma relação entre as ações realizadas com o território. Além disso, do encontro entre mediadoras/mediadores e leitoras/leitores, existe a partilha de saberes e experiências. As atividades, por outro lado, podem ser definidas como ações isoladas e sem ligação entre si, como o dia do livro ou um encontro na biblioteca. Ademais, ocorrem em um curto espaço de tempo e não há continuidade temporal para desencadear outras ações.

Diante desses dois conceitos, é possível afirmar que durante os dois anos em que atuei como mediador de leitura dentro de empresas e indústrias transitei entre esses dois universos, ou seja, atuei no fomento de experiências e na realização de atividades. Entretanto, estes foram trânsitos conflituos, tensos, e muitas vezes questionei sobre o que estava fazendo. Em muitas situações cheguei a questionar a qualidade, a potência e a poética do meu trabalho como mediador. Assim, questionava a direção do projeto sobre os números excessivos de empresas que deveriam ser atendidas, uma vez que seria mais difícil fomentar experiências leitoras. A resposta para o meu questionamento foi que a não diminuição do número de indústrias e empresas envolvia uma questão de indicadores e metas que deveriam ser atingidos pela instituição.

As instituições nas quais havia sido criada uma real experiência leitora podem ser exemplificadas pelos seguintes apontamentos: eram locais em que havia um/a Agente de Leitura/mediador/a engajado/a com o livro e com a leitura, onde essa pessoa era parceiro/a nas ações de mediação e onde as visitas frequentes indicavam uma continuidade das reverberações ocorridas durante a mediação realizada por mim, dentre outras questões e situações.

Dizer que algumas mediações podem ser pensadas como atividades fundamenta-se na análise da não abertura ou engajamento por parte das indústrias e empresas em relação à leitura e quando a troca do acervo apenas seguia uma formalidade estabelecida pelo contrato, ou seja, que precisava ser realizada. Outras demandas trabalhistas realizadas por mim dentro da instituição na qual eu trabalhava, como produção de eventos, participação em reuniões ou outras atividades internas também impediam que o trabalho dentro das indústrias e empresas ocorresse com constância. Nessas situações, a prioridade dada para a chefia estava relacionada às situações internas da instituição e não ao atendimento às empresas e indústrias.

A partir do trabalho realizado nestes locais, entendi que o ato e a sensibilização para leitura de diversos gêneros e de obras literárias via mediação de leitura não acontece com poucos encontros. Percebia que quanto mais mediações e retornos eram realizados em algumas empresas e indústrias, o resultado dessa sensibilização possibilitava um processo de formação dos operários e operárias para o possível contato com os livros e com a leitura.

O resultado desse processo de formação e sensibilização verificou-se em questões como procura, facilidade e incentivo ao empréstimo de livros; no número significativo de obras retiradas; solicitações de livros (e até mesmo troca do acervo); nas ligações afetivas e conhecimentos das histórias das leitoras e dos leitores, o que trouxe um conhecimento do “DNA” do acervo e dos desejos de leitura desses/as trabalhadores/as. Além disso, ressaltam-se as trocas de impressões e devolutivas que leitores ou leitoras forneciam sobre as obras lidas do acervo.

Nas indústrias e empresas desprovidas desse trabalho educativo constante, o processo era sempre um recomeço e não havia “resultado”, ou seja, o projeto não tinha adesão ou engajamento por parte dos trabalhadores, os empréstimos não eram feitos e, assim, não era possível criar laços afetivos ou mesmo conhecer e fazer uma leitura aprofundada sobre o espaço da mediação.

Enfim, trabalhar com mediação de leitura envolve diversos aspectos: a afetividade que costura todos os atos educativos, as estratégias para o que deve ser feito, a avaliação do que é realizado, a constância de ações e a proximidade com o público para o qual as mediações são realizadas. Estas ações são primordiais para criar experiências leitoras (MARTÍN-BARBERO; LLUCH, 2011).

Nesse ponto, há um detalhe que deve ser pensado quando se aborda educação, arte e cultura: os números. Em outras palavras, quantidade não é sinônimo de bom funcionamento em algumas situações, e os números podem mascarar problemas que não estão sendo pensados ou que estão colocando em risco e prejudicando o desenvolvimento das atividades, a saúde do mediador/educador e até mesmo as ações que, quando bem desenvolvidas, podem articular outras atividades no território onde a mediação é realizada.

Todavia, vale destacar a importância do projeto no que tange à descentralização e democratização por meio de ações feitas dentro de indústrias e empresas e, em grande parte, para pessoas que têm pouco contato com a leitura-livros em decorrência da renda social ou pela falta de relacionamento com o livro e a leitura.

O meu trabalho como mediador de leitura era realizado dentro de um contexto de pequenas, médias e grandes indústrias e empresas. Nesses locais, a leitura de poesia foi a solução encontrada diante do pouco tempo que os trabalhadores/as tinham após almoçarem. Nessas mediações, além de livros, eu lia os sinais presentes nos corpos das leitoras ou leitores, que se mostravam apressados, às vezes. Porém, haviam outros repousados na calmaria, e estes escutavam e dialogavam tranquilamente sobre a obra mediada.

Talvez a diferença de uma mediação realizada em espaços associados a processos de ensino-aprendizagem – como museus, instituições culturais ou bibliotecas escolares – é que no contexto onde eu realizava as mediações, as pessoas não esperavam encontrar livros ou a leitura de poesia em seus locais de trabalho, logo, elas tinham a liberdade de participar ou não das mediações.

Outra questão é que os encontros dentro das indústrias e empresas com os trabalhadores foram essenciais para a curadoria do acervo a ser levado e mediado nessas instituições. O diálogo e a escuta atenta da fala dos operários e operárias foi o segredo para descobrir o que desejavam ou não ler. O escutar no espaço da mediação, muitas vezes, envolvia ouvir os ditos que estavam sub-ditos nas entrelinhas das falas, nas frases entrecortadas e não terminadas.

Por isso, era preciso praticar a pedagogia de Exu com a palavra e com a escuta para pescar sentidos dentro desse não dizer. Para isso, nas “encruzilhadas”, ou seja, nas portas dos refeitórios, eu escutava e também bordava palavras orais e mediava as escritas, feitas com linhas e caminhos de sentidos criados pelos diálogos gerados pelos livros e pelas histórias de vida dos leitores e leitoras, assim como pelas minhas histórias.

E o que estava implícito na retirada de livros por esses leitores ou leitoras? Havia um gesto de escolha por vontade própria ou por indicação feita por mim, diante do que eles apontavam que gostariam de ler ou pelos assuntos que os interessavam. Pode-se pensar que nessas escolhas havia um dispêndio de usar e preencher o tempo pós-trabalho de uma outra maneira, que não a televisão, as redes sociais, as conversas familiares ou outras distrações, ou seja, nesse gesto havia um ato de isolar-se do mundo pela leitura, um tempo dedicado/voltado para si.

Diante dessa questão, trago Ecléa Bosi e sua análise sobre a leitura de operárias de uma fábrica na cidade de São Paulo, na década de 1970, e os motivos de suas escolhas por livros, jornais ou um romance. Para a pensadora (2000, p. 95), havia no ato e na representação dessas trabalhadoras que escolhem um meio escrito para se informar “[...] um gesto mais vigoroso, de

maior empenho pessoal” que a recepção “passiva” de outros meios de comunicação, como, por exemplo, um programa de TV.

A partir das falas dos operários e operárias que escutei ao longo de dois anos durante as mediações nas indústrias e empresas e do cruzamento dessas falas com as impressões de outras mediadoras/es do projeto, avalio que algumas ações, dizeres, gestos, histórias e outros acontecimentos acendiam uma palavra, ou seja, encanto: “[...] encantar é expressão que vem do latim *incantare*, o canto que enfeitiça, inebria, cria outros sentidos para o mundo.” (SIMAS; RUFINO, 2020, s/n).

Esse encanto também estava presente no meu corpo e, em certa medida, foi a poética que guiou os olhares, as dúvidas, os sentidos, os questionamentos e as procuras dentro dessa escrita-pesquisa. Desse modo, abro uma encruzilhada-proposta de caminhos e risco um ponto-definição para pensar a mediação de leitura a partir do encantamento.

Durante as mediações era plausível perceber as possibilidades poéticas suscitadas pelas palavras, pelos saberes dos livros e pelas falas dos interagentes da mediação. Observei como essas poéticas entrecruzadas reavivavam os corpos/falas para a vida por meio do saber, da poesia, da sensibilidade e da imaginação, das relações entre a realidade vivida e o que diziam os livros e até mesmo dos distanciamentos das leitoras e dos leitores das histórias que os livros traziam, como uma espécie de não aceitação de outras narrativas presentes no mundo.

Esses cruzamentos entre os diversos saberes operados durante as mediações ocorriam pela junção entre vida, palavra e livros, entre livros, palavra e vida e entre a palavra e os corpos. Assim como nos terreiros de candomblé, não ocorria uma dissociação da palavra e do corpo. Esse processo dialógico causado pela mediação de leitura pode ser refletido como o de corpos carregados de sentidos ou corpos-livros imaginativos ao:

Produzir e ler o mundo como “parábola”, pertencer-lhe de imediato ao se lhe reunir – segundo actos e atitudes psíquicas que o afirmam, o sonham e pesquisam, no eixo dos votos, angústias e sonhos “humanos” – instituí-lo como “livro” que fala, nos fala e fala de nós, eis algumas operações radicais do homem imaginativo. (DUBORGEL, 1996, p. 291).

Dentro das indústrias e empresas, vi corpos que estavam “adormecidos” que, sob o contato com a palavra, eram tomados por um encantamento e se abriam para outras possibilidades de existir por alguns minutos no espaço onde acontecia a mediação de leitura. Essas aberturas poéticas via livros-palavras permitiam outros estabelecimentos de relações sensíveis com a vida e outras movimentações corporais via leitura.

Os livros e a mediação permitiam outras revelações do dizer, outros dizeres sobre o já dito, o revelar/acordar histórias esquecidas pelas leitoras e pelos leitores. Ademais, permitia o reavivamento de poemas guardados, recitados em determinadas situações para alguém que o leitor ou leitora amou no passado e que eram “desenterrados” pelo livro mediado. Ali, estes textos ganhavam vida ao serem ditos novamente pelo/a leitor/a, por isso:

No fundo, o que o livro sugere e assegura é que ler é um ato da sensibilidade complexa da pessoa e, portanto, o que de verdade educa a leitura, mais que improváveis valores transcendentais, é a sensibilidade artística de cada pessoa, sem a qual, o ser humano expõe demais a sua mediocridade e, possivelmente, sua falta de ética. (MORENO, 2003, p. 2, tradução nossa)¹⁶⁶.

A partir da palavra encanto, trago uma proposta de abordagem ou criação de uma poética ou “Mediação de leitura para o encanto” via palavra, via acervo, pelo corpo poético, político e ético de um mediador ou de uma mediadora de leitura e pelos corpos dos leitores e leitoras, pelo aceite e inserção dos encantos e histórias presentes nos corpos de quem interage-participa/gesta a mediação junto ao mediador/a ou pelos sentidos que as leitoras e os leitores inserem durante a mediação.

A conceituação e as bases desse encantamento são as sabedorias presentes dentro dos terreiros de candomblé via palavra, pelo corpo/*corpus* de Exu e pelas suas peripécias de menino-cavaleiro elegante e andante que constrói e costura palavras com a linha da fantasia e da imaginação. Nas macumbas brasileiras, o encanto tem o objetivo de reavivar sabedorias e corpos, pois como poetizam Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, “o contrário da vida não é a morte, mas o desencanto.” (2019, p. 18).

Antes de seguir caminho, é interessante pensar que nessa proposta de “Mediação de leitura para o encanto”, além da beleza e da poesia, da leveza e do descanso, também estão presentes a crítica, as dúvidas, a provocação, o deslocamento, as incertezas, os silêncios e as certezas. Todas essas questões e ações possibilitam a gestação de diálogos plurais (falar, pensar e dialogar **com** e nunca **para**) e não monológicos via palavra como uma recriação do instante, do já acontecido ou de um tempo vindouro, sempre em processo de passado diante do instante presente do acontecimento.

¹⁶⁶ No original: “En el fondo, lo que el libro sugere y afirma es que leer es un acto de la sensibilidade compleja del individuo y, por tanto, lo que de verdade educa la lectura, más que improbables valores transcendentales, es la sensibilidad artística de cada persona, sin la cual, el ser humano deja demasiado al descubierto su mediocridad y, posiblemente, su falta de ética.” (MORENO, 2003, p. 2).

Ao pensar o encantamento, o filósofo Eduardo David de Oliveira traz a importância de considerá-lo uma forma de recriação, de comprometimento com a realidade e a sua concretização ocorre por meio de atitudes:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já-dado. O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina; ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento. Como tal, o encantamento é uma atitude diante do mundo. (OLIVEIRA, 2005, p. 239).

Dentro das indústrias e empresas, embora as mediações suscitassem momentos de leveza, beleza e aproximação com os livros e com a leitura, diante da pesada rotina de trabalho, também abriam outras brechas para a percepção da realidade. A “Mediação de leitura para o encanto”, além de possibilitar a possível aproximação entre livros e leitoras ou leitores, tem como proposta poética pensar a vida via palavra, o território onde habitamos, trabalhamos e como tecemos relações e a nossa interação ou não interação com esses locais.

A mediação para o encantamento também traz como proposta pensar os corpos e as violências físicas e simbólicas que, muitas vezes, os corpos-territórios (MIRANDA, 2020) sofrem. Trata-se de pensar a mediação da palavra-livro como uma possibilidade de sentir, produzir e viver a poesia dentro das relações cotidianas.

Uma das questões que o estudo trouxe foi: é impossível mediar sem pensar que as ações e as escolhas de um mediador ou mediadora de leitura não estão isentas de responsabilidades políticas e éticas ou sem inserir a realidade social – que está “fora”, mas também dentro do espaço de mediação –, as violências, a fome, as dores, o amor e outras questões que constituem e estão pulsando na cabeça do leitor ou de um mediador ou mediadora.

É possível ler somente as palavras, sem levar em consideração o contexto e o texto dentro desse contexto? Como as questões sociais de um país que foi colonizado “respingam” nos gestos e nos atos educativos de um mediador de leitura? Em outras palavras, de que forma emitimos e lemos a palavra e os problemas, as não-perguntas, faltas de respostas e soluções trazidos por ela? Mais do que isso, de que maneira escutamos e falamos a “palavramundo”, como reflete Paulo Freire (2011a), dentro dos processos de mediação de leitura?

De que forma acolhemos ou dizemos o mundo-palavra em nossos processos educativos de-para a vida e atuação no mundo no que tange ao pensar o passado, o agora e um desejo de projeto de futuridade presente? Como reflete Paulo Freire (2014c, p. 135):

Não há possibilidade de pensarmos o amanhã, mais próximo ou mais remoto, sem que nos achemos em processo permanente de “emersão” do hoje, “molhados” do tempo que vivemos, tocados por seus desafios, instigados por seus problemas, inseguros ante a insensatez que anuncia desastres, tomados de justa raiva em face de injustiças profundas que expressam, em níveis que causam assombro, a capacidade humana de transgressão da ética.

O poeta e ensaísta Alberto Pucheu (2020a, p. 159) avalia que uma das constantes na história brasileira é o silenciamento, a “[...] exclusão como estratégia de domínio colonial – com consequências drásticas em nosso tempo [...]”. Esse domínio está e se faz presente nos nossos corpos, nos pensamentos, nas palavras e, muitas vezes, nos saberes que professamos, nas nossas práticas educativas, culturais e cotidianas, seja no seio familiar e na comunidade em que vivemos, seja em nosso trabalho. Entretanto, alguns gritos de rebeldia irrompem esse “muro” de silenciamento em uma espécie de “Pedagogia do Grito” e emitem uma nova “aposta ética”, poética e política que visa a construção de um outro presente.

Sabe-se que a violência tem uma língua própria que emudece corpos, silencia, dizima e asfixia belezas e saberes. Essa violência está presente na sociedade brasileira de:

[...] todos os modos, da colonização ao neoliberalismo: pela diáspora, pela escravidão, pela tortura, pelo aniquilamento das línguas, pelo estupro, pela interdição à sacralidade, pela perseguição cultural, pelas condições de moradia, pelo negrocídio, pelo tráfico, pelo subemprego, pelo desemprego, pela miséria, enfim, pelo Estado que “vai mirar na cabecinha e... fogo. (PUCHEU, 2020b, s/n).

Nesse sentido, trago o orixá Exu para “riscar” um ponto pedagógico e antipedagógico para um ato deseducativo dentro da mediação de leitura no intuito de pensar algumas questões apontadas anteriormente ou até mesmo para a seguinte reflexão: Como manter o encantamento de corpos diante de tamanha violência? Talvez o orixá provocasse com a seguinte afirmação:

O encantamento como uma capacidade de transitar nas inúmeras voltas do tempo, invocar espiritualidades de batalha e de cura, primar por uma política e educação de base comunitária entre todos os seres e ancestrais, inscrever o cotidiano como rito de leitura e escrita em diferentes sistemas poéticos e primar pela inteligibilidade dos ciclos é luta frente ao paradigma de desencanto instalado aqui. Ou seja, o encante é fundamento político que confronta as limitações da chamada consciência das mentalidades ocidentalizadas. (SIMAS; RUFINO, 2020, s/n).

Diante dessa realidade, o encantamento seria possível somente para os corpos que adentrassem um território sensível e diverso. Por meio desse habitar dos corpos-sentidos, seria viável a desestabilização de padrões e repetições de hábitos-ideias que não refletem o “real”, mas que mascaram o que deve ser pensado, questionado, alterado, confrontado, poetizado e encantado para outra proposta de projeto poético do viver, estar e experienciar, sempre dentro

de um dinamismo/princípio de transformação que pode ser pensado e ensinado pela Cosmologia africana dos bantu-kongo: “[...] Eu estou indo-e-voltando-sendo em torno do centro das forças vitais. Eu sou porque fui e re-fui antes, de tal modo que eu serei e re-serei novamente.”¹⁶⁷

Em outras palavras, esse encantamento seria possível somente diante de um corpo encantado que encanta outros corpos, que multiplica o encantamento via palavra-gestos, assim como o encanto/axé presentes nos terreiros.

Nessa definição de uma “Mediação de Leitura para o encanto”, chamo a atenção para uma atuação política, poética, ética e estética de um mediador de leitura. Para isso, o ponto de partida é o conceito que tinha como proposta nas mediações realizadas dentro das indústrias e empresas e na instituição na qual trabalhava: transformar a atuação do corpo em um ato-manifesto de existir-resistir no seu lugar de ação, fazer da mediação um ato político de estar, olhar, sentir, provocar, coreografar movimentos via leitura, dialogar, silenciar, poetizar e rasurar: um corpo político em defesa do sensível e da vida, um corpo banhado nos *corpus*-saberes de Exu-brincante, um corpo quilombo-terreiro (NASCIMENTO, 2021).

Dentro desse propósito, seria preciso levar em consideração três aspectos para a defesa da vida em sua diversidade (RUFINO, 2019): primeiramente, o *político*, para se pensar a luta contra o racismo antinegro e a transgressão de traços coloniais na sociedade. Acrescento, ainda, a defesa contra todas as formas de violência: contra mulheres, pessoas trans, crianças, idosos e LGBTQIA+, contra o racismo religioso, dentre muitas outras formas de desencantamento. O segundo aspecto seria o *poético*, relacionado à reverência e à constituição de olhares mais atentos a outras contribuições sociais e culturais subalternizadas no processo de formação histórica do Brasil; e, por fim, o aspecto *ético*, para se pensar a invenção de novos seres a partir de processos educativos, ou seja, questão que só é viável por meio da junção entre vida, arte e conhecimento.

Sob os três pilares do *político*, *poético* e *ético*, essa defesa da vida via mediação de leitura é pensada e refletida a partir dos dinamismos proporcionados pelo saber e pelo conhecimento, com Exu como guia-mediador desses processos:

O conhecimento é um caminho que é feito ao caminhar passo a passo em qualquer lugar onde se pensa educação como processo vinculado à dinâmica da vida. É um caos que se organiza sem nenhuma oportunidade de se tornar prescritivo, autoritário, automático, centrado nas certezas ou em verdades absolutas. (MACHADO, 2019, p. 23)

¹⁶⁷ Tradução realizada por Tiganá Santana. Texto original: “[...] Mono i kadi kia dingo-ding (kwènda-vutukisa) kinzungidila ye didi dia ngolo zanzingila. Ngiena, kadi yateka kala ye kalulula ye ngina vutuka kala ye kalulula.” (Kimwandende Kia Bunseki Fu-Kiau, 2001; apud SANTOS, 2019, p. 14).”

A proposta da “Mediação de leitura para o encanto” envolve pensá-la a partir do conceito de encruzilhada, pois ela permite a possibilidade de trilhar outras “estradas e caminhos” e, com isso, entrar em bifurcações, alterar rotas de pensamento, encontrar picadas e entrar noutras passagens através do conhecimento e pelo saber, como demonstrado ao longo dessa pesquisa.

O mediador Exu vive nas encruzilhadas e ele tem as palavras e o corpo como espaço de criação e invenção. Os mediadores e mediadoras também fazem das palavras escritas e faladas territórios inventivos e colocam quem faz mediação com ele/ela em uma encruzilhada semântica. Nesse aspecto, chamo a atenção para o cuidar-cuidado com as palavras, pois:

Só o encantamento pelo verbo é capaz de dotar a folha de seus atributos de cura. A ausência da palavra não potencializa a folha. A utilização da palavra errada transforma em veneno o que poderia ser o bálsamo. (SIMAS, 2013, p. 52)¹⁶⁸.

Mediar é entrar em encruzilhadas de sentidos e seguir caminhando por “estradas feitas de palavras”. Todavia, essa caminhada-processo é um andar rumo ao desconhecido ou direção. Com isso, em cada mediação-caminho percorrido existe a possibilidade de “encontrar”-assombrar-se com um acontecimento que pode surgir a partir dos diálogos com quem faz mediação junto ao mediador, do espanto com a palavra ou de algo ainda não percebido dentro das páginas dos livros, dos sustos com a vida da leitora ou do leitor ou do espanto desse interagente com o que é falado durante a mediação de leitura.

Esse caminhar rumo ao desconhecido por meio da linguagem também está presente no ato da leitura, como reflete Carlos Skliar (2019, p. 17, tradução nossa):

Porém ler não é conhecer, mas sim, perceber, entrar na desobediência da linguagem, e provavelmente pensar.
Perceber, mergulhar-se na linguagem e pensar a partir do anúncio de um abismo.
Perceber, entrar na linguagem e pensar como desejar: a boca treme. Perceber, fazer-se de linguagem e pensar como um ser frágil: o sentir vem primeiro¹⁶⁹.

¹⁶⁸ A fala de Simas é baseada no Itán sobre Ossain. O orixá Ossain vive nas florestas e recebeu o poder de Olódumaré de conhecer o mistério das folhas. Com isso, Ossain possui sabedoria para conhecer todos os vegetais, ou seja, ele sabe quais as plantas que curam e matam. Certo dia, Iansã, muito curiosa, derrubou com a sua ventania a cabaça onde Ossain guardava algumas folhas. Com a ventania, as folhas se espalharam pela floresta e com isso os outros orixás muito curiosos pegaram as folhas, ou seja, as folhas seriam a partir daquele momento suas. Porém, o orixá Ossain conclui que não valeria a pena tamanho esforço dos outros orixás, pois para imantar a folha de poder de cura era necessário conhecer a palavra certa a ser dita e só ele possuía essa sabedoria.

¹⁶⁹ No original: “Pero leer no es conocer, sino percibir, adentrarse en la desobediencia del lenguaje, y quizá pensar. Percibir, adentrarse en el lenguaje y pensar, a partir del anuncio de un abismo. Percibir, entrar al lenguaje y pensar como desejar: la boca tiembla. Percibir, hacerse lenguaje y pensar como fragilidad: el sentir es primero.”

Algumas das questões que trago para conceituar o termo “Mediação de leitura para o encanto” são feitas a partir das observações sobre os encontros com os operários e operárias. Esses trabalhadores reclamavam do trabalho que esgotava o corpo e a mente na execução do labor, do corpo que doía e levava a cabeça-pensamento para longe de onde aquela pessoa estava, de forma que o pensamento se tornava uma espécie de fuga do espaço que “aprisionava” os corpos.

No “chão de fábrica”, pela configuração de controle (FOUCAULT, 1999) dos corpos usados/educados para produzir (KUENZER, 1986), os saberes e sensibilidades dos operários e operárias eram limitados ou “silenciados” pelo contexto. Logo, a mediação de leitura era um meio de incentivar e florescer a sensibilidade, o dizer a palavra e o reconhecimento da potência das histórias individuais de cada pessoa em determinados momentos da mediação, questões que podem ser pensadas dentro da busca da autonomia e emancipação freiriana (2011b).

Sendo assim, a “Mediação de leitura para o encanto” tem como proposta provocar os sentidos e mobilizar o corpo para a percepção de suas potencialidades e experiências-belezas, o corpo para o descanso-gozo, o corpo-encruzilhada imerso e solto no mundo, provocando e sendo instigado como um barco em pleno mar orientado pelos ventos da experiência.

Para essa sensibilização, é preciso reinserir os corpos e os saberes presentes nos corpos das leitoras e dos leitores e dos mediadores e mediadoras nesse processo de mediação. Portanto, se um livro é um corpo de sentidos, o corpo humano também é habitado por uma geografia sensível de histórias e sensações. Dessa forma, no momento da leitura, esses dois corpos estabelecem relações (LITTAU, 2008), trocam sentidos e, assim, o corpo humano é sensibilizado nesse contato com o livro:

Na polissemia da palavra *sentido* talvez esteja toda a complexidade do processo de mediação. Convocamos todos os sentidos do fruidor. Buscamos a amplidão de sentidos dados às obras. Abordamos os sentidos que as várias direções culturais podem filtrar. Instigamos encontros e novos sentidos [...]. (MARTINS, 2012, p. 19).

A proposta da mediação para o encanto também pensa no descanso do corpo, no corpo dos leitores e das leitoras “ninado” pelas palavras para que ele sonhe, descanse e habite a imaginação:

A experiência da leitura acontece em espaços concretos, como também em espaços subjetivos. [...] Ocorre no nosso espaço-imaginário e no nosso espaço-corpo. Daí a importância de reconhecer o leitor, reconhecer que tem um corpo; colocar o corpo no

centro, pensar em outras formas de leitura que envolvam quem lê, como o faz, e a partir de onde o faz. (ADAME, 2021, s/n, tradução nossa)¹⁷⁰.

Nos terreiros de candomblé, o corpo não é dissociado da mente, o corpo é a mente e a mente é o corpo: corpos/*corpus* livro. É um corpo-portal (MARTINS, 2002), corpo-passagem, corpo-memória, corpo-mediador e mediado. Logo, podemos pensar tanto o corpo humano quanto o corpo do livro:

Antes de mais, o corpo é chão. Mais que território da experiência, o corpo é o território da cultura. É nele que se movimenta o tempo da ancestralidade (*Corpo Ancestral*) e dele emerge uma *Ética do Corpo*. O corpo é uma singularidade e uma estrutura ao mesmo tempo. Aqui o corpo não é pensado. Tudo é pensado através do corpo. Há uma filosofia do corpo por assim dizer. Uma filosofia que por ser corpo comporta-se como ética. A ética é um modo de educação dos corpos. Autonomia do corpo. (OLIVEIRA, 2005, p. 318).

Ao passarem por diversos lugares na sociedade, os corpos intercambiam saberes ao longo da vida e são afetados por saberes desses territórios, seja na família, na escola, no trabalho, seja no contato com os meios de comunicação ou com as diversas manifestações culturais e sociais presentes nesses lugares. Em suma, pode-se pensar que esses corpos são feitos e refeitos de sensibilidades, de violências e de muitas histórias.

Durante as mediações dentro das indústrias e empresas, essas questões eram sentidas por mim e surgiam com frequência nas falas dos/das interagentes. Com isso, era necessária uma ação mediadora comprometida com o presente, com o passado e com os acontecimentos que essas falas versavam, isto é, uma ação mediadora dialógica e espiralar, em que o presente, o passado e o futuro do instante – não necessariamente nessa ordem – se encontravam, imbricavam e se misturavam para pensar o agora que estava sendo narrado.

Os corpos das leitoras e dos leitores eram um corpo-texto e revelavam uma linguagem:

O Corpo é o peso sentido na experiência que faço dos textos. Meu corpo é a materialização daquilo que me é próprio, realidade vivida e que determina minha relação com o mundo. Dotado de uma significação incomparável, ele existe à imagem de meu ser: e ele que vivo, possuo e sou para melhor e para pior. Conjunto de tecidos e de órgãos, suporte da vida psíquica, sofrendo também as pressões do social, do institucional, do jurídico, os quais, sem dúvida pervertem nele seu impulso primeiro. Eu me esforço, menos para apreendê-lo do que para escutá-lo, no nível do texto, da percepção cotidiana, ao som dos seus apetites, de suas penas e alegrias: contração e descontração dos músculos; tensões e relaxamentos internos, sensações de vazio, de pleno, de urgência, mas também um ardor ou sua queda, o sentimento de uma ameaça ou, ao contrário, de segurança íntima, abertura ou dobra afetiva, opacidade ou

¹⁷⁰ No original: “La experiencia de la lectura sucede en espacios concretos, pero también en espacios subjetivos. [...]. Sucede en nuestro espacio-imaginario y en nuestro espacio-cuerpo. De ahí la importancia de reconocer al lector, reconocer que tiene un cuerpo; poner el cuerpo al centro, pensar otras formas de lectura que impliquen a quién lee, cómo lo hace, desde dónde lo hace.”

transparência, alegria ou pena providas de uma difusa representação de si próprio. (ZUMTHOR, 2018, p. 25).

Portanto, a “Mediação de leitura para o encanto” também tem como proposta provocar o tempo-corpo-existir que ousamos querer esconder dentro dos processos de mediação de leitura. Ao pensar essa mediação considerando a poética de Exu, o coração das palavras, a proposta sugere um mediar que nos convoque a refletir sobre as sutilezas do viver, de forma que não nos esqueçamos das nossas histórias/memórias que precisamos contar para que a outra pessoa saiba que existem e que nos constituem.

Essa ação-atuação propõe tirar os corpos-pessoas da anestesia oriunda das condições de trabalho e da exploração coordenada pelo capital (ANTUNES, 2004), da ideologia dos detentores do poder-determinadas classes (VOLÓCHINOV, 2018) via palavra e imagens. Para isso, o mediador deve atuar de forma política, poética e ética, ou seja, o corpo e o estar do mediador são uma espécie de ato-manifesto de existir-resistir no seu lugar de atuação ao fazer a escolha de um acervo ou ao conduzir a mediação, pois:

O contrário da estesia é a anestesia, a dessensibilização que traz a crise de nossos sentidos. Seu efeito em nós deixa marcas profundas no modo de compreender o mundo e nele agir. Se por um lado ficamos com fazer criativo rebaixado, agindo como meros executores de tarefas, por outro lado não baixamos mais os olhos para o lixo jogado no chão, o corpo morto estendido no chão.

Não é demais, portanto, repensar sobre o corpo e o saber sensível como base para o conhecimento nos processos educativos. (MARTINS; PICOSQUE, 2012, p. 37, grifo das autoras).

A “Mediação de leitura para o encanto” só é possível se for realizada e observada a partir da prática/experiência, ou seja, do fazer junto, com generosidade nos atos para com as leitoras e com os leitores. Ademais, ocorre através das escolhas conscientes de um acervo e nas contribuições operadas pelos e pelas leitoras durante a mediação. Com isso, a mediação de leitura não seria uma imposição de algo, uma obrigação ou a única forma válida de conhecimento via livros. Porém, ela deve ser pensada como mais uma possibilidade de experiência (LARROSA, 2019) para o encantamento perante a escassez causada pela colonialidade-vida:

Quanto menos se vive a vida, com mais intensidade se defende a literatura, já que ela foi convertida como substituta da vida. Em um mundo como o que vivemos agora, em que é tão difícil ser protagonista das próprias aventuras que quase nem existem mais, resulta como paradoxal que se façam defesas tão fundamentalistas - ou transcendentalistas - da literatura, apresentando-a como espaço privilegiado da

aventura ou como o grande complemento da vida. (MORENO, 2003, p. 12, tradução nossa)¹⁷¹.

Nas mediações realizadas dentro das indústrias e empresas, o ato de ler dialogava com a realidade do leitor ou da leitora, com os saberes presentes sob a pele de cada pessoa. Com isso, concluo que a leitura não era a única expressão de saber válida e exclusiva para conhecer o mundo, pois existiam saberes outros assentados nos corpos, nas palavras e suas sonoridades, nas gestualidades e nos silêncios.

Portanto, creio que não é possível pensar a mediação de leitura – ou até mesmo o texto que traz em sua raiz o sentido de tudo que pode ser tecido (MCKENZIE, 2018) – sem levar em consideração a potência da vida, da palavra ou da palavra encarnada nos corpos ou até mesmo as violências que os corpos sofrem.

Desse modo, chego ao ponto onde é necessário pensar na dessacralização da leitura, ou seja, no ato de não fazê-la uma “seita” para poucos ou para iniciados. É preciso evitar pensar o livro como um objeto de culto ao ego ou como um território-reino de egolatria. Nesse processo de dessacralização, deve-se considerar a relação entre livros, leitura e escrita, e como esses três assuntos se fizeram, fazem e estão presentes no processo de colonização em solo brasileiro e na instituição desses saberes como os únicos válidos para registro do conhecimento:

A primazia do letramento, e o consequente privilégio da escrita, introduzido, quer em África, quer nas Américas pelos colonizadores europeus, não apenas substituiu um modo de inscrição por outro. O domínio da escrita foi instrumental na tentativa de apagamento dos saberes considerados hereges e indesejáveis pelos europeus. Tornando exclusiva a escrita letrada como fonte de conhecimento, seu domínio se superpunha, negligenciava e tentava abolir outros sistemas e conteúdos, não considerados pelo colonizador saberes qualitativos, ou sequer um saber. Domínio de poucos, excluía, marginalizava, tornava alheio o que era antes familiar. [...]. A escrita alfabética se instalava como veículo instrumental de ostracismo, segregava, estigmatizava. Não era uma adição ou um suplemento, mas, sim, uma imposição, um recurso exclusivo de difusão, assim como os valores que disseminava, fossem eles sociais, religiosos, comportamentais e de visão de mundo. A civilização da escrita, do livro, se impunha, como se fora única, verdadeira e universal em seu desejo de dominação e hegemonia, refratária a qualquer diferença. E visava ao desaparecimento simbólico ou literal do outro, o seu apagamento. (MARTINS, 2021b, p. 34-35).

Na contramão da sacralização do livro e da leitura, creio que minha atuação dentro de indústrias e empresas exercitava o que Mempo Giardinelli (2010, p. 67) chama de “Pedagogia

¹⁷¹ No original “Cuanto menos se vive la vida, con más intensidad se defiende la literatura, ya que ésta se ha convertido en sucedáneo de aquélla. En un mundo como el que ahora vivimos, en el que es tan difícil ser protagonista de las propias aventuras, en donde éstas ya ni siquiera existen, resulta paradójico que se hagan defensas tan fundamentalistas – o transcendentalistas – de la literatura, presentándola como espacio privilegiado de la aventura o como el gran complemento de la vida.”

da Leitura”, ou seja, a busca de “semear a semente do desejo de ler e estimular todas as possíveis práticas de leitura.” Dentro das indústrias, o acervo não era composto apenas por obras literárias, mas elas coabitavam e dialogavam com diversos gêneros para atrair, incentivar, oportunizar o contato dos operários e operárias com a leitura e com os livros.

Nesse contato do público com os livros também estavam presentes os 10 direitos básicos do leitor, como define o escritor Daniel Pennac (1993, p. 7), questões que precisam ser parte dessa mediação para o encantamento:

1. O direito de não ler.
2. O direito de pular página.
3. O direito de não terminar um livro.
4. O direito de reler.
5. O direito de ler qualquer coisa.
6. O direito ao bovarismo (doença textualmente transmissível).
7. O direito de ler em qualquer lugar.
8. O direito de ler uma frase aqui e outra ali.
9. O direito de ler em voz alta.
10. O direito de calar.

Ainda presente em nosso cotidiano e em nossas práticas educativas, a colonialidade reforça o não dizer, o não querer escutar e não admite outras propostas inventivas para estar no mundo. Portanto, ela nega saberes, corpos, atuações e poéticas outras/nossas. Sendo assim, em um país como o Brasil, que insiste em regar o seu solo com sangue e violência, performar a palavra, o gesto e o afeto por meio de uma “Mediação de leitura para o encanto” é pensar sobre as possibilidades de uma nova leitura e de uma reinvenção de mundo-território onde mediamos ou habitamos (do micro ao macro).

Nesse sentido, ao ter o seu ofício banhado nos três pilares – *poético, político e ético* –, imerso e ciente desse terreno chamado colonialidade, e colocado diante dessas questões em uma espécie de insistência pedagógica, dentro da proposta de “Mediação de leitura para o encanto”, um corpo-mediador de leitura diria, assim como o poeta e um dos decanos da literatura afro-brasileira, Carlos de Assumpção (2020, p. 35 e 39):

Mesmo que voltem as costas
 Às minhas palavras de fogo
 Não pararei de gritar
 Não pararei
 Não pararei de gritar...
 [...]
 Ou alcanço tudo o que eu quero
 Ou gritarei a noite inteira
 Como gritam os vulcões
 Como gritam os vendavais
 Como grita o mar
 E nem a morte terá força

Para me fazer calar.

Dessa forma, a proposta da “Mediação de leitura para o encanto” reflete sobre os locais onde são realizadas as mediações como um território para acolher e valorizar as posições marginais/das margens e a sensibilidade, em contraste com uma sociedade que preza a riqueza material ao invés de valorizar a riqueza de saberes ou dos saberes nossos, isto é, das pessoas de pés no chão ou com as mãos calejadas, mas que tem em cada palavra dita uma semente para aberturas poéticas para estar no mundo e recriar cotidianamente o território onde vive.

Nesse processo de mediação, é importante pensar a escrita dos leitores e leitoras como possibilidade de dizer, de reescrever, de estar, de imaginar, de dizer a sua palavra e questionar o mundo. Trata-se de uma reflexão cujo aporte poético se fundamenta no trabalho de Carolina Maria de Jesus (2019).

Ensinada pela colonialidade, a gramática do analfabetismo para o insensível tem como objetivo não viabilizar o sentir das *sabenças* e dos encantos presentes no cotidiano. Logo, tendo sido “alfabetizados” por essa concepção de mundo, ela não apresenta possibilidade de mudança. Diante disso, mediar leitura é, portanto, enxergar as pequenas fagulhas que estão presentes nas palavras e que podem incendiar possíveis transformações. Essa questão pode ser refletida a partir do pensamento de Ecléa Bosi (2000, p. 178), para a qual por meio dos pequenos gestos em nosso agir vê-se que:

[...] ali se estabelece uma dialética dos fenômenos tal que cada fato mudado modifica o aspecto do conjunto. Negar que uma soma de pequenos fatos, devidos à iniciativa humana, possa modificar a natureza de um sistema significa negar a própria possibilidade de uma mudança que vem à luz sobre a pressão de um agregado de forças infinitesimais cuja somatória permite um salto qualitativo.

Se não acreditamos na essência e na potência do saber, do afeto e do sensível via mediação de leitura, estamos fadados ao fracasso em relação à instauração da poética, do encanto e da sensibilidade nos nossos corpos, nos corpos dos leitores e leitoras-interagentes da mediação e em nossas vidas. Em outras palavras, estamos condenados ao desencanto.

No mais, sem uma reflexão sobre a área, é possível não pensar sobre como a mediação de leitura e como o conhecimento podem ser usados como instrumentos ideológicos que mascaram ou podem “naturalizar” alguns processos políticos de dominação e exploração provenientes das relações sociais e de poder que ocultam certas realidades ou ideias.

Após muitos caminhos percorridos, este não “final” se conecta com o “início” ao reafirmar que todo texto é uma encruzilhada, enfim!

Laroyê, Exu!

Essa dissertação foi escrita enquanto o Brasil e o mundo eram devastados pelas mortes causadas pelo vírus da COVID-19. Nesse período, além das mais de 693.853 mil mortes (UOL, 2022, s/n) pela doença no Brasil (em alguns casos, pacientes morreram por asfixia devido à falta de oxigênio nas unidades hospitalares), o país também era maltratado por um violento-hostil presidente que liderava um governo fascista, genocida, racista, homofóbico, corrupto, criminoso, miliciano, inescrupuloso, fanático, sexista, antidemocrático, anti-educação/cultura/ciência/universidades públicas, e que incentivou a perseguição de educadoras, educadores e artistas. Além disso, a FOME voltou a “reinar” no país: nesse contexto, pessoas buscavam comida nos caminhões de lixo, lixões ou faziam filas nas portas de açougues e mercados para receber doação de ossos, restos de carne e outros alimentos. Em 2020, 19 milhões de pessoas estavam em situação de insegurança alimentar, ou seja, passavam fome. E, no ano de 2022, esse número saltou para mais de 33 milhões (MADEIRO, 2022, s/n).

[01/01/2019 a 31/12/2022] - QUE NÃO SEJA ESQUECIDO!

Referências

ABOUDRAR, Bruno Nassim; MAIRESSE, François. **La mediación cultural**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Libros UNA, 2018.

ABRANTES, Wanda Medrado. Caminhos metodológicos para a formação de mediadores da leitura. **Cursos da Casa de Leitura, 8: Biblioteca e mediação da leitura**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

ADAME, Erandi. **El libro es un espacio, un vacío, un cuerpo**. Jardín LAC: Lectura, arte y conversación en (y para) el espacio público, 2021. Acesso em: 10 de jan. 2023. Disponível em: <<https://www.jardinlac.org/post/jard%C3%ADn-lac-asociaci%C3%B3n-civil>>

ADAMS, Tony E.; BOCHNER, Arthur P.; ELLIS, Carolyn. Autoetnografia: un panorama. **Autoetnografía: una metodología cualitativa**. México: Universidad Autónoma de Aguascalientes, 2019.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADOLFO, Sérgio Paulo. **Nkissi Tata Dia Nguzu: estudos sobre o candomblé Congo-Angola**. Londrina (PR): EDUEL, 2010.

AGUDELO, Darío Jaramillo. Testimonio de un lector. **Leer para comprender, Escribir para transformar: Palabras que abren nuevos caminos en la escuela**. Bogotá (COL): Ministerio de Educación Nacional, 2013.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Leitura, mediação e apropriação da informação**. Acesso em: 15 de jan. 2022. Disponível em: <https://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=12#:~:text=Ler%20%C3%A9%20decodificar%20palavras%3B%20ler,da%20intelectualidade%20do%20homem%3B%20a>.

ALTHUSSER, Louis. A ideologia é uma “representação” da relação imaginária dos indivíduos com as suas condições de existência. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

AMADO, Jorge. **O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: uma história de amor**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2008.

AMICHE, Sylvie; HAMNACHE; Zaïma; HÉBERT-MATRAY, Aline; SAVITSKY-MIDÉNA, Tamara. **A pequena história dos bebês e dos livros**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond de. “Cidadezinha Qualquer”. **Poesia e Prosa: Volume Único**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura: outra revolução**. São Paulo: Sesc, 2017.

ALVES, Mariana de Souza. **Práticas leitoras e informacionais nas bibliotecas comunitárias em rede da Releitura-PE**. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Acesso em: 05 fev. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/25344/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20Mariana%20de%20Souza%20Alves.pdf>

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira**. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

ANTÔNIO, Severino. **A utopia da palavra: linguagem, poesia e educação: algumas travessias**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

ANTUNES, Ricardo. Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil. **O avesso do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo. Os novos proletários do mundo na virada do século. **Lutas sociais**, n. 6, p. 113-124, 1999. Acesso em: 02 de set. 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18885/14036>.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. **A cidadania negada: políticas de exclusão na educação e no trabalho**. São Paulo: Cortez, p. 35-48, 2001. Acesso em: 08 de maio 2022. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20101010021549/3antunes.pdf>.

ARAGON, Luis Eduardo Ponciano. A espessura do encontro. **Interface-comunicação, saúde, educação**, v. 7, p. 11-22, 2003. Acesso em: 25 de jan. 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/ZBcZrsKcHmdC9XqNTbYYzrr/?format=pdf&lang=pt>.

ARAÚJO, Ayni Estevão de; FREITAS, Felínio de Sousa; KAMUANGA, Tata. **Unzó Kyloatala - Território Cultural Bantu**. Acervo da Unzó Kyloatala - Território Cultural Bantu e Casa de Candomblé de Nação Angola-Kongo, 2022. Material não publicado.

ASSIS JUNIOR, Antônio de. **Dicionário Kimbundu-português: linguístico, botânico, histórico e corográfico**. Luanda: Edição de Argente, Santos & Cia. Ltda, 1958.

ASSIS, Machado. **Dom Casmurro**. São Paulo: Ática, 1999.

ASSUMPÇÃO, Carlos de. **Poemas Reunidos: não pararei de gritar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ASSUMPÇÃO, Itamar; TATIT, Luiz. Dodói. **Rodopio**. São Paulo: Selo Sesc/ Dabliú Discos, 2007.

AVENDAÑO, Jairo Gutiérrez. El régimen del lector: la vigilancia moral de la lectura y el acceso a la cultura de los obreiros. **Revista Huellas de Ciudad**. Antioquia (CO): Centro de Historia de Bello; Biblioteca Pública Marco Fidel Suárez, 2012.

AVENDAÑO, Jairo Gutiérrez. "Higiene" Mental de la lectura en la modernidad colombiana, 1900-1930. **Traslaciones. Revista latinoamericana de Lectura y Escritura**, v. 2, n. 4, p.

177-197, 2015. Acesso em: 15 de mar. 2023.

<<https://revistas.uncu.edu.ar/ojs3/index.php/traslaciones/article/view/599>>.

ÁVILA, Alaís Ribeiro. **Mediação. Prazer em ler - Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura**. Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2007.

BAJARD, Élie. **Da escuta de textos à leitura**. São Paulo: Cortez, 2007.

BAJOUR, Cecilia. **Literatura, imaginación y silencio: desafíos actuales en mediación de lectura**. Lima (PE): Biblioteca Nacional del Perú, 2020. Acesso em: 12 de jan. 2022. Disponível em: <<https://repositoriodigital.bnp.gob.pe/bnp/recursos/2/html/literatura-imaginacion-y-silencio/4/>>.

BALLAZ, Jesús; RINCÓN, Francisco. **La lectura poliédrica: metáforas para hablar de la lectura**. Barcelona (ES): Variopinta ediciones, 2015.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista brasileira de ciência política**, p. 89-117, 2013. Acesso em: 18 de dez. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>>.

BARBOSA, Ana Mae. **Mediação cultural é social. Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

BARBOSA, Juliana Bertucci; BARBOSA, Marinalva Vieira. **Leitura e mediação: reflexões sobre a formação do professor**. Campinas (SP): Mercado das Letras, 2013.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a Infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. **Da leitura. O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BORDELOIS, Ivonne. **A palavra ameaçada**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2003.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular: leituras de operárias**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004a.

BOSI, Ecléa. **Objetos biográficos e objetos de status. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê editorial, 2004b.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei nº 10.753, 2003**. Acesso em: 11 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10753-30-outubro-2003-497306-publicacaooriginal-1-pl.html>>

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos – Cânticos irmãos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, 2011.

BRITTO, Percival Leme. **Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor**. Prazer em ler - Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura. São Paulo: Instituto C&A, 2007.

BUENO, Austregésilo Carrano. **Cantos dos malditos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

BULE-BULE. **Orixás em cordel**. Camaçari (BA): Pinaúma Editora, 2018.

CALVO, Mercedes. “Sin sentir la pasión por la lectura, el mediador sólo será puente”. **Eterna Cadência**, Blog Entrevista, 10-08-2020. Acesso em: 10 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.etercadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/entrevistas/item/sin-sentir-la-pasion-por-la-lectura-el-mediador-solo-sera-puente.html>>.

CANDEIA. Preciso me encontrar. **Cartola**. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda, 1976.

CAPONE, Stefania. **A busca da África no candomblé** – tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

CARROL, Lewis. **Alice no país das maravilhas**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CARVALHO, Vera Lúcia Marinzeck de. **Violetas na janela**. Petit Editora e Distribuidor, 1993.

CASTILLO, Lisa Earl. **Entre a oralidade e a escrita: a etnografia nos candomblés da Bahia**. Salvador (BA): EDUFBA, 2010.

CERRILLO, Pedro César. **El lector literario**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2016. Livro digital.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2014.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UNB, 1994.

CHARTIER, Roger. **El pequeño Chartier ilustrado: breve diccionario del libro, la lectura y la escrita**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ampersand; Valdivia (CL): Ediciones UACH, 2022.

CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

CHAUÍ, Marilena de Sousa. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2008.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.

CHRISTOV, Luiza Helena da Silva. **Narrativas de educadores: mistérios, metáforas e sentidos**. São Paulo: Porto de ideias, 2012.

CONCEIÇÃO, Lúcio André da. **A pedagogia do candomblé: aprendizagens, ritos e conflitos**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2006.

CORREIA, Octaviano. Muxima é coração. **JM Madeira – Opinião e Crônicas**, 12/07/2019. Acesso em: 19 de fev. 2023. Disponível em: <https://www.jm-madeira.pt/opinioes/ver/2691/Muxima_e_Coracao>

COSTER, Eliane. **A Boca do Mundo – Exu no Candomblé**. São Paulo: Oka Comunicações, 2010. 26min.

COUTINHO, Rejane Galvão. Questões sobre a formação de mediadores culturais. **Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas–ANPAP. Anais do 18º. Encontro Nacional da ANPAP/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**. Org. Maria Virgínia Gordilho Martins (Viga Gordilho), Maria Herminia Oliveira Hernández–Salvador: EDUFBA, p. 3737-3749, 2009.

COUTO, Mia. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Usuário, não! Interagente: proposta de um novo termo para um novo tempo. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 41, p. 23-40, 2014. Acesso em: 02 de set. 2022. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/147/14732752003.pdf>>.

CUTI. **Sanga: poemas**. Belo Horizonte (MG): Mazza, 2002

DAL ROSSO, Sadi. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e cultura**, v. 58, n. 4, p. 31-34, 2006. Acesso em: 03 de set. 2022. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n4/a16v58n4.pdf>>.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DEWEY, John. Ter uma experiência. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2010.

DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Assentamento**. Curitiba (PR): Positivo Soluções Didáticas LTDA, 2010. Aplicativo para celular.

DRAVET, Florence Marie. Corpo, linguagem e real: o sopro de exu bará e seu lugar na comunicação. **Ilha do Desterro**, v. 68, p. 15-25. Florianópolis (SC): Editora da UFSC, 2015. Acesso em: 10 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ides/a/7W9kSxNPFFf9L58mqVJk3MM/?format=pdf&lang=pt>>.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2000. Acesso em: 28 de jan. 2022. Disponível em: <<https://acervus.unicamp.br/index.html>>.

DUBORGEL, Bruno. **Imaginário e Pedagogia**. Lisboa (PT): Instituto Piaget, 1995.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Conceição Evaristo por Conceição Evaristo**. Literafro – o portal da literatura afro-brasileira, 2009. Acesso em: 10 de jan. 2023. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.

FAGUNDES, Igor. **Macumbança: poesia, música e dança**. Guaratinguetá (SP): Editora Penalux, 2020.

FARIAS, Fabíola. Quem escolhe os livros para as crianças?. **Revista Emília: Formação de Leitores**, 14 de outubro de 2020. Acesso em: 12 de dez. 2022. Disponível em: <<https://emilia.org.br/quem-escolhe-os-livros-para-as-criancas/>>.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. Abrir a significação à alteridade: Multidões de Exu na Academia. **Tabuleiro de Letras**. Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL-UNEB. v. 12 n. 2 (jul-dez 2018) – Salvador: UNEB; 2018.

FERNANDES, Alexandre de Oliveira. **AXÉ: apontamentos para uma a-tese sobre Exu que jamais (se) escreverá**. 2015. 244f. Tese (Doutorado em Ciência da Literatura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Acervo do autor.

FERNANDEZ, Cida; MACHADO, Elisa; ROSA, Ester. Interagentes e mediadores: quem são e como chegam às bibliotecas comunitárias?. **O Brasil que lê: Bibliotecas comunitárias e resistência cultural na formação de leitores**. Olinda: Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF); Brasil: Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias (RNBC), 2018. Acesso em: 15 de set. 2022. Disponível em: <<http://cclf.org.br/project/o-brasil-que-ler-bibliotecas-comunitarias-e-resistencia-cultural-na-formacao-de-leitores/>>.

FERNANDES, Odílio. Os azares de Nossa Senhora da Muxima: Um percurso de trocas, movimentações milagrosas e intolerância. **Revista Angolana de Sociologia**, n. 14, p. 41-57, 2014. Acesso em: 05 de fev. 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.4000/ras.1076>>.

FERREIRA, João Victor Gonçalves. **TAMBORES DECOLONIAIS: percorrendo memórias e sonhos dos ogans nos espaços-tempos educativos dos terreiros**. 2021. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Acesso em: 20 de out. 2022. Disponível em: <<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18024>>.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da circularidade: ensinagens de terreiro**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FIGUEIREDO, Janaína de. **Nação Angola: caboclos, Nkisis e as novas mediações**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2021.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de ler em três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2014b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação – Cartas pedagógicas e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014c.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREITAS, Felínio de Sousa. Os percursos poéticos e afetivos de um mediador de leitura ou de como me tornei um mediador ou de como a sensibilidade atravessa o trabalho cultural. **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

FREITAS, Felínio de Sousa. Palavras que mediam tempos e ancestralidade - o encontro entre Vovó Cici e Leda Maria Martins. **Anais Seminário Corpas, Saberes e Territórios nas Artes e na Educação: a memória da presença**. São Paulo: SESC/UNESP, 2022.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. **Programas do livro**. Acesso em: 10 de abril 2022. Disponível em: <<https://www.fn-de.gov.br/programas/programas-do-livro>>.

GALEANO, Eduardo. **Livro dos Abraços**. Porto Alegre, L&PM, 1991.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitora e ouvintes**. Belo Horizonte (MG): Editora Autêntica, 2001.

GARCIA, Edson Gabriel. Arquitetura das instâncias e ações mediadoras – contribuições de um leitor itinerante para a formulação de uma sistematização da mediação de leitura. **Prazer em ler – Volume 2: Registros esparsos da emoção do caminhante nas lidas com a mediação da leitura**. Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2007.

GARCIA, Edson Gabriel. Ocupando espaços e fortalecendo mentes. **Prazer em ler: Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura**. Barueri (SP): Instituto C&A; São Paulo: CENPEC, 2006.

GARRALÓN, Ana. El binomio realista. **Dossier Animación a la lectura**. Educación y Biblioteca, v. 3, n. 13, p. 41-51. Espanha (ES): 1991. Acesso em: 12 de jan. 2022. Disponível

em: <https://gredos.usal.es/bitstream/handle/10366/108432/EB03_N013_P41-51.pdf;jsessionid=8E1292DD55CE3BAD1D7BA7CA4CA3D882?sequence=1>.

GIARDINELLI, Mempo. **Voltar a ler: propostas para ser uma nação de leitores.** Companhia São Paulo: Editora Nacional, 2010.

GIRÃO, Luis Carlos. Leituras no corpo: novos estímulos às percepções no objeto livro na obra de Katsumi Komagata. **Estação Literária**, n. 25, V. 2, MAI. 2021, p. 46-59. Acesso em: 03 de nov. 2022. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Luis-Girao/publication/351825056_Leituras_no_corpo_novos_estimulos_as_percepcoes_no_objeto_o_livro_na_obra_de_Katsumi_Komagata/links/60ac4174299bf1031fc852dc/Leituras-no-corpo-novos-estimulos-as-percepcoes-no-objeto-livro-na-obra-de-Katsumi-Komagata.pdf>.

GOHN, Maria Gloria. Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social. **Revista Meta: Avaliação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, june 2009. ISSN 2175-2753. Acesso em: 03 de maio 2022. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>.

GOLDIN, Daniel. **Os livros e os dias: divagações sobre a hospitalidade da leitura.** São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

GOMES, Christianne Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil: Reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926-1964).** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2003. Acesso em: 20 de dez. 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/HJPB-5NVJWV>>.

GOMES, Luciana; MAYER, Bel Santos. Abrindo veredas para ver e ler além do espelho: um estudo sobre a recepção da mitologia dos orixás afro-brasileiros por crianças. **Literatura e educação.** Porto Alegre (RS): Zouk, 2021.

GOMEZ, Victoria Ayelén; MENDES, Ana Magnólia; CHATELARD, Daniela Scheinkman; CARVALHO, Isalena Santos. A palavra como laço social na clínica psicodinâmica do trabalho. **Contextos Clínic [online]**. 2016, vol.9, n.2, pp. 253-264. Acesso em: 11 de jan. 2023. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822016000200011&lng=pt&nrm=iso>.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. **Práticas da Leitura.** São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

GUZMÁN, Adriana. **Revelación del cuerpo. La elocuencia del gesto.** México: Instituto Nacional de Antropología e Historia, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice Editora, Revista dos Tribunais, 1990.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. **História geral da África I – Metodologia e pré-história da África.** 2. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2015.

HENN, Leonardo Guedes; NUNES, Pâmela Pozzer Centeno. A educação escolar durante o período do Estado Novo. **Revista Latino-Americana de História**, v. 2, n. 6, p. 1040-1049, 2013. Acesso em: 18 de fev. 2023. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6238738>>.

HILST, Hilda. Ode descontínua e remota para flauta e oboé. De Ariana para Dionísio. **Júbilo, memória, noviciado da paixão**. São Paulo: Globo, 2001.

HONORATO, Carlos; CAVALCANTE, Márcia; DAMASCENA, Túlio. Mediação: intencionalidade e pluralidade. **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

HONORATO, Carlos; ROCHA, Val; CAVALCANTE, Márcia. Acervo: organização e diversidade. **Expedição leituras: tesouros das bibliotecas comunitárias no Brasil**. Brasil: RNBC; São Paulo: Instituto C&A: Itáu Social, 2018.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, p. 857-864, 2008. Acesso em: 20 de fev. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2008000300007>>.

bell, hooks. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Anuário Estatístico do Brasil 1995, V55**. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. V.55. Rio de Janeiro: IBGE, 1996. Acesso em: 15 de mar. 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1995.pdf>.

JANNUZZI, Paulo de Martino. Mobilidade social e migração no Brasil: revisão bibliográfica e elementos empíricos para análise. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 16, n. 1/2, p. 55-82, 1999. Acesso em: 17 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.rebep.org.br/revista/article/view/394>>.

JATOBÁ, Roniwalter. **Crônicas da vida operária**. São Paulo: Lazuli Editora, 2006.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Editora Ática, 2019.

JOAQUÍN, Juan José Magán. El papel del mediador hoy: el erótico, el filósofo, el poeta. **Cátedra José Carlos Mariátegui – Artículos**. Acesso em: 22 de jun. 2022. Disponível em: https://www.catedramariategui.com/anteriores/2019/50_4_El_mediador.pdf.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

JUARROZ, Roberto. **Poesía Vertical (Antología)**. Madrid: Visor, 1991.

JUNIOR, Humberto Manoel de Santana. ENCRUZILHADAS EPISTEMOLÓGICAS: “Acertando o conhecimento europeu ontem com uma pedra que atirei somente hoje”. **Odeere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade –**

UESB. ISSN: 2525-4715 – Ano 2018, Volume 3, número 6, Julho – Dezembro de 2018.
Acesso em: 10 de dez. 2021. Disponível em:
<<https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4423>>.

KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Pallas Editora, 2009. Livro digital.

KIRKPATRICK, Kate. **Simone de Beauvoir: uma vida**. São Paulo: Planeta Brasil, 2020.

KUENZER, Acácia Zeneida. **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador**. São Paulo: Editora Cortez: Autores Associados, 1986.

LACERDA, Nilma Gonçalves. Leitura uma escolha de caminhos. **Nos caminhos da literatura**. Instituto C&A; Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – São Paulo: Peirópolis, 2008.

LAJOLO, Marisa Lajolo; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2016.

LE BRETON, David. **El silencio**. Madrid (ES): Sequitur, 2006.

LEÃO, Alessandra; HOLANDA, Juliano. Boa Hora. **Dois Cordões**. Brasil: Garganta Records, 2009. 3min59s.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. **Revista África**, [S. l.], n. 18-19, p. 103-118, 1997. Acesso em: 02 de dez. 2022. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/afrika/article/view/74962>>.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LITTAU, Karin. **Teorías de la lectura: libros, cuerpos y bibliomanía**. Buenos Aires (ARG): Manantial, 2008.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil: contendo mais de 250 propostas etimológicas acolhidas pelo Dicionário Houaiss**. Pallas Editora, 2012.

LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. Belo Horizonte (MG): Autêntica, 2011.

LÓPEZ, María Emilia. Mediação e formação de leitores. **Mediação: cultura, leitura e território**. São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 1999.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 935-952, 2014. Acesso em: 03 de dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>>.

LYONS, Martyn. A história da leitura de Gutenberg a Bill Gates. **A palavra impressa: Histórias da leitura no século XIX**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados**. 2019. 268f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação, Fortaleza (CE), 2019. Acesso em: 26 de abril 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/51976/5/2019_tese_afmachado.pdf>.

MACHADO, Ana Maria. **Ponto de fuga: conversas sobre livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

MACHADO, Marina Marcondes. Teatralidades no Corpo - o espaço cênico somos nós. **Sala Preta**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2011. Acesso em: 15 de jun. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/57461>>.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. Editora Reviravolta, 2015.

MACHADO, Vanda. Exu: o senhor dos caminhos e das alegrias. **Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, v. 6, 2010. Acesso em: 19 de fev. 2023. Disponível em: <<https://www.cult.ufba.br/wordpress/24929.pdf>>.

MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2019.

MARCHANT, Julieta. **Reclamar o direito de dizer tudo**. Belo Horizonte (MG): Moinhos, 2021.

MADEIRO, Carlos. Número de brasileiros com fome dispara e atinge 33,1 milhões, diz pesquisa. **Uol Notícias**, 2022. Acesso em: 31 de jan. 2023. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/colunas/carlos-madeiro/2022/06/08/fome-atinge-33-milhoes-de-pessoas-e-pais-retrocede-a-anos-90-diz-pesquisa.htm>>.

MADI, Sonia. Entre o leitor e o texto: a palavra e o gesto do mediador. **Prazer em Ler: Um roteiro prático-poético para introduzir qualquer um e quem quiser nas artes e artimanhas das gostosices da leitura**. Instituto C&A, São Paulo: 2006

MARIANA, Maria. **Confissões de adolescente**. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; LLUCH, Gemma. **Proyecto Lectura, escritura y desarrollo en la sociedad de la información**. Bogotá (CO): Cerlalc-AECID-Unesco, 2011. Acesso em: 19 de jan. 2022. Disponível em:

<https://roderic.uv.es/bitstream/handle/10550/76087/2011%20Cerlalc%20Lectura%20Escritura%20y%20desarrollo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

MARTÍNEZ, Gonzalo Serrano; VALDIVIA, MÉNDEZ, Mayte. Las intervenciones de los mediadores. **Revista de psicología general y aplicada: Revista de la Federación Española de Asociaciones de Psicología**, v. 52, n. 2, p. 235-253, 1999. Acesso em: 10 de jan. 2022. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2498330>>.

MARTINS, Heitor; PEDROSA, Adriano. História Afro-Atlânticas no MASP. **Histórias Afro-Atlânticas [Vol 1] Catálogo Afro-atlantic Histories** – São Paulo: MASP: Instituto Tomie Othake, 2018.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte [MG]: Mazza Edições, 2021a.

MARTINS, Leda Maria. Corpo, encruzilhadas de saberes. **Gramáticas das corporeidades afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas**. Curitiba (PR): Editora Appris, 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performance do tempo espiralar. **Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais**. Belo Horizonte (MG): Departamento de Letras Românicas UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar, poéticas do corpo-tela**. Editora Cobogó, 2021b.

MARTINS, Mirian Celeste. Sala de aula: experiências para além das visitas/expedições. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Expedições Instigantes. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediação: primeiros encontros com arte e cultura. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. Revelações do corpo: estesia, conhecimento. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. São Paulo: Intermeios, 2012.

MARTINS, Penélope. **Consultoria especializada Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Editora do Brasil, 2019.

MARTINS, Penélope. **Minha vida não é cor-de-rosa**. São Paulo: Editora do Brasil, 2020.

MARX, Karl. **O capital: Livro 1**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MCKENZIE, Donald Francis. O livro como uma forma expressiva. **Bibliografia e a Sociologia dos Textos**. Tradução: Fernanda Veríssimo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2018.

MEDEIROS, Claudia; FIDALGO, Lúcia. Mapeamento de perfis de mediadores de leitura. **O Brasil que lê: Mapeamento e análise de projetos de formação de leitores no Brasil**. São Paulo: Instituto Itaú Cultural; Rio de Janeiro: Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, 2021.

MEDINA, Maria Beatriz; PRADES, Dolores. A formação de mediadores: Por que e para que promover a leitura? **A formação dos mediadores**. São Paulo: Livros da Matriz, 2015.

MELO, Matheus. Corpo e leitura literária em perspectiva. **Revista Alere**, v. 21, n. 1, p. 233-250, 2020. Acesso em: 15 de dez. 2022. Disponível em: <<https://periodicos2.unemat.br/index.php/alere/article/view/4845/3734>>.

MENDES, Murilo. Metade Pássaro. **Antologia Poética: Murilo Mendes**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Explorar**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. **Palavra**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda, 2023.

MIOTELLO, Valdemir. Ideologia. **Discurso e texto: multiplicidade de sentidos na Ciência da Informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2008.

MIRANDA, Eduardo Oliveira. **Corpo-território & educação decolonial: proposições afrobrasileiras na invenção da docência**. Salvador: EDUFBA, 2020. Acesso em: 11 de maio 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32375>>.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador**. São Paulo: DCL, 2008.

MOREIRA, Fernanda (Ladrilha). **Exu é minha vontade de dizer poesia**. Niterói (RJ): Ladrilha, 2020.

MORENO, Víctor. Leer con los cinco sentidos. **CLIJ: Cuadernos de literatura infantil y juvenil**, v. 6, n. 54, p. 48-54, 1993.

MORENO, Victor. **Leer con los cinco sentidos**. Pamplona-Iruña (ES): Editorial Pamiela argitaletxea, 2003.

MOTA, Lia Duarte. Um corpo de leitura. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2019. Acesso em: 19 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/elbc/a/G4RchYQgtkg8Z89rt4QSYJC/?format=pdf&lang=pt>>.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: um olhar sobre o contador de histórias indígena. **Contação de Histórias: tradição, poéticas e interfaces**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

MUNITA, Felipe. El mediador y la promoción de la lectura. **El mediador escolar de lectura literaria. Un estudio del espacio de encuentro entre prácticas didácticas, sistemas de creencias y trayectorias personales de lectura.** Universitat Autònoma de Barcelona, 2014.

NADAF, Yasmin Jamil. Essas revistinhas que se chamam almanaque. **Revista ECOS**, v. 10, n. 1, 2011. Acesso em: 05 de abril 2022. Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/767/803>>.

NAKANO, Marilene. Diálogos sobre “Mediação: cultura, leitura e território”. **Mediação: cultura, leitura e território.** São Paulo: Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo, Unidade de Difusão Cultural Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. **Orixás: os deuses vivos da África / Orishas: the living gods of Africa in Brazil.** Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO); Afrodiáspora, 1995.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos.** Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. **Um Exu em Nova York.** Pallas: Rio de Janeiro, 2018.

NEIRA, Eli. Alguns apuntes sobre posporno. **Biblioteca Fragmentada.** Santiago (CL), 2022. Acesso em: 12 de dez. 2022. Disponível em: <<https://www.bibliotecafragmentada.org/wp-content/uploads/2016/04/Alguns-apuntes-sobre-posporno.pdf>>.

NETO, Armando Figueiredo;. NETTO, Gabriel Priolli. **O Negro, da Senzala ao Soul.** São Paulo: Departamento de Jornalismo da TV Cultura de São Paulo, 1977. 45min.24s. Acesso em: 16 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5AVPrXwxh1A>>.

NEVES, André. **Obax.** São Paulo: Brinque-Book, 2010.

NÓVOA, António; FINGER, Mathias. **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo David de. **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da Educação Brasileira.** 2005. 353 f. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) – Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE), 2005. Acesso em: 09 de jan. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/36895/1/2005_tese_edoliveira.pdf>.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes de; JANNUZZI, Paulo de Martino. Motivos para migração no Brasil e retorno ao Nordeste: padrões etários, por sexo e origem/destino. **São Paulo em perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 134-143, 2005. Acesso em: 02 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/7rJvCKTFRVMpTRvjLrKD36G/?format=pdf&lang=pt>>.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso.** Campinas: Pontes, 2002.

OSORIO, Luis Bernardo Yepes. La promoción de la lectura: conceptos y prácticas sociales. **Jóvenes lectores. Caminos de formación**. Montevideo (UY): Ministerio de Educación y Cultura, 2013. Acesso em: 10 de janeiro 2022. Disponível em: <https://cerlalc.org/wp-content/uploads/publicaciones/olb/PUBLICACIONES_OLB_%20Jovenes-lectores-Caminos-de-formacion_v1_010113.pdf>.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin Vicentini. "Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização." **Educação em Revista** 27, no. 1, 2011, p. 369-386. Acesso em: 10 de mar. 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.15IK90/S0102-46982011000100017>>.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO, Elza. **O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil**. Pro-Posições [online]. 2008, v. 19, n. 1, pp. 115-140. Acesso em: 08 de jan. 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73072008000100015>>.

PELBART, Peter Pál. **Filosofía de la deserción: Nihilismo, locura y comunidad**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2009.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas escolas: uma proposta educacional antirracista**. Contagem (MG): Editora Escola Cidadã, 2021.

PERES, Marcos Augusto de Castro. Velhice e analfabetismo, uma relação paradoxal: a exclusão educacional em contextos rurais da região Nordeste. **Sociedade e estado**, v. 26, n. 3, p. 631-662, 2011. Acesso em: 11 de fev. 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/FzpMmtCqpRNfzPFxbKHfd9D/?format=pdf&lang=pt>>.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PETIT, Michèle. **Una infancia en el país de los libros**. México: Editorial Océano, 2008a.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008b.

PETRUCCI, Armando. Bibliotecas y lectura. Entre conservación y preservación. **Alfabetismo, escritura, sociedad**. Barcelona: Gedisa, 1999.

PINTO, Levi Fernando Lopes Vieira. O lugar do arquivo é na encruzilhada. **Partilhas Sensíveis: diálogos sobre imagem, história e memória, mediação, arte e educação**. Volume 2. São Paulo: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Instituto de Artes, 2021.

POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora**. Rio de Janeiro: Pallas, 2019.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando; SOUZA, André Ricardo de. Candomblé de caboclo em São Paulo. **Estudos Afro-Brasileiros**, v. 3, n. 1, 2022. São Paulo: OICD; Arché Editora, 2022. Acesso em: 05 de fev. 2023. Disponível em: <<http://estudosafrobrasileiros.com.br/index.php/eab/article/view/58/55>>.

PUCHEAU, Alberto. Posfácio: Carlos de Assumpção, uma história que grita. **Poemas Reunidos: não pararei de gritar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

PUCHEU, Alberto. O grito como herança. **Cult**. São Paulo: Editora Bregantini, 2020b. Acesso em: 02 de março de 2021. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-grito-como-heranca/>>.

QUINTANA, Eduardo. **Ékóólé: no candomblé também se educa**. Jundiaí (SP): Paco Editorial, 2016.

RAMOS, Graciliano. **A terra dos meninos pelados**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2013.

REIS, Dayra Iris Elias dos. **Cozinhando saberes: diálogos entre cultura, direito à memória ancestral e cultura alimentar bantu no território do Embu-Guaçu**. Acervo da Unzô Kyloatala - Território Cultural Bantu e Casa de Candomblé de Nação Angola-Kongo, 2022. Material não publicado.

REIS, João José. O candomblé na Bahia no século 19. **Histórias afro-atlânticas: [vol 2] antologia**. São Paulo: MASP, 2018.

REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação**. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi; SÀLÀMI, Sikirú King. **Exu e a ordem do Universo**. São Paulo: Editora Odudwa, 2011.

ROBLEDO, Beatriz Helena. Avaliação e seleção de livros para formação de leitores. **Cadernos Emília, Ano 2 – Nº 3**. São Paulo: Instituto Emília, 2019.

ROCHA, Ruth. **Marcelo, marmelo, martelo e outras histórias**. São Paulo: Salamandra, 1999.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROSA, Flávia. Histórico das políticas públicas de incentivo à leitura no Brasil. **Revista Observatório Itaú Cultural**. Nº 17 (ago./dez. 2014). São Paulo: Itaú Cultural, 2007. Acesso em: 15 de abril 2022. Disponível em: <<https://issuu.com/itaucultural/docs/observatorio17/39>>.

ROSA, Allan da. **Pedagogia, autonomia e mocambagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. São Paulo: Editora Nova Aguilar, 1994.

RUFINO, Luiz. **Exu e a pedagogia das encruzilhadas**. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2017. Acesso em: 04 de nov. 2021.

Disponível em:

<https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf>.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula editorial, 2019.

SÁ, Camila Araújo. Livro, leitura, literatura e identidade: experiências de mediação informacional e educação para as relações étnico-raciais na biblioteca. **Histórias de comunidades e bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2022.

SÀLÁMÌ, Síkírù Sàlámi; RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo**. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SANTANA, Tássio Ferreira. CORPO-PAMBU NZILA: poéticas ancestrais. **Corpo, poética e ancestralidade. Caderno do GIPE-CIT**. Ano 23, nº 42. 2019. Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGAC. Salvador – BA. Acesso em: 02 de mar. 2022. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/gipe-cit/article/view/35364>>.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. **CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrivência serve também para as pessoas pensarem**. Acesso em: 02 de ago. de 2023. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>>.

SANTANA, Tigana. A capoeira do pensamento. **Cajubi: Ruptura e Reencanto**. São Paulo: Incompleta, 2021. Acesso em: 09 de jan. de 2022. Disponível em: <https://029e89b2-ec3642c7-af7c-75a3333a2d60.filesusr.com/ugd/8edceb_b1d27e24abd241fa988d107dde5a3e56.pdf>.

SANTANA, Tiganá. Brevíssimas considerações sobre línguas bantu; em particular, a língua kikongo: memórias afro-brasileiras. **Palimpsesto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ**, v. 17, n. 28, p. 104-120, 2018. Acesso em: 05 de maio 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/36999>>.

SANTANA, Tiganá. Dembwa - 10 de agosto. **Maçalê**. São Paulo: Tratore, 2010. 6min33s.

SANTOS, Tiganá Santana Neves. **A cosmologia africana dos Bantu-Kongo por Bunseki FuKiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil**. 2019. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Acesso em: 10 de ago. 2022. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5676289/mod_resource/content/1/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf>.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os nagô e a morte: pàde, àsèsè e o culto Ègun na Bahia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SANTOS, Juana Elbein dos; SANTOS Deoscoredes Maximiliano dos (Mestre Didi Asipa). **Èsù**. Salvador (BA): Editora Corrupio, 2014.

SANTOS, Maria José Onofre; SILVA, César Augusto Tibúrcio; MORGAN, Beatriz Fátima; MATIAS, Marcia Athayde. Depreciação de livros: procedimento para determinação do custo. **Congresso USP Controladoria e Contabilidade**, 5, 2005. Acesso em: 08 de nov. 2022. Disponível em: <<https://congressousp.fipecafi.org/anais/artigos52005/513.pdf>>.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Acesso em: 11 de jan. 2022. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/view/113972>>.

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011.

SEGATO, Rita Laura. **La escritura en el cuerpo de las mujeres asesinadas en Ciudad Juárez: territorio, soberanía y crímenes de segundo estado**. Buenos Aires (ARG): Tinta Limón, 2013.

SCHUFF, Nicolás. **Vida de un lápiz**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires (ARG): Limonero, 2022.

SCORSOLNI-COMIN, Fabio.; VILELA DE GODOY, Helena; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Sentidos da mediunidade nos candomblés Ketu e Efon. **Revista Cultura y Religión**, v.14, n. 2, p. 36-55, 2020. Acesso em: 03 de abril 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.cl/pdf/cultrelig/v14n2/0718-4727-cultrelig-14-02-00104.pdf>>.

SEQUEIROS, Paula. Demo-bibliodiversidade. **Mil folhas**, Nº5 – Boletim Março, 2022. Coimbra (PT): Biblioteca da Faculdade de Economia da Universidade Coimbra, 2022. Acesso em: 11 de dez. 2022. Disponível em: <https://www.uc.pt/site/assets/files/623129/mil_folhas_n5.pdf>.

SILVA, Luciane da. **Corpo em diáspora: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. 2018. 280 f. Tese (Doutorado em Artes da Cena) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018. Acesso em: 09 de jan. 2023. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1010148>>.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu do Brasil: tropos de uma identidade afro-brasileira nos trópicos. **Histórias afro-atlânticas: [vol 2] antologia**. São Paulo: MASP, 2018.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Exu: o Guardião da Casa do Futuro**. Pallas Editora, 2019.

SILVA, Vagner. **Exu: um deus afro-atlântico no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.

SIMAS, Luiz Antônio. **Pedrinhas miudinhas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Encantamento: sobre política de vida**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2020.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha no tempo**. Mórula Editorial, 2019. (Ebook).

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Mórula editorial, 2018.

SILVA, Marina Pereira da. **Fabricando leitores no abc paulista**. Dissertação (Mestrado) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, 2016. Acesso em: 22 de jan. 2022. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/47685/Disserta%20a7%20c3%a3o%20Marina%20Pereira%20da%20Silva.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

SIX, Jean-François. **Los mediadores**. Espanha: Editora Sal Terrae, 2005.

SKLIAR, Carlos. **Desobedecer a linguagem: educar**. Belo Horizonte (MG): Autêntica Editora, 2014a.

SKLIAR, Carlos. **Hablar con desconocidos**. Barcelona (ES): Candaya, 2014b.

SKLIAR, Carlos. **Experiências com a palavra: notas sobre a linguagem e diferença**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

SKLIAR, Carlos. **La inútil lectura**. Ciudad Autonoma de Buenos Aires: Editores Waldhuth, 2019.

SODRÉ, Jaime. EXU - a forma e a função. **Revista VeraCidade** – Ano IV - Nº 05 – Outubro de 2009. Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente – SEDHAM da Prefeitura de Salvador (BA). Acesso em: 10 de mar. 2022. Disponível em: <http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v5/pdf/artigo4.pdf>.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

SZWARC, Laura. O corpo leitor. **Formação Leitores - Revista Emília**. Revista Emília: São Paulo, 2018. Acesso em: 20 dez. 2022. Disponível em: <https://emilia.org.br/o-corpo-leitor/>.

TINAJERO, Araceli. **El lector de Tabacquería: História de una tradición cubana**. Madri (ES): Editorial Verbum, 2007.

UOL NOTÍCIAS. **Covid: Sem atualização, Brasil mantém 693,8 mil mortes, segundo ministério**. Acesso em: 08 de jan. 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2022/12/31/covid-19-coronavirus-casos-mortes-31-de-dezembro.htm?cmpid=copiaecola>.

VAZ, Sérgio. **Flores de Alvenaria**. São Paulo: Global Editora, 2021. Edição digital.

VELOSO, Caetano. O nome da cidade. **Senhas: Adriana Calcanhotto**. Rio de Janeiro: Columbia do Brasil S.A. Indústria e Comércio. 3min.10s.

VERGER, Pierre. **Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na Antiga Costa dos Escravos, na África.** São Paulo: Edusp, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia:** ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem.** São Paulo: Editora 34, 2018.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

WILLIAM, Rodney. Axé, a força que realiza. **Blog Diálogos da Fé.** São Paulo (SP): Editora Confiança – Carta Capital, 2017.

YUNES, Eliana. Leituras COM Partilhadas, leitores multiplicados. **Leitura e transdisciplinaridade linguagens em múltiplos olhares.** Salvador: EDUNEB, 2012. Acesso em: 21 de jan. 2023. Disponível em: https://web.archive.org/web/20180504033202id_/http://periodicos.ufes.br/percursos/article/viewFile/6239/5552.

ZIRALDO. **Uma professora muito maluquinha.** São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura.** São Paulo: Ubu Editora, 2018.